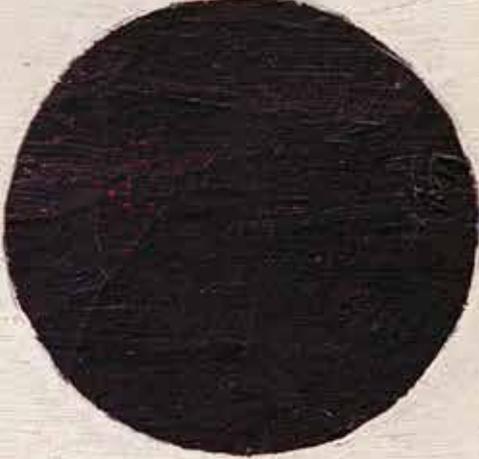


Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo



MÍDIA, DISCURSO E ENSINO

Maria Inês Batista Campos
e Geraldo Tadeu Souza (org.)

**Discurso e ensino: diálogo entre
teoria e prática, v. 1**
e-book



DOI: 10.11606/9788575063255

Maria Inês Batista Campos
Geraldo Tadeu Souza
(org.)

MÍDIA,
DISCURSO E
ENSINO

Série Discurso e ensino: diálogo
entre teoria e prática, v. 1

e-book

São Paulo
FFLCH – USP
2018

Copyright © 2018. Autorizada a sua reprodução total ou parcial para quaisquer fins acadêmico-científicos, desde que citada a fonte. A responsabilidade pela utilização de imagens é inteiramente dos autores presentes nesta publicação.

Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br>

Contato: maricamp@usp.br

Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M628 Mídia, discurso e ensino [recurso eletrônico] / organizadores: Maria Inês Batista Campos, Geraldo Tadeu Souza. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2018.

13.000 Kb ; PDF. – (Série Discurso e Ensino: diálogo entre teoria e prática, v. 1)

ISBN: 978-85-7506-325-5

DOI: 10.11606/9788575063255

1. Discurso (Análise) (Ensino e estudo) (Teoria). 2. Linguística Aplicada. 3. Mídia. I. Campos, Maria Inês Batista coord. II. Souza, Geraldo Tadeu, coord.

CDD 401.41

Elaborada por Elizabeth Barbosa dos Santos CRB-8/6638

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica

Vitor Borysow

imagem da capa: Malevich, Kazimir 1879-1935.

Composição suprematista com retângulo e círculo, 1915.

Óleo sobre tela, 43,2 x 30,8 cm.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-reitor Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandes

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretora Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Vice-Diretor Prof. Dr. Paulo Martins

CONSELHO EDITORIAL

Dóris de Arruda Carneiro da Cunha (UFPE, Unicap)

Miriam Bauab Puzzo (Unitau)

Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (USP)

Maria Helena da Nóbrega (USP)

Maria Inês Batista Campos (USP)

Norma Seltzer Goldstein (USP)

Rosane de Sá Amado (USP)

Waldemar Ferreira Netto (USP)

Zilda Gaspar Oliveira de Aquino (USP)

SUMÁRIO

Apresentação

Nas fronteiras do Círculo de Bakhtin e de outras teorias contemporâneas 7

Parte I – Discurso e Ensino

1. Discurso autoritário no prefácio da *Anthologia Nacional*: emolduragem dialógico-discursiva 23
Agildo Santos Silva de Oliveira
2. A escrita literária como prática social 45
Daniel Carvalho de Almeida
3. A hipertrofia de um gênero no ensino de física: aspectos da sintaxe e da semântica na produção de conceitos científicos 67
José Luís Nami Adum Ortega e Cristiano Rodrigues de Mattos
4. Linguagem, estilo e reportagem jornalística no ensino 87
Miriam Bauab Puzzo
5. Tiras de humor: a leitura de textos verbo-visuais e a produção de sentidos 105
Elaine Hernandez de Souza

Parte II – Discurso e Mídia

6. O discurso “partido” da associação Escola sem Partido: análise da construção dos pontos de vista, da memória discursiva e das imagens de si e dos outros 131
Tatiana Simões e Luna e Dóris de Arruda C. da Cunha

7. As vozes do discurso: uma reflexão sobre a construção da identidade feminina <i>Denise Lima Gomes da Silva</i>	159
8. Cadeia discursiva da direita brasileira sobre imigração: vídeos e blogs <i>Douglas Rabelo de Sousa</i>	185
9. Os pontos de vista construídos sobre a loucura e a doença mental na mídia <i>Rafaela Queiroz Ferreira Cordeiro</i>	211
10. Os fios dialógicos em Mafalda <i>Janaina de Holanda Costa Calazans</i>	237
Sobre os autores	257
Sobre os organizadores	263

NAS FRONTEIRAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN E DE OUTRAS TEORIAS CONTEMPORÂNEAS

APRESENTAÇÃO

Geraldo Tadeu Souza e Maria Inês Batista Campos

O pensamento humano só se torna pensamento autêntico, isto é, ideia, sob as condições de um contato vivo com o pensamento dos outros, materializado na voz dos outros, ou seja, na consciência dos outros expressa na palavra. É no ponto desse contato entre vozes-consciências que nasce e vive a ideia. [...] Como o discurso, a ideia quer ser ouvida, entendida e “resposta” por outras vozes de outras posições.

BAKHTIN, 2008, p. 98

Mídia, discurso e ensino é a obra composta de dez artigos de docentes e pesquisadores, que trazem como foco principal a fundamentação teórico-metodológica do Círculo de Bakhtin a diferentes objetos da sociedade contemporânea. O escopo teórico dos artigos abrange também as relações dialógicas da obra do Círculo com os estudos sobre letramento e leitura (Brian Street e Michele Petit), teorias de aprendizagem (Vigotsky), Análise do discurso francesa (Dominique Maingueneau, Catherine Authier-Revuz, Michel Pêcheux e Catherine Fuchs), e Teorias de identidade e de gênero (Stuart Hall, Teresa Lauretti, Judith Butler).

Nesse escopo de um diálogo com as várias teorias, como citado na epígrafe deste texto, retirado de *Problemas da poética de Dostoiévski*, aproveitamos estes dez artigos reunidos para refletir sobre a circulação das traduções brasileiras da obra de Bakhtin e o Círculo e da convivência entre traduções diretas do russo (por Paulo Bezerra, Aurora Fornoni Bernardini (et al.), Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo e Fátima Bianchi); traduções do francês (Michel Lahud, Yara Frateschi

Vieira e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira); do espanhol e italiano (João Wanderley Geraldi, Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco).

Será que o convívio simultâneo entre diferentes traduções tem tido impacto na leitura da obra e aplicação de seus conceitos?

Levando em consideração a amostra deste livro, parece-nos que ainda não. Todos os artigos apresentados nessa obra se orientam, de um lado, por uma teoria do gênero e do enunciado/enunciação, e, de outro, pela relação entre enunciados (discurso de outrem, discurso alheio, polêmica aberta, discurso autoritário). A qualidade das análises mostra que esse ângulo dialógico de enfrentamento dos temas contemporâneos tem se mantido presente na seleção e análise da relação entre os enunciados, variando as relações dialógicas estabelecidas com outras teorias.

A leitura de novos ensaios e traduções em circulação pode levar a um aprofundamento das análises e também a uma compreensão responsiva da diversidade de termos que as diferentes edições/traduções vão introduzindo no horizonte apreciativo dos pesquisadores, como é o caso de plurilinguismo/heterodiscurso, para permanecer no âmbito do ensaio “O discurso no romance” de Bakhtin.

A obra do Círculo de Bakhtin na grande temporalidade traz o convívio entre traduções e edições, que começaram a chegar ao Brasil aos poucos desde a década de 1970, 1980 e continua recebendo novas traduções no século XXI, conforme a síntese da obra de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov feita nos quadros abaixo:

Quadro 1: Obras de Mikhail Bakhtin

Título em português ano da 1ª publicação no Brasil	Língua fonte / tradutor	Ensaio incluído e outras informações
<i>Problemas da poética de Dostoiévski</i> (1981)	Do russo Por Paulo Bezerra	Prefácio de Paulo Bezerra <i>Problemas da poética de Dostoiévski</i>
<i>Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais</i> (1987)	Do francês Por Yara Frateschi Vieira	

[continua]

[continuação]

Título em português ano da 1ª publicação no Brasil	Língua fonte / tradutor	Ensaio incluído e outras informações
<i>Questões de literatura e estética: a teoria do romance</i> (1988)	Do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al.	O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária (1924); O discurso no romance (1934-1935); Formas de tempo e de cronotopo no romance (ensaios de poética histórica) (1937-1938); Da pré-história do discurso romanesco (1940); Epos e romance (Sobre a metodologia do estudo do romance) (1941); Rabelais e Gógol (Arte do discurso e cultura cômica popular) (1940).
<i>Estética da criação verbal</i> (1992)	Do francês Por Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira	Prefácio de Todorov O autor e o herói; Romance de educação na história do Realismo; Os gêneros do discurso; O problema do texto; Os estudos literários hoje; Apontamentos 1970-1971; Observações sobre a epistemologia das ciências humanas.
<i>Estética da criação verbal</i> (2003)	Do russo Por Paulo Bezerra	Prefácio da edição francesa: De Todorov Arte e responsabilidade; O autor e a personagem na atividade estética; A respeito de problemas da obra de Dostoiévski, O romance de educação e sua importância na história do Realismo; Os gêneros do discurso; O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas; Reformulação do livro sobre Dostoiévski; Os estudos literários hoje; Apontamentos de 1970-1971; Metodologia das ciências humanas; Conferências sobre a história da literatura russa
<i>Problemas da poética de Dostoiévski</i> (2008)	Do russo por Paulo Bezerra	Prefácio de Paulo Bezerra <i>Problemas da poética de Dostoiévski</i> , Adendo 1 (A respeito de Problemas da obra de Dostoiévski), Adendo 2 (Reformulação do livro sobre Dostoiévski)
<i>Sobre Maiakóvski*</i> (2009)	Do russo por Fátima Bianchi	Apresentação e comentário de Beth Brait
<i>Para uma filosofia do ato responsável</i> (2010)	Do italiano por Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco	Introdução de Augusto Ponzio
<i>Questões de estilística no ensino da língua</i> (2013)	Do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo	Apresentação de Beth Brait
<i>Teoria do romance I: a estilística</i> (2015)	Do russo por Paulo Bezerra	O discurso do romance

* In: BRAIT: 2009, p. 191-204.

[continua]

[continuação]

Título em português ano da 1ª publicação no Brasil	Língua fonte / tradutor	Ensaio incluído e outras informações
<i>Os gêneros do discurso</i> (2016)	Do russo Por Paulo Bezerra	Os gêneros do discurso; O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas; Nota do tradutor aos “Diálogos” Diálogo I. A questão do discurso dialógico Diálogo II.
<i>Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas</i> (2017)	Do russo Por Paulo Bezerra	A ciência da literatura hoje; Fragmentos dos anos 1970-1971; Por uma metodologia das ciências humanas.

Em relação à obra de Bakhtin, ocorreu inclusive a alteração nos títulos de ensaios publicados nas duas traduções brasileiras de *Estética da criação verbal* (1992/2003).

Quadro 2: Estética da criação verbal

Tradução de 1992	Tradução de 2003
O autor e o herói	O autor e a personagem na atividade estética
O problema do texto	O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas
Observações sobre a epistemologia das ciências humanas	Metodologia das ciências humanas

A obra de Medviédev foi a última a ter uma primeira publicação em português, já no ano de 2012, em tradução direta do russo conforme quadro abaixo:

Quadro 3: Tradução da obra de Pável Nikoláievitch Medviédev

Título em português Ano da primeira publicação no Brasil	Língua fonte / tradutor	Informações adicionais
<i>O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica</i> (2012)	Do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo	Apresentação Beth Brait Prefácio Sheila Grillo

Talvez o autor do Círculo que poderá ter maior impacto nas formas de circulação dos conceitos entre os leitores brasileiros seja Valentim Volóchinov, autor de *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (Hucitec), que teve a primeira tradução para o português feita por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, publicada em 1979¹, ainda com a autoria do livro sendo atribuída a Bakhtin (Volochínov), e que conta com o maior número de edições brasileiras. É importante observar que impacto provocará nos leitores a nova tradução dessa obra, direta do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. A partir dos anos 2000, Volóchinov teve, além das novas edições do mesmo livro, novas publicações e traduções de livros e ensaios conforme mostramos na tabela a seguir, organizada por ordem cronológica de publicação no Brasil:

Quadro 4: Obra de Valentim Volóchinov

Assinatura de capa	Título em português da primeira publicação no Brasil	Língua fonte / tradutor	Conteúdo adicional Com ano de publicação originalmente
Mikhail Bakhtin (Volochínov)	<i>Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem</i> (1979)	Do francês por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira	Prefácio de Roman Jakobson Apresentação Marina Yaguello
Mikhail Bakhtin	<i>O freudismo: um esboço crítico</i> (2001)	Do russo por Paulo Bezerra	Apresentação de Paulo Bezerra
Mikhail Bakhtin	<i>Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação</i>	Do italiano por Valdemir Miotello e outros	Introdução de Augusto Ponzio Terceira parte de MFL. Apêndice: A palavra na vida e na poesia. Introdução aos problemas da poética sociológica

[continua]

¹ A matriz da tradução de *Marxismo e filosofia da linguagem* da editora Hucitec foi a edição francesa, publicada em 1977 (*Le marxisme et la philosophie du langage: essai d'application de la méthode sociologique en linguistique* (Éditions de Minuit). Os tradutores consultaram também a edição americana de V. N. Voloshinov, *Marxism and the Philosophy of Language*, tradução do russo de Ladislav Matejka e I. R. Titunik, publicada pela Seminar Press, em Nova York, 1973.

[continuação]

Assinatura de capa	Título em português da primeira publicação no Brasil	Língua fonte / tradutor	Conteúdo adicional Com ano de publicação originalmente
Valentin Nikoalevich Volochínov (Do Círculo de Bakhtin)	<i>A construção da enunciação e outros ensaios</i> (2013)	Tradução a partir de várias línguas de João Wanderley Geraldi Supervisão da tradução de Valdemir Miotello	Introdução de João Wanderley Geraldi Para além do social. Um ensaio sobre a teoria freudiana (1925), Palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica (1926); As mais recentes tendências do pensamento linguístico ocidental (1928); Que é a linguagem (1930); A construção do enunciado (1930); A palavra e suas funções sociais (1930); Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística (1930); Algumas ideias-guia para a obra <i>Marxismo e filosofia da linguagem</i> ; Apêndice: Índice de “O problema da transmissão do discurso alheio: um ensaio em pesquisa sociolinguística” (1925-1926); Apêndice: Índice de “Marxismo e filosofia da linguagem” (1927-1928).
Valentin Volóchinov (Círculo de Bakhtin)	<i>Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem</i> (2017)	Do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo	Ensaio introdutório de Sheila Grillo Anexo: Plano de trabalho de Volóchinov Glossário pelas tradutoras

A publicação de um conjunto representativo da obra deste autor nos leva a compreender a importância do problema dos gêneros do discurso no conjunto da obra do Círculo, bem como o embate contínuo entre a tradução do termo russo *viskázivanie* por enunciação ou/e enunciado. A articulação no conjunto da obra entre uma Teoria do Enunciado, uma Teoria do Gênero do discurso e uma Teoria do diálogo (dialogismo) ganha uma nova configuração na comparação entre a tradução do francês e a tradução direta do russo nas edições brasileiras de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. O conceito de gêneros desaparece quase que completamente na edição a partir do francês e retorna como um dos elementos principais da tradução direta do russo. Como acontece em edições em outras línguas,

o fundamento de uma filosofia marxista da linguagem e do método sociológico marxista desenvolvido por Volóchinov em toda a sua obra² têm na classificação dos gêneros (ideológicos e cotidianos) um dos seus problemas principais. Nesse sentido, é importante comparar a ordem metodológica de estudo da língua nas duas edições brasileiras de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*:

Disso decorre que a ordem metodológica para o estudo da língua deve ser a seguinte:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação estreita com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias dos atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN /VOLOCHÍNOV), 2009, p. 129)

Na tradução a partir do volume russo (2017), as tradutoras sinalizam para a apresentação explícita do conceito:

Disso decorre que a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua deve ser a seguinte: 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os **gêneros dos discursos** verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 220, grifo nosso)

As questões de tradução merecem uma reflexão ampliada, o que não cabe nesse momento. Assim, convidamos os leitores para o diálogo com os artigos deste livro.

O volume está organizado em duas partes. Na primeira, intitulada “Discurso e ensino”, os textos são dedicados à análise de materiais didáticos como Antologias, produção de texto literário; o ensino de conceitos (Física) e de gêneros

² Consultar estudo sobre a presença do conceito de gêneros discursivos em SOUZA (2003).

discursivos (reportagem e tiras de humor). O foco de análise leva em consideração materialidades verbais e verbo-visuais da esfera escolar, tendo como base conceitos bakhtinianos como *discurso do outro*, *emolduragem interpretativa*, *interações dialógicas*, *enunciado concreto*, *signo ideológico*, *estilo*, *gêneros discursivos*, *arquitetônica*.

Na segunda parte, intitulada “Discurso e mídia”, os trabalhos referem-se a textos da mídia de diferentes gêneros (tiras da Mafalda; página virtual da associação Escola sem partido; reportagens de jornais *on-line*, vídeos do *Youtube*, notícias, cartas do leitor da *Folha de S. Paulo* impressa). O foco de análise dos textos está centrado em conceitos como *diálogo interior*, *memória discursiva*, *voz*, *pontos de vista*, *heterogeneidade constitutiva*, *polêmica aberta*, considerando a verbo-visualidade.

Discurso e ensino

O primeiro artigo desta parte do livro, *Discurso autoritário* no prefácio da *Anthologia Nacional: emolduragem dialógico-discursiva*, Agildo Santos Silva de Oliveira apresenta resultado parcial de uma pesquisa em construção sobre as Antologias presentes no cotidiano escolar desde a República velha. Focaliza esses textos como diferentes matizes do discurso autoritário – de autoridade; da tradição; oficial – a partir do prefácio que as emolduram. O autor analisa o Prefácio da primeira edição da *Anthologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, e esse gênero se torna fundamental para a compreensão dos discursos em disputa na construção de uma identidade cultural nacional luso-brasileira a partir de um discurso exemplar sobre a língua materna e a literatura portuguesas, uma das bases curriculares do Colégio Pedro II (RJ).

No segundo artigo – *A escrita literária como prática social* –, Daniel Carvalho de Almeida, professor-pesquisador, problematiza o protagonismo de estudantes na sala de aula a partir do projeto *Arte e Intervenção Social*, realizado na EMEF Prof. Aurélio Arrobas Martins, em Itaquera, São Paulo. Aqui, diferente do capítulo anterior, que trabalha com o discurso oficial, trata-se de uma pesquisa-participante, onde o professor-pesquisador constrói, a partir de oficinas criativas, uma reflexão sobre identidade e autoestima de estudantes-poetas periféricos a partir da leitura e

produção de poemas. Uma interface entre a Teoria dialógica do discurso (Bakhtin e o Círculo), Letramento ideológico (Street) e estudos sobre Leitura (Petit) marca a análise do poema *Condenação*, de Pedro Boal, e as diferentes relações dialógicas e ideológicas presentes nos versos do jovem estudante.

O problema conceitual no ensino de Física é o tema central do artigo *A hipertrofia de um gênero no ensino de física: aspectos da sintaxe e da semântica na produção de conceitos científicos*, de José Luís Nami Adum Ortega e Cristiano Rodrigues de Mattos. Problematizando a formação de uma cultura científica, os autores traçam alguns aspectos semiótico-enunciativos da resolução de problemas e da aprendizagem conceitual significativa nas quais uma linguagem esvaziada de sentido impede a formação conceitual dos estudantes. A abordagem teórica de Bakhtin e de Vigotsky é chamada a participar de uma proposta “para tornar mais claras as relações entre sintaxe e semântica nas interações e negociações de uma atividade comunicativa”.

Miriam Bauab Puzzo, no artigo intitulado *Linguagem, estilo e reportagem jornalística no ensino*, reflete sobre (e refrata a) estabilidade relativa dos gêneros discursivos jornalísticos e os desafios do ensino do gênero reportagem nas aulas de língua portuguesa. A autora seleciona a reportagem de Eliane Brum, intitulada “Histórias de um olhar”, publicada originalmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, para com base na estilística bakhtiniana investigar as relações dialógicas entre esse texto e as diferentes vozes que o compõem e, também, entre um enunciado visual – fotografia – que o emoldura. A autora destaca a importância do estudo dos gêneros discursivos na aula de português, particularmente, as discussões em torno do estilo.

Uma proposta de leitura de textos verbo-visuais é o mote de *Tiras de humor: a leitura de textos verbo-visuais e a produção de sentido*, de Elaine Hernandez de Souza. O objetivo é “auxiliar o profissional de ensino na formação de leitores proficientes em leitura de textos multissemióticos”. Faz um uso conceitual do conceito bakhtiniano de “arquitetônica” para ler o ponto de vista do autor-criador (os diversos ângulos de visão) na concepção das tiras de Fernando Gonsales, mesclando relações dialógicas com textos de outros gêneros (contos, desenho da Disney) e com os estereótipos da memória discursiva do conto “Os três porquinhos”.

Discurso e mídia

No artigo *Os fios dialógicos em Mafalda*, Janaina de Holanda Costa Calanzans analisa, sob a perspectiva dialógica (Bakhtin e Authier-Revuz), as tirinhas de Mafalda, personagem criada pelo autor argentino Quino com foco no diálogo exterior e interior. O *corpus* escolhido foram as tirinhas retiradas da obra TODA MAFALDA, em que os temas como emancipação feminina, justiça social, escola, comunismo orientam as reflexões filosóficas da personagem argentina. Essa discussão temática tem como intuito ressaltar as relações dialógicas entre produção linguístico-discursiva e contexto em que as tirinhas foram escritas: a década de 1960. Trata-se de um artigo em que conceitos como “heterogeneidade constitutiva”, “dialogismo”, o “gênero menipeia” são apresentados com a finalidade de trazer à tona os valores expressos por Mafalda, seu ponto de vista frente a questões humanas e sociais da sua época.

A impossibilidade de construção de enunciados neutros é a tese central do artigo *O discurso “partido” da associação Escola sem Partido: a análise da construção dos pontos de vista, da memória discursiva e das imagens de si e dos outros*, de Tatiana Simões e Luna e Dóris de Arruda Carneiro da Cunha. Os objetos de análise mobilizados são enunciados dos gêneros logomarca, slogan, paródia musical e notícias que circulam na página virtual da referida associação. Contribuem para a análise uma relação entre a Análise dialógica do discurso (ADD) e Análise do discurso francesa (Authier-Revuz, Mainguenu, Pêcheux e Fuchs) no uso de conceitos como polêmica aberta, intercompreensão regrada, heterogeneidade representada e memória interdiscursiva.

No artigo *As vozes do discurso: uma reflexão sobre a construção da identidade feminina*, Denise Lima Gomes da Silva analisa o tema da identidade feminina no discurso do jornalismo *online*. Para a consecução desse objetivo, a autora articula perspectivas da linguagem a partir da Análise dialógica do discurso (Círculo de Bakhtin) com as teorias de identidade e de gênero (Stuart Hall, Teresa Lauretti e Judith Butler). A proposta é analisar reportagens publicadas em alguns portais de notícias *on-line* com foco na vitória da candidata à presidência do Brasil, Dilma Rousseff. A autora procurou identificar como as representações da identidade

feminina foram construídas naqueles textos, procurando identificar as formas de silenciamento, legitimação e desconstrução da imagem de Rousseff.

Douglas Rabelo de Sousa, em seu artigo intitulado *Cadeia discursiva da direita brasileira sobre imigração: vídeos e blogs*, apresenta conceitos bakhtinianos como “cronotopo”, “gêneros discursivos”, “enunciado concreto” para trazer uma discussão em torno do tema da imigração a partir das declarações do deputado federal Jair Bolsonaro em 15 de setembro de 2015. O autor selecionou como *corpus* de análise dois vídeos do *Youtube* – a entrevista do deputado ao *Jornal Opção*, de Goiânia, e de Olavo de Carvalho, e um artigo de opinião de Leandro Narloch, colunista do jornal *Folha de S. Paulo*, publicado no site da revista *Veja*. Para consecução do objetivo, foi feita a recuperação da sequência de vídeos contextualizando a polêmica em torno das afirmações do deputado do PP-RJ. A análise tem como intuito ressaltar os aspectos ideológicos presentes no discurso da direita política brasileira, o que acaba levando o leitor a perceber como o estilo do autor procura persuadir o leitor /espectador frente à concepção dos imigrantes como “escória do mundo”. O autor estabelece um diálogo entre os vídeos e o artigo de opinião, destacando a possibilidade dos seguidores dessas figuras midiáticas se reconhecerem no modo de pensar e ver o mundo.

Finalmente, em *Os pontos de vista construídos sobre a loucura e a doença mental na mídia* Rafaela Queiroz Ferreira Cordeiro tem como objetivo analisar os diferentes pontos de vista em torno da loucura e da doença mental, tendo como ponto de partida a reforma psiquiátrica no Brasil, proposta em 2001. Cordeiro seleciona como *corpus* um artigo de Ferreira Gullar publicado na *Folha de S. Paulo*, oito anos depois, em 2009, e quatro cartas de leitores. Na análise apresentada, há uma busca pelos movimentos dialógicos, embates e tensões entre o ponto de vista do colunista do jornal e os diferentes posicionamentos de psicanalista e médicos psiquiatras sobre os temas da reforma psiquiátrica, da doença mental e do doente. Tal investigação demonstra, cuidadosamente, por meio de marcadores linguístico-discursivos, como a loucura e a doença mental são discutidas na mídia, na saúde pública e na política. A autora relaciona a posição axiológica de Gullar contra a reforma e a favor da internação do louco e as posições marcadas pelos especialistas. Conclui a importância de se compreender as vozes sociais e o sentido das palavras

como elementos mutáveis, dependendo do sentido que adquirem na vida de cada pessoa com seu plano axiológico.

Esperamos que a leitura dos dez artigos seja proveitosa aos estudiosos da área de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – pesquisadores de outras áreas do conhecimento, professores, pós-graduandos e graduandos. Os autores trouxeram para suas análises várias perspectivas teórico-discursivas e leituras bakhtinianas nas diferentes traduções publicadas no Brasil e, algumas vezes, em traduções do inglês e do francês. Diante do diálogo estabelecido entre as múltiplas perspectivas teóricas e o ensino e a mídia, oferecemos a cada leitor uma reflexão teórica em torno de conceitos como ponto de vista, enunciado concreto, gêneros discursivos, estilo e, esperamos promover a compreensão de teoria de análise do discurso que atravessou todos os textos.

Referências

BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico*. Trad. Michel Lahud; Marina Yaguello. São Paulo: Hucitec, 1979.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O Contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. 2ª. ed. São Paulo, Hucitec; Brasília, Edunb, 1993.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Org., trad. e posfácio de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. O discurso no romance In: _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 71-210. [1934-1935]

_____. *O Freudismo. Um esboço crítico*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *Os gêneros do discurso*. Org. Trad. posfácio e notas Paulo Bezerra. Org. da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: 34, 2016.

_____. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. Trad. Valdemir Miotello et al. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski* Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. [1963].

_____. *Questões de estilística no ensino da língua*. Trad., posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2013.

_____. Sobre Maiakósvski. Tradução do russo de Fátima Bianchi. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 191-204.

_____. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad. prefácio, notas e glossário Paulo Bezerra. Org. da edição russa Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: 34, 2015.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários. Introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

SOUZA, Geraldo Tadeu. Gêneros discursivos em *Marxismo e filosofia da linguagem*. In: The ES-Pecialist, vol. 24, n. especial (185-202) 2003, p. 186-201. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/9493> 23 jun. 2018.

VOLOCHÍNOV, V.N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Org., Trad e notas João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad., notas e glossário Sheila Grillo; Ekaterina Vólkona Américo. São Paulo: 34, 2017.

PARTE I – DISCURSO E ENSINO

DISCURSO AUTORITÁRIO NO PREFÁCIO DA ANTHOLOGIA NACIONAL: EMOLDURAGEM DIALÓGICO-DISCURSIVA

Agildo Santos Silva de Oliveira

Introdução

Na abordagem dos estudos de Bakhtin e o Círculo para a linguagem, destaca-se a prosa – presente em todas as esferas de criação ideológica; razão pela qual Bakhtin investiu, no grande tempo de sua pesquisa, sua atenção. Ainda que a aborde na esfera literária, não se limita a ela, chegando aos campos extraficcionais para comprovar que a literatura reúne elementos sociais constitutivos de sua existência. Para isso, realiza uma abordagem sociológica e dialógica dos estudos da linguagem.

Localizamos essa perspectiva ao longo de sua obra, mesmo nos textos filosóficos dos anos vinte do século passado, passando pelos textos dos anos trinta e quarenta até chegar nos escritos de maturidade entre os anos cinquenta e sessenta. Nesses últimos, é possível vislumbrarmos a realização de um projeto coerente do início ao fim.

Neste artigo, dialogamos, mais especificamente, com Bakhtin ([1930] 2015) e Volóchinov ([1929] 2017) acerca da palavra do outro, que, segundo Bakhtin, é o principal elemento constitutivo da prosa. Focalizamos nossos estudos em uma das formas de transmissão do discurso alheio, próprio da escola, das disciplinas e dos livros escolares, o discurso autoritário. Nosso objetivo: investigar, no prefácio da *Anthologia Nacional*, as manifestações do discurso autoritário que emolduram e revelam o autoritarismo da antologia escolar que mais tempo circulou nas escolas brasileiras, e em diferentes períodos políticos brasileiros: da República Velha à Ditadura Militar.

Para alcançar essa finalidade, organizamos o artigo em quatro seções, a saber: i) discutimos a questão do discurso autoritário e do discurso interiormente persuasivo na perspectiva bakhtiniana; ii) debatemos acerca das antologias escolares, seu surgimento, funcionalidade na escola e os gêneros de circulação que as emolduram; iii) realizamos a análise do primeiro prefácio da *Anthologia Nacional*, de 1895, identificando e discutindo os enunciados nos quais o discurso autoritário se revela e vai construindo a imagem da obra; e iv) tecemos nossas considerações finais.

A questão do discurso autoritário do outro sob o prisma bakhtiniano: da arte para a vida

Em *Teoria do Romance I. A estilística*, o primeiro de três volumes que compreendem a obra *Teoria do Romance*, Bakhtin traçou como objetivo um estudo sobre “a vida específica do discurso no romance” (BAKHTIN, [1930]¹2015, p. 22). Essa escolha se deu a partir da constatação do pesquisador de que o cenário russo dos anos vinte e trinta do século passado propiciaria para os estudos da estilística romanesca soviética a superação da “busca errática de sentidos nas linguagens” (BAKHTIN, [1930] 2015, p. 20), a qual se limitava à identificação das tendências estilísticas individuais do escritor. Para ele, só seria possível superar esse erro, presente na tradição da teoria literária, com um estudo aprofundado da estilística sociológica do gênero, uma vez que esse apresenta um “tom social de base”.

Esse “tom social de base” do romance, referido por Bakhtin, é constitutivo da palavra viva, vista como enunciado concreto, construída por um falante. Por essa razão, entende que o objeto fundamental do gênero romanesco são o falante e a sua palavra. Sendo a principal característica do romance a representação literária da linguagem.

Segundo o estudioso russo, alguns pesquisadores já vinham se interessando pelo assunto, entretanto, concentraram seus estudos em fenômenos específicos como

¹ Vale pontuar que o projeto da obra *Teoria do Romance* foi finalizada entre 1934-1936, contudo, essa primeira parte, na nova publicação traduzida por Paulo Bezerra recebeu o título “Teoria do Romance I. A estilística.” O qual se trata do primeiro capítulo, escrito em 1930, da obra completa *Teoria do Romance*.

a estilização das linguagens, a paródia e o *skaz*. E tais estudos ainda não haviam conseguido trazer resultados novos, mesmo porque a perspectiva da estilística sociológica não era contemplada. Outras pesquisas, na área da filologia românico-germânica, tratavam da transmissão do discurso do outro, especialmente os problemas das formas sintáticas dessa transmissão. Contudo, essas investigações também não contemplavam com nitidez a questão da representação literária da linguagem.

Bakhtin se dedicou ao tema da transmissão da palavra alheia, essencial para a prosaística romanesca, em alguns dos seus textos como, por exemplo, *Teoria do Romance I. A estilística* ([1930] 2015), em especial “O falante no romance”, quarto capítulo da obra e *Problemas da poética de Dostoiévski* ([1963] 2013). Vale destacar que o fenômeno em questão foi estudado também por Volóchinov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* ([1929] 2017), no qual dedica três capítulos da terceira parte acerca do fato: “Exposição do problema do ‘discurso alheio’”; “Discurso indireto, discurso direto e suas modificações”; “Discurso indireto livre nas línguas francesa, alemã e russa”.

Para Bakhtin, o fenômeno em questão ainda que fecunde o romance não se restringe a ele, uma vez que está presente “em todos os cantos da vida e da criação ideológica” (BAKHTIN, [1930] 2015, p. 130), ou seja, é um elemento constitutivo da história das interações sociais entre os homens. Por isso, antes de discutir a questão no romance, Bakhtin aborda o tema “nos campos extraficcionais da vida e da ideologia” (BAKHTIN, [1930] 2015, p. 130). Chegamos ao ponto que mais nos interessa neste artigo, pois é também na esfera da vida que abordaremos no nosso trabalho um dos modos de transmissão do discurso alheio: o discurso autoritário.

Realizando um breve levantamento sobre o tema da palavra alheia, Bakhtin chega à conclusão de que o discurso do outro ocupa um espaço significativo em todas as esferas de atividades humanas, em outros termos, o que mais se fala é acerca do falante e sua palavra:

Pode-se dizer francamente: o que mais se fala no dia a dia é sobre o que dizem os outros; transmitem-se, recordam-se, ponderam-se, discutem-se as palavras alheias, opiniões, afirmações, notícias, indigna-se com elas, concorda-se com elas, contestam-nas, referem-se a elas, etc. (BAKHTIN, [1930] 2015, p. 131).

Essa “hermenêutica do dia a dia” também se encontra nas esferas mais elevadas das interações discursivas, onde “as camadas semânticas e expressivas mais profundas do discurso [...] entram em jogo” (BAKHTIN, [1930] 2015, p. 135). Nesses campos, cujas esferas estão ideologicamente formadas, o tratamento do tema discutido ganha outro relevo porque toca na relação do homem com um mundo ideológico. Aqui, é necessário compreender que “o processo de formação ideológica do homem é um processo de assimilação seletiva das palavras dos outros” (BAKHTIN, [1930] 2015, p. 135).

Tal assimilação é característica da escola, que atua diretamente nesse processo, especificamente das disciplinas escolares que, segundo Bakhtin, conhecem dois modos de assimilação, determinando nossa relação ideológica com o mundo e o nosso comportamento: o “de cor” e “pelas próprias palavras” do estudante. A palavra do outro, que a escola convoca, opera como “discurso autoritário” e “discurso interiormente persuasivo”, respectivamente. Segundo o autor, o primeiro dispensa a necessidade de qualquer persuasibilidade, pois como evidencia a palavra, ele é autoritário, é a autoridade; o segundo se isenta do autoritarismo, não tem reconhecimento social e é mais flexível, sendo esse último constitutivo do romance.

Apesar disso, o próprio Bakhtin ([1930] 2015, p. 136) considera difícil discutir um tipo de discurso sem levar em consideração a influência do outro, ou seja, suas interações, pois “[...] a luta e as relações dialógicas entre essas categorias do discurso ideológico costumam determinar a história da consciência ideológica individual”. Esse é o caso do nosso *corpus*, no qual prevalece o discurso autoritário com algumas marcas de persuasibilidade, por isso focalizaremos nas propriedades do primeiro.

Dentre suas características principais destacamos: i) a exigência incondicional do seu reconhecimento e assimilação, o sujeito precisa reconhecê-lo como válido; ii) vinculação do discurso com uma autoridade, independente de sê-la amplamente conhecida; iii) organização de outros discursos ao seu redor, que dialoga diretamente com ele, seja o interpretando ou elogiando, mas sem haver uma fusão de discursos, pois é necessário que o discurso autoritário esteja em destaque, que seja localizado, nem que para isso tenha que se usar uma letra especial; iv) não pode ser representado, mas só transmitido, daí seu papel no romance ser insignificante; v) há um contexto discursivo que precisa ser bem definido, visto que emoldura e

destaca o discurso, ou seja, é seu fundo dialogante, que exerce grande influência na construção de sentido do discurso.

Bakhtin elenca alguns modos de manifestação do discurso autoritário, os quais chama de “variedades de autoritarismo-autoritário: autoritarismo, autoridade, tradição, reconhecimento geral, oficialidade e outros” (BAKHTIN, [1930] 2015, p. 139). Com esses exemplos é possível compreender que o discurso autoritário exerce um controle absoluto em várias esferas de atividade humana, na educação encontramos, especialmente em livros escolares utilizados nas aulas de Língua Portuguesa, um discurso fundamentado em algumas das variedades de “autoritarismo-autoritário”.

Um exemplo desses tipos de livros são as antologias escolares. Essas também ficaram conhecidas como florilégio, seletas, crestomatias e ainda, segundo Razzini (2000), intituladas como curso de literatura brasileira. Trata-se de um gênero do discurso constituído, em sua maioria, da seleção de trechos de textos literários em prosa e verso, escritos entre os séculos XVI e XIX, de escritores portugueses e brasileiros considerados canônicos, portanto, um gênero constitutivamente intercalado.

Esse gênero escolar circulou nas escolas brasileiras, com mais intensidade, entre a segunda metade dos séculos XIX e o primeiro cinquentenário do século XX, isto é, em várias fases históricas e políticas do Brasil em que a construção da identidade nacional brasileira era aspirada: Segundo Reinado (1840-1889); República Velha (1889-1930); Era Vargas e o Estado Novo (1930-1945) e aproximadamente a primeira década da República Populista (1945-1964).

Voltando a enfocar a relação constitutiva do discurso autoritário e das antologias escolares, podemos afirmar que o “autoritarismo-autoritário” desse manifesta-se, sutilmente, através do diálogo entre diferentes discursos que identificamos na sua constituição. Por exemplo, *o discurso da tradição*, nesse gênero do discurso, pode ser identificado na seleção dos textos e dos escritores que predominam nas seletas, isto é, textos literários dos séculos XVI e XIX de escritores considerados canônicos; por sua vez, essa seleção é baseada no *discurso do reconhecimento* e no *discurso de autoridade* dos estudiosos que consagraram determinados escritores e seus textos como representantes da longa *tradição* dos estudos literários, modelos inquestionáveis de leitura, escrita e fala, portanto, um *discurso autoritário*. Além

disso, a circulação das seletas nas escolas públicas brasileiras dependia da aprovação do Estado, isto é, do *discurso da oficialidade* das obras, que era estampada nas suas capas. No entanto, o uso de antologias escolares não foi exclusividade da educação brasileira, pois sua circulação na esfera da educação remonta uma grande temporalidade, que discutiremos na próxima seção.

Antologias escolares: assimilação da palavra do outro

Podemos considerar que as antologias escolares representam uma longa tradição no ensino da língua materna. Conforme Morrou (1966), vestígios papirológicos indicam que elas já eram usadas, como um dos exercícios para o aprendizado da leitura nas aulas primárias, na Grécia desde o século IV a. C. Nesse período helenístico, a escola grega contava com um programa de ensino, que era tão sintético quanto ambicioso e, sobretudo, autoritário: ler, aprender de cor, escrever e contar. Era esse discurso a moldura contextual que revestia e orientava o uso das seletas.

Comenta o autor:

O aprendizado da leitura continuava pelo estudo de certo número de trechos poéticos escolhidos. À medida que se enriquece nossa documentação papirológica, descobrimos que os mesmos fragmentos reaparecem muitas vezes, tanto nas antologias escolares como nas citações de autores. A tradição, ou para melhor dizer, a rotina, havia selecionado, de uma vez por todas, uma série de passagens famosas, que gerações de alunos repetiram e que assim constituíram a base da erudição poética comum a todos os homens cultos (MORROU, 1966, p. 241).

Assim, fica claro que desde suas origens pedagógicas, as antologias consistiam na seleção de fragmentos de textos literários, que a tradição elegeu como erudição literária, com evidência na poética. Nessa fase, por exemplo, os alunos liam, sobretudo, trechos de Homero. Como afirma o autor, esses trechos formaram a cultura erudita de gerações de estudantes, ou, em termos bakhtinianos, mediaram a constituição da relação dos homens com o mundo da cultura.

Também no texto citado, vale destacar o exercício da repetição que os alunos eram submetidos, tal atividade mecânica, na qual a construção do sentido para o

que se lê fica comprometida, uma vez que o outro não fala, nem contesta, apenas repete, cumpria dois dos objetivos do programa supracitado: ler e aprender de cor textos que a escola havia elegido “de uma vez por todas” (MORROU, 1996, p. 241) como modelo da cultura letrada. Essa pedagogia antológica da assimilação do discurso alheio pelo viés do discurso autoritário, que se estende na Modernidade, também esteve presente, sistematicamente, durante um longo período na escola secundária brasileira, especialmente no Segundo Reinado (1840-1889) e na República Velha (1889-1930).

Tais obras começaram a ser oficialmente autorizadas como material didático em 1856, ano em que o governo fixava um programa, contendo ementas das matérias, e indicava diretamente compêndios para os cursos do Colégio Pedro II. Nele indicavam-se três seletas para o primeiro ano, série à qual constava a matéria de gramática: *Bibliotheca Juvenil ou fragmentos moraes, históricos, políticos, litterarios e dogmáticos, extraídos de diversos auctores e offerecidos á mocidade brasileira*, do português Antonio Maria Barker; *Cartas Selectas*, do Padre Antonio Vieira; *Poesias escolhidas*, do Padre Caldas (BRASIL, 1856, s/p.).

Essa indicação é muito significativa, pois desde sua inauguração, em 1838, a referida escola passou a ser considerada o modelo oficial de ensino secundário para todo o Império, sendo os livros escolares aprovados para essa instituição uma referência para as demais escolas. Contudo, para que os livros circulassem nas escolas fora da Corte, cada província (o Estado) analisava diferentes obras, mesmo as indicadas no Pedro II, e decidia pela autorização ou pelo embargo.

Essas seletas escolares surgem num contexto brasileiro de tensas aspirações nacionalistas. Pouco depois da independência do Brasil, por volta dos anos trinta e se estendendo até a proclamação da República, intelectuais e escritores intensificaram ações com a finalidade de concretizar uma independência cultural brasileira. Isso porque, mesmo após o ato político de 1822, o Brasil continuava mantendo uma relação serviçal com sua antiga metrópole. Nesse sentido, buscou-se na literatura o fundamento e a representatividade da nacionalidade cultural brasileira, fato que foi concretizado com a seleção de produções literárias antepassadas apresentadas sob a forma de antologias, parnasos e florilégios, como por exemplos: *Parnaso Brasileiro* (1831), de Januário da Cunha Barbosa; *Parnaso Brasileiro* (1843), de

Pereira da Silva e *Florilégio da Poesia brasileira*, em três volumes (1851-1853), de Francisco Adolfo Varnhagen (CANDIDO, 2000).

Nessa época, são convocadas seletas didáticas para comporem as aulas de Gramática na escola secundária, frequentada pelos filhos da elite oitocentista. Se fora do colégio, os florilégios eram de cunho nacionalista-brasileiro, pois as produções selecionadas eram de brasileiros, as antologias escolares iam na contra-mão, pois, buscavam preservar o vínculo da nacionalidade com Portugal. Assim, os compêndios literários aprovados nos colégios da Corte e nas províncias, de modo geral, eram de tendência luso-brasileira, ou porque seus autores eram portugueses, ou ainda pelo fato de serem brasileiros, mas com valores lusos, ou mesmo pelas obras serem compostas de produções de portugueses e brasileiros, as quais citamos: *Cartas seletas* (1856), do padre Antonio Vieira; *Seleto Classica* (1871), de Filipe da Motta Corrêa; *Iris Classico*, de José Feliciano de Castilho B. e Noronha; *Ornamentos da Memoria* (1877), entre outros, convergência que se manteve, sistematicamente, até o final do século XIX.

No que concerne ao uso das obras, nas aulas de Gramática, essas eram utilizadas para leitura em voz alta, à qual o professor acompanhava de perto, porque a expressão de cada palavra do texto deveria ser mantida. Os trechos também serviam como exemplo de construções gramaticais, às vezes muito distante da contemporaneidade linguística dos estudantes, pois havia textos do século XVI, os quais mantinham a construção sintática e a ortografia da época em que foram escritos, demonstrando que havia um modelo de língua, da longa tradição, a ser reconhecido. Os fragmentos literários eram igualmente trabalhados na formação patriótica dos alunos, por isso, muito comum haver trechos que enaltecessem figuras políticas portuguesas, suas conquistas, as riquezas naturais do Brasil, etc.

Chama-nos atenção, na construção composicional desse gênero da esfera educacional, a intercalação dos gêneros de circulação das obras como capas, folhas de rosto, prefácios, índice, posfácios, notas e outros. Esses gêneros, elementos pré-textuais e pós-textuais das seletas, podem ser considerados como fundo dialogante da obra, ou nos termos de Bakhtin ([1930] 2015, p. 133) “emolduragem interpretativa”, uma vez que a palavra do outro, no nosso caso a seleção dos excertos, não entra em contato mecânico com o fundo dialógico que o emoldura, ou com

os gêneros de circulação citados, mas sim em contato dialógico. Ou ainda nas palavras de Volóchinov ([1929] 2017, p. 253-254), podemos falar de uma “emolduragem do enunciado alheio”, na qual o discurso autoral ou a palavra do autor cria um campo dialogante e uma perspectiva para a palavra alheia, em seus termos “um fundo aperceptivo da palavra do outro”.

Concordando com isso, compreendemos os gêneros de circulação como *emolduragem dialógico-discursiva* das antologias escolares e que, portanto, estão em relações dialógicas com elas. Assim, há um discurso transmitido (alheio – a própria seleta, ou a seleção dos excertos, seus autores) mediado pelo discurso transmissor (discurso autoral, *emolduragem dialógico-discursiva* – os gêneros de circulação).

Em nossas análises, mostramos como em um gênero de circulação, o prefácio da primeira edição da *Anthologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, esse último discurso se constitui a partir de um dos modos de assimilação da palavra do outro, que segundo Bakhtin ([1930] 2015) são característicos das disciplinas escolares: o discurso autoritário.

Nesse ponto do estudo, já temos condições de afirmar qual é a característica basilar das antologias escolares. No grande tempo da cultura escolar, desde suas origens na Grécia do século IV a. C., é o discurso autoritário sob o prisma da assimilação da palavra alheia, materializado nos trechos literários cultivados e autorizados para servirem de bons exemplos aos estudantes sua principal propriedade. Nesse sentido, Bakhtin comenta:

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam e seguem. Em cada época, e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em roupagens verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças, etc. Sempre existem essas ou aquelas ideias determinantes dos ‘senhores do pensamento’ de uma época verbalmente expressas, algumas tarefas fundamentais, lemas, etc. Já nem falo dos modelos de **antologias escolares** nos quais as crianças aprendem a língua materna e que, evidentemente, são sempre expressivos.

[...] Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de *assimilação* – mais ou menos criador – das palavras *do outro* (e não das palavras da língua) (BAKHTIN, [1952-1953] 2016, p. 54). [itálicos do autor; grifos nossos]

Com as antologias escolares, exemplo destacado pelo estudioso russo, os jovens, no micromundo da escola, conviviam constantemente com enunciados autoritários, que foram vivenciados no processo de assimilação da palavra autoritária alheia, estudada na carta, na crônica, no sermão, na poesia, etc.

Portanto, os “enunciados investidos de autoridade”, como afirma Bakhtin ([1952-1956] 2016, p. 54), dão o tom de uma obra, conservam os valores da longa tradição e consagram os “senhores do pensamento”. Nas seletas escolares, esses enunciados que funcionam como discurso sobre as obras estão localizados nos gêneros que as emolduram: capa, folha de rosto, prefácios, posfácio, pareceres, índice e notas. Nessas formas típicas de enunciado, é possível identificarmos, dentre outros elementos, a natureza autoritária desses compêndios.

Com o objetivo de sustentar esse ponto de vista, analisamos o primeiro prefácio, de 1895, daquela que pode ser considerada o Best-seller das seletas escolares brasileiras, a *Anthologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet.

Discurso autoritário no prefácio: emoldurando um enunciado-obra

- *Anthologia Nacional* na grande temporalidade política e educacional brasileira

A *Anthologia Nacional* ou *coleção de excerptos dos principaes escriptores da lingua Portugueza do 19º ao 16º século*, de autoria de dois prestigiados professores do Colégio Pedro II Fausto Barreto e Carlos de Laet, apresentou uma longevidade expressiva na esfera educacional. Contando com 43 edições ao longo de 74 anos de publicações, a primeira em 1895 e a quadragésima terceira em 1969, isto é, tendo início nos primeiros anos da República Velha (1889-1930), passando pela Era Vargas e o Estado Novo (1930-1945), pela República Populista (1945-1964) e chegando aos primeiros cinco anos da Ditadura Militar (1964-1985), nesse período os

presidentes foram os generais Castelo Branco (1964-1967), Costa e Silva (1967-1968) e o primeiro ano de governo de Garrastazu Médici (1969-1974).

Por isso, podemos considerar que a obra foi a seleta que mais tempo esteve às mãos e aos olhos de gerações de estudantes brasileiros, sobrevivendo a intensos períodos políticos do Brasil, ou seja, da República Velha à Ditadura Militar. Tal longevidade também ocorreu com os primeiros trechos seletos da Grécia no século IV a. C., os quais foram assimilados por longo tempo.

Para este artigo, focalizaremos nossas análises no prefácio da primeira edição da obra, em 1895. Contudo, cotejamos a sexta edição, de 1913, publicada pela Livraria Francisco Alves. Esse volume faz parte do Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros², o Livres, que conta com um acervo local na Biblioteca do Livro Didático da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, onde tivemos acesso ao exemplar. Sua escolha deveu-se ao fato de ser a edição mais antiga do acervo que contém, na íntegra, o prefácio da primeira edição. Vale esclarecer que no acervo pesquisado, nas outras edições posteriores da obra, assim como numa edição mais antiga da obra (3ª edição de 1901), não apresentam capa e o prefácio encontra-se deteriorado.

Ao longo de suas publicações, a *Anthologia Nacional* foi adotada em várias escolas, entretanto, se estamparam na sua folha de rosto aquelas escolas consideradas ilustres e conservadoras, como as encontradas na edição de 1913.

² <http://www2.fe.usp.br:8080/livres/>



Fonte: Barreto e Laet (1913).

A referência às instituições que adotaram a obra está localizada entre a parte que descreve o título da obra e indica seus autores e sua edição correspondente. Nela, encontramos o seguinte enunciado, em itálico: “*Adoptada no Collegio Pedro II, na Escola Normal do Districto Federal, no Collegio Militar em outros estabelecimentos de ensino, tanto d’esta Capital como nos Estados*” (BARRETO e LAET, 1913, p. 5). Todas as instituições estavam sob a tutela do Estado, responsável por autorizar a adoção de obras didáticas.

Nesse sentido, o editor busca vincular a obra à imagem de tradição, e autoridade, que os colégios representam, portanto, o editor da obra traz, a partir do discurso interiormente persuasivo, duas formas de discurso autoritário: o discurso da tradição e da autoridade, que os colégios possuíam, e o discurso da oficialidade, uma vez que a obra só foi adotada nessas escolas públicas após aprovação oficial do Estado.

Quanto à organização da sexta edição da seleta, essa está dividida em duas partes, prosa e poesia, e compreendem produções de autores brasileiros e portugueses, do período, decrescente, do século XIX ao XVI. Há também uma breve introdução ao estudo da sintaxe das orações simples e compostas, cujo título “Noções elementares de syntaxe” traduz a ideia de discussões preambulares. Os excertos estão organizados por ordem dos escritores representativos de cada século, para cada escritor, um grupo de, aproximadamente, três excertos, que são antecedidos por notas biobibliográficas sobre os escritores. Incluem-se ainda seis gêneros moldurando a obra: capa, três epígrafes, prefácio da primeira edição, prefácio da segunda edição, antelóquio desta edição e índice, respectivamente. Ao todo, essa sexta edição da antologia contém 576 páginas.

Dos gêneros que molduram a sexta edição da *Anthologia Nacional* (1913) focalizaremos nossas análises, como indicado anteriormente, no prefácio de sua primeira edição (1895), isso porque são os discursos presentes nele que molduram todas as quarenta e três edições desta antologia escolar, mesmo no caso de algumas delas apresentarem prefácio da edição correspondente. Ou seja, discursos que, persuasivamente, se impuseram, logo, autoritários, que precisaram ser reconhecidos, assimilados e perpetuados durante toda a existência editorial da seleta. Assim, tornando-se o seu principal fundo de apercepção da palavra do outro ou campo dialogante do discurso alheio.

- Emolduragem dialógico-discursiva da *Anthologia Nacional*: foco no prefácio

Na sexta edição da *Anthologia Nacional* (1913), o primeiro prefácio da obra encontra-se entre as páginas sete e nove, constituído de enunciados verbais. Esses estão organizados em um título “PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO” (BARRETO e LAET, 1913 [1895], p. 07), que está centralizado no alto da primeira de suas três páginas, doze parágrafos e os nomes dos autores, que assinam o texto. Assim sendo, o prefácio apresenta o discurso autoral que em diálogo com a obra cria-lhe uma perspectiva imperativa e elogiosa para a palavra alheia.

Nas primeiras linhas do texto, dizem seus autores:

Convidados pelo prestimoso editor J.G. de Azevedo para corrigir a *Seleção litteraria* compilada por um dos collectores desta *Anthologia* e outro professor, mais acertado nos pareceu refundil-a de todo, dando-lhe a forma com que ora deparamos á publicidade. (BARRETO e LAET, 1913 [1895], p. 07).

Assim como ocorreu na folha de rosto, os autores se valeram de uma referência de autoridade na construção do prefácio, o J.G. de Azevedo, conhecido livreiro-editor de obras didáticas de parte do Segundo Reinado e início da República Velha. Entretanto, mais autoridade que o J.G. de Azevedo têm seus compiladores, que optaram por não corrigir a *Selleção litteraria*, cujos direitos autorais estavam sob a tutela do referido livreiro-editor. Sutil e persuasivamente, consideraram que mais “acertado” foi refundi-la em outra antologia, indicando a originalidade da antologia escolar de suas autorias. Ou seja, como “senhores do pensamento”, usando uma expressão de Bakhtin ([1952-1953] 2016, p. 54), a decisão dos autores se sobrepôs às orientações do livreiro-editor.

Em seguida lemos:

Si alguns trechos foram conservados, e avisadamente o deveram ser, muitos foram substituidos, e accrescentados outros, procurando nós não omittir nenhuma das culminancias da patriallitteratura (BARRETO e LAET, [1895] 1913, p. 07).

Nesse trecho, fica explícita a ideia de uma tradição literária, aludida nos “trechos que foram conservados” da *Selleção litteraria*, como símbolo nacional. Para representá-la, os autores conservaram alguns trechos e substituíram outros, bem como fizeram acréscimos. Tais trechos são modelos incontestáveis do ponto mais alto da cultura literária ou das “culminancias da patria litteratura” e de vernaculidade que os alunos precisavam assimilar. Tratando, então, persuasivamente, os excertos selecionados na *Anthologia Nacional* como uma espécie de “enunciados investidos de autoridade” (BAKHTIN, [1952-1953] 2016, p. 54). Desse modo, marcando a relação literatura e língua, que é destacada pelos autores nos seguintes enunciados:

Acertado julgamos principiar pela phase contemporânea, e desta remontar ás nascentes da lingua, pois que tal é o caminho natural do estudioso, que primeiro

sabe como falla para depois aprender como se fallava. Nessa aprazível viagem, muito a contra-gosto tivemos que parar como que nos limites da navegabilidade do formoso rio glottico, isto é, no 16º século. Ir mais adiante nos vedava a incumbencia do editor, que não desejava encarecer a obra, avolumando-a sem maior necessidade; mas talvez que em subsequente edição, dado que esta seja bem sucedida, concluamos a encetada viagem, aventurando-nos pelas alpestres e recônditas alturas d'onde manou a lingua portugueza (BARRETO e LAET, [1895] 1913, p. 07).

Nessa parte do prefácio, explicita-se que a *Anthologia Nacional* era usada nos estudos linguísticos a partir de trechos selecionados de produções literárias de escritores brasileiros e portugueses. Portanto, as literaturas brasileira e portuguesa – especialmente os escritores, seus trechos e os períodos selecionados – são reconhecidas como forma de uso e expressão da Língua Portuguesa.

É preciso atentar que, segundo o discurso dos autores, a expedição pelos trechos dos escritores escolhidos mostra que os textos são exemplos clássicos da Língua Portuguesa que se falava entre os séculos XVI e XIX. Desse modo, o estudo da variante linguística da tradição literária, predominante na seleção dos excertos da *Anthologia Nacional*, indica a presença do discurso da herança identitária da Língua Portuguesa via excertos literários, assinalando, assim, o ideal de uma língua literária nacional.

No prefácio, ficamos sabendo quais foram os critérios de seleção dos autores contemporâneos:

Nos especimens da litteratura coeva pozemos especial cuidado; e bem desenvolvida vai esta parte. Ha de notar-se que omittimos os escriptores vivos; foi de proposito: assim cuidadosos evitamos o accrescer ás difficuldades da escolha o receio de magoarmos vaidosos melindres. *Irritabilegenus...* (BARRETO e LAET, [1895] 1913, p. 08). [itálicos dos autores]

O “foi de propósito” marca uma austeridade do espaço social de prestígio ocupado pelos autores. Ambos como intelectuais e professores do Colégio Pedro II não precisavam atentar para minuciosas justificativas quanto às suas escolhas.

Em seus discursos figuram a verdade autoritária e absoluta, e o desdém em latim, língua de prestígio: “*Irritabilegenus*”, em português: raça irritável; referindo-se diretamente aos seus contemporâneos.

Os cuidados com a ortografia dos excertos que compõem o livro são expostos com finalidade que não se conteste a escolha: “Em geral procuramos uniformizar a orthographia; mas por excepção a deixamos com sua physonomia irregular em certos autores; e isto de proveitosa lição poderá servir nas aulas (BARRETO e LAET, [1895] 1913, p. 08).

Os compiladores tiveram outro cuidado:

Esmerámo-nos em repellir tudo que não respirasse a honestidade que cumprir manter no ensino, observando, como paes de familia e educadores, o maximo respeito que, como disse um romano, todos devemos ápuericia (BARRETO e LAET, [1895] 1913, p. 08).

Nesses enunciados encontramos a convergência de dois discursos autoritários: pais e escola. Os autores afirmam ter realizado uma vistoria nos valores que, como “paes de família e educadores”, consideravam inadmissíveis para os jovens, confirmando que outro papel das antologias escolares era a formação moral. Desse modo, ratificando nossas discussões de que essas seletas interferiram na relação do homem com o mundo ideológico. Por isso, justificam: “Já não se nos afigurou desarrazoado, na escolha dos assumptos, optarmos por aqueles que entendessem com a nossa terra” (BARRETO e LAET, [1895] 1913, p. 08).

À guisa de conclusão do prefácio, os compiladores explicam que há um estudo gramatical sobre sintaxe no início do livro e algumas “noticias” biobibliográficas sobre os autores dos excertos que são “[...] quase sempre proferidas por juízes especiaes e competentes” (BARRETO e LAET, [1895], 1913 p. 08). Outra referência de autoridade ao qual a obra e o discurso sobre ela se sustentam.

Os autores esclarecem acerca da escolha do título:

O titulo de *Anthologia* muito de industria o adoptámos. Si os vocabulos tem cheiro, este é de certo um dos mais odoríferos. Em seus dois elementos effectivamente

reúne a idea da *flor* e da *palavra*, que é a flor do entendimento. Não havia senão os Gregos para formarem vocabulos como esse! Aproveitamol-o.

E ele tambem prevenirá o leitor benigno de que não escandalize de quaesquer lacunas. Um ramilhete não é um horto botanico. Basta que formosas e aromaticas sejam as flores aqui reunidas, e que oferecemos á mocidade de ambos os paizes onde se falla o portuguez (BARRETO e LAET, [1895] 1913, p.09). [itálico dos autores]

Valendo-se de uma análise filológica e metafórica, elucidam que o vocábulo “Anthologia”, criado pelos Gregos, mestres da longa tradição no trabalho com a palavra, condensa todos os predicados referentes a uma obra desse gênero: flor e palavra. Aí está contida a ideia de beleza, de formosura e ornamentação, representadas pelas flores (excertos), que materializa uma perspectiva estilística para a obra. Por isso, “basta que formosas e aromaticas sejam” as flores (os excertos) reunidas, assim como da sabedoria figurada na palavra, ou seja, nessa *Anthologia Nacional* “[...] existem determinadas tradições, expressas e conservadas em roupagens verbalizadas” (BAKHTIN [1952-1953] 2016, P. 54).

Ainda que a *Anthologia Nacional* seja um ramalhete oferecido à mocidade e colocado em suas mãos, em nenhuma passagem do prefácio os autores dialogam com o aluno. Muito menos tentam convencê-lo de seu benefício, pois enquanto objeto de “assimilação seletiva das palavras dos outros” (BAKHTIN, [1930] 2015, p. 135) esse compêndio literário assume um discurso munido de “autoritarsimo -autoritário”, o qual é revelado nos enunciados do prefácio, enquanto emolduragem dialógico-discursiva.

Considerações finais

Procuramos neste artigo realizar um estudo, na perspectiva bakhtiniana, acerca do discurso autoritário presente em uma antologia escolar. Entendemos que as seletas escolares cumpriam a função de determinar o discurso sobre a língua materna, literatura e nacionalismo, especialmente, que deveriam ser assimilados pelos alunos, estabelecendo-se, assim, como um discurso autoritário.

Morson e Emerson (2008), embasados nas discussões de Bakhtin, pontuam que o discurso autoritário genuíno não soa estridente. Nas palavras do próprio Bakhtin ([1930] 2015, p. 136) apresenta uma “persuabilidade interior”, podemos dizer que quase sutil. Assim se apresentou no prefácio da primeira edição da *Anthologia Nacional*, um gênero de circulação que compreendemos como *emolduragem dialógico-discursiva* do enunciado alheio.

As variadas manifestações de “autoritarismo-autoritário”, para usar uma expressão bakhtiniana muito elucidativa, são construídas por vários discursos: o discurso da tradição, especialmente do cânone literário nacional como modelo de língua escrita e falada; os discursos da herança hereditária e preservação da Língua Portuguesa contidas na seleção dos excertos; o discurso da moralidade, pois os autores afirmaram que excluíram tudo que representasse desonestidade; o discurso de autoridade, representados pelos autores da obra e os escritores que eles trazem para constituir a seleta.

Todos esses discursos, constitutivos do discurso autoritário, apontam para o ensino da Língua Portuguesa pela cultura do texto do cânone literário, ou seja, materializam a perspectiva de uma antologia escolar que tende à busca pela unificação da língua.

Nesse sentido, os resultados da análise do prefácio da *Anthologia Nacional* corroboraram para sustentar nosso ponto de vista, de que nos seus enunciados, enquanto *emolduragem dialógico-discursiva* da palavra alheia, há um “autoritarismo-autoritário” constitutivo da obra.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. Tradução e notas de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2016.

_____. *Teoria do romance I. A estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BARRETO, Fausto; LAET, Carlos de. *Anthologia Nacional*. Prefácio [1895]. 6 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1913.

BRASIL. MINISTERIO DO IMPERIO. Ministro Luiz Pedreira de Coutto Ferraz. *Relatorio do anno de 1855 apresentado a assemblea geral Legislativa na 4ª sessão da 9ª legislatura*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1856.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)*. V. 2. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

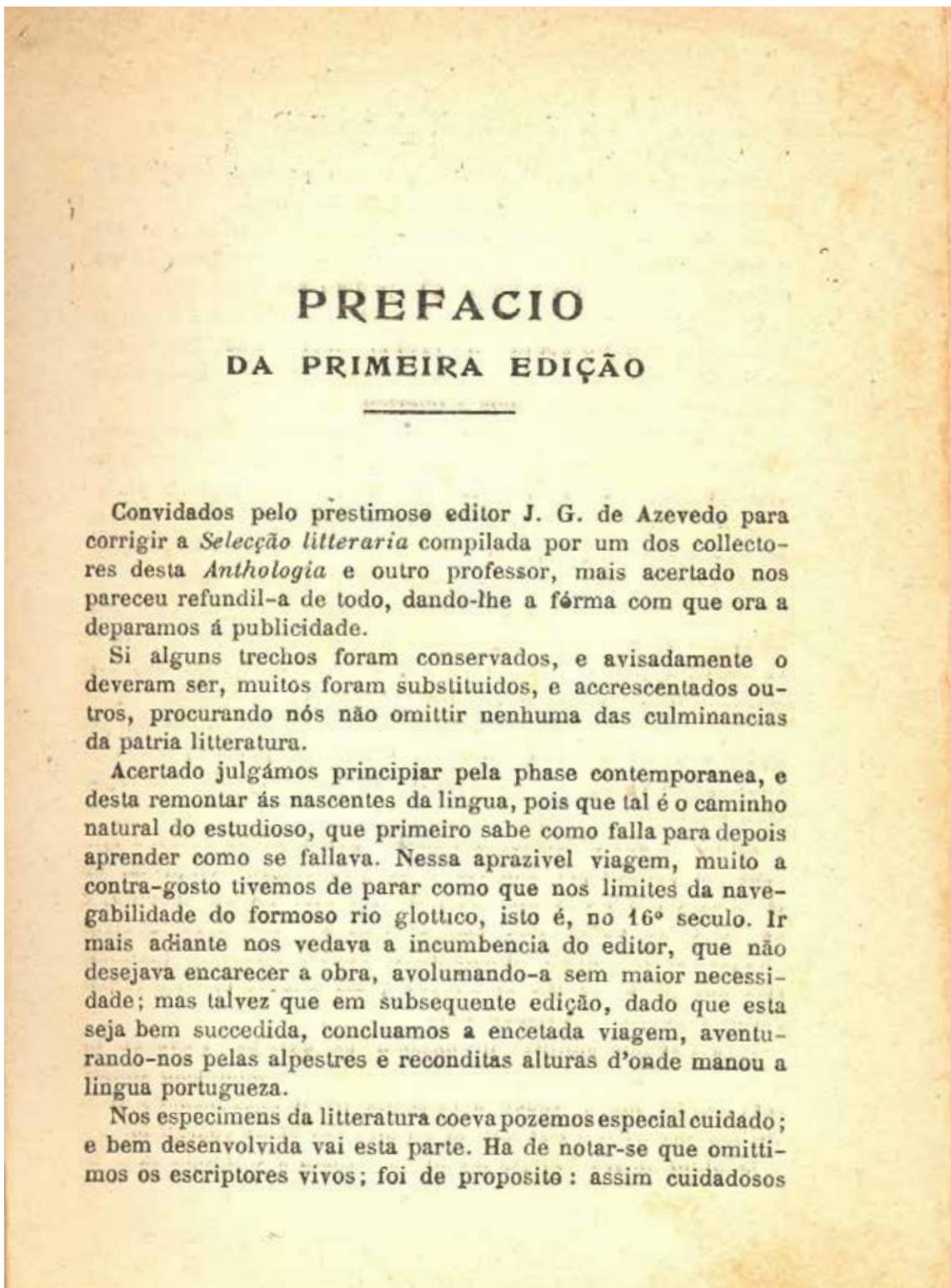
MARROU, Henri-irénée. *História da educação na Antiguidade*. Tradução de Mário Leônidas Casanova. São Paulo: EDUSP, 1966.

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. *O espelho da nação: a antologia nacional e o ensino de português e literatura [1838 – 1971]*. 428f. 2000. Tese. (Doutorado em Teoria e História Literária) Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Anexo – Prefácio da primeira edição (1895) da *Anthologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet



evitámos o accrescer ás difficuldades da escolha o receio de magoarmes vaidosos melindres. *Irritabile genus...*

Em geral procurámos uniformizar a orthographia; mas por excepção a deixámos com sua physionomia irregular em certos autores; e isto de proveitosa lição poderá servir nas aulas.

Esmerámo-nos em repellir tudo que não respirasse a honestidade que cumpre manter no ensino, observando, como paes de familia e educadores, o maximo respeito que, como disse um romano, todos devemos á puericia.

O apartamento dos escriptores em brasileiros e portuguezes fizemol-o só na phase contemporanea, em que claramente se afastaram as duas litteraturas como galhos vicejantes a partirem do mesmo tronco. Antes d'isso razão de ser não houvera tal apartamento, que apenas se fundara em ciumes de nacionalidade, muito mal cabidos na serena esphera das letras.

Já não se nos afigurou desarrazoado, na escolha dos assumptos, optarmos por aquelles que entendessem com a nossa terra; e por isto nos sorriu que do Brazil fallassem, não sómente Rocha Pitta, Magalhães ou Alencar, mas ainda o quinhentista João de Barros, o seiscentista Francisco Manoel de Mello e o coevo Latino Coelho. Ouvir da patria por bocca estrangeira e imparcial é sempre delicia para todo o coração bem nascido.

Antecede aos excerptos um estudo grammatical sobre a syntaxe da proposição simples e da proposição composta, da lavra de um dos compiladores, o professor Fausto Barreto; e da do outro compilador são as noticias bio-bibliographicas antepostas ao primeiro trecho de cada autor. Nesses pequeninos resumos são as sentenças criticas quasi sempre proferidas por juizes especiaes e competentes.

Idéa tivemos tambem de anotar os trechos, solvendo as maiores duvidas que a jovens leitores nelles podessem occorrer; porém nol-o vedou a escassez do tempo, ficando para melhor occasião o que em tal sentido havíamos começado.

O titulo de *Anthologia* muito de industria o adoptámos. Si

PREFACIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

9

os vocabulos podem ter cheiro, este é de certo um dos mais odoriferos. Em seus dois elementos effectivamente reune a idéa da *flór* e a da *palavra*, que é a flor do entendimento. Não havia senão os Gregos para formarem vocabulos como esse! Aproveitemol-o.

E elle tambem prevenirá o leitor benigno de que se não escandalize de quaesquer lacunas. Um ramilhete não é um horto botanico. Basta que formosas e aromaticas sejam as flores aqui reunidas, e que offerecemos á mocidade de ambos os paizes onde se falla o portuguez.

FAUSTO BARRETO.

CARLOS DE LAET.

A ESCRITA LITERÁRIA COMO PRÁTICA SOCIAL

Daniel Carvalho de Almeida

Introdução

As atividades de produção de texto literário fazem sentido na sala de aula desde que o aluno se sinta protagonista e entenda que seus discursos são importantes para o grupo de que fazem parte. É fundamental que ele compreenda que seus sentimentos, visões de mundo, ideais, história de vida, encontram um valioso espaço de expressão e de elaboração subjetiva em seus textos. De igual modo, é importante que o professor leia além das técnicas ensinadas ou das possíveis correções gramaticais, buscando, assim, olhar para os significados presentes em cada palavra escolhida por seu aluno.

É importante adotar uma visão dialógica da linguagem, concebendo-a como algo que está marcadamente integrada ao diálogo com a vida humana, perspectiva que contribui para a apreensão de uma prática educacional de ensino-aprendizagem. Dentro desse viés, privilegiamos a natureza social dos textos dos alunos.

Pensando nisso, apresentamos neste artigo algumas concepções de linguagem que foram fundamentais para o desenvolvimento do projeto **Arte e Intervenção Social**, realizado entre 2013 e 2016 nas aulas do contraturno na E.M.E.F. Prof. Aurélio Arrobas Martins, localizada em Itaquera, região Leste da cidade de São Paulo. O projeto caracterizou-se pela formação de um grupo de alunos e alunas em que a leitura e a escrita literária implicassem a possibilidade de “reinventar-se a si”. Uma vez que o foco incidia na produção de textos literários, os procedimentos metodológicos aplicados para o aperfeiçoamento da escrita poética dos alunos se voltaram às dimensões individual e coletiva da arte, fazendo com que a literatura fosse um espaço de reconstrução das identidades dos alunos envolvidos no projeto.

Nesse sentido, as atividades de produção de textos poéticos realizadas no **Arte e Intervenção Social** apresentavam diálogo com a construção da identidade de cada aluno, pois compreendemos a língua como um fato social, cuja existência se constitui nas necessidades da comunicação. Pensar no sentido da escrita a partir de uma visão concreta de língua, linguagem e discurso, possibilitou considerar os alunos que participaram do projeto como atores sociais da história que, por meio de suas ações de linguagem, refletiram sobre sua própria realidade e (re)significaram os usos de sua escrita. Assim, os textos produzidos pelos alunos durante a realização do projeto não eram tratados apenas como exercícios de redação escolar, mas como enunciados concretos.

No que se refere ao projeto **Arte e Intervenção Social**, tratou-se de uma ação educativa cuja proposta foi propiciar caminhos para que os alunos enfrentassem alguns problemas próprios da periferia de Itaquera e buscassem formas de intervir socialmente por meio de suas produções artísticas, considerando a realidade social e suas vivências. As ações de linguagem dos alunos-poetas foram construídas pelas palavras, já que seus poemas serviram para afirmação da história, da cultura e da identidade deles.

Dentre as realizações do projeto, destacamos a publicação de duas coletâneas de poemas escritos pelos alunos-poetas. O primeiro livro é intitulado *Entre versos controversos* e, o segundo, *Entre versos controversos: o canto de Itaquera* (2015). Grande parte dos textos publicados nessas obras foram compostos a partir de pequenas oficinas de escrita criativa, tendo em vista que o desenvolvimento da escrita não se realiza em condições de imposição de regras construídas artificialmente. Nesse sentido, o que levou os jovens autores a escreverem foi o fato de se reconhecerem como poetas que tinham algo a dizer. Quando os alunos-poetas escreviam, construíam um sentido ideológico em seus discursos que, conseqüentemente, dava sentido à vida deles. Havendo sentido, eles passaram a ter o que dizer e, tendo o que dizer, começaram a escrever, o que os levou a produzir cultura em sua própria região.

O trabalho com produção de textos literários pode ser visto como uma luta social, na medida em que o acesso à cultura, ao conhecimento e à informação constitui um direito negado para determinadas comunidades. Michèle Petit (2009, p. 32) afirma que, para os mediadores culturais dos países do Sul, “os recursos

culturais, de linguagem, narrativos e poéticos são tão vitais quanto a água”. A literatura é um poderoso meio de instrução e educação e, por conta disso, é importante que se trabalhe literatura nas escolas, uma vez que ela nos permite enriquecer nossa percepção e visão de mundo, podendo assumir um papel significativo na formação do indivíduo e na humanização, que se refere, conforme Candido (2011, p. 171-193), ao processo que nos torna mais sensíveis e abertos para a natureza, para a sociedade e para o semelhante.

Entendemos que pensar nessas concepções contribui para um trabalho eficaz em escolas localizadas em bairros mais carentes devido aos contextos de crises nos quais as periferias estão inseridas. A realidade local de bairros periféricos pode ocasionar um grande ferimento na existência de determinado grupo social, afetando sua identidade e autoestima. Além de reparações jurídicas e políticas necessárias, a resistência da cultura é uma forma de garantir voz a essa sociedade num capítulo futuro.

Por esse motivo defendemos que projetos voltados à escrita criativa podem resultar em meios de resistir às adversidades. Com as atividades voltadas a produção de textos poéticos realizadas no projeto **Arte e Intervenção Social**, trabalhamos questões concernentes à autoestima do bairro de Itaquera e à importância da valorização de uma cultura local e periférica. Consequentemente, houve também um trabalho com a autoestima dos alunos-poetas a partir da relação com a própria autoestima da região, pois eles encontraram, no espaço da literatura, possibilidade de expressão e de elaboração dessas questões referentes aos contextos de crises próprios da periferia em que residem. Ao lado de uma elevação de autoestima da região, do bairro, da escola, há um “eu” que pode, ao se expressar literariamente, afirmar-se como sujeito, pois a literatura é um espaço de elaboração subjetiva. Trata-se, portanto, da construção do espaço estético que implica a construção e reconstrução de si mesmo.

A compreensão que temos de linguagem tornou-se fator decisivo para as nossas atividades, uma vez que a base do projeto **Arte e Intervenção Social** foi a escrita literária. Diante disso, o objetivo deste artigo é mostrar como as concepções de língua e de linguagem são fundamentais no que tange às estratégias adotadas para se trabalhar a escrita poética no ensino de Língua Portuguesa. A partir do

conceito de enunciado presente nos estudos de Bakhtin e Volochínov (2014) e de letramento ideológico desenvolvido por Street (2014), buscamos entender os usos da escrita em diferentes contextos sociais e históricos, bem como suas funções e consequências para os sujeitos, para então compreender a dimensão ideológica dos poemas feitos pelos alunos-poetas.

Assim, num primeiro momento, discutimos neste artigo a escrita em termos de práticas concretas e sociais. Em seguida, analisamos o poema “Condenação”, do aluno-poeta Pedro Boal, publicado em *Entre versos controversos: o canto de Itaquera* (2015), a fim de mostrar como é possível apreender aspectos ideológicos nos textos de alunos, bem como concebê-los como meios de resistência.

A dimensão ideológica da linguagem

A linguagem é um fenômeno absolutamente central tanto na vida social, como na nossa existência pessoal, já que está marcadamente integrada ao diálogo com a vida humana. Não se trata de algo congelado ou imutável, mas de um fenômeno que lida com alterações do quadro histórico, no qual as ações humanas se desencadeiam. Sob esse enfoque, a língua é considerada um fato social, cuja existência se constitui nas necessidades da comunicação. Dentro desse viés, cujas raízes estão numa filosofia dialógica da linguagem (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014), entender o conceito de enunciado é imprescindível, já que ele é a unidade básica da linguagem e ocorre em um tempo e local determinados, sendo produzido e recebido por sujeitos históricos. Trata-se de um acontecimento, um ato que é sempre novo e não se repete, ainda que as mesmas palavras participem de enunciados diferentes, pois o que configura o sentido do enunciado é a situação social, e não a construção sintática ou suas definições no dicionário, que são aspectos que correspondem apenas ao aparato técnico da linguagem. Sendo assim, a enunciação é de natureza social.

As noções enunciado e enunciação, como explica Brait (2005, p. 65), assumem “papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano justamente porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social”, privilegiando, em sua compreensão e análise, “a comunicação

efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos”. A enunciação é compreendida como estando situada justamente na fronteira entre a vida e o aspecto verbal enunciado, estando diretamente ligada, não à abstração linguística, mas ao conceito de enunciado concreto (BRAIT, 2005, p. 65, 67-68).

Segundo Souza (1999, p. 68-73), um dos eixos das críticas formuladas ao pensamento abstrato, ou ao subjetivismo abstrato (que norteia as investigações linguísticas e formalistas), é a distinção entre enunciado concreto e frase, sentença, oração linguísticas. O autor nos explica que o Círculo Bakhtin/Volochínov/Medvedev não investiga a frase enquanto uma unidade linguística pura e independente do todo dinâmico do enunciado concreto que, por sua vez, não é considerado como sendo algo individual, como é próprio do pensamento idealista. Em estudos puramente linguísticos, a frase não é relacionada com o exterior, não tem autor, nem conceito, pois é retirada do funcionamento real para ser desconstruída em unidades menores como palavra, fonemas, morfemas. Assim, a abstração científica linguística pode cair na ficção por não ser tomada como um fenômeno real e concreto, uma vez que não trocamos apenas orações, palavras ou combinação entre palavras. Para Bakhtin (1992, p. 297), trocamos “enunciados constituídos com a ajuda de unidades da língua – palavras, combinações de palavras, orações”.

Distanciando-se do eixo da abstração e colocado no funcionamento real e concreto da linguagem, o enunciado concreto é visto como uma unidade da comunicação verbal. É um fato real, que apresenta acabamento real, tendo autor (e expressão) e destinatário (SOUZA, 1999, p. 71-72). Se “na enunciação monológica isolada, os fios que ligam a palavra a toda a evolução histórica concreta foram cortados” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2014, p. 107), a língua não é algo imóvel ou fixo em regras gramaticais, mas se realiza na relação verbal entre seres humanos.

Por conta disso, Campos (2011, p. 54-55) afirma que “entender o enunciado como unidade real da comunicação discursiva é compreendê-lo na interação verbal, em situação”. A constituição do enunciado “é dialógica e social”, uma vez que, na vida social, o discurso verbal surge de uma situação concreta, extraverbal, e da interação entre indivíduos socialmente organizados, com os quais conserva ligações.

Nesse sentido, o discurso é visto como uma prática social, na qual a interação, a relação interpessoal dos interlocutores, a interpretação e intenção, o contexto de

produção, a situação de comunicação e o gênero são essenciais para sua realização. Desse modo, o texto é compreendido não apenas do ponto de vista (psico)linguístico, mas visto “*as a communicative event wherein linguistic, cognitive, and social actions converge*”¹ (BEAUGRANDE, 1997, p. 10). Os sentidos que as palavras de um texto recebem estão relacionados às significações reais de seu uso, bem como aos participantes do discurso, que são usuários sociais e historicamente localizados. Os significados codificados pela língua são passíveis de alterações, modificações, acréscimos, exclusões por conta do contexto. Por meio da linguagem é possível conhecer o exercício efetivo da fala em sociedade, que transforma as marcas linguísticas, entendidas como signo vivo e mutável, cuja significado é afetado pelo conteúdo ideológico, pela relação com uma situação social determinada, pela entonação expressiva e pela modalidade apreciativa.

Se esses problemas de filosofia da linguagem estão intimamente vinculados às bases de uma teoria dialógica da linguagem, a palavra é concebida como “fenômeno ideológico por excelência” e “modo mais puro e sensível da relação social” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2014, p. 36). A palavra é o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana, funcionando “*como elemento essencial que acompanha toda a criação ideológica*” e que “*comenta todo ato ideológico*”. Os signos ideológicos não são substituídos em sua totalidade pelas palavras, cada um deles se apoia e é acompanhado por elas, assim como acontece com o canto e seu acompanhamento musical, pois qualquer signo cultural pode ser abordado verbalmente, isto é, pode “*tornar-se parte da unidade da consciência verbalmente constituída*” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2014, p. 38, grifos do autor).

Tendo como base o processo da relação social, todo signo, seja ele ideológico ou linguístico, é marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados. Assim, os conflitos da língua refratam os conflitos de classe, já que comunidade semiótica e classe social não se confundem. As transformações do signo ideológico nascem do confronto de interesses sociais, ou seja, nasce a partir da luta de classes. Nesse sentido, a língua é viva e se mantém nas relações de dominação e de resistência, tanto que as classes dominantes que se valem da língua para

¹ Como um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas.

reforçar seu poder, demonstram interesse em tornar o signo ideológico (que é, por natureza, vivo e móvel) como algo monovalente, além de definirem seus valores por meio de seu letramento. Da mesma forma, a língua pode ser usada para criar empoderamento, para constituição de identidades e para afirmação da história, cultura, autoestima e identidade de determinados povos, grupos ou classes.

A construção poética dos textos dos alunos-poetas do **Arte e Intervenção Social** encontra, em sua linguagem, um meio de resgatar a identidade deles enquanto cidadãos periféricos. Trata-se, assim, de uma arte de resistência e de luta social. O produto da interação viva das forças sociais é a própria palavra e o signo é o lugar, a arena, em que a luta de classes se desenvolve.

O letramento enquanto prática social

A partir dessas concepções, que privilegiam a dimensão social e ideológica da linguagem, compreendemos a escrita numa perspectiva transcultural, concebendo-a em diferentes contextos, indo além de uma concepção dominante que reduz a escrita a um conjunto de capacidades cognitivas que pode ser medida nos sujeitos.

Nossa preocupação, neste artigo, incide em entender como alunos podem usar e o que podem fazer com suas práticas letradas em seu contexto social e histórico, refletindo sobre suas vivências, nas quais diferentes relações de poder e ideologias atuam. Assim, a escrita criativa deles deve ser compreendida em termos de práticas concretas e sociais, pois os textos que eles escrevem são produtos da cultura, da história e dos discursos.

Nessa abordagem, concordamos com Kleiman (2008, p. 18), que define “o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Compreender a escrita nesses termos implica reconhecer a multiplicidade de práticas letradas, em vez de supor que exista um letramento único.

Street (2014) distingue dois modos de se pensar o letramento: o modelo autônomo e o modelo ideológico. O primeiro refere-se a uma visão dominante da escrita como uma habilidade “neutra”, técnica, pressupondo uma maneira única e universal de desenvolvimento do letramento. No âmbito educacional, essa concepção

de letramento trata as instituições, o texto, os sujeitos de forma homogênea, independentemente do contexto social. Ao desviar a atenção de variáveis sociais mais complexas, o foco num modelo autônomo de letramento relaciona integralmente a aquisição do letramento com os modos a capacidade cognitiva, a facilidade com a lógica, abstração e determinadas operações mentais, criando assim uma divisão (que é cultura e intelectualmente nociva) entre “letrados” e “iletrados” ou “analfabetos”, como se uns pudesse raciocinar mais que os outros por conta das habilidades técnicas da escrita. Uma das consequências sociais desse modelo é o estigma que surge devido à associação equivocada de dificuldades de leitura e/ou escrita com o atraso mental ou ignorância, pois muitas pessoas que são consideradas (ou se consideram) incapacitadas, grande parte das vezes, possuem apenas pequenas dificuldades com a ortografia ou simplesmente possuem uma pronúncia não padrão.

Em oposição à perspectiva autônoma do letramento, orientada pela fixação de um único critério objetivo para as habilidades, Street (2014) enfatiza a natureza social do letramento, adotando uma visão etnocêntrica e hierárquica, que privilegia as variedades praticadas em contextos reais. Para o autor,

As condições sociais e materiais afetam (se é que não determinam) a significação de uma dada forma de comunicação, e é inadequado (senão impossível) deduzir do mero canal quais serão os processos cognitivos empregados ou as funções que serão atribuídas à prática comunicativa (STREET, 2014, p. 17).

O conceito de letramento, enquanto prática social, é relacionado ao comportamento e às conceitualizações sociais e culturais que conferem sentido aos usos da leitura e da escrita. Para sustentar essa concepção, Street (2014) oferece relatos etnográficos específicos de práticas letradas, mostrando como o impacto da cultura e das estruturas político-econômicas é mais significativo do que o impacto das habilidades técnicas atreladas à leitura e à escrita quando o letramento é promovido por “forasteiros”.

O primeiro relato que o autor usa, a fim de explicar como aspectos mais profundos de ideologia, cultura e até epistemologia são vinculados à aquisição de letramento, é a descrição de como os normandos introduziram o letramento

na Inglaterra Medieval, fato que implicou não apenas numa mudança de procedimentos técnicos, mas numa mudança de pensar todo um panorama cultural. Segundo Street (2014, p. 46), direitos à terra e alegações de veracidade eram validadas no século XI, por exemplo, pela exibição de espadas; já no século XIV, a validação era feita por cartas datadas, que não representavam apenas uma questão “técnica”, pois possuíam uma significação legal e prática.

Street (2014, p. 48-49) também resgata aspectos gerais do desenvolvimento do letramento em Madagascar no século XIX. Ele discute como a adoção da forma escrita representou para os merinas uma forma de revidar o ataque dos recém-chegados, uma vez que se valeram da escrita para propósitos administrativos e ideológicos, reafirmando sua história e costumes contra a ameaça política de predadores externos.

Ao retomar seu trabalho de campo etnográfico no Irã, Street (2014, p. 53-58) afirma que as percepções e usos locais do letramento podem ser diferentes dos de uma cultura dominante. O antropólogo mostra como os alunos da aldeia *maktab*, durante as décadas de 1960 e 1970, foram preparados pela escola corânica local, recebendo uma base importante para que alguns aldeões construíssem uma forma de letramento “comercial” que lhes permitisse lucrar com a alta do petróleo; em contrapartida, muitos outros estudantes do sistema educacional estatal tiveram dificuldades para conseguir o emprego que seus pais projetavam, uma vez que a educação urbana não os preparava para aquele tipo de trabalho.

O letramento é, em qualquer grupo, “o que ele é nos contextos em que é vivenciado” (STREET, 2014, p. 97). Por conta disso, professores de língua portuguesa, sobretudo quando o assunto é produção textual, precisam reconhecer a extensão de semelhança entre práticas letradas na comunidade, em casa e na escola, percebendo o traço comum entre elas, derivado de processos culturais e ideológicos mais amplos.

Street (2014, p. 161) ainda alerta que o modelo ideológico envolve o autônomo, isto é, os modelos não estabelecem uma dicotomia no campo, pois todos os modelos de letramento podem ser entendidos como um arcabouço ideológico. Somente na superfície, os modelos autônomos parecem “neutros”; assim, os que preservam essa visão autônoma são os responsáveis por haver essa divisão. Teóricos

que aderem o modelo ideológico não rejeitam a importância de aspectos técnicos da leitura e da escrita, apenas consideram que tais aspectos estão sempre ligados a práticas sociais particulares.

A partir dessa concepção de linguagem, que leva em consideração os aspectos históricos, antropológicos e culturais ao se pensar em um texto, o projeto **Arte e Intervenção Social** não teve como foco o desenvolvimento de habilidades técnicas da escrita ou a visão de que o ensino de letramento teria relação direta apenas com os modos de raciocinar e com as capacidades cognitivas dos alunos. O propósito não foi trabalhar a linguagem escolar por meio da literatura, já que a nossa preocupação não incidia em ensinar os usos formalizados da língua ou em desenvolver habilidades técnicas de escrita. Os exercícios de escrita literária elaborados para os encontros do projeto serviram para uma reflexão acerca de nossas identidades e de nossas realidades. A língua não foi tratada como se fosse algo externo aos alunos ou como se ela não tivesse ligação com fatores sociais. Desse modo, as ações desenvolvidas no projeto colaboraram “não para a adaptação do cidadão às exigências sociais, mas para o resgate da autoestima, para a construção de identidades fortes, para a potencialização de poderes (empoderamento, *empowerment*) dos agentes sociais, em sua cultura local” (ROJO, 2009, p. 100). Diante disso, no projeto, os poemas dos alunos-poetas não se limitaram a uma questão de habilidade ou conhecimento, antes são práticas sócio discursivas que contribuem para constituir identidades sociais (KLEIMAN, 1995).

Marcas ideológicas em versos de resistência

Os poemas escritos pelos alunos-poetas do **Arte e Intervenção Social** revelam como a escrita criativa para eles se tornou um “lugar” em que tiveram a possibilidade de elaborar formas de superação no que concerne a determinadas crises próprias de uma realidade jovem e periférica. O poema escolhido para a análise deste trabalho, a saber, “Condenação”, escrito por Pedro Boal e também publicado na coletânea de poesias *Entre versos controversos: o canto de Itaquera* (2015), mostra como um texto pode ser visto como um espaço de acolhimento no

qual adversidades são tratadas. Trata-se, então, do uso de uma prática letrada, em contexto social e histórico específico, que reflete as vivências e ideologias do autor.

Se os merinas se valerem da escrita para resistir à ameaça política de outros povos, conforme vimos nas pesquisas de Street (2014), Pedro Boal se vale de sua poética para reafirmar suas posições políticas e ideológicas. Assim, analisando os aspectos ideológicos nas linhas escritas pelo jovem autor, podemos compreender como sua poesia se configura como um meio de resistência.

Condenação

Fui julgado pela rosa vermelha que desabrochou em minha boca
Por não carregar uma suástica suja pela vida em meu braço
Por proteger com meu corpo as vidas enraizadas em um solo de serras e facões
E não ter cruzado minhas pernas e calar-me

Fui julgado por gingar com aqueles que tentavam me possuir
Por não colocar meu coração em salmoura loura e pálida
Por dar uma página nova a uma vida
E suaves linhas que formavam a minha amarga verdade

Fui julgado pela minha boina vermelha que carregava uma rosa sem cheiro
Por escurecerem meu rosto com a luz da ambição
Por não ter me calado diante da plateia
Fui julgado por ter amado o próximo como a mim mesmo

Quem me condenou?
Aqueles que mantêm o cérebro em livros e ternos
E o coração em aterros

Fonte: *Entre versos controversos: o canto de Itaquera*, 2015, p. 216.

Em seu poema, Pedro Boal não assume características formais de versificação. No entanto, ainda que com versos livres, sem metrificação, estribilho ou rimas, sua estrutura é regular. Formado por três quartetos e um terceto, a disposição das estrofes possui o seguinte esquema: nas três primeiras estrofes, o sujeito estético

explica como se dá a condenação, isto é, de que forma ele é julgado e quais os motivos que o levam a ser “réu”; já na última estrofe, há um elemento surpresa, pois, em vez de revelar qual seria a medida punitiva para essa condenação, ele revela apenas quem são os “juízes” desse caso. Esse movimento do texto, complementado pelo título, permite supor ao menos duas situações: ou o sujeito estético foi réu condenado, ou se trata de uma última defesa diante de um “tribunal”.

Para entendermos essa defesa, percebemos que Pedro Boal opta por não dar ao leitor uma superfície fácil para levantar recursos que ajudem no nível do significado. Não há “pistas” nos elementos materiais, restando, então, o plano semântico para analisar, já que o poema é rico em linguagem conotativa. Acreditamos que, para explorar as possibilidades desse poema, o caminho mais fácil é conhecer um pouco das leituras do aluno-autor, bem como sua própria visão de mundo.

Pedro Boal compôs esse poema após um dos encontros de nosso projeto em que estudamos o poema “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade (2014, p. 143-144), publicado no livro **A rosa do povo**, sobre o qual também comentamos, de forma breve para os alunos-poetas, a fim de mostrar alguns dos ideais que estão atrás das linhas dessa obra. Nesse sentido, aquela “flor ainda desbotada” cuja “cor não se percebe”, cujas “pétalas não se abrem, e que “ilude a polícia” e “rompe o asfalto”, é a mesma flor que aparece no primeiro e nono verso do poema de Pedro:

“Fui julgado pela rosa vermelha que desabrochou em minha boca”

“Fui julgado pela minha boina vermelha que carregava uma rosa sem cheiro”

A rosa e boina vermelhas representam o símbolo do socialismo. A rosa sem cheiro carregada pela boina reflete aquela flor feia, mas que é ainda uma flor que fura o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio no poema de Drummond. No poema de Boal, há uma rosa sem cheiro, mas ainda uma rosa. À vista disso, o sujeito estético é julgado/condenado por conta de um ideal em que resolveu acreditar e seguir. Observamos que a cada verso, Pedro Boal lança uma “imagem” ora para representar o que ele considera ser de esquerda, ora para representar aquilo que está, para ele, distante dessa esquerda, ou até mesmo para caracterizar a barbárie.

A concepção de esquerda de Boal dialoga com a conceitualização de esquerda de Gilles Deleuze (1925-1995)². Para o filósofo francês, ser de esquerda é uma questão de percepção. Já o fato de não ser de esquerda é como um endereço postal que, partindo-se de si próprio, pensa na melhora da rua em que se está, depois da cidade, do país, dos outros países e, assim, cada vez mais longe; começa-se por si mesmo e, sendo privilegiado, costuma-se pensar em como fazer para que a situação perdure. Ser de esquerda é o contrário, é perceber o contorno, começar pelo mundo, depois o continente, o país, até chegar a própria rua e a si próprio. Trata-se de um fenômeno de percepção, que percebe o horizonte e que, mesmo longe – na África, por exemplo – é capaz de pensar nos problemas de fome que lá devem ser resolvidos. Não em nome da moral, mas da própria percepção, que devem ser resolvidas as injustiças, ainda que privilégios próprios sejam sacrificados. Ser de esquerda é entender que os problemas do terceiro mundo estão mais próximos de nós do que os de nosso bairro. Deleuze ainda completa que ser de esquerda é ser ou devir minoria, pois ser maioria é algo que supõe a existência de um padrão (no caso do ocidente, o padrão é ser homem, adulto, heterossexual); quem obtém a maioria é quem realiza esse padrão que, na verdade, é uma categoria vazia. Portanto, a esquerda também é o conjunto de processos minoritários, que entende que a minoria é todo mundo. Levando tais conceitos em consideração, podemos entender como essas concepções sobre a esquerda aparecem no poema de Pedro Boal.

Essa capacidade de percepção aparece no texto “Condenação” num viés cristão: O verso 12 (“Fui julgado por ter amado o próximo como a mim mesmo”) faz referência ao texto de Mateus 22:39 da Bíblia (1997, p. 1368): “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. A forma que o sujeito estético encontra para desenvolver esse fenômeno da percepção, para compreender os problemas do outro, é colocando-se no lugar dele, num movimento de alteridade³. Interessante observar que o

² Deleuze explica esses conceitos sobre a esquerda em uma entrevista que está disponível no YouTube. O link para assisti-la é: <https://www.youtube.com/watch?v=_Wer1VGBZi8>. Acesso em 15 set. 2016.

³ De fato, ao passo que essa concepção de esquerda cria diálogo com a de Deleuze, também se distancia, uma vez que, para o filósofo, ser de esquerda não se trata de desenvolver uma ‘boa alma’, mas sim desenvolver a percepção. Deleuze ainda diz que os japoneses são

sujeito estético se sente julgado não por um erro que cometeu, mas por buscar ser sensível em relação a dor do outro e em relação a contextos que não lhe são próprios, uma vez que ele entende, para retomar a concepção de esquerda de Deleuze, *que os problemas do terceiro mundo estão mais próximos de nós do que os de nosso bairro*. A partir disso, desse viés cristão, à esquerda, Pedro Boal relata quais problemas seriam esses que são mais próximos dele do que os de seu “próprio bairro”.

O primeiro problema que atinge a sensibilidade do sujeito estético é apresentado no verso 2, que remete à dor daqueles que sofreram durante o regime nazista. Ao dizer que foi julgado “por não carregar uma suástica suja pela vida em meu braço”, o sujeito estético mostra que decidiu não se vestir de uma ideologia que prega a intolerância. Boal traz, assim, nos dois primeiros versos, dois símbolos que se contrastam, justamente por representarem duas ideologias que são opostas entre si: a rosa vermelha, representando o socialismo, e a suástica, que retrata a época em que revigorava o nazismo na Alemanha. O adjetivo “suja”, acompanhada do substantivo “suástica”, mostra uma repulsa no que concerne à ideologia nazista.

Há ainda, no poema, outra alusão a esse período. O verso 6, “por não colocar meu coração em salmoura loura e pálida”, é uma referência direta ao poema “Alemanha, loura e pálida”, de Bertolt Brecht (2012, p. 15-16), no qual o dramaturgo e poeta alemão diz:

Nunca mais, nunca mais
Baterá teu coração
Apodrecido, que vendeste
Conservado em salmoura
Em troca
De bandeiras.

criados assim, a fim de enxergarem o mundo começando pelas pontas, não pelo centro; entretanto, não significa que os japoneses sejam de esquerda, mas em um determinado sentido humano, estão “à esquerda”. Acreditamos que a filosofia cristã, baseada numa ótica teológica de amor ao próximo, não se trata de um movimento de esquerda, contudo, é algo que também pode ser considerado à esquerda.

Brecht cria uma sensação de odor daquele líquido que escorre do peixe quando diz que o coração da Alemanha foi conservado em salmoura em troca de bandeiras, de territórios e de poder. Já no poema “Condenação”, o sujeito estético protesta por ser julgado justamente por não colocar seus ideais humanitários “em uma salmoura”.

Não somente Brecht é citado, mas outro personagem que representava uma luta importante dentro da esquerda, a saber, Chico Mendes, cuja referência a ele aparece no verso 3: “Por proteger com meu corpo as vidas enraizadas em um solo de serras e facões”. O trecho “solo de serras e facões” simboliza o contexto ditatorial do Acre nas décadas de 1970 e 1980, em que havia (e ainda há) os “donos da terra” nos seringais. “Proteger com o meu corpo” corresponde à luta de Chico Mendes que lhe custou a própria vida, uma vez que foi assassinado por ser defensor dos direitos dos seringueiros e da floresta, por proteger o ambiente do desmatamento e por amparar as casas e as famílias de pessoas que eram vítimas da violência de fazendeiros.

É no “gingar” com os que tentavam possuí-lo (verso 5: “Fui julgado por gingar com aqueles que tentavam me possuir”) que o sujeito estético encontra uma defesa diante daqueles que conservam a sensibilidade em salmouras, que vestem suásticas sujas e que possuem facões. “Gingar” remete à cultura afro e assume, no poema, símbolo de resistência (por conta da alusão à capoeira). Já a palavra “possuir” tem o sentido de contaminar com a intolerância. Aqueles que tentam “possuir” o sujeito estético são os mesmos que escureceram o seu “rosto com a luz da ambição” (verso 10), isto é, escureceram com o pensamento egoísta, com as atitudes voltadas para o centro de si.

O ponto de grande conflito no poema é o verso 8 (“Por dar uma página nova a uma vida/ E suaves linhas que formavam a minha amarga verdade”), trecho que nos faz considerar esse poema não apenas uma forma de superar a não-aceitação de um jovem em seu círculo social, mas como uma forma profunda de elaboração subjetiva de uma nova identidade. As “suaves linhas” que formaram a sua “amarga verdade” são as “suaves e pesadas” linhas escritas por Brecht, Drummond, entre outros autores, que auxiliaram Pedro Boal a ter uma leitura diferente do mundo. São linhas que não tratam da fuga da realidade, pois mostram o que há também de amargo na vida, apresentando os problemas pelas quais a humanidade passou ao longo de sua história, problemas que existem até hoje devido, talvez, à falta desse

fenômeno da percepção, da alteridade e da sensibilidade nas pessoas. “Dar uma nova página” a si mesmo, por meio das “suaves linhas” é, portanto, reconstruir-se a partir da leitura literária.

Parece-nos que os julgamentos feitos ao sujeito estético não são feitos apenas por conta de seus ideais, mas são por ele decidir não cruzar as pernas e calar-se diante da plateia (versos 4 e 11). A palavra “plateia” sugere que exista um palco, uma apresentação artística. Sendo assim, podemos entender que a forma de não se calar é valendo-se da arte para expressar seus ideais e defender-se do que é tido como desumano.

Na última estrofe, o sujeito estético realiza uma pergunta (“Quem me condenou?” – verso 13) e, em seguida, responde. Essa pergunta retórica aparece no texto justamente para denunciar os que “mantêm o cérebro em livros e ternos” e “o coração em aterros” (versos 14 e 15). A palavra “cérebros” simboliza aqueles que possuem conhecimento, instrução, mas não os usam para benefícios coletivos; já “ternos” representa uma classe dominante que detém o poder econômico, mas que nada faz para mudar as situações de injustiça, antes colaboram para a existência delas. Desse modo, enquanto Brecht diz que o coração da Alemanha foi conservado em salmoura, Pedro Boal vai além ao dizer que os corações daqueles que detém conhecimento e poder aquisitivo estão em aterros, como se fossem resíduos sólidos retirados de um esgoto. Trata-se, portanto, não apenas de um desabafo ou uma defesa frente aos julgamentos, mas uma réplica direcionada àqueles que buscam condenar, com seus discursos e atitudes, o sujeito estético que se encontra numa ideologia voltada para o humano, para o coletivo, que começa pelo contorno do mundo, adentra o continente, o país, e assim vai até chegar a própria rua e dentro de si.

Considerações finais

Em estudos de linguagem, a reflexão sobre a produção de textos poéticos, sobretudo no Ensino Fundamental, nem sempre recebe o mesmo destaque que investigações concernentes a textos dissertativo-argumentativos trabalhados, em geral, no Ensino Médio, por conta das provas de redação, especialmente exames de seleção, como o vestibular.

Desse modo, a partir do poema “Condenação”, do aluno-poeta Pedro Boal, procuramos entender as relações que os poetas do projeto **Arte e Intervenção Social** tiveram com a escrita criativa e os possíveis efeitos das experiências artísticas em suas vidas. Compreender essas relações e efeitos requer estabelecer elos entre teorias que perpassam os campos da linguagem, educação, da estética e até da política. A articulação de conceitos que vão desde a natureza social da enunciação (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2014), até a concepção de arte como mecanismo biológico necessário à vida (VIGOTSKI, 2010), permite-nos considerar os jovens poetas de Itaquera como atores sociais da história que, por meio de suas ações de linguagem poéticas, (re)significaram os usos de sua escrita, refletiram sobre sua realidade e, apropriando-se dela, elaboraram formas de resistir às adversidades.

Os estudos de Bakhtin e Volochínov (2014) fez-nos compreender a linguagem como algo imanente à vida humana e que dialoga intrinsecamente com as experiências culturais de grupos humanos, ajudando-nos a buscar vestígios ideológicos (e dialógicos) expressos na materialidade do texto escrito por Pedro Boal. Com isso, pudemos identificar algumas marcas de identidade cultural a partir das imagens que compõem o poema “Condenação” e compreender a obra *Entre versos controversos*: o canto de Itaquera como um conjunto de poesias que se relacionam dialogicamente entre enunciados que nascem da participação de um sujeito social na interação viva com diferentes vozes. Os jovens autores compuseram textos que se inter-relacionam com dizeres de outros textos/vozes presentes no livro, em outros escritos e até na vida particular e social de cada aluno-poeta, constituindo, dessa forma, diferentes trilhos nos quais os sentidos percorrem.

A partir desse viés, privilegiando a dimensão ideológica dos poemas dos alunos-poetas, refletimos sobre práticas educacionais que não se limitam a ensinar os aspectos técnicos das “funções” da linguagem. Para Street (2014, p. 23), devemos ir além na agenda educacional, ajudando estudantes “a adquirir consciência da natureza social e ideologicamente construída das formas específicas que habitamos e que usamos em determinados momentos”. Levando isso em consideração, buscamos compreender, junto com os alunos, os usos da escrita, especialmente a criativa, em diferentes contextos, concebendo-a como prática social, numa perspectiva transcultural. Assim, da mesma forma que diferentes povos usaram a escrita na

reafirmação de sua história e de seus costumes contra a ameaça política de colonizadores, como nos mostra os estudos de Street (2014), os poetas de Itaquera valeram-se de seus poemas para afirmarem-se como autores de suas histórias e para resistirem à exclusão social, à desvalorização do bairro em que moram, ao preconceito, aos discursos de ódio.

Referências

ALMEIDA, Daniel Carvalho de (org.). *Entre versos controversos: o canto de Itaquera*. Volume II. Águas de São Pedro: Livronovo, 2015.

_____. Arte e intervenção social. In: SÃO PAULO (Cidade). Câmara Municipal. *Projetos premiados 2015*. São Paulo, 2015, p. 06-19.

_____. *Poesia de resistência na escola pública: compromisso ético e formação de identidade*. 2017. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*. Volume I e II. 6 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. do francês de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16 ed. São Paulo: Hucited, 2014.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Do francês de Maria Ermantina G. Gomes. São Paulo, Martins Fontes: 1992.

_____. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Pedro: Pedro & João Editores, 2010.

BEAUGRANDE, Robert de. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and freedom of access to knowledge and society*. Norwood: Alex, 1997.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BIANCHI, Fátima. Posfácio. In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Gente pobre*. São Paulo: Editora 34, 2009, p 174-183.

BÍBLIA Shedd. Português. Bíblia de Estudo Almeida. Revista e atualizada no Brasil. Trad. João Ferreira de Almeida. 2 ed. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo, Contexto: 2005.

BRECHT, Bertold. *Poemas 1913-1956*. 7 ed. São Paulo, Editora 34: 2012.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

CAMPOS, Maria Inês Batista. *A construção da identidade nacional nas crônicas da Revista do Brasil*. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2011.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Ser de esquerda por Deleuze*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kbPUyvIl8hQ>>. Acesso em 15 set. 2016.

DOWBOR, Ladislau. *Educação e apropriação da realidade local*. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10238/11857>>. Acesso em 12 dez. 2014.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JOLIBERT, Josette. Quais os objetivos do aprendizado? Para formar crianças leitoras/ produtoras de poemas. In: _____. *Formando crianças produtoras de textos*. Volume II. Porto Alegre: Artmed, 1994.

KLEIMAN, Angela. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?*. Coleção Linguagem e letramento em foco: linguagem nas séries iniciais. Ministério da Educação. Cefiel/ IEL. UNICAMP, 2005-2010. 65 p.

_____. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

MARX, Karl (1867). *O Capital: crítica da economia política*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. vol. I, T. I. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Economistas).

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34, 2013.

PONZIO, Augusto. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Pedro: Pedro & João Editores, 2010.

RIBEIRO, Luis Filipe. *O conceito de linguagem em Bakhtin*. Disponível em: <<http://revistabrasil.org/revista/artigos/crise.htm>>. Acesso em 01 set. 2015.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

SEVERINO, Antonio Joaquim. O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática. In: Ivani Catarina Arantes Fazenda. (Org.). *Didática e interdisciplinaridade*. Campinas: Papirus, 1998, v., p. 31-44.

SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. As tendências pedagógicas e o ensino-aprendizagem da arte. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Körting (Org.). *Reflexões sobre o ensino das artes*. Joinville: Univille, 2001. v. 1, p. 20-35.

SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/ Medvedev*. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2014.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A educação estética. In: _____. *Psicologia pedagógica*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 323-363.

ZABALA, Antoni. *Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires e Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

A HIPERTROFIA DE UM GÊNERO NO ENSINO DE FÍSICA: ASPECTOS DA SINTAXE E DA SEMÂNTICA NA PRODUÇÃO DE CONCEITOS CIENTÍFICOS

José Luís Nami Adum Ortega
Cristiano Rodrigues de Mattos

Introdução

No final dos anos 1990, o estudo sobre as concepções prévias dos estudantes começa a indicar que o processo de ensino e aprendizagem em ciências não mais deveria ser visto como a substituição dos conceitos que os indivíduos já possuem antes do processo de ensino pelos novos conceitos científicos. Essas concepções, que permanecem nos indivíduos mesmo após o processo de ensino, necessitam ser redimensionadas e valorizadas dentro de seus contextos de validade, dada uma situação comunicativa.

Sem incorrer num relativismo esterilizante, essa nova perspectiva conduziu à valorização da riqueza discursiva dos estudantes e à ênfase na negociação de significados nos espaços comunicativos em que interagem diferentes perspectivas culturais e visões de mundo. Assim, as interações discursivas (simbólicas) mediadas pelo professor são consideradas como fundamento do processo de construção de significados para a formação de uma cultura científica (MORTIMER, 2000).

Dessa maneira, o foco do processo de ensino e aprendizagem desloca-se dos processos individuais de entendimento para os processos mais amplos que envolvem desde os micro-contextos das situações de sala de aula, até os contextos sociais nos quais a escola se insere. A necessidade de se compreender as interações que se operam nesses múltiplos contextos impõe o resgate de uma perspectiva complexista, sócio-histórica e sócio-cultural (RODRIGUES; MATTOS, 2007).

Essa matriz teórica torna central o problema das interações sociais para a compreensão dos processos de significação que selecionam, na polissemia dos signos e na polifonia das vozes sociais, aquilo que expressará determinado contexto, determinada visão de mundo, determinada intenção comunicativa de um indivíduo diante um grupo social organizado, e aquilo que será internalizado pelos indivíduos (BAKHTIN, 1995).

Esse referencial tem gerado um programa de pesquisa que procura responder como os sentidos são criados, negociados e estabilizados (significados) por meio do uso da linguagem em atividades específicas da esfera educacional. (KUBLI, 2005). Entretanto, pouco é conhecido ainda sobre como os professores estruturam as atividades e o processo comunicativo pelo qual os estudantes constroem significados, sobre como essas interações são produzidas e sobre como os diferentes tipos de discurso se estabelecem na atividade escolar e podem auxiliar o ensino e a aprendizagem de ciências.

Por isso, queremos contribuir com reflexões e ferramentas de análise do discurso que, embora amplamente empregadas em disciplinas humanísticas, ainda estão pouco exploradas nas investigações para ensino de ciências. É nessa perspectiva que pretendemos tratar alguns aspectos semiótico-enunciativos da resolução de problemas, entendida aqui como gênero característico e dominante no ensino de ciências. (BAKHTIN, 2003)

Qualquer que seja a concepção ou modelo teórico de resolução de problemas, temos de estabelecer algumas relações entre modelos que representem os estados cognitivos dos sujeitos e suas atuações ao resolver um problema. Uma revisão do tema pode mostrar uma diversidade de enfoques teóricos e metodológicos que vão desde a psicologia comportamentalista aos rincões da inteligência artificial. Apesar da diversidade de enfoques, poucos são os dados que dão conta dos eventos interativos em sala de aula e de suas formas enunciativas típicas. No caso da resolução mecânica de problemas, Gil-Perez e Martinez-Torregrosa (1987) identificaram o *operativismo mecânico* como a resolução sem uma reflexão sobre os significados dos elementos que compõem o problema. Pozo (1998), por exemplo, identifica a noção de algoritmo “sobreaprendido”, no qual “o aluno realiza um cálculo pela aplicação automática de um procedimento, sem pensar os conceitos que ele

envolve” (POZO, 1998, 36). Esses enfoques, em sua maioria, tratam a resolução de problemas do ponto de vista epistêmico, que assume a prática de resolução de exercícios e problemas como um fato, uma relação estabelecida, apenas procurando aprimorá-la. Neste trabalho, queremos problematizá-la, por isso, pretendemos acrescentar uma perspectiva semiótico-enunciativa-cultural à modelagem da resolução de problemas, que nos conduz a uma crítica da persistência de certas formas enunciativas e a um aprofundamento da reflexão sobre a construção de conceitos e os sentidos da prática escolar. Para isso, tomamos como base o modelo de perfil conceitual ampliado (MATOS e RODRIGUES, 2007), cujo pano de fundo é a teoria histórico-cultural de Vigotski (2001).

Delineando o problema de pesquisa: Enunciados vazios, um exemplo da literatura nonsense

Para elucidar alguns aspectos linguísticos de nossa análise, centrada em certas formas enunciativas típicas do ensino de ciências, apresentamos abaixo um poema, fragmento da obra de Lewis Carroll (1871), considerado um dos maiores poemas *nonsense* da língua inglesa. Escolhemos esse poema porque ele representa bem nosso problema de pesquisa sobre o esvaziamento semântico de certos tipos de enunciado científicos da esfera educacional, como analisaremos a seguir.¹ Na obra, *Alice através do espelho*, a própria Alice lê esse poema e se surpreende com ele. Fazemos sua leitura antes de mais nada. Lado a lado, estão a tradução em português (CAMPOS², 1971) e o original em inglês (CARROLL, 2002).

¹ Na exploração que fizemos da edição comentada de *Alice através do espelho*, descobrimos que o poema *Jabberwocky* foi muito mencionado pelo astrônomo Arthur Eddington para satirizar a produção científica de sua época, acusando-a de estabelecer relações tão abstratas e fantasiosas como no poema. Chega a escrever, num tom irônico, que se substituíssemos, na descrição atômica da matéria, as palavras oito *elétrons*, por oito *slithy toves*, mantidos os números, não haveria prejuízo algum na descrição fenomênica. (CARROLL, 2002, p. 147)

² Augusto Luís Browne de Campos (São Paulo, 14 de fevereiro de 1931), é um poeta, tradutor e ensaísta brasileiro. Um dos criadores da Poesia Concreta, junto com seu irmão, Haroldo de Campos, e Décio Pignatari.

O Jaguadarte

*Era briluz, e as lesmolisas touvas
roldavam e reviam nos gramilvos.
Estavam mimsicais as pintalouvas,
E os momirratos davam grilvos.*

*“Foge do Jaguadarte, o que não morre!
Garra que agarra, bocarra que urra!
Foge da ave Fefel, meu filho, e corre
Do frumioso Babassura!”*

*Ele arrancou sua espada vorpal
e foi atrás do inimigo do Homundo.
Na árvore Tamtam ele afinal
Parou, um dia, sonilundo.*

*E enquanto estava em sussustada sesta,
Chegou o Jaguadarte, olho de fogo,
Sorrelfflando através da floresta,
E borbulia um riso louco!*

*Um dois! Um, dois! Sua espada mavorta
Vai-vem, vem-vai, para tras, para diante!
Cabeca fere, corta e, fera morta,
Ei-lo que volta galunfante.*

*“Pois entao tu mataste o Jaguadarte?
Vem aos meus braços, homenino meu!
Oh dia fremular! Bravooh! Bravarte!”
Ele se ria jubileu.*

*Era briluz, e as lesmolisas touvas
Roldavam e reviam nos gramilvos.
Estavam mimsicais as pintalouvas,
E os momirratos davam grilvos.*

Jabberwacky

*‘Twas brillig and the slithy toves
Did gyre and gimble in the wabe.
All mimsy were the borogroves
And the mome raths outgrabe*

*“Beware the Jabberwock my son!
The jaws that bite, the claws that catch!
Beware the Jubjub bird
And shun the frumious Bandersnatch!”*

*He took his vorpal sword in hand
Long time the manxome foe he sought
So rested he by the Tumtum tree,
And stood awhile in thought.*

*And, as in uffish thought he stood,
The Jabberwock, with eyes of flame,
Came whiffing through the tulgey wood,
And burbled as it came!*

*One, two! One, two! And through and through
The vorpal blade went snicker snack!
He left it dead, and with its head
He went galumphing back.*

*And hast thou slain the Jabberwock?
Come to my arms my beamish boy!
O frabjous day! Callooh! Callay!
He chortled in his joy.*

*‘Twas brillig, and the slithy toves
Did gyre and gimble in the wabe.
All mimsy were the borogroves,
And the mome raths outgrabe.*

Essa é uma curiosa tradução, pois palavras inexistentes em ambos os idiomas. O poeta, trabalhando com as palavras inventadas (*brilight* e *briluz*) e brincando com a semelhança de sonoridade dos vocábulos (*galumphing* por *galunfante*), conseguiu produzir um efeito de narrativa fabulosa.

O poema é narrado em terceira pessoa e podemos depreender que se trata de um herói, ou um cavaleiro que enfrenta um ser fantástico, o Jaguadarte ou Jabberwacky, num campo, durante o dia.

Poema acima, lido para crianças, sempre produz impacto, reações de estranhamento, riso e questionamento, por que reconhecem certas estruturas do gênero narrativo, mas não reconhecem as palavras. Chegam a expressar imagens e cenários que vislumbram, propõem uma aparência possível para o Jaguadarte como um dragão semelhante ao da ilustração ao lado, mas permanecem num estado de indefinição e dúvida.

Na história de Alice, quando ela mesma termina de ler o poema, comenta: “Parece muito bonito (...) mas é um pouco difícil de entender (...) Seja como for, parece encher minha cabeça de ideias, só não sei exatamente que ideias são.” (CARROLL, 2002, p. 145). Todo professor de física já ouviu comentário semelhantes sobre sua disciplina.

A interpretação dessas palavras é aberta e depende da forma como a história é lida, da entonação, dos referenciais de cada indivíduo que a lê e do contexto em que a história é lida. Esses elementos, de maneiras bem distintas, carregarão de significados as palavras criadas e recriadas pela narrativa.



Figura 1: Ilustração do ser fantástico Jabberwacky (CARROLL, 2002, p. 144).

A modelagem do problema: aspectos sintáticos e semânticos na compreensão de enunciados vazios.

O mais importante, para os objetivos deste trabalho, é que a narrativa opera com palavras sem significado. Embora o texto de Carroll preserve, tanto no original quanto na tradução, a estrutura sintática da língua, com seus nexos frasais, ele não tem, ou tem pouco, conteúdo semântico. Dessa maneira, o que confere verossimilhança ao texto é esse aspecto reconhecível por uma audiência determinada, que possibilita sua fruição e algum tipo de entendimento, característico do gênero literário de narrativa fantasiosa em verso. Esse gênero, com seu conteúdo temático e estilo de linguagem típicos de aventura: “Era uma vez ...” e sua construção composicional e estrutura sintática em versos, característicos, antecipa, norteia e organiza nossa leitura e percepção do enunciado como um todo. (BAKHTIN, 2003).

Carroll brinca com o poder que um gênero tem de carregar de significados as palavras vazias do poema. Por exemplo, a palavra ‘momirratos’ pode sugerir um ser semelhante ao rato, talvez um rato corpulento com aparência de porco, de pelagem cinza e espessa. No entanto, essa sugestão é uma ilusão resultante da estrutura narrativa, das semelhanças de sonoridade, da forma como o poema é lido, dos referenciais dos ouvintes etc. São esses aspectos que fazem aflorar as potencialidades e virtualidades semânticas do *Jaguadarte*. É dessa maneira aliás que, mais adiante na história, Alice recebe explicações sobre cada palavra do poema, elaboradas pela personagem Humpty Dumpty. Ele afirma poder explicar todos os poemas que já foram inventados e muitos que ainda não foram e produz com ela um glossário. Trata-se de um sábio, baixo e gordo, de formato oval, a quem Carroll atribuiu a atitude filosófica extravagante dos nominalistas medievais, para quem os nomes são apenas etiquetas criadas para representar toda sorte de seres existentes e singulares, mas não têm relação com a existência das coisas ou suas propriedades. Essa desvinculação do significado com as coisas do mundo que produz esses significados é algo para o qual devemos voltar nossa atenção.

É revelador de como a estrutura composicional de um gênero, sua sintaxe estruturadora dos enunciados, estabiliza e especifica semanticamente esses enunciados. No ensino de gramática, a sintaxe pode prover uma ferramenta poderosa

para a compreensão mais precisa da semântica nos enunciados, estruturação de repertórios de fala e tomada de consciência dos sentidos mobilizados nesses repertórios (SILVA, 2009).

Pelo entendimento da sintaxe, não como enunciados fragmentados e isolados, mas na perspectiva da totalidade da fala, é possível compreender os processos de significação e ressignificação das palavras, a transformação da língua e de sua evolução, pois, são as formas sintáticas que mais se aproximam das formas concretas da enunciação, dos atos de fala vivos. (BAKHTIN, 1995)

Mesmo quando lidamos com enunciados isolados, fragmentos típicos de manuais de pedagogia da gramática, o conhecimento da sintaxe nos permite entender processo de especificação semântica. Por exemplo, quando conseguimos diferenciar a palavra casa em uma frase do tipo:

“O padre casa pessoas na casa de Deus”,

é porque localizamos o verbo casar (conjugado na terceira pessoa do presente do indicativo) e o substantivo casa (*moradia*, no adjunto adverbial do predicado). Trata-se de uma definição precisa de significado orientada pela sintaxe de estruturas gramaticais que trazemos internalizadas. Porém, como no exemplo a seguir, se analisarmos estritamente o aspecto lógico da sintaxe, os critérios de diferenciação podem falhar na tradução da sentença proposta: “The priest house people in the house of god” (Google Tradutor, 2008), em vez de “The priest marries people in the house of god” (Powertranslator, 2008). Assim, apesar da estrutura sintática correta, a compreensão do enunciado não foi garantida.

Apesar de conferirem e definirem o valor semântico, as regras sintáticas prescindem da semântica. No texto de Carroll, a ausência de significados não permite uma visualização definida, específica, contextualizada das imagens sugeridas pelo texto, mas a preservação das regras sintáticas nos possibilita perceber a conexão e a relação que as palavras estabelecem entre si. Sua força lógica que nos cria a ilusão da narrativa permite-nos até mesmo elaborar um exercício de compreensão textual ou uma análise sintática. Podemos exemplificar isso analisando uma oração com sujeito, verbo, complementos e adjuntos. Neste enunciado, por exemplo:

“E os momirratos davam grilvos”,

podemos identificar-lhe o sujeito do verbo ‘dar’: ‘quem dava grilvos’? A resposta, certamente, será: ‘os momirratos’, um possível ser, um substantivo.

Notemos que não é necessário saber o que são ‘momirratos’, nem o que são ‘grilvos’ para identificarmos o sujeito. Localizar o sujeito praticamente independe dos conteúdos semânticos do enunciado, contudo depende das regras lógicas da sintaxe que determinam suas posições na ordem frasal (sujeito-verbo-predicado) e atribuem-lhe substantividade.

Podemos, também, localizar um adjunto adverbial no predicado, perguntando *onde* ao verbo desta outra frase:

“As lesmolisas touvas roldavam e reviam nos gramilvos”

‘Onde roldavam e reviam as lesmolisas’? A resposta será: ‘nos gramilvos’.

Os dois casos exemplificam como é possível operar exclusivamente com a lógica da sintaxe para produzir um certo nível de compreensão textual e manipular a relação dos termos num enunciado. Nesse nível de análise textual, não necessitamos definir significados.

Analogamente, um enunciado de mecânica na Física, como o que se segue, pode ser manipulado somente no nível de operação das regras lógicas e formais:

“Uma força F de 20N atua sobre um corpo de massa m igual a 5kg.”

Podemos perguntar-nos qual a aceleração do corpo com essa massa submetido a essa força. Simplesmente, substituímos o valor na equação $F = m \times a$, o que nos leva a “ $20 = 5 \times a$ ”, usando as regras algébricas obtemos $a = 4 \text{ m/s}^2$.

É comum vermos alunos de Física recorrerem aos formulários e tentarem encaixar os valores expressos nos termos do enunciado, respeitando as regras lógicas, mas sem uma compreensão clara dos modelos e grandezas ali envolvidos.

O frequente esquecimento dos alunos na indicação de unidades de medida ($a = 4$) pode ser uma evidência da falta de significado físico, falta de semântica dos

conceitos com os quais estão trabalhando. Ou mesmo, a descoberta casual de que a unidade de medida N (Newtons) refere-se ao cientista Isaac Newton, por isso deve ser escrita em letra maiúscula, mostra quão desconectados esses enunciados estão de sua origem, sua história, suas condições de produção.

Os “divertidos” recursos mnemônicos para que os alunos consigam lembrar-se das fórmulas são outra faceta dessa realidade como, por exemplo, as famosas frases utilizadas entre alunos brasileiros, entre as quais destacamos aquela relativa à equação de Clapeyron:

$$P \times V = n \times R \times T$$

que é memorizada com a seguinte sentença: “**P**or **V**ocê = **N**unca **R**ezei **T**anto”. Ou ainda, na cinemática, a função horária da posição com relação ao tempo:

$$s = s_0 + v \times t$$

reduz-se a uma só palavra: “sorvete”. Nas conversas de cursinho, em *chats* de apoio à distância ao estudante, esses enunciados chegam a se tonar irreconhecíveis para quem não está imerso nesse contexto enunciativo:

Tabela 1: Conversa em chat de cursinho

Aluno 2 # Enviado: 24/mar/07 17:40:
‘Tentei com sorvetão tá dando vinte...’
Aluno 1 # Enviado: 24/mar/07 17:40
‘Não tô conseguindo resolver com sorvetão...’
Veterano # Enviado: 24/mar/07 17:49
‘Acho que enrolei demais... deve haver um jeito mais prático de resolver isso.’
Veterano # Enviado: 24/mar/07 18:24
‘Quase nada ... tá tudo no formulário ... eh só substituir com sorvetão mesmo ... $0,25H=0+10t^2/2$ (Sorvetão pra delta $S=0,25H$)’
‘ $0,75H=10t+5$ (Sorvetão pra delta $S=0,75H$ com $v_0=0+10*t$ (voat))’
‘Dai $t=1$ (esse t eh pra andar 0,25 H)’
‘Logo o tempo total eh $t=2$ ’
‘Daí vc pega uma das equações e ve q o H dah 20 como o rapá aih em cima disse’

Nesse nível de operacionalidade, um enunciado ou problema de Física não precisa ser compreendido para ser manipulado. Aliás, essas formas enunciativas são abundantes nos livros didáticos e avaliações de ensino médio no Brasil há mais de quarenta anos. A guisa de exemplo, compare as duas questões de eletrostática que caíram em provas de ensino médio em particulares colégios de São Paulo. A primeira é de 1989 e segunda de 2005.

2º) DETERMINE A QUE DISTÂNCIA DEVEM FICAR LOCALIZADAS NO VÁCUO, DUAS CARGAS PONTUAIS IDÊNTICAS, DE MÓDULO $1\mu\text{C}$, PARA QUE A INTENSIDADE DA FORÇA DE INTERAÇÃO ELETROSTÁTICA ENTRE ELAS SEJA DE 30N .

Ex.-3 A que distância deve ser colocada duas cargas positivas e iguais a $1\mu\text{C}$, no vácuo, para que a força de repulsão elas tenham intensidade de $0,1\text{N}$?

$|Q_1| |Q_2|$ $d^2 = 9 \times 10^{-12} \cdot 1 \times 10^{-12}$ $d = 3 \times 10^{-1} \text{m}$

A leitura de um enunciado de um problema em Física envolve uma complexa rede de significações, modelagens de mundo, recortes valorativos que influenciam

a escolha de dados, caldos paradigmáticos que determinam o significado dos conceitos envolvidos. Nessa perspectiva, uma fórmula como a da gravitação universal $F = \frac{G.M.m}{R^2}$ representa muito mais que uma operação matemática quantitativa, ela expressa a construção um modelo de universo regido por forças fracas, radiais, inversamente proporcionais à distância, são a síntese da visão de mundo de um universo mecânico, produzida num certo momento do desenvolvimento histórico da sociedade ocidental etc.

Uma fórmula como uma síntese paradigmática é a forma mais simplificada de expressar uma visão de mundo, um modelo de natureza. Sem essa dimensão, não há Física. Enunciados como “uma onda luminosa é refletida num anteparo”, “um satélite num campo gravitacional com uma certa velocidade” tornam-se tão vazios de significado como as “lesmolisas touvas” do *Jaguardarte*. Cumprem, apenas, o papel de permitir que o aluno relacione operacionalmente as grandezas para a resolução de um enunciado lógico: sintático ou matemático.

Manejar fórmulas, encontrar atalhos na resolução de exercícios, operar logicamente com os enunciados da física, são atividades que cumprem um papel importante no ensino de Física para estruturar e tornar complexo seu repertório enunciativo. É uma importância semelhante a que o estudo de escalas musicais cumpre para o estudante de música: adquirir destreza e reconhecer certos padrões de solução (POZO, 1998). No entanto, praticar escalas ainda não é produzir música, assim como esse nível de resolução de exercícios ainda não é Física em sua dimensão enunciativa plena. Por isso, é preciso uma preocupação especial para não nos restringirmos a ele, como acontece em grande parte do ensino brasileiro.

Como decorrência, o ensino de Física fica reduzido a um formalismo asséptico, no qual a apropriação que o aluno faz dos conhecimentos se dá mecanicamente pela reprodução irrefletida de seqüências lógicas, sem internalizar a rede de significados que aquele determinado assunto representa. Trata-se, em última instância, de uma espécie de adestramento, que permite aos alunos manipularem relações e conceitos, em certos gêneros, que prescindem de uma reflexão os modelos de realidade a eles vinculados e do domínio de uma diversidade de formas enunciativas e gêneros relacionados a outros contextos.

Estudantes que têm dificuldade em Física costumam vê-la como uma disciplina distante da vida real, o conhecimento físico se restringe a uma coleção de fatos, fórmulas e métodos de solução de problemas, em suma, uma linguagem hermética e não uma possibilidade de compreensão mais profunda do mundo. Essa visão engendra uma concepção de aprendizagem centrada na memorização mecânica. (HAMMER e ELBY, 2003, p. 54)

Consequentemente, esgota-se, na sala de aula, o valor do conhecimento que não se incorpora à visão de mundo do aluno. O curioso é que esse esgotamento não é privilégio do aluno. O próprio professor que apresenta o discurso como um todo coerente e funcional não se apropria dele fora do espaço da sala de aula, ou, se o faz, é de maneira muito superficial. Afinal, nós nos construímos como professores dentro do ambiente educacional já cindido.

Se lançarmos um olhar panorâmico para o ensino tradicional, perceberemos que os professores não são treinados para identificar os elementos da realidade na qual se inserem nem para refletir sobre a imagem que fazem do mundo, sobre as necessidades específicas de seus alunos, sobre os meios de comunicação de que dispõem, sobre as estratégias e objetivos compartilhados etc. São poucas as escolas em que os professores formam grupos de discussão e analisam sua estrutura curricular numa dimensão que vá além da reorganização dos conteúdos tradicionais. Na maioria dos casos, os professores estão à margem desse processo, o que acarreta uma desestruturação de suas habilidades profissionais. (FIEDLER-FERRARA e MATTOS, 2002).

Sua atividade se reduz à reprodução dos conteúdos, normalmente estabelecidos pelo livro didático, de forma pouco refletida, vertical e não-dialógica. Tampouco a instituição escolar consegue definir objetivos para além dessa atividade mecânica de transmissão passiva de conteúdos, nem estabelece mecanismos de medição adequados para avaliar o desenvolvimento dos seus alunos, principalmente por que as avaliações têm mais a função de enquadrar o aluno num ideal de aluno-padrão do que de acompanhar seu desenvolvimento. Os alunos, por sua vez, são depositários passivos do conteúdo e não participam da construção do conhecimento ali produzido.

Implicações do modelo: o problema da Linguagem na construção de significados compartilhados

Para ilustrar as consequências da dominância dessa forma enunciativa, caracterizada pelo operacionalismo sintático na manipulação de enunciados científicos, abordaremos o experimento imaginário da caixa chinesa proposto por Searle (1981). Esse experimento, explora as consequências de vivenciarmos essas formas expressivas fragmentárias e desconectadas das condições reais de produção dos discursos.



Figura 2: Ilustração da caixa chinesa proposta por Searle (1981).

Na caixa chinesa, um homem numa sala dispõe de um livro de regras para usar símbolos chineses. As regras de manipulação dos símbolos restringem-se a operações formais associativas do tipo: *para o símbolo X, pegue o símbolo Y*. Ou seja, estão simplesmente definidas em termos de sintaxe e não de semântica: Na sala, há um cesto com inúmeros símbolos, e o homem desconhece completamente seus significados, mas, por meio do livro de regras, ele pode interagir com mensagens do exterior e respondê-las a contento.

Ainda que o homem adquira cada vez mais prática em responder e manipular os símbolos, nesse sentido, ele jamais chegará a aprender chinês somente por meio dessas operações formais, reduzida a uma combinatória mecânica, repetitiva e vazia, por mais destreza que tenha.

Da mesma maneira, um ensino de Física centrado nesse tipo de operacionalismo não permite a estruturação de um conhecimento genuíno de Física em suas diversas manifestações no ensino: a ciência do laboratório, a ciência do cotidiano, a história e filosofia da ciência, as atividades humanas etc.

A resolução de problemas para que o aluno adquira familiaridade com as grandezas envolvidas, com as fórmulas expressas em linguagem matemática cumpre, como dissemos, uma função importante, mas muito restrita para o ensino de Física, pois ela permite que o aluno adquira certa habilidade na manipulação sintática, mas não o permite estruturar uma semântica. Isso, porque esse nível de operação não assegura a construção de pontes entre o nível de compreensão científica dos alunos e as concepções de ciência que se quer estruturar.

A formação do discurso científico pressupõe um grau crescente de precisão vocabular, rigor formal e impessoalidade, mas não deve restringir-se a isso. Quando consolidada uma linguagem científica, o caráter polissêmico das palavras – átomo, massa, força, energia etc. – vai adquirindo significados mais específicos, dentro de seus contextos de utilização e campos de validade do modelo (RODRIGUES e MATTOS, 2007). Pode-se transitar do primeiro tipo de linguagem, o menos formal e mais individual, ao qualificado de mais “científico” quando se tem uma teia semântica mais estruturada.

As palavras são polissêmicas e seus significados, que representam conceitos, desenvolvem-se na medida em que as relações, na estrutura conceitual dos indivíduos, vão tornando-se complexas durante as interações dialógicas comunicativas, daí a distinção dos contextos de uso. Os significados são produzidos livremente pelo pensamento humano, mas sua origem, apropriação e estruturação em zonas de perfil estão determinadas pelas relações e compromissos que os homens estabelecem entre si e a partir de suas vivências sociais (MORTIMER, 2000).

Conclusão

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como obras de arte e ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. Em cada época e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em vestes verbalizadas (...).

BAKHTIN (2006, p. 294)

Como reconectar os enunciados que utilizamos com contextos de sua utilização, e com as atividades humanas que lhes deram origem e vida? Como escapar à esterilidade semântica a que está submetido o ensino de Física nas suas formas dominantes de circulação?

Em nossa perspectiva, o resgate da semântica se articula pela interação social no desenvolvimento do ser humano organizado em atividade. A manipulação simbólica que caracteriza a linguagem humana em cada esfera de realização, nas diversas atividades sociais, é atualizadora de nossa experiência social e fundadora de nosso contato com o mundo.

Nesse sentido, a formação conceitual de um indivíduo depende de como ele se insere na sociedade, de que atividades participa, e o ensino escolar desempenha um papel crucial nesse processo, tanto na formação de conceitos em geral como na conceitualização científica em particular.

A escola propicia aos indivíduos um conhecimento sistemático sobre aspectos que não estão presentes em sua experiência social. Ela possibilita que o indivíduo tenha acesso ao conhecimento científico construído e preservado por sua comunidade. Por envolver operações que exigem consciência e controle deliberado, permite que os indivíduos se conscientizem de seus próprios processos mentais (metacognição), e percebam a natureza de sua relação entre seu viver social e sua produção simbólica. O “significado” do prisma sócio-interacionista implica a criação de intersubjetividade na comunicação dentro de certas práticas sócias estabelecidas e projetadas para

certo fim. É no estabelecimento de um diálogo entre sujeitos em atividade que se permitirá a determinação do que é significativo, no contexto, entre as novas informações que se apresentam. (RODRIGUES e MATTOS, 2007).

A discussão que desenvolvemos até este momento traz à tona a problemática da escola como uma instituição em que o conhecimento produzido aparece desconectado das práticas sociais da sociedade em que se insere (ZABALA, 2005), o que torna extremamente relevante a questão da produção e negociação de significados e de sua contextualização em atividades estruturadas com sentidos definidos e compartilhadas entre seus participantes (VILA, 1998).

Por esse raciocínio, queremos mostrar que a apropriação que o aluno faz dos modelos de explicação da realidade, elaborados pela ciência, aprimora-se na constelação de interações possíveis que se estabelecem pelos gêneros que manipula em sala: o experimento, o exercício, o livro didático, o artigo científico, o filme de ficção, o relatório técnico, o simulador etc., em múltiplas relações mediadas pelo professor, como um ser que vivencia plenamente esse processo enunciativo. Um ser que dialoga, não um mero repetidor. (FREIRE, 1996).

Consideramos a relação professor/aluno a relação central por meio da qual todas demais se articulam e se recriam no processo da aprendizagem de ciência. É nela que se estabelecem as possibilidades de o aluno construir nexos com o mundo. Esse é um dos aspectos fundamentais da Zona de Desenvolvimento Imediato (ZDI) (VIGOTSKI, 2001) como uma construção compartilhada de significados. O professor, numa perspectiva vigotskiana, é aquele que proporciona à criança, numa relação em que ele se transforma num parceiro mais capaz, a participação em formas de discursos mais sofisticadas que, ao serem internalizadas, reconstroem e ampliam sua capacidade de interagir e compreender fenômenos, aos quais não poderiam ter acesso sem essa interação. O professor oferece apoio e orientações de forma intencional e consciente, criando uma situação em que as potenciais habilidades de compreensão do estudante são ampliadas.

Uma aprendizagem significativa tem como principais fatores o conhecimento prévio e a disponibilidade da estrutura cognitiva na ancoragem de novos conhecimentos. A aprendizagem de nova informação ancora-se em conceitos relevantes preexistentes na estrutura cognitiva do indivíduo, síntese das experiências anteriores

de aprendizado. Em contrapartida, o “significado” do ponto de vista sócio-histórico pressupõe a criação de intersubjetividade na comunicação. É no estabelecimento de um diálogo que se permitirá a determinação do que é significativo, no contexto, entre as novas informações que se apresentam (RODRIGUES; MATTOS, 2007).

Nessa perspectiva, a resolução de problemas deve refletir e refratar um universo de relações, invisíveis ao aluno num primeiro momento, mas que vão tornando-se visíveis, à medida que, pelo diálogo, o aluno sinta a necessidade de incorporar novas formas de ver, de explicar e manipular o mundo, em suma, sinta a necessidade de tornar as palavras vivas. Assim, ele poderá atribuir um valor genuíno a um conhecimento social que passará a compartilhar. Como diria Bakhtin (1995, 95), “Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou sentido ideológico ou vivencial*. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”. Sem a negociação de significados, em atividades enunciativas concretas, as palavras aparecem desconectadas desses conteúdos e a aprendizagem se torna um empreendimento silencioso que serve para reforçar a aceitação do que está dado como um fato, e não à sua transformação.

Neste trabalho, propusemos elementos teóricos para tornar mais claras as relações entre sintaxe e semântica nas interações e negociações de uma atividade comunicativa. A produção e criação negociada de significados, em processos enunciativos vivos, dentro de atividades projetadas, faz parte de um recente programa de pesquisa cujos elementos ainda são pouco conhecidos: a interferência dialógica dos professores na construção de significados; os diferentes tipos de discursos e enunciados; os gêneros do ensino científico e seu papel na aprendizagem, as transformações no valor que os estudantes dão a conhecimento nos processos de interação etc. Esse recorte analítico abre possibilidades para a compreensão das relações entre a aprendizagem, intersubjetividade, criando mais ferramentas para o esclarecimento das relações entre contextos, a estruturação e modulação do perfil conceitual no ensino de ciências.

Referências

BAKHTIN, M., VOLOCHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

CAMPOS, H. *Panorama em Português*. In: *Panorama do Finnegans Wake*. São Paulo: Perspectiva, 1971, PP. 102-103.

CARROLL, L. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2002.

ECHEVERRIA, M.P.P.; POZO, J.I. Aprender para resolver, resolver para aprender. In: POZO, J.I. (org). *A Solução de Problemas: aprender para resolver, resolver para aprender*, Porto Alegre, ARTMED, 1998, p. 13-42.

FIEDLER-FERRARA, N.; MATTOS, C. R. *Seleção e organização de conteúdos escolares: recortes na pandisciplinaridade*. In: VIII Encontro de Pesquisadores em Ensino de Física, 2002, Águas de Lindóia. Atas. São Paulo: SBF, 2002. 1 CD.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL-PEREZ, D. e MARTINEZ-TORREGROSA, J. *La resolución de problemas de Física una didáctica alternativa*. Madrid/Barcelona, Ediciones Vicens-Vives, 1987. p. 10.

GoogleTranslator (2008) <http://translate.google.com/>. Consultado em 01 de abril de 2008.

KUBLI F. *Science Teaching as a Dialogue – Bakhtin, Vygotsky and some Applications in the Classroom*. Science & Education, 2005. 14: 501–534

HAMMER, D. e ELBY, A. Tapping epistemological resources for learning physics. *The Journal of the Learning Science*, 12, 2003, pp. 53-90.

MATTOS, C. R.; RODRIGUES, A.M. Theoretical Consideration about conceptual profile dynamic. In: *European Science Education Research Association Conference, 2007, Malmö*. Proceedings European Science Education Research Association Conference. Malmö : Malmö University, 2007. v. 1. p. 1-12.

MORTIMER, E. F., e Machado, A.H. Anomalies and conflicts in classroom discourse. *Science Educations*. 84, 2000, 429-444.

_____. *Linguagem e formação de cientistas na formação de conceitos no ensino de ciência*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

Powertranslator (2008) LeH™ Power Translator Pro Versão 7.0. Copyright 1993-2000. Lernout e Hauspie Speech Products, N.V.

RODRIGUES, A.M. e MATTOS, C.R. *A noção de contexto no ensino de ciências*. In: XXII Encuentros de Didáctica de las Ciencias Experimentales, Actas del XXII Encuentros de Didáctica de las Ciencias Experimentales. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 2006b. pp. 1-8.

RODRIGUES, André Machado; MATTOS, C. R. *Reflexões sobre a noção de significado em contexto*. Indivisa, Boletín de Estudios e Investigación, v. 7, p. 323-331, 2007.

ROMMETVEIT, R. (1979) *On the architecture of intersubjectivity*. In: Rommetveit, R. e Blakar, R.M. (Eds.). *Studies of language, thought and verbal communication*. London: Academic Press, pp. 93-108.

SEARLE, J. *Minds, Brains e Science*. New York: Penguin Books, 1984.

SILVA, E. R. *O olhar de Vygotsky ao ensino de gramática*. In: *Vygotsky: Uma revisita no início do século XXI*. São Paulo: Andross, 2009. pp. 183-200.

VIGOTSKI, L.S. *A construção do pensamento e da linguagem* (trad. P. Bezerra) São Paulo: Martins fontes, 2001.

VILA, I. *El espacio social en la constrcción compartida del conocimiento*. Revista Educar, 22/23, 1998, pp. 55-58.

ZABALA, A. *Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

LINGUAGEM, ESTILO E REPORTAGEM JORNALÍSTICA NO ENSINO

Miriam Bauab Puzzo

Introdução

Os gêneros da esfera jornalística são objetos de leitura e de discussão da linguagem em diversas instâncias de ensino. Geralmente são privilegiados os mais informativos para apreensão do gênero. Essa seria a forma de ensino mais ou menos cristalizada em modelo de gêneros. É naturalmente uma primeira etapa de conhecimento, mas na prática não existe essa cristalização. Portanto, o que interessa neste artigo é discutir seu ensino em sua dinâmica, seguindo as observações de Bakhtin de que a língua difere da linguagem no cotidiano (2016). Muitas das formas genéricas que circulam na esfera da mídia apresentam variações significativas em função do contexto social, da proposta de comunicação do público e do tema, como postula Bakhtin (2016).

Em várias instâncias tenho discutido essa questão que considero fundamental para reflexão do profissional que atua em sala de aula, tendo em vista que as crônicas e os artigos de opinião nem sempre obedecem às exigências do gênero ou da empresa de comunicação. Geralmente são textos produzidos por profissionais competentes que ousam romper modelos.

Dentre esses jornalistas, encontra-se Eliane Brum que se posiciona como repórter compromissada com o contexto social, procurando colocar em evidência fatos pouco significativos do ponto de vista adotado pela mídia. Os personagens reais que entram em sua galeria investigativa são geralmente pessoas marginalizadas pela sociedade, sem rosto e sem voz. Assim, Brum apresenta um modo de

observar o cotidiano, expressando seu posicionamento axiológico diante dos problemas sociais político-econômicos.

Com uma linguagem caracterizada pelo seu estilo, quase poética, transgride a forma composicional e o estilo genérico das reportagens impressas, cuja forma composicional e estilística é marcada pela estruturação sintática muitas vezes fragmentada, sem prejuízo da unidade enunciativa, por imagens metafóricas e rítmicas e pelo discurso indireto livre. Tendo em vista essa peculiaridade e a forma moderna de atualização da reportagem como gênero da esfera jornalística, o objetivo deste artigo é analisar a reportagem “História de um olhar” que integra a coletânea *A vida que ninguém vê* (BRUM, 2006). A teoria que sustenta a análise é fundamentada em Bakhtin e no Círculo, no que diz respeito ao estilo, bem como as relações dialógicas e o tom valorativo presentes no enunciado concreto. A análise procura resgatar o tema que organiza o enunciado, bem como os recursos expressivos utilizados, seguindo os conceitos de gênero discursivo de Bakhtin (2016) e de estilo (BAKHTIN, 2015), (VOLOCHÍNOV, 2013). Com essa leitura observam-se as relações dialógicas estabelecidas pelo enunciador com o contexto social, bem como o tom valorativo diante dos fatos do cotidiano.

De início discutem-se os conceitos de linguagem, na perspectiva dialógica bakhtiniana, cujo conceito de estilo, tanto genérico como individual, é nuclear dessa discussão. A seguir apresenta-se uma síntese do enunciado a ser analisado e as relações dialógicas entre texto e imagem visual que compõem a reportagem para discutir a peculiaridade do estilo de Brum que se distancia do padrão das reportagens da mídia impressa. Essa discussão procura iluminar aspectos pouco observáveis no tratamento dos gêneros discursivos em suas várias possibilidades de concretização e uma alternativa para confirmar a teoria bakhtiniana de que os gêneros discursivos são relativamente estáveis (BAKHTIN, 2016).

Nos percalços da teoria

A teoria dialógica da linguagem, pautada em Bakhtin e no Círculo, apesar de ter seu início teórico no início do século XX, na Rússia, ainda hoje propõe desafios para pesquisadores, linguistas e profissionais da educação. O princípio

de inconclusibilidade que orienta o conceito de enunciado concreto para Bakhtin (2016) pode ser adequado aos conceitos teóricos que a cada dia apresentam novos enfoques a partir das múltiplas leituras interpretativas a cada nova obra traduzida. A princípio, Bakhtin é conhecido como crítico literário com a publicação de *Problemas da poética de Dostoiévski*, publicado em 1929, na Rússia, e traduzido na França na década de setenta. Só a partir da publicação de *Estética da criação verbal* (1975) que reúne ensaios de épocas diferentes, incluindo *Gêneros do discurso* de 1954-55, é que Bakhtin e o Círculo começam a ser compreendidos como teóricos da linguagem, ampliando as possibilidades de análise das mais variadas formas de comunicação. O conceito nuclear que mobiliza todo o arcabouço teórico desse grupo de pensadores, centrado na duplicidade constitutiva da linguagem, sofre muitos desdobramentos que norteiam os conceitos teóricos: enunciado concreto, relações dialógicas, gêneros discursivos, estilo, carnavalização, entre outros.

Para discutir a reportagem de Brum como gênero discursivo da esfera jornalística, interessa destacar desse grupo de categorias a de gênero do discurso e a de estilo, bastante discutido por Volochínov (2013) e por Bakhtin (2015) e (2016).

O gênero do discurso é um tópico muito discutido pelo Círculo: Medviédev (1929) /Volochínov (1930) /Bakhtin (1954-55). Isso porque o conceito era tratado especialmente pela literatura e não de modo abrangente. Ao analisar o romance, por exemplo, esses pesquisadores observaram que nele estavam incluídos gêneros do cotidiano para representar o mundo do romance em que a trama se desenvolvia. Apesar dessa percepção e de procurar conceituar essa categoria comunicativa, é Bakhtin que desenvolve de forma mais pormenorizada esse conceito, especificando suas peculiaridades. Na caracterização geral do gênero do discurso, aponta seus elementos essenciais: tema, forma composicional e estilo do gênero ao qual acrescenta o estilo individual. A partir dessa especificação geral, Bakhtin discute peculiaridades do gênero tais como as relações dialógicas, as atitudes responsivas do leitor que interferem em sua constituição intrínseca e, ao mesmo tempo em sua conclusão provisória. Isto porque a sua compreensão varia ao longo do tempo e do espaço. Além disso, destaca o fato de que o enunciado concreto expressa o posicionamento axiológico e valorativo do seu enunciador. Nessa gama de elementos que compõem o gênero discursivo, é impossível analisar um gênero específico de

forma simplificada. Tais elementos estão imbricados em sua forma de composição e no seu estilo decorrendo do princípio constitutivo da linguagem, ou seja, o eu e o outro que constituem o enunciado.

Como afirma Volochínov,

Cada enunciação da vida cotidiana ...compreende, além da parte verbal expressa, também uma parte *extraverbal* não expressa, mas subentendida – situação e auditório – sem cuja compreensão não é possível entender a própria enunciação. Essa enunciação, enquanto unidade da comunicação verbal, enquanto unidade significativa, elabora e assume uma forma fixa precisamente no processo constituído por uma interação verbal particular, gerada num tipo particular de intercâmbio comunicativo social. Cada tipo de intercâmbio comunicativo referido anteriormente organiza, constrói e completa, à sua maneira, a forma gramatical e estilística da enunciação, *sua estrutura tipo*, que chamaremos a partir daqui de *gênero*. (2013, p. 159)

Pela afirmação de Volochínov, o gênero se constitui por uma estrutura tipo que o caracteriza e cuja forma é determinada por essa relação interativa. Entretanto, essa relação implica outros componentes, como afirma Bakhtin (2016), a estabilidade do gênero é relativa e depende também da proposta comunicativa do enunciador, de sua posição axiológica e de expressão de seus valores. O enunciador responde ao contexto social, ao leitor presumido. Se sua proposta for a de criar impacto para provocar o leitor, seu estilo pessoal pode, neste caso, modificar a forma composicional e o estilo genérico, pela materialidade linguística peculiar. Portanto o leitor presumido é parte integrante do enunciado concreto e o enunciador responde a ele, conforme aponta Volochínov:

A orientação social é uma das forças vivas organizadoras que, junto com a situação da enunciação, constituem não só a forma estilística mas também a estrutura gramatical da enunciação. (2013, p. 169)

O público leitor e a situação de comunicação interferem no estilo genérico e individual, em função da resposta dada do enunciador a esse contexto. Portanto, depende de sua proposta de comunicação e do tema escolhido.

Nos enunciados ecoam vozes sociais mais evidenciadas ou quase imperceptíveis quando não há a intenção de reproduzi-las ou quando já vêm amalgamadas na própria linguagem do enunciador que às vezes a reproduz automaticamente. Esse modo de inserção do discurso alheio é bastante discutido tanto por Volochínov no final de *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006) quanto por Bakhtin no ensaio publicado em *Questões de literatura e estética* de 1975 e traduzido recentemente, sob o título *Teoria do romance I: A estilística* (2015). De acordo com os autores, essa forma de inclusão das vozes sociais, característica do romance, é pouco observada na produção de sentido e na importância que adquirem no contexto narrativo. Assim se manifesta Volochínov:

A enunciação do narrador, tendo integrado na sua composição uma outra enunciação, elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais, embora conservando, pelo menos sob uma forma rudimentar, a autoria primitiva do discurso de outrem, sem o que ele não poderia ser completamente apreendido. (VOLOCHÍNOV, 2006, p. 151)

O autor trata primeiramente dos discursos direto e indireto, como formas mais evidentes de reproduzir a voz do outro na narrativa e demonstra variações desse recurso com peculiaridades expressivas. Além dessas possibilidades, discute a questão do discurso indireto livre, cuja peculiaridade é bastante significativa e só pode ser percebida pela mudança de entonação no discurso do narrador. Pela sua importância, o autor dedica um capítulo sobre essa modalidade discutindo-a nas literaturas: francesa, alemã e russa.

Já Bakhtin (2015) ao tratar da estilística no romance, problematiza a questão das vozes sociais que são peculiares às personagens e reportadas pelo narrador. Tal processo que é peculiar do romance caracteriza-se pela heteroglossia, ou seja, a orquestração das vozes sociais reproduzidas pelo narrador no diálogo entre as personagens romanescas. Essa questão é de fundamental importância no romance, em que o autor procura aproximar a voz peculiar da realidade social do outro, não coincidente com a do narrador. Portanto, há o encontro de duas consciências que

caracteriza a bivocalidade no romance e que é fruto do projeto do autor na reprodução do mundo ficcional.

Entretanto, tal procedimento também pode ocorrer em todos os campos do dia a dia e da vida verboideológica. Segundo Bakhtin,

Pode-se afirmar que na composição de quase todo enunciado do homem social – da breve réplica do diálogo cotidiano a grandes obras verboideológicas (literárias, científicas e outras) está presente uma fração significativa de palavras alheias apreendidas em forma aberta ou fechada, transmitidas por esse ou aquele meio. No território de quase todo enunciado ocorrem uma tensa interação e uma luta da minha palavra com a palavra do outro, um processo de sua demarcação e da iluminação dialógica de uma pela outra.

Sob esse prisma, a apropriação da voz do outro na narrativa, de modo não marcado, pode aparecer em outros gêneros na mídia impressa, principalmente na atualidade, na reprodução do discurso do outro na modalidade escrita,. Processo não muito evidente que decorre das escolhas lexicais e da composição sintática do enunciado, como ocorre em reportagens jornalísticas literárias. Tal modalidade não obedece à norma de não interferência no discurso do outro, em benefício da isenção do repórter. A criatividade estilística que possibilita a expressão do posicionamento do repórter, pela apropriação das vozes reportadas, cria efeitos de sentido e interpretações diferenciadas pela forma com que estas são emolduradas no discurso. Como afirma Bakhtin, a questão da palavra como objeto central do discurso, não foi devidamente equacionada:

Não foi compreendida a especificidade daquele objeto do discurso que requer a transmissão e a reprodução da palavra do outro com o auxílio dessa mesma palavra do outro, é verdade que inserindo nela minhas intenções e iluminando-a a meu modo com o contexto. (BAKHTIN, 2015, p. 151)

Esse é um problema bastante pertinente quando se analisa as reportagens literárias que, sem se distanciar do mundo social presente e concreto, procura envolver o leitor apontando problemas sociais que não são observados no dia a dia urbano.

O estilo da reportagem e a proposta temática de seu enunciador são fundamentais para sua interpretação e um objeto diferenciado para analisar a linguagem em suas peculiaridades, pela mobilização de recursos nem sempre perceptíveis. Tais recursos são responsáveis pelos efeitos de sentido, afetando tanto o estilo do gênero discursivo quanto o estilo individual do enunciador em função de sua proposta comunicativa. Tendo em vista os conceitos teóricos que orientam a proposta deste artigo, discute-se a seguir a reportagem de Eliane Brum, numa breve apresentação de sua proposta e em específico da coletânea *A vida que ninguém vê* (2006) de onde a reportagem/crônica “História de um olhar” foi selecionada.

Uma questão de estilo

Como apresentamos anteriormente, as reportagens de Brum não correspondem ao padrão das reportagens jornalísticas no que tange à forma composicional e ao estilo. A coletânea de reportagens *A vida que ninguém vê* (2006), em que se encontra o objeto deste artigo, expressa essa proposta jornalística. A coletânea é composta por reportagens breves, caracterizadas muitas vezes com crônicas, publicadas no jornal *Zero Hora* de Porto Alegre, no ano de 1999. Entretanto, apesar do estilo mais literário, os fatos relatados são reais, pois tratam de pessoas que vivem na periferia de Porto Alegre, cuja vida é marcada pelas condições precárias impostas pelo progresso econômico, cuja consequência é a exclusão social.

A coletânea de reportagens desse livro conta também com as imagens fotográficas de vários repórteres, esteticamente trabalhadas de modo a dialogar com o texto escrito, provocando efeitos de sentido mais intensos em suas relações com o relato jornalístico. Essa reportagem, especificamente, conta com a produção de André Feltes, disponibilizada pela Agência RBS de Notícias e foi publicada no *Jornal Zero Hora* em 18 de setembro de 1999.

Com essa perspectiva de tocar o leitor, Brum, cumprindo o papel de repórter, procura mobilizar a população, ou melhor, situá-la num contexto desconhecido para a maioria de modo provocativo. Numa linguagem simples, muitas vezes poética, recorrendo a imagens literárias e ao discurso indireto livre, a repórter abandona a premissa jornalística de objetividade. No relato investigativo, sua linguagem

mescla-se com a de seus entrevistados, deixando o leitor mais próximo dos perfis retratados. É o caso da reportagem selecionada para análise.

O texto trata de um personagem adulto, bastante carente e com problemas de comportamento, que chega à escola, pelo lado de fora, aproximando-se da sala de aula da professora Eliane Vanti. O olhar curioso de Israel chama imediatamente a atenção da mestra, empenhada em transmitir seus conhecimentos aos alunos. Tocada pela presença daquele adulto que insistentemente ficava espiando pela janela da sala de aula, Eliane convida-o para participar das aulas, incluindo-o na turma de seus alunos. Para relatar esse episódio, Brum apresenta Israel, situando-o no contexto social de origem, a vila Kephass, uma comunidade carente, criada por operários da indústria que naquele momento estavam desempregados. Apesar dessa triste circunstância, a população discriminava seus próprios moradores como fazia com Israel. Ele era, nas palavras de Brum, “o enjeitado da vila enjeitada”. Órfão de mãe, vivendo com a madrasta, o pai pedreiro e uma irmã doente, Israel apresentava um desvio de comportamento, denominado pela comunidade “desregulado das ideias”. Por essa deficiência, era apedrejado e maltratado pelos garotos da vila. Nessas circunstâncias é que a professora se depara com Israel. Assim a repórter descreve a cena:

Eliane viu Israel. E Israel se viu refletido no olhar de Eliane. E o que se passou naquele olhar é um milagre de gente. Israel descobriu um outro Israel navegando nas pupilas da professora. Terno, especial, até meio garboso. Israel descobriu nos olhos da professora que era um homem, não um escombros. (BRUM, 2006, p. 23)

O relato segue acompanhando o desenrolar da cena, passo a passo de modo a criar um ambiente de intimidade do leitor com a história real da personagem reportada. Israel, pouco afeito à receptividade de seus semelhantes, vai aos poucos chegando mais perto da sala de aula, primeiro consegue entrar na escola e depois na sala de aula. Um fato corriqueiro é flagrado por Brum de modo expressivo:

Capturado por essa irresistível imagem de si mesmo, Israel perseguiu o olho de espelho da professora. A cada dia dava um passo para dentro do olhar. E, quando perceberam, Israel estava no interior da escola. E, quando viram, Israel estava na

janela da sala de aula da 2ª série C. Com meio corpo para dentro do olhar da professora. (BRUM, 2006, p. 23)

A integração de Israel à comunidade escolar se faz aos poucos num movimento de compartilhamento que Brum vai acompanhando paulatinamente: “A imagem se multiplicou por 31 pares de olhos de crianças. Israel, o pária, tinha se transformado em Israel, o amigo.” (BRUM, 2006, p. 24)

Observa-se que a expressividade da linguagem empregada na reportagem deixa entrever a cumplicidade da repórter com a cena relatada. Entretanto, é preciso ressaltar que o estilo de Brum tem por objetivo envolver o leitor, decorre, portanto, dessa relação responsiva com o leitor presumido. Não se configura, portanto, como algo aleatório, ou apenas estético, como a Estilística alemã procura caracterizar, decorrente apenas de uma estética abstrata (Bakhtin, 2016), da linguagem expressiva por ela mesma. A forma estruturada do relato evidencia o esforço de articulação, para tornar a história envolvente: o tema incomum em reportagens de jornal exige da enunciadora uma forma inusitada para cumprir sua proposta de comunicação, estabelecendo relações dialógicas com o público leitor e com o contexto social. Em resposta a esse contexto adverso, em que o estereótipo e o preconceito afastam os seres humanos do convívio social, a repórter procura demonstrar que o acolhimento e o afeto podem resgatar o amor próprio e a dignidade desses seres cuja limitação psíquica e material impediam sua integração social. Assim finaliza seu texto:

Israel, depois que se descobriu no olhar da professora, ganhou o respeito da vila, a admiração do pai. Vai ganhar uma vaga oficial na escola. Já consegue escrever o “P” de professora. E ninguém mais lhe atira pedras. (BRUM, 2006, p. 25)

É preciso ressaltar que Brum não perde o foco de sua reportagem e destaca também a transformação da professora nesse processo. Na verdade, a atuação interativa mobiliza a vida dos dois lados. A insatisfação, a amargura que muitas vezes toma de assalto a atividade dessa profissional decorre muitas vezes da falta de perspectiva e, quando essa situação se reverte, ela encontra motivação para prosseguir.

É o que a repórter deixa entrever ao final de sua reportagem: “A professora, depois que se descobriu no olhar de Israel, ri sozinha e chora à toa. Parou de reclamar da vida e as aulas viraram uma cantoria. A redenção de Israel foi a revolução da professora.” (Idem, *ibidem*)

Ao final do texto, a repórter destaca a acolhida de Israel pela comunidade da vila Kephars (que significa pedra na origem grega do termo que a repórter retoma para enfatizar a transformação verificada no comportamento geral de seus habitantes) ao desfilar, Israel é aplaudido de pé pela “Vila Pedra”.

Peculiaridades da linguagem escrita: o estilo

A reportagem sintetiza de maneira incisiva um instante significativo na vida de Israel e de Eliane Vanti. Ambos passaram por um processo de transformação existencial relatado pela repórter. O enunciado deixa entrever o posicionamento avaliativo de Brum pela expressividade linguística. Os parágrafos são constituídos por períodos breves, sem conectivos, criando certo impacto pela forma pontual com que flagra alguns detalhes. O parágrafo inicial deixa entrever seu estilo inusitado:

O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos. Diminutos, invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso da importância. Pelo anônimo da evidência. O mundo é salvo por um olhar. Que envolve e afaga. Abarca. Resgata. Reconhece. Salva. (BRUM, 2006, p. 22)

O trecho de abertura contraria o lead instituído como regra pela norma jornalística, não só pela ausência das informações fundamentais: Quem? Quando?, Onde? Como? Por quê?, mas também pela estruturação sintática do parágrafo inicial, composto por períodos simples, encadeados por frases nominais: “Diminutos, invisíveis”; “Pelo anônimo da evidência” e por fragmento de frase: “Que envolve e afaga”. Além dessa peculiaridade transgressora, há o emprego de adjetivação valorativa, presente desde o início: “pequenos”, “diminutos”. Dessa forma é possível identificar o tom adotado na reportagem desde seu início até o parágrafo final,

sintetizado em duas linhas: “Em 7 de Setembro, Israel desfilou. Pintado de verde-amarelo, aplaudido de pé pela Vila Pedra”.(Idem, ibidem, p. 25).

Além da estruturação sintática, a autora recorre a figuras de linguagem, entre elas de modo mais significativo, a metonímia, imagem articuladora da unidade textual, presente no título “História de um olhar” e na ação interativa Israel/professora responsável pela transformação ocorrida na vida de ambos de acordo com a perspectiva de Brum: “Israel estava todo dentro do olhar da professora”; “Israel, capturado pelo olhar da professora, nunca mais o abandonou”; “E foi assim que o olhar escorreu pela escola e amoleceu as ruas de pedra”. Eliana transgride a norma que impõe uma camisa de força ao jornalista, impedindo seu tom expressivo com o recurso das imagens. Ao atribuir aos objetos concretos a capacidade de entrar em sintonia com o a emoção própria do ser humano, descaracterizando-os de sua natureza imóvel, “o olhar... amoleceu as ruas de pedra”, a repórter enfatiza a possibilidade de transformação. Essa possibilidade de transferência das formas de sentir aos objetos do cenário cria a adesão e a simpatia do leitor pelo modo de perceber e avaliar os seres reportados.

Logo no início da inserção da personagem em seu contexto, a jornalista procura criar o clima que vai nortear o tom de seu enunciado em função de sua proposta de comunicação: ao situar a personagem como andarilho que nasceu numa Kephass, Eliane já sinaliza o tom que vai orientar sua narrativa, Em suas palavras:

Que em grego *Kephass* significa pedra. Por isso um nome tão singular para uma vila de Novo Hamburgo. Kephass foi inventada mais de uma década atrás sobre pedra sobre pedra. Em regime de mutirão. Eram operários da indústria naqueles tempos nada longínquos. Hoje, desempregados da indústria. Biscateiros, papeleiros. Excluídos. (BRUM, 2006, p. 22)

Além dos recursos sintáticos e figurativos, Eliane rompe com o formato da reportagem no que concerne à reprodução das vozes dos seres reportados. Normalmente, a escolha determinada para o gênero é a opção pelo discurso direto ou indireto dependendo do objetivo do repórter. No caso dessa reportagem, que é bastante sintética, a narrativa não expõe claramente as vozes das pessoas reportadas.

O relato encontra-se sob a perspectiva da repórter que se apropria de palavras, frases de seus personagens reais e as incorpora ao seu discurso. Portanto é a voz da repórter que faz ecoar as vozes circundantes do ambiente social que retrata. Na descrição da personagem, Eliane reproduz as vozes sociais que excluem Israel do convívio social, conforme o trecho abaixo evidencia:

Imundo, meio abilolado, malcheiroso, Israel vivia atirado num canto ou noutra da vila. Filho de pai pedreiro e de mãe morta. Vivendo em casa cheia de fome com a madrasta e uma irmã doente. Desregulado das ideias, segundo o senso comum. Nascido prematuro, mas sem dinheiro para o diagnóstico. Escorraçado como um cão, torturado pelos garotos maus. Amarrado, quase violado. Israel era cuspidor. Era apedrejado. Israel era a escória da escória. (BRUM, 2006, 22)

No trecho acima, observa-se que ao relatar a condição de Israel, Eliane naturalmente transmite o que investigou a respeito da personagem em tela, reproduzindo e interpretando o relato coletado. De forma semelhante, mescla a sua voz com a das fontes para tornar a narrativa mais intensa, imprimindo a ela seu tom valorativo. Como afirma Bakhtin (2016), a escolha lexical e a estrutura gramatical não são aleatórias. Elas configuram o tom adotado pelo enunciador. Torna-se impossível separar o que é da fonte e o que é do enunciador/repórter. As duas vozes estão amalgamadas num único enunciado.

De forma semelhante, a repórter interpreta o relato da professora captando sua primeira impressão de Israel, empregando adjetivos “desajeitado”, “envergonhado”, “desaparecido” que podiam estar entre parênteses, sinalizando o ponto de vista de Vanti. Também emprega termos próprios da fala popular como “vira lata pidão”. Entretanto estão incorporados ao discurso da enunciativa, como o trecho abaixo demonstra:

Aconteceu neste inverno, Eliane, a professora, descobriu Israel. Desajeitado, envergonhado, quase desaparecido dentro dele mesmo. Um vulto, um espectro na porta da escola. Com um sorriso inocente e uns olhos de vira-lata pidão, dando a cara para bater porque nunca foi capaz de escondê-la. (BRUM, 2006, p. 24)

Assim como capta a forma avaliativa da professora, procura se aproximar do ponto de vista dos alunos: “Israel, o pária, tinha se transformado em Israel, o amigo. Ganhou roupas, ganhou pasta, ganhou lápis de cor.” (BRUM, 2006, p. 24). Expressa também a avaliação da comunidade: “Israel depois que se descobriu no olhar da professora, ganhou o respeito da vila, a admiração do pai. [...] E ninguém mais lhe atira pedras.”. (BRUM, 2006, p. 25).

A forma de apreensão do mundo real que organiza o texto verbal também encontra-se em sintonia com a fotografia que dialoga com o relato, numa forma de comprovação imagética, própria das fotos jornalísticas. Entretanto, a perspectiva do fotógrafo trabalha a imagem flagrada pela câmara.

Relações dialógicas: imagem, texto, contexto

Bakhtin e o Círculo não tratam de outras formas de linguagem, mas sinalizam a possibilidade de analisá-las como signos que expressam sentido, conforme pontuam Volochínov (2006), quando discute a produção de sentido dos signos, e por Bakhtin (2016), no ensaio “o texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”, quando afirma que o texto pode se constituir por outras formas sócio-semióticas, além da verbal. Por essa conceituação, pesquisadores dessa linha teórica têm desenvolvido pesquisas que tratam das imagens visuais, como propõe Haynes (1995), ao discutir as artes visuais sob o ponto de vista bakhtiniano, ou de enunciados verbo-visuais, como propõe Brait (2010) (2013), (2014) ao analisar a verbo-visualidade em gêneros discursivos diversos. Com apoio dessas pesquisadoras na análise da reportagem de Brum, cuja peculiaridade é a articulação entre as linguagens verbais e visuais esteticamente trabalhadas, conta-se também com apoio de autores que tratam especificamente da linguagem visual como Dondis (2003) e Guimarães.(2004).

O título do livro *A vida que ninguém vê* é sugestivo e dialoga com todas as reportagens que nele se encontram, inclusive com o projeto gráfico e com as fotos esteticamente trabalhadas por fotógrafos ou ilustradores profissionais em consonância com a proposta da coletânea. Todas as fotos que ilustram cada uma das reportagens apresentam a mesma característica: flagradas em preto e branco, com

um cenário não muito nítido, as personagens apresentam-se pouco delineadas contra o fundo escuro e os traços de seus semblantes pouco destacados, como se eles não fossem relevantes. Entretanto, todas as fotos apresentam um enquadramento específico, colocando em relevo a parte mais importante daquele perfil, cujo destaque é dado pelo foco da câmara que a ilumina. Assim se estabelece o diálogo com o texto verbal, cujo objeto de investigação é a personagem retratada com sua característica pessoal.

A fotografia que ilustra a reportagem analisada ocupa três quartos do espaço de duas páginas, uma delas totalmente escura, com o título grafado em branco, centralizado no lado esquerdo da página, pondo em realce a fotografia da página ao lado. Conforme se apresenta no recorte abaixo:



A foto registra o cenário da sala de aula, composto pela professora em pé cercada pelas crianças que se aglomeram em torno de Israel. O fundo acinzentado do

cenário contrasta com o fundo escuro da primeira parte da página. Israel encontra-se sentado em uma das carteiras escolares sobre a qual é possível visualizar uma folha de papel e alguns lápis. Na imagem, destacam-se, pelo enquadramento, os semblantes de Israel e de duas crianças que dele se aproximam. A cena parece registrar o momento de integração de Israel ao grupo de alunos congregados por Vanti. Contra o cenário esfumado, sobressai a face e os olhos sorridentes de Israel. O enquadramento imagético dialoga com a figurativização metonímica do texto verbal.

Essa forma de apresentação da reportagem, anuncia ao leitor, de certo modo, o seu teor, dialogando com o tema do enunciado. Antecipa o acolhimento final e o compartilhamento de Israel com os alunos em sala de aula. Assim, o agrupamento ao seu redor desvela seu acolhimento, refletido no ar de satisfação de sua expressão facial.

O fotógrafo, ao captar essa imagem e reproduzi-la, interpreta o tema da reportagem: a inclusão social pelo afeto.

O lirismo que percorre o texto verbal também é visível no tratamento fotográfico. A cena retratada em cores esmaecidas e o enquadramento expressivo do semblante de Israel e das duas crianças demonstra um trabalho estético que procura alcançar a mesma expressividade do enunciado verbal, formando com ele uma unidade temática. Em consonância com que propõe Brait (2013), é preciso observar o conjunto imagem/texto como uma unidade enunciativa portadora de sentido. A ênfase do cenário em preto, branco e cinza procura destacar o tom lírico adotado na reportagem e em todo o livro. A ausência de cores vibrantes como as que ilustram as reportagens dos diários impressos sinalizam o contraponto com o sensacionalismo noticioso. Marca, portanto o estilo de Brum e sua proposta comunicativa, ou seja, a presença de cores neutras procura destacar do cenário social apagado as personagens pouco visíveis que aparecem iluminadas pelo foco do refletor da câmara. Entra em sintonia com o título da reportagem pelo enquadramento do rosto de Israel que se torna visível ao leitor. Também dialoga com o título geral da coletânea *A vida que ninguém vê*, colocando em evidência o que a sociedade desconhece: pessoas simples e marginalizadas nos grandes aglomerados urbanos.

Palavras finais

A análise desse exemplar evidencia a importância de tratar em sala de aula dos gêneros discursivos, não só os mais característicos, mas também aqueles que apresentam variações em função de propostas comunicativas diferenciadas como as de Brum. Ao observar as peculiaridades de seu estilo, é possível discutir as funções de categorias gramaticais, tais como as de frases nominais, de fragmentos de frase, como as que ocorrem neste exemplar. Também se destaca a importância da figurativização verbal e visual na produção de sentido e em seus possíveis efeitos. Desse modo, coloca-se em prática o que Bakhtin (2013) propõe no tratamento estilístico da linguagem no ensino de gramática: a mobilização da língua como forma de inclusão de conceitos gramaticais de modo produtivo.

Referências

BAJTIN, M. M. *Hacia una filosofía del acto ético*. De los borradores : y otros escritos (Trad. del ruso Tatiana Bubnova) Rubí (Barcelona): Anthropos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997.

_____. *Os gêneros do discurso*, (Trad. do russo, organização, notas e posfácio de Paulo Bezerra, notas da ed. russa Serguei Botcharov). São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica, in *Os gêneros do discurso*, (Trad. do russo, organização, notas e posfácio de Paulo Bezerra, notas da ed. russa Serguei Botcharov). São Paulo: Editora 34, 2016, p. 71-107).

_____. *A teoria do romance: a estilística*. (Trad. Paulo Bezerra, org e notas S. Botcharov e V. Kójinov), São Paulo: Editora 34, 2015, p. 129-130.

_____. *Questões de estilística no ensino de gramática*. (Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo), São Paulo: editora 34, 2013.

_____. (VOLOCHINOV) *Marxismo e filosofia da linguagem*. (Prefácio de Roman Jakobson, Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira) 12 ed., São Paulo Hucitec, 2006.

BRAIT, B. Olhar e ver: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. In *Bakhtiniana: Revista de estudos do discurso*. Vol. 8 n. 2 São Paulo Jul/dez 2013, p. 43-66

_____; LOPES-DUGNANI, Bruna. Em cartaz, a cara e o corpo da linguagem das ruas!, in _____; ANDERSON SALVATERRA MAGALHÃES (Orgs.) *Dialogismo: teoria e (m) prática*, São Paulo: Terracota Editora, 2014, p. 116-132.

DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. (Trad. Jefferson L. Camargo) São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HAYNES, Deborah. *Bakhtin reframed*. New York: I. B. Taurus, 2013. [Col. Interpreting Key Thinkers for the arts)

_____. *Bakhtin and the visual arts*. New York (USA): Cambridge University Press, 1995.

HOLQUIST, M. Introduction: the Architectonics of Answerability, in BAKHTIN, M. *Early Philosophical Essays*, (edited by Michael Holquist and Vadim Liapunov; Translated and Notes by V. Liapunov, Supplement Translated by K. Brostrom) Austin, Texas: University of Texas Press, 1995, p. ix-xlix.

GUIMARÃES, Luciano. *As cores na mídia: a organização da cor-informação no jornalismo*. São Paulo: Annablume, 2003.

VOLOCHÍNOV, V. N. A construção da enunciação. In *A construção da enunciação e outros ensaios*. (Org., Trad. e Notas João Wanderley Geraldi; Ed. e Supervisão da trad. Valdemir Miotello) São Carlos: Pedro e João Editores, [1930]2013, p. 65-87.

_____. A palavra e suas funções sociais. In *A construção da enunciação e outros ensaios*. (Org., Trad. e Notas João Wanderley Geraldi; Ed. e Supervisão da trad. Valdemir Miotello). São Carlos: Pedro e João Editores, [1930]2013, p. 95-134.

_____. Sobre as fronteiras entre poética e linguística. In *A construção da enunciação e outros ensaios*. (Org., Trad. e Notas João Wanderley Geraldi; Ed. e Supervisão da trad. Valdemir Miotello) São Carlos: Pedro e João Editores, [1930]2013, p. 203-240.

TIRAS DE HUMOR: A LEITURA DE TEXTOS VERBO-VISUAIS E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Elaine Hernandez de Souza

Primeiras palavras

O objetivo deste artigo é, em sentido amplo, refletir sobre a prática de leitura de textos verbo-visuais, considerando que cada texto, em suas especificidades e singularidade, faz emergir discursos peculiares. A partir da análise verbo-visual de tiras de humor, busco, mais estritamente, refletir sobre discursos que circulam nas narrativas gráficas, estabelecendo diálogo com enunciados¹ anteriores que as atravessam e as constituem. Nesse processo retroalimentado, tanto os textos que tomam a palavra de empréstimo quanto os que servem de empréstimo para a palavra alheia são ressignificados pelo olhar apreciativo do sujeito-autor no ato criador.

A proposta não é aleatória. É um recorte de minha tese de doutorado (SOUZA, 2015), que, intitulada *Diálogo entre diferentes temporalidades refratadas em texto verbo-visuais brasileiros contemporâneos*, coloca em comparação produções de diferentes autorias. A investigação mostrou o embate de vozes refratadas nas tiras de Fernando Gonsales (2004-2011) e crônicas de Millôr Fernandes (1980, 1984, 1986), quando recuperam, em maior ou menor medida, os contos de Charles Perrault (1697), dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm (1812-1822) e Joseph Jacobs

¹ Trata-se do conceito de *enunciado concreto*, conforme proposição de Bakhtin e Círculo, segundo a qual o enunciado é compreendido como “uma *unidade real* na comunicação discursiva” (BAKHTIN, [1952-1953]2003, p. 274), situando-se no âmbito do acontecimento único e não reiterável e podendo “[...] variar da réplica sucinta [...] do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico” (BAKHTIN, 2003[1952-53], p. 274). Dessa perspectiva, texto e enunciado são sinônimos.

(1890), tomando o dizer do cartunista, do cronista e dos folcloristas como centro de valores responsivos ao tempo-espço em que seus enunciados estão inscritos.

Para este artigo, foram selecionadas duas tiras de Gonsales, que, publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* no ano de 2009, tematizam fragmentos da História dos três porquinhos (1890), coletada, por sua vez, entre várias outras narrativas da tradição oral, pelo folclorista inglês Joseph Jacobs no final do século XIX. Como resultado, Jacobs publicou o material recolhido em *English Fairy Tales* (1890), onde se encontra o conto a que se refere, e *More English Fairy Tales* (1894).

A reflexão, ora apresentada, não está voltada à proposição de uma atividade didática voltada aos quadrinhos. Antes, busca explorar a prática de leitura de tiras, considerando tanto suas especificidades imagético-verbais – no âmbito de seu conteúdo, material e forma – quanto o contexto sócio-histórico-cultural e a esfera em que circulam como elementos que as engendram, agregando sentido ao texto.

Diferentemente do que se vê, com certa frequência, em manuais didáticos de língua portuguesa, em que as tiras têm apenas aspectos de seu conteúdo linguísticos contemplados, algumas vezes associados a um ou outro elemento imagético, também da ordem conteudística, este artigo oferece subsídios para auxiliar o profissional de ensino na formação de leitores proficientes em leitura de textos multissemióticos (materializados em diferentes linguagens: verbal, visual, verbo-visual, áudio-verbo-visual) pertencentes a gêneros diversos, de modo a preparar o aluno para as demandas político-sociais de seu tempo.

Na mesma direção, a proposta vai ao encontro dos direcionamentos preconizados pelos documentos oficiais (PCN, PCNEM, PCN+EM, OCEM) voltados ao ensino de Língua Portuguesa, cuja ênfase “[...] tem sido dada ao trabalho com as múltiplas linguagens e com os gêneros discursivos [...] como uma tentativa de não fragmentar, no processo de formação do aluno, as diferentes dimensões implicadas na produção de sentidos [...]” (BRASIL, 2006, p. 28). A orientação leva em conta que a língua não é a única, mas “uma das formas de manifestação da linguagem, é um entre os sistemas semióticos construídos histórica e socialmente pelo homem” (BRASIL, 2006, p. 25).

Lentes bakhtinianas no diálogo com as tiras

A concepção dialógica de linguagem e a compreensão do ponto de vista do autor-criador e do autor-contemplador como elemento intrínseco à materialidade de cada texto, advindas do conjunto da obra de Bakhtin e o Círculo, nortearam esta investigação. De acordo com a perspectiva bakhtiniana, a materialidade é organizada valorativamente pelo autor-criador, no ato de sua criação. Já ao autor-contemplador cabe ressignificar o objeto previamente criado, a partir de sua visão de mundo e do posicionamento valorativo assumido por ele no ato de contemplação. Em ambos os casos, os sujeitos-estéticos estão orientados pelas condições e conhecimentos do tempo em que vivem.

Trata-se de uma perspectiva que leva em consideração a *arquitetônica* (BAKHTIN, 1920-1924, 1923-1924, 1924-1927) dos textos, isto é, seu todo orgânico compositivo de sentido, possível apenas no ato de (re)criação de um sujeito-estético, que imprime seu olhar axiológico na organização dos elementos – conteúdo, material e forma – da obra, na relação com outras que lhe antecedem.

O conceito de *arquitetônica* se insere em um projeto filosófico de Bakhtin, cujo objetivo era “escrever uma obra fundamentalmente filosófica, lançando bases de uma *Prima Philosophia* e situando nela uma estética geral – projeto que, infelizmente, nunca se concluiu” (FARACO, 2009, p. 96). Há de se reconhecer, no entanto, que, mesmo inacabadas as elaborações da década de 1920, ainda hoje elas se mostram profícuas no embasamento de estudos e análises da arte, da literatura e da linguagem em geral.

Na mesma direção, as proposições bakhtinianas podem ser produtivas para a análise de textos verbo-visuais, que circulam no cotidiano, como é o caso das tiras. Para tanto, toma-se como base “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária” (daqui em diante, PCMF), ensaio de 1923-1924, que, desenvolvido pelo próprio Bakhtin, foi posteriormente incorporado à obra *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* em 1975.

No ensaio, o pensador russo situa sua reflexão na relação que se estabelece entre os três grandes domínios da cultura humana, o campo estético (arte), o ético (vida) e o cognoscível (ciência). O fazer estético, por suas especificidades,

diferencia-se do fazer científico e da vida experienciada, ao mesmo tempo em que se apropria de ambos, unificando-se a eles no plano da arte (BAKHTIN, 1998[1923-24], p. 15).

As formulações bakhtinianas respondem, de modo crítico, ao pensamento formalista russo da década de 1920, cuja concepção era de uma estética material, separando as artes e apregoando a primazia do material nas obras artísticas. Sobre isso, o pensador russo explica que “a estética material não é capaz de fundamentar a forma artística” (BAKHTIN, 1998[1923-24], p. 19). De um lado, a primazia do material na forma artística propicia uma aparente segurança metodológica: a arte é estudada com base no positivismo empírico, como é o caso da Linguística no estudo da obra literária, cujo material é a palavra. De outro, essa concepção ignora o elemento axiológico, que diz respeito aos posicionamentos valorativos autorais do criador e do observador no momento em que eles entram em contato e se apropriam de um dado material.

Além disso, a estética material ignora o momento do conteúdo no objeto artístico situado, por Bakhtin, no âmbito da vida e do conhecimento:

Chamamos de conteúdo da obra de arte (mais precisamente do objeto estético) à realidade do conhecimento e do ato estético, que entra com sua identificação e avaliação no objeto estético e é submetida a uma unificação concreta, intuitiva, a uma individualização, a uma concretização, a um isolamento e a um acabamento, ou seja, a uma formalização multiforme com a ajuda de um material determinado (1998[1923-24], p. 35).

O conteúdo, como “o momento constitutivo indispensável do objeto estético” (BAKHTIN, 1998[1923-24], p. 35), insere o objeto artístico no âmbito do acontecimento, da singularidade (“individualização”), que só pode se concretizar e ganhar sentido no ato responsivo do autor-criador, que, a partir de determinado posicionamento de valor, recorta, ordena e torna concretos os elementos do domínio ético e cognitivo, enformando e transpondo-os para o plano estético com a ajuda de determinado material.

Nas tiras de humor, são comumente privilegiados os estereótipos imediatamente reconhecíveis na interação autor-leitor dado ao espaço reduzido destinado à publicação dos textos. Não à toa, entre as personagens do universo ficcional criado por Gonsales, são recuperados fragmentos da História dos três porquinhos, presente no imaginário do público leitor e de fácil identificação. No âmbito imagético, o artista se vale da figura dos três porcos juntos, da casa no campo ou na floresta – casa rústica, situada entre árvores e vegetação rasteira –, ou do interior dela e do lobo. Nas legendas e balões, há a referência às personagens ou ao espaço que elas ocupam: “lobo”, “três porquinhos”, “porquinho(s)”, “porco(s)”, “casa”, “casa de tijolos” e “casa dos (três) porquinhos”, de modo que, a partir da articulação desse conteúdo, outros são incorporados às narrativas gráficas.

Nesse caso, com base nas proposições de Bakhtin (1923-1924) sobre a estética em geral, é possível compreender como o conteúdo fragmentado do conto é enformado em tiras, em um processo que passa tanto pelas coerções do gênero que toma de empréstimo a palavra alheia quanto pelo olhar valorativo do artista.

No plano da composição, a palavra “tira” já aponta para a importância do formato na designação do gênero: os quadrinhos se originaram em forma de “tiras dos jornais diários”, compostas por três ou quatro quadros, geralmente colocadas em uma página com várias outras tiras (EISNER, 2008[1996], p. 18). Na definição, há uma relação de sinonímia entre as tiras e os quadrinhos: definidas por sua forma de composição, elas se configuram como a primeira manifestação quadrinística.

O modelo horizontal foi adotado pelos jornais como padrão com o objetivo de adaptar a história ao tamanho da página do jornal. A padronização das tiras, ocupando algumas colunas da página, facilitava a vendagem do mesmo produto para diversos países e essa prática foi comum entre as empresas especializadas, os *syndicates*, nos Estados Unidos na década de 1910 (RAMOS, 2007).

Dentro da tradição artística, o aspecto humorístico do gênero tira tem suas origens na caricatura (GARCIA, 2012). Nesse sentido, Ramos (2011) associa a tira a uma piada, cuja história é predominantemente curta, com um desfecho inesperado que leva ao riso. E sua forma de composição se constitui em três etapas (CAGNIN, 1975, p. 187): uma situação inicial (S); um elemento de desvio do

curso natural da ação (D); e um desfecho inesperado (F), que se realiza em função do desvio. As etapas podem estar distribuídas em um ou mais quadros.

Essa distribuição, por sua vez, é uma composição orgânica relacionada a outros fatores, dentre os quais destaco: tamanho dos quadros – no plano da forma composicional –, ângulo de visão e ponto de vista – no plano do conteúdo.

Nos quadrinhos, a representação do tempo é espacial e, tal como preconizou Albert Einstein na Teoria da Relatividade, não é absoluto nem se concretiza em si, mas na relação com o leitor. O encapsulamento da ação em cada requadro – linha demarcatória de cada quadro – aponta tanto para aquilo que delimita quanto para o leitor presumido (EISNER, 1999[1985]).

Na construção da narrativa, a representação da sensação de tempo e/ou de seu prolongamento acontece a partir da composição dos elementos de cada quadro e de sua relação com os outros que compõem o texto. Nesse caso, importa o formato de cada quadro – comumente quadrados ou retangulares –, seus diferentes tipos de linhas de contorno ou a ausência delas, os balões de fala ou de representação de som, a indicação de fenômenos meteorológicos (chuva, sol, calor, frio) ou astronômicos (dia, noite), a ilusão de movimento por linhas cinéticas (indicando a trajetória de alguém ou de algo) ou por sinais gráficos (indicando o estado físico ou mental das personagens), o posicionamento do corpo da personagem no enquadramento (CAGNIN, 1975; RAMOS, 2009).

Nos quadrinhos compostos por de mais de um quadro, a duração e a vivência do tempo se concretizam na relação entre os quadros dispostos em sequência (BARBIERI, 1998). Já naqueles constituídos por apenas por um quadro, o antes e o depois da narrativa ficam condensados nele (RAMOS, 2009). Nesse movimento, para comprimir o tempo, usa-se um número maior de quadros, tornando a ação mais segmentada. Em contrapartida, para expandi-lo, os quadros são maiores e seu número é reduzido (EISNER, 1999[1985]). No primeiro caso, é maior a sensação de prolongamento do tempo do relato. Já, no segundo, a sensação de presença é intensificada e está relacionada ao instante do relato ou de seu fragmento representado no quadro.

Há inda há uma relação de interdependência entre espaço e tempo da narração e, conseqüente, entre o tempo da narração e o da leitura (CAGNIN, 1975).

O tempo da leitura é, de certa forma, o tempo do leitor. Como bem aponta Barbieri (1998), o leitor pode se demorar mais ou menos na leitura de determinado quadro ou do conjunto deles.

Nesse sentido, o espaço dos quadros é elemento constitutivo do efeito de duração do tempo. A construção de cada quadro acontece a partir de uma seleção do conteúdo realizada pelo cartunista, que recorta em traços e formas, determinado fragmento de espaço e tempo. O fragmento deixado para fora também se torna parte do conteúdo enformado, já que pode ser inferido pelo leitor.

O trabalho do artista, nesse aspecto, assemelha-se ao do fotógrafo, que capta a imagem em diferentes planos pictóricos e ângulos de visão. A diferença entre ambos, entretanto, consiste no fato de que o último recorta fragmentos da realidade que está diante de si, estetizando-a, a partir do conhecimento técnico disponível. Já o primeiro lida com um processo de criação. Ele precisa conceber a “realidade” que quer criar.

Os planos pictóricos se assemelham ao funcionamento do botão de “zoom” da máquina fotográfica ou câmera de filmar. A referência, em geral, é o corpo humano – em caricatura ou mais estilizado –, que pode ser representado de forma mais aproximada ou distante (RAMOS, 2009). Quanto mais aberto é o plano, mais se privilegia o ambiente em detrimento do humano. Em planos mais fechados, a figura humana é privilegiada em diferentes graduações.

O ângulo de visão, por sua vez, diz respeito a como é focalizada a imagem, tomando como referência os olhos do leitor: de cima para baixo (ângulo *plongé*), na mesma linha dos olhos do leitor (ângulo de visão horizontal) e de baixo para cima (ângulo *contra-plongé*) (BARBIERI, 1998; CAGNIN, 1975; RAMOS, 2009).

Os planos e ângulos apresentados são apenas algumas das formas de captação de imagem, talvez as principais, e não podem ser concebidas do modo estático ou mecânico. Elas agregam sentido no conjunto dos quadros – quando a narrativa é composta por mais de um – e também na relação com os elementos composicionais de cada quadro. Os recursos imagético-verbais disponíveis são os mesmos, mas a organização desses elementos realizada pelo cartunista, a partir de seu olhar de amorosidade diante do texto que cria, torna cada tira única e irrepetível.

Dessa perspectiva, a forma da tira só pode ser interpretada de modo substancial em sua intrínseca relação com o conteúdo, tal como defendeu Bakhtin, ao discorrer sobre a composição orgânica do objeto estético, em PCMF (BAKHTIN, 1998[1923-24], p. 21).

Por sua vez, a relação forma-conteúdo só se torna possível com a ajuda de determinado material, elemento técnico indispensável à construção da obra de arte. Nas tiras, traços e cores dão forma ao conteúdo no plano imagético. No âmbito verbal, são as palavras e as representações de sons que ganham nova dimensão, servindo como material a ser lapidado no ato de criação do artista.

O ato criador faz com que o material exceda-se a si próprio, no todo organizacional e de construção de sentidos do objeto criado. Sobre isso, o pensador russo explica como acontece tal processo na estética literária:

O enorme trabalho do artista com a palavra tem por objetivo final a sua superação, pois o objeto estético cresce nas fronteiras das palavras, nas fronteiras da língua enquanto tal; mas essa superação do material assume um caráter puramente imanente: o artista liberta-se da língua na sua determinação linguística não ao negá-la, mas graças ao seu aperfeiçoamento imanente: o artista como que vence a língua graças ao próprio instrumento linguístico e, aperfeiçoando-a linguisticamente, obriga-a a superar a si própria (1998[1923-24], p. 50).

O autor-criador é também elemento constitutivo do objeto estético, à medida que é ele quem estabelece a relação entre conteúdo, forma e material em seu ato criativo. De igual modo, o posicionamento valorativo do autor-criador se mostra na forma composicional da obra de arte:

As formas composicionais que organizam o material têm um caráter teleológico, utilitário, como que inquieto, e estão sujeitas a uma avaliação puramente técnica, para determinar quão adequadamente elas realizam a tarefa arquitetônica. A forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional: assim, a forma da tragédia (forma do acontecimento, em parte, do personagem – o caráter trágico) escolhe a forma composicional adequada – a dramática (BAKHTIN, 1998[1923-24], p. 25)

Nesse sentido, o filósofo da linguagem define a forma *arquitetônica* como “a unificação e organização dos valores cognitivos e éticos”, construída na relação indissolúvel entre forma composicional, conteúdo, material e posicionamentos valorativos autorais. A forma arquitetônica, organizada num material, torna-se a forma de um conteúdo, relacionando-se com esse conteúdo axiologicamente (BAKHTIN, 1998[1923-24], p. 57).

Nesta reflexão, o conceito mobilizado permite identificar a produção de sentidos nas relações dialógicas entre forma, conteúdo, material, autor-criador e autor-contemplador das narrativas enformados em tiras. Permite observar como se institui autoria no momento em que cartunista (autor-criador da tira e, simultaneamente, autor-contemplador do conto inglês), sob o olhar do século XXI, redimensiona a narrativa registrada por Joseph Jacobs (1890). Nas tiras, fragmentos do conteúdo do conto são reordenados axiologicamente em quadros, balões, legenda, a partir do material que é próprio dos quadrinhos: traço, cor, palavra etc., a partir do conhecimento técnico disponível e como resposta singular à visão de mundo do tempo que abarca o objeto (re-) criado.

No diálogo com o objeto circunscrito, a análise parte de elementos mais abrangentes para os mais específicos, como propõem Bakhtin/Volochinov (2004[1929]). A esfera e a situação de produção dos textos são consideradas inicialmente; a seguir, as tiras são observadas na composição das páginas em que circulam. Nos dois casos, trata-se de elementos que orientam o ato de leitura, produzindo sentido na materialidade dos textos. Finalmente, as marcas verbo-visuais das tiras são analisadas no todo criado pelo cartunista.

A análise de cada texto está centrada nas personagens que dão nome ao conto, em seu espaço-tempo e no olhar do autor-criador das tiras projetado sobre elas. No âmbito imagético, a identificação de cada uma acontece por sua representação nos espaços por elas ocupados. No âmbito verbal, a identificação é viabilizada pelos nomes e expressões nominais definidas (KOCH, 2009), que, presentes tanto no discurso do narrador quanto no diálogo entre as personagens, estão relacionados diretamente à construção de cada uma, a sua caracterização e localização no espaço-tempo.

A arquitetura das tiras como resposta a valores da contemporaneidade

As tiras de Gonsales, selecionadas para esta reflexão, foram publicadas pela primeira vez no jornal *Folha de S. Paulo*, o maior jornal diário² de interesse geral e de circulação nacional paga no país – em plataforma impressa e digital –, com sede na quinta maior cidade do mundo, considerada uma das principais do polo econômico brasileiro.

Voltado às classes A e B, o jornal paulistano foi reorganizado em cadernos temáticos diários a partir de 1991. Entre os cadernos de circulação diária (“Poder”, “Mundo”, “Dinheiro” ou “Mercado”, “Cotidiano”, “Ciência” e “Saúde”, “Esporte”) está o “Ilustrada”, dedicado a variedades, entretenimento, cultura e artes em geral. “Equilíbrio”, “New York Times Internacional Weekly”, “Comida”, “Turismo”, “Folhinha”, “Ilustríssima”, “Veículos”, “Negócios” e “Imóveis” são alguns dos suplementos do jornal.

No caderno “Ilustrada”, ficam as tiras de circulação diária criadas por artistas colaboradores, trazendo temáticas não necessariamente relacionadas ao material veiculado no jornal, mas a questões de um contexto sociocultural mais amplo. Cada cartunista entrega semanalmente um número de tiras de temática de livre escolha, ficando a cargo da equipe de edição do jornal a seleção do material para publicação a cada dia. Depois de selecionadas, as tiras são agrupadas e passam a compor, junto com outros textos, uma página voltada ao entretenimento e ao humor (GONSALES, 2012). No período pesquisado, a página das tiras diárias apresenta uma forma bem estável.

No topo da página em que é veiculada a primeira tira (GONSALES, 31 mai. 2009, p. E11)³, há um espaço reservado à crônica assinada por José Simão, que, pelo viés humorístico, discorre principalmente sobre acontecimentos da atualidade. No

² Dados fornecidos pela Associação Nacional de Jornais e obtidos a partir da soma da média de circulação dos jornais impressos e digitais, referente ao ano de 2015. Informação disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em 16 mai. 2017.

³ Página disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2009/05/31/21>>. Acesso em 16 mai. 2017.

topo da página da segunda tira (GONSALES, 28 jun. 2009, p. E9)⁴, por sua vez, a crônica de José Simão dá lugar a um texto opinativo de outro colaborador: Thiago Ney. Isso acontece em razão de férias do cronista, como consta da nota ao final do texto veiculado em substituição.

Logo a seguir, vêm as tiras dispostas uma embaixo da outra, ocupando do meio até o pé da página. O horóscopo do dia, com a previsão de cada signo, fica na coluna lateral esquerda, e as palavras cruzadas dividem a coluna lateral direita com o desafio lógico do “Sudoku” (jogo japonês com números).

No centro da página, sete ou oito dessas narrativas gráficas são publicadas diariamente, antecedidas pelo rótulo “Quadrinhos”. Acima de cada uma, vem o nome da série a que ela pertence, seguido do nome do artista que assina o trabalho.

As tiras com as personagens da História dos três porquinhos, selecionadas para esta investigação, foram publicadas em datas aleatórias, com intervalo de menos de um mês – 31 de maio e 28 de junho de 2009 –, e aparecem dentro da série *Níquel Náusea*.

A série foi criada por Gonsales para um concurso realizado pela *Folha de S. Paulo*, sendo que, em 22 de setembro de 1985, foi apresentada pela primeira vez ao leitor, como vencedora da categoria “tiras”.

Sua personagem central, Níquel Náusea, é uma paródia ao Mickey Mouse, de Walt Disney. Para a personagem, a vida é “nauseante” (CASTELÃO; SANTOS, 2007) e a luta pela sobrevivência é diária. Vive no esgoto de cidade grande e, nessa condição, enfrenta a fome, a subnutrição e a disputa por comida. Junto com ele, veio a vovó Donalda e o “barato” Fliti, seu amigo, chegado em “um bom Baratox de ação prolongaaaaaaaada”⁵. A rata Gatinha educa seus filhotes com safanões, o Sábio do Buraco é um ancião dos roedores que oscila entre a sabedoria e a esclerose. Já o Ruber é um rato mutante e gordo. Entre eles, surgem o Mickey da Disney e alguns humanos, constantemente ridicularizados.

⁴ Página disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2009/06/28/21>>. Acesso em 16 mai. 2017.

⁵ Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/niquel/>>. Acesso em 16 mai. 2017. Busca realizada em: “personagens”.

Os animais trazidos do submundo do esgoto surgem como forma de irreverência e contestação – inclusive contra a pasteurização das tiras vindas de fora. Tornam-se presença incômoda aos humanos, ao mesmo tempo em que resistem a eles, a despeito da rejeição e desprezo sofridos. Não à toa, é recorrente, no plano do conteúdo, a tematização do desconforto vivenciado pelas personagens, que sofrem com cólicas estomacais, dores por pancadas, vertigens, fome ou melancolia. No plano da forma, a tensão constante em que vivem está marcada em seus corpos desproporcionais (CASTELÃO; SANTOS, 2007).

Ao longo das edições do jornal, outras personagens passaram a compor o mundo do Níquel Náusea, como é o caso de seres imaginários: bruxas, duendes, fadas, anjos e animais falantes. Nesse contexto, as personagens convocadas entram para as tiras com o mesmo espírito contestador e irreverente daquelas que compõem o núcleo central. É o que se vê nas tiras que recuperam o conto inglês.

A primeira tira (GONSALES, 31 mai. 2009, p. E11)⁶ é composta por dois quadros, de tamanhos distintos. A situação inicial (S) é apresentada no primeiro quadro, convocando o leitor a adentrar ao ambiente do conto. Em plano geral ou panorâmico, o cenário é privilegiado: no centro do enquadramento e em imagem mais aproximada, há uma tapera entre vegetação rasteira, com árvores ao fundo. O telhado e as paredes estão parcialmente destruídos. No lado direito do enquadramento e ao longe, três animaizinhos bem roliços, de costas, distanciam-se da casa e consequentemente do leitor. A imagem reproduzida em ângulo horizontal, na linha dos olhos do leitor, sugere uma aparente neutralidade, como se o cartunista adentrasse junto com o leitor. A sensação de presença no instante do relato se prolonga no quadro maior, se comparado ao quadro seguinte. A legenda, acima do cenário, ratifica a imagem recriada, colaborando para essa sensação. O narrador avisa ao leitor que “enquanto a *casa dos porquinhos* é reconstruída, eles vão ficar num hotel chique que o seguro pagou...” (GONSALES, 31 mai. 2009, p. E11 – grifo nosso).

⁶ Imagem disponível em Souza (2015, p. 316): <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-16032016-143337/pt-br.php>>. Acesso em 16 mai. 2017. Também disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2009/05/31/21>>. Acesso em 16 mai. 2017.

No quadro seguinte, por sua vez, há um desvio no curso da narrativa (D), e o leitor é pego de surpresa, tal qual as personagens. Em um salto espaço-temporal, a imagem do segundo quadro recria a cena dos três porquinhos, juntos, no restaurante do hotel. Os três alinhados, um ao lado do outro, estão comprimidos no quadro menor. Em plano total ou de conjunto, eles estão mais próximos e, de frente para o leitor, são mostrados de corpo inteiro, ganhando maior importância no ambiente, preenchido por fragmentos de mobília (mesas) e utensílios de cozinha. Cada um traz um prato vazio entre as mãos. Em balão de fala uníssono, as personagens demonstram sua surpresa diante do cardápio: “bacon no café da manhã?” (GONSALES, 31 mai. 2009, p. E11).

Com as orelhas em pé, olhos arregalados e boca bem aberta, o susto das personagens é flagrado de cima para baixo (em ângulo *plongé*), apontando para a situação de risco enfrentada. Do cardápio inesperado e do desespero em razão do que lhes é oferecido vem o desfecho inesperado (F), fazendo emergir o riso do cartunista e do leitor previsto. De um lado, a situação parece engraçada; de outro, põe em foco a questão da autodevoração, na medida em que o alimento oferecido fere a própria carne.

A tira tematiza uma situação bem familiar à contemporaneidade. Os pequenos animais optaram por deixar temporariamente a vida na floresta e delegaram a responsabilidade da reconstrução de sua casa a uma seguradora, buscando serem poupados de eventual transtorno. No entanto, o suposto benefício do serviço de hotelaria prestado no período de afastamento do lar não os coloca em situação de segurança. São surpreendidos com o cardápio do café da manhã: “bacon”. Nesse caso, sua situação é agravada, se comparada àquela vivenciada pelos porquinhos de Jacobs (1890).

Na versão inglesa do conto, o sucesso dos porquinhos estivera diretamente relacionado ao modo como os pequenos animais enfrentaram o desafio de construir sua moradia:

O primeiro [...] porquinho construiu uma *casa* com ela [a palha]. [...] Logo veio um *lobo* [...]. E assim ele soprou, e bufou, e fez a *casa* ir pelos ares e comeu o *porquinho*.

O *segundo porquinho* encontrou um homem com feixe de tojo [...] e construiu a sua *casa*. Então apareceu o *lobo*. [...] E assim ele soprou, e bufou, e bufou, e soprou e finalmente fez a *casa* ir pelos ares e devorou o *porquinho*.

O *terceiro porquinho* [...] construiu sua *casa* com eles [os *tijolos*]. Logo veio o *lobo* [...]. Bem ele soprou, e bufou, e soprou e bufou, e bufou e soprou; mas *não* conseguiu pôr a *casa* abaixo [...] (JACOBS, 2010 [1890], p. 264-266 – grifos nossos).

As personagens do registro de Jacobs (1890) vivenciaram o ideal burguês, difundido principalmente a partir do século XVIII, segundo o qual a autonomia do cidadão passava necessariamente pelo trabalho produtivo e árduo, e o conto ganhou um caráter dogmático.

Era um momento de grandes mudanças socioeconômicas com reflexos diretos na atenção voltada à criança. A Europa vivia os efeitos da Revolução Industrial, que se iniciara na Inglaterra. A partir dela, o modelo de instituição familiar passou a ser centrado na divisão do trabalho. O pai ficou incumbido do sustento econômico da prole, e a mãe tornou-se responsável pelo gerenciamento da vida doméstica. A criança, considerada um adulto em miniatura e vista como garantia de mão-de-obra futura, era exposta a obras educativas que lhe propiciassem uma formação política e ideológica condizente com os interesses burgueses (LAJOLO; ZILBERMAN, 2006). É o que acontece na História dos três porquinhos, em que os filhos são convocados à responsabilidade na garantia seu próprio sustento.

No percurso histórico-discursivo da narrativa, entretanto, o discurso de viver por um ideal, o de construir ou reconstruir sua casa, foi atravessado por vozes outras. É o que se observa no plano imagético-verbal da tira. Na legenda, o narrador faz referência à “casa dos porquinhos” (GONSALES, 31 mai. 2009, p. E11). Nos quadros, os três porquinhos são apresentados lado a lado.

No entanto, a imagem dos três irmãos vivendo juntos não advém do relato de Jacobs (1890), em que apenas o terceiro sobrevive ao lobo. Ela vem de versões posteriores, em especial, o desenho animado de curta-metragem Disney (1933)⁷, em que os três passam a habitar uma mesma moradia, depois de sobreviverem à fera.

⁷ *Three Little Pigs*, de Walt Disney Prod. Ltda (1933). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M_QpsigrVaM. Acesso em 18 mar. 2017.

Principalmente depois dessa versão, as outras que foram surgindo, em quadrinhos ou não, apagaram o fato da morte dos dois primeiros porquinhos. Os três irmãos não se veem mais sob o mesmo ideal de seus antepassados.

Com a versão disneyana, a autonomia pelo trabalho fica relativizada. Desenvolver a arte da corrida para não ser pego pode ser melhor do que aprender a construir uma moradia sólida. Além disso, nas relações humanas, há sempre um outro, pronto para socorrer nas horas de necessidade. Os dois irmãos podem viver flauteando, uma vez que o terceiro trabalhará duro para garantir a sobrevivência da família.

Na tira, por sua vez, o cartunista vai além da versão disneyana e do relato inglês. Gonsales esvazia qualquer discurso de caráter dogmático pelo viés do humor. O agente da destruição agora é apagado, fica apenas subentendido. De um lado, não se pode atribuir, com precisão, a façanha da destruição da casa ao lobo; de outro, os porquinhos se dão conta do risco iminente de serem servidos à mesa.

Os três porquinhos da pós-modernidade usufruem dos serviços prestados por terceiros e pagam por isso, em nome da comodidade, da qualidade de vida. Entretanto, o preço é a insegurança: “Não está claro em que e no que confiar, já que ninguém parece estar no controle de como as coisas estão indo – ninguém pode dar garantia confiável de que elas de fato irão na direção imaginada” (BAUMAN, 2008, p. 62). Já não se sabe, ao certo, de onde advém o perigo. Se, antes, o sucesso das personagens dependia do empenho na construção da moradia; agora, todas as medidas tomadas para o empreendimento bem-sucedido podem levá-las a perecer.

Frustrações e incertezas são também o que possivelmente levou os porquinhos da tira publicada em 28 de junho de 2009 a abandonarem a vida na floresta, em busca de segurança da moradia em edifício (GONSALES, 28 jun. 2009, p. E9)⁸.

Diferente da tira anterior, esta última é composta por três quadros, sendo que os dois primeiros, juntos, correspondem aproximadamente ao tamanho do quadro final.

Nos dois primeiros, os porquinhos são mostrados em um ambiente que se pressupõe como interior de um imóvel. A situação inicial (S) corresponde à cena

⁸ Imagem disponível em Souza (2015, p. 316): <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-16032016-143337/pt-br.php>>. Acesso em 16 mai. 2017. Também disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2009/06/28/21>>. Acesso em 16 mai. 2017.

em que dois dos animais, mostrados de corpo inteiro (plano total ou de conjunto), estão sentado em um sofá. De quem olha para o desenho, no lado esquerdo do enquadramento, um interfone pendurado à parede toca. No mesmo lado, o terceiro porquinho tem apenas parte de sua cabeça mostrada no canto inferior do quadro, como que se esforçando para compor a “fotografia”.

A imagem dos três é privilegiada pelo cartunista. Focalizados em ângulo *plongé* (de cima para baixo), eles se encontram em situação de desconforto, medo. Seu olhar apreensivo transpõe os limites do desenho. Flagrados de frente, eles podem contemplar o leitor.

A situação de perigo se agrava no segundo quadro ainda mais reduzido: um dos porquinhos, sozinho, fica confinado no espaço apertado que lhe resta. Seu corpo também é diminuído, no distanciamento das lentes do cartunista, fazendo parecer que o teto da sala é o limite para a tomada da cena. Tomando todo o lado esquerdo do enquadramento, a parede escura, onde fica o interfone, torna-se outro elemento redutor do espaço. Como o aparelho de comunicação em mãos, o porquinho é surpreendido (D) com um sopro do outro lado: “FUUUU!” (GONSALES, 28 jun. 2009, p. E9).

A abertura do campo de visão no último quadro e a mudança do ângulo de captura da imagem, por sua vez, colocam, em cena, a tensão entre as já personagens conhecidas. No lado superior direito do quadro, do alto da janela de um edifício, um dos porquinhos, quase irreconhecível pela insignificância de seu tamanho, reclama o incômodo da visita: “Que saco!” e “Nem aqui a gente tem sossego!” (GONSALES, 28 jun. 2009, p. E9).

No lado esquerdo, inibido por um muro que separa a área externa da área interna do condomínio, quem sopra do outro lado é o lobo (F), ganhando primazia no enquadramento do cartunista. Representado em plano americano, ou seja, da altura dos joelhos para cima, a fera está mais próximo do leitor.

Na composição do quadro, entretanto, essa primazia é desconstruída pela captura da imagem do porquinho de baixo para cima, em ângulo *contra-plongé*. O animalzinho, até então indefeso, fica quase inatingível, distante do lobo e do leitor.

O porquinho, à janela, não ignora o ocorrido com seus antepassados. Conhece a história e seu desfecho, os riscos da moradia em área aberta. Pressupõe, na vida

em condomínio, o afastamento do perigo conhecido. O lobo algoz, por sua vez, não mantém contato visual com a vítima. Vê-se impotente diante do alto muro e sua ferocidade se esvazia na ameaça mediada pelo aparelho de comunicação.

Nesse sentido, o lobo da floresta, que antes perseguia os três irmãos para alimentar-se deles, dá lugar ao lobo da cidade, um estranho qualquer, que eventualmente pode fazer vítimas. As vítimas também são outras. Antes sua moradia era a garantia de segurança diante do inimigo de rosto conhecido. Agora, o inimigo é desconhecido e elas se cercam da comodidade da vida em redutos de concreto como forma de proteção. Ao mesmo tempo, o confinamento não lhes traz, necessariamente, a sensação de segurança almejada.

A suspeita de violência, por si só, gera ansiedade. Nesse contexto, ninguém está livre, e a estratégia mais viável para tentar manter-se longe da violência aberta ou velada passa a ser o descomprometimento: “separações territoriais tornadas seguras pelos equivalentes fossos e pontes levadiças, como a vigilância da vizinhança, condomínios envoltos por grades, circuitos fechados de televisão e patrulhas de segurança” (BAUMAN, 2008, p. 268).

Assim como os porquinhos abandonam o modo de vida na condição de produtor, vivenciada por seus antepassados, passando à condição de consumidor, o lobo dos novos tempos tem seus instintos ferozes esvaziados e precisa se reinventar, ou não fará mais vítimas. Em sentido amplo, sob os desígnios do cartunista, o caráter dogmático do conto é esvaziado.

Na forma de composição das tiras de humor, o projeto de esvaziamento vai se consolidando quadro a quadro. Mesmo quando o cartunista aparentemente se mantém fiel ao conto memorado em quadros introdutórios, no desfecho (F), sua voz se manifesta de forma mais explícita para subverter a palavra alheia.

Na mesma direção, outro recurso é utilizado. O artista desconstrói o dizer do conto, tematizando as imperfeições dos animais – seus traços e formas –. O desenho das personagens em quase nada se assemelha àqueles que, em circulação a partir do século XIX, ilustram diferentes versões do conto ou representam o lobo e os porquinhos nas artes visuais. A caracterização das personagens quadro a quadro prepara o leitor – provável conhecedor do texto-fonte ou de versões que compõem sua cadeia discursiva – para o riso debochado.

Na “falta de rigor” do traço pouco acabado, a forma esbelta e longilínea do lobo conhecido na tradição dá lugar à desproporcionalidade. A cabeça é maior que o corpo, o focinho e boca são exagerados, e o peso se sustenta sob pernas magérrimas e pouco articuladas. O porco também não escapa ao cartunista. As formas roliças em traços bem delineados são abandonadas. O focinho salta aos olhos de quem o vê, pelo tamanho e pela semelhança com as tomadas da rede elétrica, fazendo lembrar o ditado popular: “focinho de porco não é tomada”. Assemelham-se a “erros”, bem característicos da caricatura, que situam as personagens na fronteira entre o sério e o cômico, criando sentidos que nenhuma representação “realista” poderia criar (BARBIERI, 1998 p. 111).

Entre o sério o cômico, entretanto, os heróis reinventados estão com seus pés fincados no chão e os olhos bem abertos diante da realidade que os cerca. Do embate entre a visão das personagens em seu ambiente e o ponto-de-vista inscrito pelo autor-criador nas tiras, isto é, do embate entre os centros de valores distintos, emerge o humor (BAJTIN, 1997 [1920-1924]).

De dentro do acontecimento criado pelo cartunista, as personagens reagem, ora com indignação, ora com surpresa ou medo, já que, da perspectiva delas, não há nada de engraçado na peça que lhes é pregada. O olhar valorativo do artista, o modo como ele se coloca diante de seu objeto de criação, torna o todo por ele criado cômico. Ao se apropriar de fragmentos do conto da tradição oral com fins hostis à palavra tomada de empréstimo, ele ri de suas personagens. Nesse aspecto, há, pelo menos, duas instâncias imbricadas no diálogo tira-conto, sem as quais não se constrói o efeito de humor: o olhar apreciativo do artista em relação ao conto recuperado e seu olhar voltado às personagens reconfiguradas. É nessa tensão, por conseguinte, que ele vai sobrepor sua voz à voz da tradição oral.

Não se trata, entretanto, de rememorar a tradição com a finalidade de amortizá-la, mas de renová-la, reconfigurando as personagens diante das situações que a vida lhes impõe. Não à toa, os três porquinhos vivenciam os prazeres e as contradições das facilidades da vida contemporânea.

A memória do conto alcança também o leitor dos quadrinhos. O interlocutor conhece as personagens advindas da tradição oral e as novas que surgem a partir delas. O que ele vê delas, do novo mundo em que vivem e das situações em que o

cartunista as coloca, torna-se a mola propulsora do riso. Além disso, tanto quanto o cartunista, o leitor sabe que as situações vivenciadas na ficção têm muito mais a dizer sobre o mundo dele do que propriamente sobre o universo ficcional em que as personagens estão inseridas. Nesse aspecto, o riso emergente das tiras se assemelha ao riso popular do carnaval de praça pública da Idade Média, descrito por Bakhtin (2008 [1965]): “o riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre um mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem” (p. 11).

De certo modo, a página em que se publicam as tiras é a praça pública do jornal. Trata-se de um espaço reservado ao riso debochado e desvinculado da “realidade” mais imediata do cotidiano, em um renomado jornal diário do país. Nesse contexto, Gonsales convida os animais do submundo do esgoto – o rato Níquel Náusea e a barata Fliti – para conviver com o leitor mais abastado – das classes A e B –, que, no seu dia a dia, ignora a realidade do mundo abaixo de seus pés, nutrindo certa ojeriza por ele. Nos quadrinhos, os seres do mundo invisível ao leitor ganham visibilidade e o fazem rir e, no mesmo espírito, as personagens da tradição oral são lembradas. Elas vêm para as tiras, como forma de contestação contra os convencionalismos, e têm seus aspectos, os mais mundanos e humanos, resgatados pela anedota.

Considerações finais

A prática de leitura pela perspectiva bakhtiniana da *arquitetônica* é reveladora das articulações de sentido advindas de uma organização de aspectos do objeto estético (neste caso, as tiras), da ordem do conteúdo, material e forma, realizada por centro de valores, isto é, na relação sujeito-autor (cartunista), herói (as personagens das tiras) e sujeito-contemplador (o leitor).

Para conquistar a adesão do leitor, o cartunista se vale de estereótipos de personagens apresentadas no espaço-tempo que elas ocupam. Não por acaso, recupera as personagens da história dos três porquinhos, conhecida ao longo de sua tradição. Os diferentes tamanhos de quadros, os planos pictóricos (de aproximação e de distanciamento) e dos planos de visão (ponto de vista) são utilizados com a mesma finalidade.

Simultaneamente ao movimento de retomada do conto, Gonsales esvazia a palavra tomada de empréstimo, no traço, na forma das personagens e na forma composicional das tiras de humor – (S) situação inicial; (D) desvio do curso da ação; (F) desfecho inesperado –, caracterizada como uma piada imagético-visual em quadros. O esvaziamento também acontece no plano do conteúdo: as “belas” personagens do conto maravilhoso passam a ser caracterizadas pela “feiura”, por traços inacabados e distorcidos, por fragilidades. Desse esvaziamento, emergem discursos advindos da visão de mundo contemporânea, em que a ideia de identidade bem delineada, idealizada, é abandonada. Não há um papel social pré-definido a ser cumprido, nem uma meta de vida a ser alcançada. Há um imperativo à flexibilidade e ao movimento. O papel de produtor dá lugar ao de consumidor.

A fluidez da vida está materializada no texto e se estende a sua esfera de circulação. No jornal impresso, a validade da notícia tende a durar até a edição do dia seguinte. Ao cartunista, por sua vez, cabe dizer aquilo que só o conteúdo enformado em tiras – em palavras, traços e cores –, orientado pela esfera, lhe permite dizer. Um retrato da visão de mundo contemporânea é construído a partir de fragmentos montados em peças, tal qual um quebra-cabeça.

A constituição do gênero favorece nesse sentido: os textos se materializam em fragmentos de eventos encapsulados em quadros segmentados, separados por hiatos (os espaços vazios entre um quadro e outro), que demandam um processo de compreensão ativa do leitor, para a inferência da passagem do tempo do relato e dos acontecimentos omitidos entre um quadro e outro. Nesse aspecto, o que ficou fora dos quadros é tão significativo quanto o evento encapsulado. A síntese imagético-visual, que fragmenta o relato e acelera seu processo de leitura, atende ao gosto do leitor contemporâneo, acostumado a um mundo que valoriza o tempo real.

Trata-se de uma relação contratual entre cartunista e leitor. O cartunista conta com as vivências do leitor, com seus conhecimentos prévios e memórias partilhadas. Não à toa, a tematização do conto maravilhoso nas tiras é atravessada pelos discursos advindos da versão Disney, que circulou em desenho de animação, especialmente na década de 1930, transformando a narrativa recolhida do folclore europeu. Do desenho de animação, as personagens foram para os quadrinhos, difundindo-se em todo o Ocidente, de modo que o leitor das tiras parece estar muito

mais familiarizado com a narrativa disneyana do que, propriamente, com a fonte primária do conto.

Assim, na relação com o leitor-aluno, propostas de leitura que, mediadas pelo profissional de ensino, limitam-se a aspectos linguísticos e, eventualmente, imagéticos do texto (como acontece, muitas vezes, nos manuais didáticos), torna a análise fragmentada e a produção de sentidos, reduzida. As especificidades – da ordem do conteúdo, do material e da forma –, as condições de produção, a esfera de circulação e o olhar do sujeito-autor projetado sobre o objeto que criado são ignoradas, e a opção pela tira em detrimento de outro gênero se torna indiferente.

Em direção oposta e longe da pretensão de esgotar as possibilidades de produção de sentidos, a abordagem realizada oferece subsídios para que, no ato da leitura, cada tira seja ressignificada pelo leitor-aluno, inserido em determinado contexto sócio-histórico-cultural e a partir de um posicionamento valorativo por ele assumido. Em âmbito maior, a reflexão aponta caminhos para a prática de leitura de textos materializados em diferentes linguagens, pertencentes a outros gêneros, que não a tira, como prática social.

Referências

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em 16 mai.2017.

BAJTIN, Mijail M. *Hacia uma filosofía del acto ético*. De los borradores y otros escritos. Trad. del russo de Tatiana Bubnova. Rubí (Barcelona): Antrophos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997[1920-1924].

BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: *Questões de literatura e de estética: teoria do romance*. Trad. do russo Aurora Fornoni Bernardini et. al. São Paulo: UNESP, 1998[1923-1924], p. 13-69.

_____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. Trad. do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 307-335.

_____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008[1965].

_____; VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*. 11 ed. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004[1929].

BARBIERI, D. *Los lenguajes del cómic*. Trad. Juan Carlos Gentile Vitale. 1 reimpr. Barcelona: Paidós, 1998.

BAUMAN, Z. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Trad. José Grade. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Orientações curriculares para o Ensino Médio*. Brasília, DF, 2006.

CAGNIN, A. L. C. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.

CASTELÃO, E. S.; SANTOS, R. C. G. dos. Níquel Náusea: a narrativa dos HQ's como documento histórico. In: *GRAPHICA 2007 – VII International Conference on Graphics Engineering for Arts and Design – XVIII Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico*, 2007, Curitiba, Paraná. *GRAPHICA 2007 – ANAIS 2007*. Disponível em: <<http://www.exatas.ufpr.br/portal/degraf/graphica2007mo/>>. Acesso em 21 ago. 2015.

EISNER, W. *Quadrinhos e arte sequencial*. Trad. Luís Carlos Borges. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999[1985].

_____. *Narrativas gráficas: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos*. 2 ed. rev e ampl. Trad. Leandro Luigi Del Manto. São Paulo: Devir, 2008[1996].

FARACO, C. A. O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal. In: BRAIT, B. (org). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 95-111.

GARCÍA, S. *A novela gráfica*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GONSALES, F. Níquel Náusea. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 mai. 2009, Ilustrada, p. E11. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2009/05/31/21>>. Acesso em 16 mai. 2017.

_____. _____, 28 jun. 2009, _____, p. E9. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2009/06/28/21>>. Acesso em 16 mai. 2017.

_____. *Debate com Fernando Gonzales*: evento comemorativo aos 10 anos da Gibiteca do SESI. São Paulo: Centro Cultural do SESI Vila Leopoldina, 23 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.sesisp.org.br/cultura/programacao-especial-10-anos-da-gibiteca.htm>>. Acesso em 21 ago. 2015.

JACOBS, J. A história dos três porquinhos. In: *Contos de Fadas*: de Perrault, Grimm, Andersen & outros. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010[1890], p. 264-269.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*: trajetória e grandes temas. 2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira*: História e Histórias. 6.ed. São Paulo: Ática, 2006.

NIQUEL NÁUSEA. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/niquel/index.shtml>>. Acesso em 16 mai. 2017.

RAMOS, P. E. *Tiras cômicas*: duas leituras, um efeito de humor. Tese (Doutorado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo – FFLCH-USP, São Paulo, 2007.

_____. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, E. H. de. *Diálogo entre diferentes temporalidades refratadas em textos verbo-visuais de periódicos brasileiros contemporâneos*. 2015. 322p. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo – UPS-SP, 2015.

WALT DISNEY PROD. LTD. *Three Little Pigs*, 1933. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M_QpsigrVaM>. Acesso em 26 mar. 2015.

PARTE II – DISCURSO E MÍDIA

O DISCURSO “PARTIDO” DA ASSOCIAÇÃO ESCOLA SEM PARTIDO: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DOS PONTOS DE VISTA, DA MEMÓRIA DISCURSIVA E DAS IMAGENS DE SI E DOS OUTROS

Tatiana Simões e Luna

Dóris de Arruda C. da Cunha

Introdução

No âmbito da análise dialógica do discurso (ADD) e da análise de discurso francesa em geral, todo discurso é heterogêneo, atravessado por várias vozes, e toma posição em relação aos objetos temáticos, aos outros e ao mundo. Neste artigo, analisamos o discurso da associação Escola sem partido (ESP), que produz efeitos de denegação, pois é uma associação de interesse educacional que combate certas abordagens pedagógicas e, paradoxalmente, se define sem ideologia.

Devido à diversidade de dados que podem ser coletados na página virtual dessa associação, selecionamos alguns textos que nos permitem destacar a construção dialógica dos pontos de vista, as representações de si e dos outros (professores, pais e pensadores da educação) e a memória evocada: a logomarca, os *slogans*, dois textos de apresentação, a canção paródica “O Bando” e um trecho de uma matéria sobre um programa de formação de professores. Enfatizamos que tais textos não são tomados aqui como exemplos de discurso da ESP, mas sim como casos concretos, pois, como nos lembra François (2015), não podemos pressupor que a análise interpretativa de certos textos será adequada para outros, ainda que sejam assinados pelo mesmo sujeito ou instituição.

Os resultados da análise do discurso da ESP apontam que essa associação paradoxalmente combate certas abordagens pedagógicas ditas “críticas, marxistas, de esquerda” e, explicitamente ou não, apresenta o seu “partido”: um posicionamento liberal, conservador, tradicional e de direita.

A associação Escola sem Partido: tema e contextualização da pesquisa

Criada em 2004 pelo advogado do Estado de São Paulo, Miguel Nagib, a associação ESP é formada por um grupo conservador de professores, de pais, de estudantes e políticos que defendem uma suposta neutralidade nas práticas de ensino-aprendizagem. A partir de 2014, a ESP começou a crescer vertiginosamente concretizando suas ações por meio de um anteprojeto de lei, adaptado às esferas federal, estadual e municipal, que já conseguiu ser aprovados em algumas localidades¹. Trata-se de um anteprojeto que põe em risco o direito à expressão e a liberdade de pensamento nas escolas, pois pretende tirar dos professores o direito de dar suas opiniões sobre temas de caráter político, moral, religioso ou ideológico e de incentivar seus alunos a participar de manifestações públicas.

O cerne da associação, assim como do projeto de lei 193/2016, apresentado pelo Senador Magno Malta, atualmente em tramitação no Senado Federal, está nos seis “deveres dos professores” que devem se submeter, além das interdições citadas: à proibição de realizar publicidade política ou de um partido político e de abordar temas da educação moral em sala de aula; à obrigação de apresentar as principais teorias sobre assuntos socioeconômicos ou culturais e à de impedir outra pessoa de violar as normas precedentes, dentro de sala de aula. O projeto estabelece que tais deveres devem ser afixados em um cartaz na sala de aula, para informar os estudantes sobre seus “direitos”, e na sala dos professores. Com base neles, a ESP refuta a postura política assumida pelas organizações de estudantes e professores e por certas abordagens teórico-didáticas dos programas de formação docente, dos livros didáticos e paradidáticos, das práticas educativas em geral e

¹ O Estado de Alagoas e algumas cidades do Paraná e da Paraíba já aprovaram os anteprojetos.

dos instrumentos de avaliação, todos costumeiramente criticados em sua página virtual², por não seguirem os preceitos ditados.

É salutar que ela tenha sido criada dois anos após a primeira vitória presidencial do Partido dos Trabalhadores e no mesmo ano em que se inicia a universalização da entrega de obras didáticas das diversas disciplinas para alunos de escolas públicas, inclusive do Ensino Médio, no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), uma vez que a ESP apresenta essas obras e a inclusão de História e Cultura dos povos africanos e indígenas enquanto conteúdo transversal, como uns dos principais alvos de suas críticas³.

O título do nosso trabalho faz um trocadilho com o objeto de análise, porque questionamos a pertinência de um discurso que se diz sem ideologia. Nosso objetivo é estudar os discursos que circulam na página virtual da associação ESP, ou seja, aqueles que o sítio virtual da associação divulga e analisar os mecanismos utilizados para construir a defendida neutralidade ideológica. São encontrados nesta página, em geral, gêneros próprios da imprensa, como notícias, reportagens, artigos, textos de divulgação científica, cartas e comentários de leitores. Dadas as condições de produção do discurso da associação, tomamos como ponto de partida as seguintes perguntas de pesquisa: o que é um discurso do campo educacional que se identifica como independente, sem ideologia e sem vínculo político? Quais são as estratégias linguísticas e discursivas mobilizadas pela ESP para convencer seus destinatários? Que representações imaginárias a associação faz de si e de seus opositores?

Antes de nos debruçarmos sobre tais problemas, esclarecemos que nossa análise, como qualquer análise do discurso, é um gesto interpretativo. É uma tentativa de responder aos questionamentos que jamais será única e definitiva. Sempre haverá outras possíveis respostas, outras hipóteses e outros gestos de leitura, pois o

² A ESP tem duas páginas virtuais: uma dedicada à divulgação dos ideais da associação, aberta a denúncias do público em geral acerca das práticas de ensino (<http://www.escolasempartido.org/>); outra focada na divulgação do anteprojeto de lei e de sua rede de apoio (<http://www.programaescolasempartido.org/>).

³ Ver item “livro didáticos” e o blogue do professor Orley “De olho no livro didático”, recomendado no sumário da página da ESP. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/>. Acesso em 10 mar. 2017.

significado de um discurso nunca é fechado e absoluto. Segundo François (2015), esse é o tipo de análise mais difícil de realizar, pois precisamos estar atentos aos sentidos apresentados por cada texto, naquilo que ele tem de comum com outros (gênero) e naquilo que ele tem de específico. De acordo com Bakhtin, no ensaio Metodologia das Ciências Humanas, a pesquisa nessa área constitui-se através do diálogo entre dois sujeitos que falam: o pesquisador e um determinado “objeto”, ou melhor, “um ser *expressivo e falante*” – texto ou discurso, ou indivíduo, ou população, ou documento (BAKHTIN, [1938-1942] 2011a, p. 395).

Temos de ouvir o que os nossos dados nos “falam” a fim de apreender o seu sentido histórico e singular. E a compreensão desse discurso dá-se a partir de outros textos e discursos com os quais o confrontamos, sejam aqueles que nos constituem, sejam outros que respaldam nosso trabalho (contexto, teorias, outras pesquisas ou dados comparáveis). Tanto o pesquisador quanto o “objeto” assumem uma postura ativa no processo dialógico do conhecimento. Portanto, a análise que seguirá é também um discurso, tecido por diversas vozes que já ouvimos, que esperamos ouvir e outras que não esperamos e não conhecemos, mas estão presentes, mesmo sem termos a ciência de que elas nos formam.

Enquadre teórico-analítico

Para encontrar respostas plausíveis às questões-problema levantadas no item anterior, este trabalho inscreve-se no quadro da análise dialógica do discurso, abordagem teórico-metodológica ancorada nas leituras de Bakhtin e de Volochínov. Essa abordagem foi assim nomeada por Beth Brait (2009), em razão de os postulados bakhtinianos exigirem do pesquisador uma postura distinta da solicitada pelos estudos linguísticos e por outras teorias do discurso,

em que o conhecimento é concebido, produzido e recebido em contextos históricos e culturais específicos e [...] essas atividades intelectuais e/ou acadêmicas são atravessadas por idiosincrasias institucionais e necessariamente por uma ética que tem na linguagem, e em suas implicações nas atividades humanas, seu objetivo primeiro. (BRAIT, 2009, p. 10)

Vale salientar que o próprio Bakhtin ([1929] 1970) propôs a criação de uma nova disciplina, a Metalinguística, para estudar os fenômenos da linguagem viva que não se reduzem ao aparato descritivo da Linguística. O objeto da Metalinguística são as relações dialógicas, isto é, as relações de sentido materializadas no enunciado por um sujeito sócio-historicamente situado. É esse o tipo de estudo que tentamos empreender, observando a construção e produção de sentidos no discurso da ESP. Sabemos, todavia, que o instrumental teórico-analítico de quaisquer tendências de análise do discurso não pode contemplar todas as facetas de um discurso ou esgotar todas as possibilidades de sentido. É por isso que ocasionalmente nos deslocamos da análise dialógica de base bakhtiniana e buscamos alguns aportes da análise do discurso de linha francesa, a fim de melhor esclarecer nossos dados.

Fiel à sua postura teórica sobre a linguagem vista como atividade dialógica, de natureza sócio-histórica, e não um mero código, abstraído da prática de uso, Bakhtin ([1952-1953] 2011b) compreende o discurso a partir de sua inserção no fluxo da comunicação verbal: do seu querer dizer ou vontade enunciativa e das relações dialógicas que ele estabelece com os discursos que o precederam, explicitamente marcados ou presentes na memória discursiva, e com aqueles que o sucederam, preparando os que estão por vir e antecipando as possíveis respostas e objeções dos destinatários reais ou virtuais.

Nessa mesma linha, Volochínov ([1930] 2013) afirma que todo enunciado possui uma orientação social, ou seja, volta-se para o contexto e o auditório a quem se dirige. Ele não se limita a refletir a situação, mas também a refrata, “torna-se sua conclusão valorativa” (VOLOCHÍNOV, [1930] 2013, p. 173). Essa avaliação indica os julgamentos de valor que coexistem em um determinado horizonte ideológico, os quais podem prescindir de materialização verbal explícita, sendo facilmente inferíveis pelo contexto, quando são atos sociais regulares de um determinado grupo, cujos participantes conhecem e avaliam a situação da mesma forma. Porém, quando tais atos são verbalizados, revelam a perda da ligação com seu grupo social e com seu valor pré-estabelecido nesse grupo, pois exprimem a posição de participantes que apreciam a situação de formas diferentes. Logo, esses atos fazem parte de horizontes ideológicos distintos, manifestando o confronto

entre posições verbo-axiológicas, isto é, a tomada de posição de um sujeito perante o outro, destinatário ou terceiro.

Com base nos postulados bakhtinianos, Cunha (2015) aponta que as diferenças entre pontos de vista estão ligadas à variedade de modos de percepção do dizer, do contexto e dos valores. Nenhum sujeito pode ter exatamente os mesmos sentimentos, ideias e opiniões que outro, pois cada ser ocupa um determinado lugar no mundo e vê a situação, a si mesmo e o outro a partir desse prisma, desse campo de visão único e intransferível, sendo impossível uma coincidência perfeita entre pontos de vistas de sujeitos distintos. Portanto, sempre há relações de semelhanças e diferenças entre as apreciações de diferentes sujeitos acerca de um objeto de discurso.

Consideramos ainda que a posição verbo-axiológica de um sujeito ou de uma instituição nem sempre é a mesma, pois a identidade não é fixa e absoluta. Os pontos de vista são construídos no fluxo discursivo, ou seja, o sujeito toma uma posição responsiva frente ao *outro* na inter-relação dialógica. Ele exerce um papel ativo, mobilizando, de modo mais ou menos consciente, certas estratégias discursivas que evidenciam seu posicionamento, tais quais a entonação avaliativa, o tom emotivo-volitivo, a estruturação e o estilo do gênero, as formas de organizar a argumentação, de acentuar conteúdos e de estabelecer relação com o destinatário e os outros discursos.

Diversos autores elaboraram categorias teórico-analíticas para a compreensão das relações entre os discursos. Dentre eles, destacamos Authier-Revuz (2011, 2012) que formula o conceito de *heterogeneidade discursiva*, articulando o dialogismo bakhtiniano à teoria do descentramento do sujeito da psicanálise lacaniana. Apoiamo-nos nessa autora, pois concordamos com a sua crítica à noção de sujeito universal e admitimos que os efeitos de sentido dos discursos não são sempre aqueles pretendidos pelo sujeito.

De acordo com Authier-Revuz (2012), os discursos de outrem podem se revelar ou não na materialidade linguística, configurando dois planos: a *heterogeneidade representada* ou *constitutiva*. Enquanto a primeira indica a inscrição explícita da voz alheia no fio discursivo, através de marcas como aspas, citação e modalização autonímica; a segunda pertence à ordem de constituição do discurso,

não sendo marcada linguisticamente. É uma ancoragem necessária no exterior do linguístico recuperável por alguns indícios, como a nominalização, a negação e a pressuposição, ou pela memória discursiva.

Essa heterogeneidade pode se estabelecer em dois eixos: o interdiscursivo, que compreende a exterioridade do já dito dos outros discursos; e o interlocutivo, que compreende este outro dizer específico daquele para quem o discurso se endereça ou de cuja resposta está prenhe (AUTHIER-REVUZ, 2012, p. 3)⁴. A fim de mantermos a coerência com a teoria dialógica, optamos por adaptar a terminologia de Authier-Revuz, nomeando os planos e eixos inter-relação entre os discursos de dialogismo representado e constitutivo e de dialogismo interdiscursivo e interlocutivo, como veremos nas seções seguintes.

Atos de nomear e evocar: logomarca e *slogans*

No universo contemporâneo, todo discurso que se quer fazer presente e memorável busca uma fórmula verbo-visual curta, estável, flexível e facilmente apreensível que o identifique socialmente. A logomarca e o *slogan* são microgêneros que se prestam a esse propósito sociocomunicativo de definir uma marca, uma organização, uma instituição ou um candidato no tempo e no espaço. A associação ESP adota logomarca e *slogans* que, por um lado, facilitam o seu reconhecimento pelo público e, por outro, reforçam a controvérsia de sua própria nomeação, conforme já apontamos na introdução. Vejamos primeiramente a logomarca:



Figura 1: Logomarca da ESP

Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/>. Acesso em 13 mar. 2017.

⁴ – interdiscursive, d’une part, avec l’extériorité du milieu du déjà-dit des autres discours, – interlocutive, d’autre part, avec cet autre dire spécifique de – ou prêté à – celui à qui on s’adresse.

A disposição gráfica quase paralelística do nome “Escola sem partido” denota uma correspondência direta entre “escola” e “partido”, trazendo à tona a ideia de que todas as escolas têm um partido, ligeiramente rompida pelo conectivo “sem”, que se opõe a essa ideia. Com base em Bres (1998), podemos considerar a pressuposição uma estratégia dialógica, no caso, a preposição “sem” funciona como um traço de dialogismo interdiscursivo (AUTHIER-REVUZ, 2012), por entrelaçar dois discursos: o pressuposto, o da constatação de que as escolas têm um partido, e o posto, da defesa de uma escola apartidária.

As cores postas em evidência, preto e vermelho, podem produzir o efeito de sobriedade e seriedade da associação, reforçando seu caráter proibitivo e imagem de uma “nova” escola, ao mesmo tempo em que associam o discurso da ESP a um discurso militante. Em rápida pesquisa no *Google*, constatamos que o uso dessas cores era recorrente nos cartazes das manifestações contra a ditadura militar e nos veículos de imprensa (oficiais ou clandestinos) de oposição ao regime. Exemplos disso são os textos abaixo: o primeiro, um cartaz do grupo *Tortura: nunca mais*, que denuncia os mortos e desaparecidos no período; e o segundo, a primeira página do jornal *Ex*, que denuncia a morte do jornalista Herzog⁵.



Figuras 2 e 3: Cartaz e primeira página de jornal do período militar

Fonte da figura 2: Disponível em: <<http://www.livrosepessoas.com/wp-content/uploads/2012/11/206730-600x600-1.jpeg>>. Acesso em 12 mar. 2017.

⁵ A título de curiosidade, destacamos que esta foi a última edição do jornal, fechado por acusar os militares pelo assassinato do jornalista.

Fonte da figura 3: Disponível em: <http://www.livrosepessoas.com/wp-content/uploads/2012/11/206730-600x600-1.jpeg>. Acesso em 12 mar. 2017.

Enquanto o azul e as cores da bandeira brasileira eram recorrentes na propaganda oficial do governo militar, a exemplo do famoso *slogan* “Brasil: ame-o ou deixe-o”, o vermelho e o preto destacavam a revolta, a denúncia e as palavras de ordem contra o regime. A incorporação destas últimas na logomarca da ESP assinala um deslocamento de seu lugar social dominante. O ethos mostrado é o de uma associação desprovida de poder, em situação marginalizada, de dominação. Nota-se que essa estratégia, intencional ou não, produz um efeito de apagamento das origens do discurso da ESP. Trata-se de um caso de dialogismo visual interdiscursivo, pois a nossa interpretação dessa estratégia de uso das cores advém de nosso conhecimento histórico prévio.

No momento histórico em que foi elaborada a logomarca, esse discurso via-se ameaçado por certas mudanças na educação brasileira que a tornaram mais aberta à pluralidade de vozes e ao debate político-ideológico, tais quais: a presença obrigatória das disciplinas Sociologia e Filosofia; o ensino do Espanhol, em detrimento da supremacia do Inglês; a discussão de temas transversais; o trabalho com conteúdos atitudinais; e, no caso específico da Língua Portuguesa, a valorização das variedades, dos dialetos e registros diferentes da norma padrão. Boa parte dessas medidas foram suprimidas pela reforma do Ensino Médio recentemente aprovada⁶. Portanto, a logomarca da ESP evoca um discurso de protesto pelo qual ele simula um lugar de marginalização, embora nunca tenha perdido seu caráter dominante, mas sim perdido espaço para outros discursos que muito brevemente ocuparam posição de poder. Estamos novamente diante de um texto que traz indícios de dialogismo interdiscursivo, e nossa interpretação decorre do nosso conhecimento compartilhado sobre o tema.

O funcionamento do dispositivo icônico-verbal dos *slogans* é similar. De acordo com Reboul (1975), são três as funções básicas de um *slogan*: fazer aderir,

⁶ Disponível em: <http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/126992>. Acesso em 10 maio 2017.

levar o público a crer na ideia apresentada; prender a atenção, induzindo a ler ou a ouvir o texto que vem em seguida; e resumir o conceito da instituição, do produto, do serviço ou da marca. Os *slogans* da ESP têm esse apelo de convencimento diante do público, dirigindo-se a ele de forma imperativa ou estruturando-se em frase nominal de forte impacto, como se pode observar abaixo:



Figuras 4 e 5: slogans da ESP

Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/apresentacao>. Acesso em 13 mar. 2017.

O termo “doutrinação” que aparece nos dois *slogans* cumpre com a função de sintetizar a filosofia da associação contrária ao “endoutrinamento” nas escolas e desperta a atenção do público-leitor, afinal levanta perguntas do tipo: O que a ESP entende por doutrinar? A que tipo de doutrinação se refere? Esse objeto discursivo não é explicitamente definido, nem identificado. Nos termos de Pêcheux (1975), trata-se de um pré-construído. Para Bakhtin, é um discurso anterior pressuposto pelos enunciados. Observam-se novamente as marcas de pressuposição (BRES, 1998) ou traços do dialogismo interdiscursivo. Tanto a preposição “sem” quanto o advérbio “não” carregam vestígios de bivocalidade, pois implicam a presença de duas vozes: a de que existe uma doutrinação nas salas de aula e o discurso oposto, que defende a eliminação dessa suposta prática. O ato de nomear como “doutrinação” a prática educativa já revela o ponto de vista da ESP, pois o termo vem de doutrina e traz a ideia de dogma e verdade absoluta, que não são impostos e nem são discutidos, mas devem ser ensinados, como na catequese⁷. A escolha dessa

⁷ Segundo o Aulete Digital, doutrina é: “1. Conjunto de dogmas e princípios que fundamentam um sistema ideológico, filosófico, político, religioso etc. (doutrina marxista, doutrina cristã): A doutrina de Descartes; 2. Crença ou conjunto de crenças que são vistas como verdades absolutas pelos que nelas acreditam: a doutrina da reencarnação. (...)” (Disponível em: <http://www.aulete.com.br/doutrina> Acesso em 10 maio 2017).

forma lexical – substantivo abstrato – reforça a imagem de cientificidade e o tom de verdade que a ESP parece se atribuir para convencer seus destinatários.

O leitor ainda é envolvido por outras estratégias. O dialogismo interlocutivo é construído a partir da materialidade verbo-visual. As imagens do lápis e do quadro-negro, dois objetos típicos do espaço escolar, associadas à tipografia da letra cursiva e das letras maiúsculas, remetem à escritura de alunos e professores, respectivamente. O lápis inclinado simula o movimento do aluno ao escrever no caderno, do mesmo modo que o ato de destacar a anotação por meio de letras garrafais e de sublinhado é comum aos professores. Tais elementos nos levam a questionar se discentes e docentes estão representados como sujeitos produtores desses *slogans* ou como destinatários por eles convocados. Essa ambivalência colabora com a promoção de um efeito de identificação dos sujeitos do processo educativo com o discurso da ESP, da mesma forma que se torna mais persuasivo aos pais e à comunidade educativa em geral, que possivelmente tomará esse discurso como produzido ou respaldado pelos reais protagonistas do processo.

Para melhor compreendermos como a ESP representa a si e o outro, incluindo-se como “outro” não só os sujeitos envolvidos nas práticas educativas, mas também a prática em si mesma, resgatamos excertos de alguns textos veiculados na página da associação por nós analisados: o texto introdutório “Quem somos”, de autoria do coordenador da associação ESP, Miguel Nagib; e o artigo “Ensino, educação e doutrinação”, de autoria do professor Odiombar Rodrigues. Iniciemos por um excerto do primeiro texto em que se observa a construção dialógica da nomeação de si e dos outros pela ESP:

EscolasemPartido.org é uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior.

A pretexto de transmitir aos alunos uma “visão crítica” da realidade, um exército organizado de militantes travestidos de professores prevalece-se da liberdade de cátedra e da cortina de segredo das salas de aula para impingir-lhes a sua própria visão de mundo.

Como membros da comunidade escolar – pais, alunos, educadores, contribuintes e consumidores de serviços educacionais – não podemos aceitar esta situação.

(NAGIB, s/d. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/quem-somos>. Acesso em 13 mar. 2017)

Destacamos, em princípio, o último parágrafo em que há nomeação de si. A imagem da ESP é a de uma associação integrada à comunidade escolar, como um de seus membros ou como também formado pelos mesmos membros. A inclusão de “consumidores de serviços educativos” e também a de “contribuintes”, e não de cidadãos, como integrantes dessa comunidade evoca a voz do liberalismo, do mercado livre e de defesa da comercialização de bens sociais, pois a educação é tratada como um serviço, um produto, e os aprendizes (e seus pais) como consumidores. A ausência de artigo definido diante dos nomes dos integrantes produz um efeito de generalização: a suposição de que nenhum membro da sociedade aceita uma educação “doutrinadora”, “manipuladora”.

O uso da primeira pessoa do plural em um texto assinado por apenas uma pessoa é também uma estratégia de destaque, pois o ethos dito incorpora a voz de todos os membros da comunidade escolar. Trata-se de uma forma de falar no lugar do outro, de se colocar e colocar a ESP como um porta-voz da comunidade escolar. Usamos a expressão “falar em lugar de outro” com um sentido diferente daquele usado por Paveau (2016) ao abordar o fenômeno da “apropriação discursiva”, que ocorre em contextos de dominação e opressão quando um sujeito de certa autoridade fala pelo outro, usando (e, por vezes, distorcendo) as palavras desse outro sem o seu consentimento. Por exemplo, o(a)s assistentes sociais que classificam o nível socioeconômico e cultural das pessoas em seus relatórios, independentemente da concordância delas ou não com essas categorizações.

No caso em análise, a associação constrói o próprio grupo social que representa, ao incluir, dentre os tradicionais membros da comunidade escolar, “contribuintes e consumidores de serviços educativos”, legitimando assim sua própria enunciação. O caráter genérico produz do termo “comunidade escolar” um efeito de apagamento das diferenças sociais e ideológicas existentes entre as diferentes comunidades escolares, de escolas públicas e privadas, de escolas rurais e urbanas, de escolas de referência e de periferia. Constituído e apoiado por uma parcela das classes média e alta da população, a ESP não pode ser tomado como representante

dos excluídos ou socioeconomicamente desfavorecidos. O acesso à Internet no Brasil ainda é caro, embora as compras de celulares e computadores estejam aumentando, e a leitura de blogues e de páginas, como a desta associação, requer um nível de letramento e escolaridade não atingido por boa parte da população. A comunidade escolar que a ESP representa é formada por parte das classes média e alta que comunga dos mesmos pontos de vista. É, portanto, mais restrita que a imagem de si construída pela associação.

No quadro epistemológico bakhtiniano, nenhum sujeito constitui-se sozinho. A alteridade prevalece sobre a identidade, ou melhor, é ela quem permite a constituição de uma singularidade, pois somos formados sobretudo na relação com o outro, com suas palavras, com seus gestos, com seus pensamentos, com suas emoções e atitudes. Este outro abrange mais do que os interlocutores a que o sujeito tem acesso imediato, contempla todo o meio social em que o ele se encontra e o horizonte verbo-ideológico de sua época, a partir dos quais assimila formas de ser, de compreender, de pensar, de sentir e de agir no mundo.

As influências extratextuais têm um significado particularmente importante nas etapas primárias de evolução do homem. Tais influências estão plasmadas nas palavras (ou em outros signos), e essas palavras são palavras de outras pessoas, antes de tudo palavras da mãe. Depois, essas ‘palavras alheias’ são reelaboradas dialogicamente em ‘minhas-alheias palavras’ com o auxílio de outras ‘palavras-alheias’ (não ouvidas anteriormente) e em seguida [nas] minhas palavras (por assim dizer, com a perda das aspas), já de índole criadora. (BAKHTIN, [1938-1942] 2011a, p. 404)

A imagem que o sujeito constrói de si mesmo está intrinsecamente vinculada à imagem que ele possui do outro; é por meio do outro que o sujeito se define e define seu lugar no mundo. No quadro bakhtiniano, esse outro pode ser entendido de maneira ampla, do interlocutor imediato ao superdestinatário (Deus, nação, povo etc.) com que se dialoga no espaço do “grande tempo”.

Os sujeitos vivem e se relacionam no universo do heterodiscurso, num emaranhado de discursos e linguagens, de palavras e acentos alheios, que perpassam os objetos de dizer (BAKHTIN, [1934-1935] 2015). Nenhum discurso nasce sozinho, isolado, dando a primeira palavra sobre o objeto, ele já o encontra “difamado,

contestado, avaliado, envolvido ou por uma fumaça que o obscurece ou, ao contrário, pela luz de discursos alheios já externados a seu respeito” (op. cit., p. 48). De forma mais radical, Maingueneau (2005b) afirma que a gênese do discurso está fundamentada na relação polêmica que ele estabelece com seu oponente. O discurso não nasce de forma independente para se opor a outro; ele já nasce em função do seu antagonista, do conflito que lhe permite produzir enunciados semanticamente opostos e construir um simulacro⁸ desse outro num processo de “interincompreensão regrada” (MAINGUENEAU, 2005b, p. 22).

Apesar de não concordarmos integralmente com a afirmação de Maingueneau (2005b) de que todo discurso é fundado numa relação polêmica, consideramos que essa é uma hipótese interpretativa plausível para explicar a formação do discurso da associação ESP. Fundado numa conjuntura sócio-histórica de base mais progressista, consoante indicamos na introdução, a ESP insurge-se contra essa tendência e estabelece uma polêmica aberta com os educadores em geral, tidos como defensores de ideologias de esquerda, a quem se refere como “um exército organizado de militantes travestidos de professores”. O outro, ou melhor, o oponente direto da ESP é o professor.

A representação que a associação faz dos docentes por meio dessa nomeação é de caráter homogeneizador e paradoxal. De um lado, um termo polissêmico, “exército”, que tanto implica o sentido de unidade de um povo organizado em torno de um objetivo, um ideal; como corresponde a uma instituição de defesa do Estado, que faz uso de armas e violência. De outro lado, a memória histórica da palavra “militante”, que está ligada aos manifestantes contra a ditadura militar, aos movimentos sindicais e aos partidos de esquerda de modo geral⁹. Observamos aqui uma estratégia de deslocamento semântico do já dito: há o apagamento da filiação discursiva conservadora ligada à palavra exército e a ressignificação das

⁸ Para Maingueneau (2005b), cada discurso interpreta o outro, oponente, a partir de seus próprios esquemas semânticos, de modo que não pode obter uma representação do outro tal qual ele é, mas um simulacro deste a partir de si mesmo.

⁹ Hoje o termo concorre com a expressão ativista, usada pelos movimentos sociais no Brasil para designar aqueles que lutam por e apoiam uma causa.

demais palavras para categorizar o conjunto bastante diversificado de professores como “um exército de militantes”, uma unidade em torno de uma causa.

Esse apagamento estende-se às condições de trabalho e de vida dos docentes, às numerosas pressões e normas a que estão submetidos¹⁰, pois são caracterizados como sujeitos livres de imposições, que possuem “liberdade de cátedra” e podem impor uma “cortina de segredo” no espaço da sala de aula. A primeira expressão, vinculada em suas origens ao ambiente universitário, denota a liberdade de ensinar do professor, de escolher seus temas de pesquisa, de defender suas ideias e tecer críticas sem censura prévia ou posterior¹¹.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/1996, entretanto, prevê que essa liberdade não seja absoluta, mas compartilhada com o aluno e contextualizada no cenário científico-educacional, ao estabelecer, entre seus princípios, a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber” e o “pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas” (BRASIL, 1996, p. 1). Portanto, o aparato oficial a que a própria ESP se opõe já assegura uma de suas demandas – a defesa do pluralismo teórico-pedagógico – evidenciando uma das contradições no discurso da associação: afinal, se defende limites para a liberdade docente, comungando do mesmo princípio estabelecido na lei, por que, em seus discursos, a ESP combate as propostas oficiais e as políticas públicas implementadas pelo Ministério da Educação, fundamentadas nessa mesma lei?

A segunda expressão, cortina de segredo, de natureza metafórica, traz à memória “cortina de ferro”, que designava a divisão da Europa em dois mundos quase incomunicáveis, Oriental e Ocidental, comunista e capitalista, durante a Guerra

¹⁰ O trabalho do professor, como qualquer outra atividade profissional, depende da infraestrutura do local, do perfil e das regras da instituição, das orientações e normas determinadas por órgãos regulamentadores e fiscalizadores (Secretarias de Educação, entre outros), do seu próprio domínio sobre o objeto (conhecimento teórico e didático) e das expectativas, anseios e pressões do público (corpo dirigente, pais, alunos e comunidade escolar em geral). Além disso, sabe-se que a maioria dos professores no Brasil sofre com baixos salários e com parca disponibilidade de tempo para estudo e planejamento do curso.

¹¹ Nem mesmo os docentes tidos como doutos do conhecimento são totalmente livres; estão circunscritos a condições de trabalho específicas e sofrem, mesmo que em menor grau, às pressões referidas na nota acima.

Fria. O já dito aparece atualizado, associando os professores aos regimes ditatoriais socialistas que cercearam a liberdade humana. A imagem criada por essas expressões é a de um professor todo-poderoso capaz de coibir seus alunos e de impor verdades e opiniões meramente pessoais. Assim é que sua prática é referida como “contaminação política e ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior”.

A escolha lexical – contaminação – faz alusão ao discurso da medicina: o ensino é comparado a uma doença ou epidemia, com um tom emotivo-volitivo pejorativo (BAKHTIN, [1924] 2003). Produz-se novamente o efeito de generalização: todos os professores de todas as instituições brasileiras reproduzem os mesmos pontos de vista político-ideológicos. No entanto, não se indica a patologia, o tipo de “contaminação política e ideológica” que os professores promovem. O termo “contaminação” é um indício semântico de dialogismo interdiscursivo que representa um dizer implícito da ESP: a solução correspondente, o “remédio” para a educação brasileira é o embuste neutralidade pedagógica proposta pela associação.

Afinal, a ESP repudia os professores que, em sua prática, têm o “pretexto de transmitir aos alunos uma ‘visão crítica’ da realidade”. O tom emotivo-volitivo depreciativo aqui também predomina a ponto de a prática docente ser caracterizada como mero “pretexto”. O ato de repúdio a essa prática é reforçado pelo uso do recurso tipográfico. As aspas funcionam como modalização autonímica de empréstimo – MAE (AUTHIER-REVUZ, 2011), marcando um dizer em que o sujeito fala segundo o outro, apropriando-se das maneiras de falar desse outro. “A visão crítica da realidade” é uma expressão usada pelos docentes para comentar ou justificar seu trabalho. Como postula Authier-Revuz, na MAE, o outro interfere no dizer e o altera conforme seus modos de falar. As aspas, enquanto marcas do dialogismo mostrado, apontam o distanciamento e a oposição que a ESP mantém em relação a esse dizer, questionando a pertinência da criticidade.

Na análise desse fragmento do primeiro texto, não foi constatada a defesa explícita de um posicionamento discursivo e ideológico pela associação ESP. Elencamos alguns pontos de vista que interpretamos a partir das nomeações e das representações imaginárias que fazem de si e do outro. O segundo texto, “Ensino, educação e doutrinação”, contudo, apresenta de modo claro o tipo de “visão

crítica” e de “contaminação político-ideológica” contra as quais a associação ESP se posiciona, permitindo-nos inferir o seu posicionamento subentendido no texto anterior. Vejamos alguns excertos:

[...] É a visão marxista que domina soberana em nossas escolas e que se revolta quando confrontada com posturas mais conservadoras.

Com este conceito, percebe-se que educação não é conhecimento, é socialização, é formação de valores. Cabe à família o papel principal nesta tarefa educativa e é ela que determina os princípios básicos para a formação da personalidade da criança. [...]

O ensino é uma atividade sistemática de transmissão de conhecimentos. É o ambiente primordial da escola e sua função específica. A escola ensina e, de forma complementar, educa. [...]

[...] Seguindo este princípio [marxismo], um clube de ciências, uma horta comunitária, uma equipe esportiva ou um projeto de leitura são desprezados em favor da discussão de “temas maiores e urgentes” como “racismo”, “inclusão”, “indianismo”, “luta campestre” e tantos outros que, embora importantes, se sobrepõem aos interesses locais. Concluindo, podemos dizer que o objetivo maior desta educação é a luta que leva ao poder e não à construção social. (RODRIGUES, s/d. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/artigos-top/554-ensino-educacao-e-doutrinação>. Acesso em 10 mar. 2017)

O percurso dialógico do texto inicia-se por uma polêmica aberta com o discurso de tendência marxista, seguida por polêmicas veladas com as concepções de educação e ensino circulantes e, por fim, retoma a polêmica aberta com o marxismo, agora associado aos temas transversais. Nos termos bakhtinianos, podemos afirmar que há aqui uma disputa entre as forças centrípetas de fechamento e unificação do sentido e as forças centrífugas de dispersão e abertura (BAKHTIN, [1934-1935] 2015).

Na perspectiva da ADF, o discurso da ESP, como todo discurso, é passível de falhas, confirmando a tese do esquecimento número 01 de Pêcheux (PÊCHEUX, FUCHS, [1975] 1997). Pêcheux afirma que todo discurso realiza um processo de ocultamento ideológico, de natureza inconsciente, no qual o sujeito tem a ilusão de ser a origem do seu dizer e de controlar o sentido. O discurso, porém, lhe escapa, e

ele se identifica, de modo consciente ou não, com a forma-sujeito da formação discursiva e ideológica a que pertence. Assim é que o discurso da ESP, ao atribuir ao outro a prática da doutrinação e o partidarismo e se afirmar como não partidário, sofre um deslize semântico, mostrando seu ponto de vista, sua doutrina e seu partido, pautados numa posição discursiva conservadora, de direita e contra a teoria marxista.

O teor conservador do discurso da ESP deixa traços na materialidade linguística com a negação no trecho “educação não é conhecimento, é socialização, é formação de valores”. Entendendo a negação como um indício do dialogismo interdiscursivo, vemos que a ESP se apropria do discurso moralista que atribui a responsabilidade da formação atitudinal apenas à família. Dentre as numerosas abordagens e teorias acerca dos atos de educar e ensinar, a ESP filia-se à tendência pedagógica liberal e tradicional, para a qual a função principal da escola é difundir saberes. Isso implica considerar que os professores são meros transmissores de conhecimento, e os alunos seus receptores. No terceiro parágrafo, a alusão a esse discurso assume uma forma quase parafrástica. Portanto, para a ESP, a escola deve cuidar apenas da dimensão técnica e conceitual, sem considerar os contextos socioculturais dos alunos e o caráter sócio-histórico dos próprios objetos de conhecimento.

No último parágrafo do fragmento, isso fica mais evidente. O discurso da ESP pressupõe que as escolas apresentam, em geral, uma formação pedagógica de esquerda, marxista e favorável aos direitos dos camponeses, dos homossexuais, dos negros etc.¹² As aspas, enquanto marcas de MAE, mostram a relação dialógica de distanciamento com a prática educativa de discutir temas transversais. Nomear essa prática como “doutrinação” é revelar o ponto de vista que foi discutido acima.

¹² Vale salientar que esse discurso é incongruente com a realidade brasileira do momento (maio 2017) na qual significativa parcela dos partidos de esquerda estão sendo rejeitados, os índices de violência contra aqueles que estão à margem da sociedade têm aumentado e a teoria marxista perdeu espaço no meio acadêmico para outras abordagens. Além disso, é um fato que há professores que militam a favor ou contra uma causa e que há aqueles que impõem sua própria opinião ou versão dos fatos sobre o assunto em discussão. Contudo, também existem jovens ativistas e outras referências nos espaços escolares e extraescolares nos quais os alunos convivem, a partir das quais eles podem formar suas próprias opiniões. Como aponta Volochínov ([1929] 2004), toda consciência é formada por múltiplos signos ideológicos, logo, os alunos não são tábulas rasas sobre os quais os docentes têm poder de influência absoluta.

O ato de nomeação é um ato de tomar posição face ao objeto, escolhendo uma forma de caracterizá-lo perante os interlocutores, mas é também um ato de distanciamento, de separação de um objeto com o qual havia contato, união, associação (SIBLOT, 1998). Em outras palavras, a partir dessa nomeação, a ESP nega à educação sua natureza social, crítica e questionadora.

A polêmica aberta em uma paródia musical

A “canção oficial” da associação ESP, *O bando*, é uma subversão paródica da música *A banda* de Chico Buarque, que obteve grande sucesso após sair vitoriosa do II Festival de Música Popular Brasileira de 1966, mesmo ano de sua composição. Em sua versão original, é uma canção idílica, nostálgica, que fala de uma banda passando e das sensações causadas nas pessoas. Não se caracteriza como uma letra de protesto contra a ditadura militar, ainda que faça uma crítica social de forma amena nos versos: “A minha gente sofrida despediu-se da dor pra ver a banda passar cantando coisas de amor”.

O principal compositor da versão paródica, Filipe Trielli, é autor de outras sátiras e paródias de canções brasileiras com conteúdo antiprogressista. A letra contou com a colaboração de Danilo Gentili, humorista famoso por suas piadas de conteúdo politicamente incorreto, as quais já lhe renderam vários processos judiciais e duas condenações. O videoclipe da música foi inicialmente publicado no canal de Filipe Trielli no *Youtube*, *Chinchila*, e depois apropriado pela associação ESP e divulgado em sua página como o “tema musical da educação brasileira”¹³. Eis as condições de produção de um discurso que é simultaneamente conservador e humorístico, como se pode confirmar abaixo:

O Bando (Letra de Filipe Trielli, argumento de Danilo Gentili)
(refrão) Estava à toa na classe o professor me chamou
Pra me lobotomizar, me transformar num robô
Me encheu de frase de efeito destilando rancor
Pra me lobotomizar, me transformar num robô

¹³ Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/>. Acesso em 17 mar. 2017.

O mensaleiro que contava dinheiro parou
E o blogueiro que levava vantagens pirou
A Namorada que gostava de Beagle
Parou para retocar a maquiagem
O Sakamoto que odiava o sistema curtiu
A Marilena que andava sumida Chauiu
A esquerdalha toda se assanhou
Pra me lobotomizar, me transformar num robô
(refrão)
Não tive saco pra encarar Bakunin nem Foucault
Gosto do Chico e acho que ele é um grande cantor
O Professor falou que a coisa mais bela
Era explodir bomba feito o Marighella
A Marcha rubra se espalhou e a direita não viu
O Paulo Freire virou santo e fudeu com o Brasil
A Faculdade toda se enfeitou
Pra me lobotomizar, me transformar num robô
Eu vi que o capitalismo era feio e cruel
Eu vi que em Cuba era bom e que eu amava o Fidel
Anotei tudo no iPad e pus no computador
Depois eu vou te ensinar porque eu virei professor.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0Ec20JZNR24>. Acesso em 17 mar. 2017.

A canção conta a história de um estudante que se torna professor após passar por um processo de doutrinação político-ideológica de esquerda, conforme o ponto de vista da ESP. O videoclipe materializa visualmente o eu lírico: apresenta um estudante que escreve em seu caderno a própria letra da música. Dados o vestuário (camisa social), a aparência física e o próprio relato musical, o jovem caracteriza-se como um estudante de nível universitário (graduação ou pós-graduação) de classe média ou média alta. Vemos que a descrição é realizada de forma irônica, pois o estudante que incorpora os ideais de esquerda possui bens de consumo – “anotei tudo no Ipad” – e namora uma garota preocupada com a aparência – “parou para retocar a maquiagem” – e apaixonada por cães de raça – “A namorada que gostava de Beagle”.

A materialidade do enunciado é repleta de ironias contra vozes de esquerda, em particular contra a imagem estereotipada de professor construída pela ESP: partidário da esquerda, rancoroso, favorável à luta armada, anticapitalista, defensor do regime cubano e de Fidel Castro e, além disso, manipulador. Vemos que o sujeito representado é sempre passivo semanticamente, pois sofre as ações realizadas pelo professor – “(...) o professor me chamou/Pra me lobotomizar, me transformar num robô/Me encheu de frase de efeito destilando rancor” – e incorpora o discurso repetido por ele – “Eu vi que o capitalismo era feio e cruel/ Eu vi que em Cuba era bom e que eu amava o Fidel”. Mesmo nos versos finais em que o eu lírico se posiciona como sujeito agente, evidencia-se a ausência de reflexão crítica, pois a atividade resume-se à memorização e à repetição dos saberes aprendidos.

O tom jocoso da letra suaviza o teor depreciativo e até mesmo agressivo presente nas referências a intelectuais, a artistas e a políticos de esquerda. Enquanto o blogueiro, o mensaleiro, Chico Buarque, Marilena Chauí, Marighella, Leonardo Sakamoto, Fidel Castro, Michel Foucault e Bakunin são ironizados, Paulo Freire, um dos sujeitos mais criticados pela associação ESP, é referido com palavras de baixo calão. Os movimentos e as tendências político-ideológicas de esquerda em geral também são ironizados, vide a referência às manifestações – “A faculdade toda se enfeitou”, “A Marcha rubra se espalhou” – e a junção do sufixo “-alha” ao nome “esquerda” para se formar a nomeação pejorativa “esquerdalha” (A esquerdalha toda se assanhou). As ironias ainda se manifestam na materialidade visual: a imagem de Che na capa do caderno do estudante, ao final do videoclipe, remete à sua transformação em produto do capitalismo.

O riso e a paródia, nos estudos bakhtinianos sobre o romance, são categorias do universo carnavalesco, são uma forma de manifestação contra a cultura oficial, contra o sagrado, contra os dogmas e a seriedade (BAKHTIN, [1929] 1970). Era através do riso carnavalesco que o povo subvertia as relações de poder, ridicularizava as elites e simulava a mudança desde a Antiguidade, tendo sido introduzido na literatura em diversos gêneros. No entanto, nessa canção, a paródia e o riso não manifestam a liberdade e a criatividade da cultura popular, mas o posicionamento de parcelas das classes média e alta que, em lugar de relativizar e desestabilizar a

ordem vigente, apresentam um discurso absoluto e unilateral contra o que ela entende por esquerda.

Para o autor, o riso é uma posição estética determinada diante da realidade, mas intraduzível para a linguagem da lógica, ou seja, é um método de visão artística e interpretação da realidade e, conseqüentemente, um método de construção da imagem artística, do sujeito e do gênero (BAKHTIN, [1929] 1970). É através do riso que a canção responsabiliza a esquerda pela manipulação dos estudantes, compara direita e esquerda, capitalismo e comunismo. Ao compartilhar o videoclipe dessa música em sua página, a ESP apresenta sua imagem e seu ponto de vista, configurando-se um deslizamento discursivo – do discurso supostamente apartidário ao partidário – ou, nos termos de Pêcheux, o esquecimento número 1 (PÊCHEUX, FUCHS [1975] 1997).

Memória interdiscursiva: análise de um programa de formação docente

Dentre as estratégias discursivas e persuasivas da associação ESP, encontra-se a análise de matérias jornalísticas, de livros didáticos e de práticas educativas em geral. O título da notícia abaixo, “A mão que balança o berço”, sobre um programa de formação docente estatal, evoca um filme homônimo de horror, cujo enredo conta a história de uma babá que conquista as crianças, com o objetivo de seduzir o pai e tomar o lugar da mãe. Estabelecendo a correspondência, vemos que o papel da protagonista é representado pelo professor e pela escola que, na ótica da ESP, querem tomar o lugar da família na formação dos jovens ao trabalharem valores e atitudes em sala de aula. Eis um caso de dialogismo ou heterogeneidade não mostrada (intertextualidade implícita), porque o reconhecimento da alusão depende da recepção, da memória compartilhada (ou não) com o destinatário.

Além do tom emotivo-volitivo de medo anunciado pelo título, o texto constrói um fundo aperceptivo, nos termos de Volochínov (VOLOCHÍNOV, BAKHTIN [1929] 2004)¹⁴, de terror para a reprodução literal da reportagem, fazendo um

¹⁴ A versão que consultamos atribui a autoria da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* a Volochínov e a Bakhtin, mas consideramos, com base em Sériot (2015), que o livro foi escrito

paralelismo entre “a mão que domina o mundo” (subtítulo do filme) e “a esquerda que domina o mundo da educação”. No entanto, a nomeação “esquerda”, ao promover um efeito de generalização, comete um equívoco, pois, ainda que partilhada pela maioria dos teóricos citados, essa categorização tenta apagar a referência a um teórico conservador, Augusto Comte. A notícia da ESP ou, mais precisamente, o título e o parágrafo introdutório funcionam, portanto, como discurso atributivo que introduz, por meio da citação direta, a reportagem:

A mão que balança o berço

Vejam, na reportagem abaixo – publicada no canal de notícias da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul em 10.12.2013 –, se não é a esquerda a mão que balança o berço da educação brasileira.

Professores debatem referenciais teóricos em trabalhos em grupos

Nesta terça-feira (10) os cerca de 500 professores da rede estadual que participam da formação pedagógica referente ao Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, na Capital, trabalham em grupos. [...]

Os temas que estão em debate nesta terça-feira e os respectivos autores são os seguintes:

Augusto Comte – Positivismo – Positivismo e Estado, Ciência – Fragmentação dos saberes

Antonio Gramsci – Teoria Sóciocrítica – Politecnica, Omnilateralidade e Educação Integral

Michel Foucault – Pós-Estruturalismo – Saber/Poder, Constituição do sujeito, Filosofia das diferenças

Edgar Morin – Teoria da Complexidade – Diálogo entre os saberes, Interdisciplinaridade, Ciência com consciência

Boaventura de Sousa Santos – Epistemologias do sul – Um discurso sobre as ciências, Epistemologia do Sul, Por que pensar?

Paulo Freire – Mediação Social e Educação – Educação Bancária, Dialogicidade Educação e Transformação, Pesquisa sócioantropológica

por Volochínov. A tradução nova em português, a que ainda não tivemos acesso, também atribui a autoria exclusiva da obra a este último, conforme pudemos verificar em: <http://www.editora34.com.br/detalhe.asp?id=942>. Acesso em 10 maio 2017.

Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/doutrina-da-doutrinacao-categoria/440-a-mao-que-balanca-o-berco>. Acesso em 26. jan 2017.

O “partido” da associação Escola sem Partido

Os discursos que circulam na página virtual da associação ESP produzem efeitos de denegação¹⁵, pois se trata de um movimento de interesse educativo que se define sem ideologia, a favor de uma suposta neutralidade no ensino, mas, paradoxalmente, combate certas abordagens pedagógicas ditas “críticas, marxistas, de esquerda” e, de modo explícito ou não, apresenta seu “partido”: um posicionamento discursivo liberal e tradicional, do ponto de vista pedagógico, e conservador e de direita, do ponto de vista político-ideológico.

A logomarca, os *slogans* e os textos introdutórios – Quem somos, Educação, ensino e doutrinação – mobilizam sobretudo traços e indícios do dialogismo constitutivo, numa tentativa de silenciar seu próprio discurso, ou melhor, de ocultar sua filiação discursiva. Já os artigos e matérias de temáticas específicas (análise de manuais didáticos e práticas educativas, por exemplo), assim como a canção compartilhada na página virtual da associação, manejam marcas do dialogismo mostrado que representam os pontos de vista mascarados pelos outros textos.

Como afirmamos na segunda seção deste capítulo, toda análise do discurso é uma tentativa de elucidar os dizeres do outro, é um gesto de interpretação, marcada pelo lugar social que o analista ocupa e pela posição discursiva que ele assume. Esse trabalho não se pretendeu sem ideologia, nem apartidário, uma vez que não cremos no mito da neutralidade científica. Nossa análise do discurso da associação ESP é marcada pelo lugar teórico em que nos apoiamos, o da análise dialógica com alguns aportes da teoria do discurso francesa, bem como pela posição discursiva e crítica que assumimos em relação à ESP, enquanto professoras comprometidas com uma educação cidadã, aberta à pluralidade de ideias e pontos de vista, que almejam ver a escola como espaço de debate, e não de silenciamento.

¹⁵ A denegação é aqui entendida como a negação do próprio dizer, isto é, a recusa do sujeito em aceitar determinado ponto de vista, ideia, sentimento ou desejo como pertencente a si mesmo, ainda que tenha explicitado isso em outro momento enunciativo.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Dire à l'autre dans le déjà-dit: interferences d'altérités interlocutif et interdiscursive – au cœur du dire. *Polifonia e Intertextualidad en el Dialogo*, C.U. Lorda Mur (org.), Oralia, Arco Libros, Madrid, 2012, p. 19-44.

_____. La représentation du discours autre: un champ multiplement hétérogène. In: LOPEZ-MUNOZ, J.-M.; MARNETTE, S.; ROSIER, L. (org.). *Le discours rapporté dans tous ses états: question de frontières* (actes du colloque Bruxelles 8-11 novembre 2001). Paris: L'Harmattan, 2011, p. 35-53.

BAKHTIN, M. [1934-1935] *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. [1938-1942] Metodologia das ciências humanas. In: _____. [1979] *Estética da criação verbal*. 6 ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011a. p. 393-410.

_____. [1952-1953] Os gêneros do discurso. In: _____. [1979] *Estética da criação verbal*. 6 ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011b. p. 261-306.

_____. [1924] *Pour une philosophie de l'acte* (trad. G. Capogna-Bardet; préface de S. Bocharov; annotations de S. Averintsev). Lausanne: L'Âge d'Homme, 2003.

_____. [1929] *La poétique de Dostoïevki*. Paris: Seuil, 1970.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In : _____. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-31.

BRASIL. *Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em 15 mar. 2017.

BRESS, J. Entendre des voix: quelques marqueurs dialogiques en français. In: BRESS, J. ; SIBLOT, P. ; DELAMOTTE-LEGRAND, R. ; MADRAY-LESIGNE, F. (org.). *L'autre en discours*. Université Paul Valéry, Montpellier III, 1998. p. 191-212.

CUNHA, D. La construction des points de vue dans les commentaires des lecteurs de la presse brésilienne on line. In: CARCASSONE, M.; CUNHA, D.; DONAHUE, C.; FRANÇOIS,

F.; RABATEL, A (org.). *Points de vue sur le point de vue*. Limoges: Lambert-Lucas, 2015. p. 169-215.

FRANÇOIS, F. Introduction. Quelques points de vue sur les points de vue. In: CARCASSONE, M.; CUNHA, D.; DONAHUE, C.; FRANÇOIS, F.; RABATEL, A (org.). *Points de vue sur le point de vue*. Limoges: Lambert-Lucas, 2015. p. 1-61.

MAINGUENEAU, D. L'analyse du discours et ses frontières. *Marges linguistiques*, número 9, mai 2005a – M.L.M.S. éditeur. <http://www.marges-linguistiques.com> – 13250 Saint-Chamas (France)

_____. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005b.

NAGIB, Miguel. *Quem somos*. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/quem-somos>. Acesso em 13 mar. 2017.

PAVEAU, M. Parler à la place de l'autre : l'appropriation discursive en contexte de domination. *Communication au Séminaire "Les discours qui n'existent pas"*. Paris XIII, 5 décembre de 2016.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas (1975). In.: GADET, F.; HAK, T.(orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 163-179.

REBOUL, O. *O slogan*. São Paulo: Cultrix, 1975.

RODRIGUES, Odiobar. *Ensino, educação e doutrinação*. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/artigos-top/554-ensino-educacao-e-doutrinacao>. Acesso em 10 mar. 2017.

SÉRIOT, P. *Volosinov e a filosofia da linguagem*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo : Parábola, 2015.

SIBLOT, P. De l'un à l'autre. Dialectique et dialogisme de la nomination identitaire. In: BRESS, J. ; SIBLOT, P. ; DELAMOTTE-LEGRAND, R. ; MADRAY-LESIGNE, F. (org.). *L'autre en discours*. Université Paul Valéry, Montpellier III, 1998. p. 191-212.

VOLOCHÍNOV, V. [1930] A construção da enunciação. In : _____. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013. p. 157-188.

_____; BAKHTIN, M. [1929] *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico em ciência da linguagem*. 11 ed. Tradução de Michel Lauhud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

AS VOZES DO DISCURSO: UMA REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA

Denise Lima Gomes da Silva

Introdução

Este trabalho tem como proposta refletir sobre o tema da identidade feminina no discurso do jornalismo *online*. Tomamos como aporte teórico a articulação entre as teorias da linguagem, sob a perspectiva da teoria dialógica do discurso, e as teorias de identidade e de gênero. O trabalho é dividido em três momentos

O primeiro momento da discussão aborda a questão da identidade na pós-modernidade e seu caráter fluido, proposto pelos estudos de Stuart Hall e Zygmunt Bauman. Ambos os teóricos abordam as mudanças da sociedade e seus efeitos na questão da identidade, refletindo sobre a crise que se instaura na concepção do sujeito do iluminismo, baseada na concepção cartesiana de um indivíduo centrado e unificado. Concepção que será abordada também nas teorias de gênero proposta por Teresa Lauretis e Judith Butler. A reflexão proposta nos leva a compreender a questão da identidade de gênero enquanto prática discursiva.

O segundo momento reflete sobre a questão da linguagem na perspectiva proposta pelos estudos de Bakhtin, Volochínov¹ e Medviédev e da leitura que os referidos autores fazem sobre a linguagem. Procuramos entender a relação entre linguagem, realidade e consciência, e conseqüentemente a noção de signo ideológico

¹ Embora nas referências as obras *O Freudismo e Marxismo* e *Filosofia da Linguagem* estejam referidas à Bakhtin, no corpo do texto mantivemos a referência à Volochínov escritor original dessas obras.

e a dialogicidade enquanto caráter fundador da linguagem, e por conseguinte da subjetividade e da identidade.

Por fim, no terceiro momento, procuramos analisar de que maneira os sentidos são constituídos e constroem a identidade de gênero. O corpus é constituído pelas reportagens veiculadas nos dias 31 de outubro e 01 de novembro de 2010, cuja pauta de cobertura versa sobre a vitória da candidata Dilma Rousseff, primeira mulher eleita à presidência do Brasil. Serão analisadas as reportagens elaboradas pelos portais de notícias: G1, Terra, UOL, e pelos jornais on-line: O Estado de S.Paulo, Folha de S. Paulo e Jornal do Brasil.

Identidade, gênero e discurso

Uma das discussões centrais sobre a questão da identidade encontra-se, como coloca Woodward (2011), na tensão entre as perspectivas essencialistas e não essencialistas. Se de um lado a definição essencialista da identidade contempla a ideia de que existe um conjunto cristalino, autêntico de características que o sujeito, inserido em um contexto, partilha e que não se altera ao longo do tempo; de outro, a perspectiva não essencialista busca olhar as formas pelas quais as definições mudam ao longo de um percurso.

Woodward (2011) defende que existem questões mais profundas que ultrapassam a fronteira desse binarismo. É preciso levar em consideração que a identidade está vinculada a processos históricos que envolvem aspectos sociais, políticos e econômicos e cada um deles a constrói e reconstrói de diferentes maneiras. Para a autora, é necessário olhar como as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas e ainda por que as pessoas investem nas posições que os discursos da identidade oferecem.

De acordo com Bauman (2005), a identidade, assim como o sentimento de pertença, não tem a solidez de uma rocha, nem garantia para toda uma vida, pelo contrário, é bastante revogável e negociável. A maneira como agem os indivíduos, os caminhos que percorrem, as decisões que tomam, são fatores cruciais tanto para o pertencimento, quanto para a identidade. As identidades flutuam no ar, enfatiza

o autor, algumas são de nossa própria escolha, outras não, são infladas e lançadas a nossa volta pelas pessoas.

Ao abordar o caráter fluido da identidade, Hall (2011) define o termo identidade como:

[...] o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos interpelar, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sociais de discursos particulares, e por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. (HALL, 2011, p. 111)

É justamente enquanto prática discursiva fluida que olhamos a questão da identidade feminina, que por sua vez, tem sido amplamente discutida nas teorias sobre gênero pelas pesquisas realizadas por Lauretis (1994) e Butler (2013).

De acordo com Lauretis (1994), nos escritos feministas e nas práticas culturais dos anos 60 e 70, o conceito de gênero enquanto diferença sexual se encontra no centro da crítica da representação, do questionamento de teorias de subjetividade e textualidade, de leitura e escrita culturais. Lauretis (1994) defende a necessidade de um conceito de gênero que não seja preso à diferença sexual e sugere pensar o gênero a partir de um diálogo com Foucault que vê a sexualidade como uma tecnologia sexual. O gênero não é algo existente a priori nos seres humanos, nem uma propriedade de corpos, mas “o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais, por meio do desdobramento de uma complexa tecnologia política.” (LAURETIS, 1994, p. 208).

Butler (2013) defende que não há a existência de uma estrutura originária, o gênero é uma fabricação inscrita sobre a superfície dos corpos, não é, nem verdadeiro, nem falso, mas efeitos de verdades de um discurso sobre o outro. Gênero em Butler (2014) não é precisamente o que alguém “é” nem o que alguém “tem”. Gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume. Sendo assim, gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas

também pode ser o aparato através do qual masculino e feminino podem ser desconstruídos e desnaturalizados.

Embora Bourdieu (2002) não elabore um conceito de gênero, consideramos a maneira com que o autor aborda os processos de naturalização da lógica androcêntrica, frutífera para o nosso trabalho. O autor enxerga a dominação masculina, e o modo como é imposta e vivenciada, resultante da violência simbólica exercida essencialmente por vias da comunicação e do conhecimento. Segundo Bourdieu (1998), a divisão entre os sexos perpassa as estruturas cognitivas e sociais, funcionando como sistemas de percepção, de pensamento e de ação. O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão.

A partir do conceito de *habitus* e campo político, Miguel; Biroli (2011), refletindo sobre a representação feminina na política, colocam que embora as estruturas induzam comportamentos que viabilizam sua reprodução, a mudança é possível, mas não se esgota no ingresso de grupos antes excluídos em espaços sociais já estruturados. De acordo com Finamore; Carvalho (2006), as candidatas femininas enfrentam um peso maior por serem mulheres, exigindo delas um esforço para serem aceitas como ocupantes efetivas de cargos de liderança.

Miguel; Biroli (2011) destacam que ao contrário dos homens na política, as mulheres precisam escolher entre enfrentar os estereótipos e sofrer o ônus desse enfrentamento ou adaptar-se a ele. Enfrentam-se os estereótipos, ignorando as expectativas sociais construídas sobre a postura considerada adequada para elas, sofrem o estigma de serem consideradas desviantes ou masculinizadas. E se elas optam por adaptar-se aos estereótipos, acabam por reforçar os papéis tradicionais de gênero. Miguel; Biroli (2011) observam que na maioria das vezes as mulheres brasileiras na política optam por temáticas afins ao seu papel tradicional.

Desta forma, Miguel; Biroli (2011) colocam que as diferenças de gênero, são estruturadas por um conjunto de relações e interações, que atuam em conjunto para produzir certas possibilidades e excluir outras. Mesmo que o conteúdo das posições e relações seja reinterpretado e mesmo contestado, as localizações sociais básicas tendem a ser reproduzidas e essa reprodução corresponde à naturalização de formas de ver e classificar o mundo.

Sendo assim, neste ponto da discussão, podemos pensar com Fiorin (2009), que ao retomar o pensamento de Bakhtin, afirma que a identidade é um discurso e como qualquer discurso é constituída dialogicamente pela diversidade de vozes.

Linguagem, realidade e consciência: vozes ideológicas

A questão da natureza da linguagem e sua origem é tão remota quanto a da origem do ser e de sua natureza. Sendo ao mesmo tempo um pressuposto e uma condição, o mundo da linguagem envolve o homem a partir do primeiro momento que dirige o seu olhar para ele. Ser e linguagem são indissociáveis e não há um limite preciso. Ao homem, a linguagem se apresenta não apenas como designação, determinação ou símbolo espiritual, mas como parte real dele mesmo, afirma Cassirer (2001). Mas, o que é a linguagem? Ou melhor, qual a relação entre linguagem, consciência e realidade?

Todorov (1981) afirma que no final dos anos vinte, três livros surgem, no contexto dos estudos do Círculo de Bakhtin², em uma perspectiva crítica às ciências da psicologia, da linguística e da literatura. São eles: *O Freudismo* (1927), *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929) e *O Método Formal nos Estudos Literários* (1929). Escritas em estilo polêmico, as obras reivindicam uma leitura sociológica do homem, da linguagem e da arte.

De acordo com Bezerra, *O Freudismo* ocupa um lugar ímpar na produção russa. A obra coincide com uma época em que a história da ciência vivia sua maior radicalização ideológica. O pensamento social, psicológico e filosófico russo é profundamente influenciado por uma leitura da existência humana ligada à estrutura de classe da sociedade. Tudo gira em torno da órbita da ideologia e tudo é definido em função da classe, havendo aí um pensamento marcado por uma psicologia de classe, filosofia de classe, arte de classe, política de classe e a fisiologia de classe.³

² A existência do Círculo de Bakhtin é controversa. Estudos atuais argumentam que não houve um círculo de Bakhtin propriamente dito, sendo essa denominação uma invenção tardia e negada pelo próprio Bakhtin (2012).

³ Paulo Bezerra, *Freud à Luz de uma Filosofia da Linguagem*, in *O Freudismo*, 2014.

Ao criticar o inconsciente freudiano, Volochínov (2014) dialoga com a leitura proposta por Marx das teses de Feuerbach. Será de fato possível compreender o comportamento humano sem levar em consideração o ponto de vista sociológico objetivo? Em Volochínov assim como em Marx⁴ não é possível. O homem apenas existe na sociedade. Fora da sociedade não há homem. O animal nasce como um organismo biológico apenas, o homem não, o homem nasce na história, nasce proletário ou burguês, fazendeiro ou camponês, francês ou russo, em 1800 ou em 1900, diz o autor russo.

Volochínov (2013) defende que na relação do homem e seu mundo, a consciência não pode ser vista mais como um fenômeno psicológico, mas acima de tudo como um fenômeno ideológico, um produto da comunicação social. Sob a noção de signo ideológico, o pensador russo fundamenta a sua abordagem sobre a linguagem. O ponto central de sua argumentação não é a pureza semiótica da palavra, mas sua ubiquidade social.

O que interessa a Volochínov é saber como a realidade determina o signo, como o signo reflete e refrata a realidade em transformação. Mas o que é esta realidade? Inspirado em uma leitura sociológica da linguagem, esta realidade é, para Volochínov, a história, permeada por luta de classes. Sendo assim, a palavra ao refletir a história, reflete também suas contradições, seu movimento dialético e ideológico.

Cada homem, ao conhecer a realidade, a conhece de um determinado ponto de vista. O problema consiste em saber até quanto este seu ponto de vista corresponde à realidade objetiva. De fato, um ponto de vista não representa uma conquista pessoal do sujeito cognoscente, mas é o ponto de vista da classe à qual este sujeito pertence. Em consequência, a objetividade e a completude de um ponto de vista (a medida de correspondência entre a palavra e a realidade) são condicionadas pela posição de dada classe na produção social. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 198)

Volochínov define a ideologia como o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural, fixado por meios de palavras, desenhos ou outras formas de signos. De acordo com Faraco (2009) o termo ideologia é utilizado em

⁴ Marx, Karl e Engels, Friedrich, 1998.

geral para designar a esfera da produção imaterial humana, é o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política. São as formas simbólicas, utilizando a terminologia de Cassirer (2001), essas formas sem as quais não podemos apreender a realidade. E sendo formas simbólicas, Volochínov (2002, p. 31-32) coloca a criação ideológica no domínio dos signos, “sem signo não existe ideologia. [...] Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica [...] Ali onde um signo se encontra, encontra-se também a ideologia. Tudo que é ideologia possui um valor semiótico.”

Para Gardiner (1992), em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, o autor aborda de maneira genuinamente singular a teoria marxista da ideologia. Embora seja um dos conceitos mais famosos de Marx e hoje pertencer à linguagem comum e ao vocabulário político, a noção de ideologia é trabalhada pelo pensador alemão durante um curto período de tempo. De acordo com Renault (2011), após a escrita de *A Ideologia Alemã*, o termo parece desaparecer dos seus textos, além do fato de o próprio status do termo na obra parecer indeciso.

O conceito de ideologia em Marx é influenciado por duas vertentes do pensamento filosófico crítico: a primeira é relacionada à crítica da religião proposta pelo materialismo francês e principalmente por Feuerbach e a segunda vertente é relacionada à crítica da epistemologia tradicional realizada pela filosofia alemã da consciência, representada mais fortemente por Hegel, conforme Bottomore (2012).

Segundo Sériot (2015), a ideologia para Volochínov não é ideia de assujeitamento em Althusser ou de Gramsci, nem a ideia de uma falsa consciência, nem um sistema de ideias. Mas é ao mesmo tempo toda significação enquanto conteúdo de pensamento na medida em que são coletivos. É o conjunto de signos que forma o conteúdo da consciência, e esse conteúdo reflete e refrata o homem inserido na história de classe em interação com outro homem. Enquanto leitor de Marx, Volochínov chama atenção para a dimensão dialógica da existência humana, nem sujeito, nem objeto é dado a priori.

A natureza relacional da consciência humana também é abordada por Medviédev (2012) em sua leitura marxista da linguagem. Sendo o homem envolvido por todos os lados de fenômenos ideológicos (palavras pronunciadas, escritas, afirmações científicas, crenças religiosas, mitos, arte, símbolos) é neste meio que a

consciência vive e se desenvolve. “A consciência humana não toca a existência diretamente, mas através do mundo ideológico que a rodeia” diz Medviédev (2012, p. 56). E o mundo ideológico, a criação ideológica, em Medviédev, não se situa *dentro* de nós, mas *entre* nós. O *entre nós* adquire na antropologia filosófica dos escritos do círculo de Bakhtin um papel central⁵. “Ser significa comunicar-se pelo diálogo[...] somente na comunicação, na interação do homem com o homem revela-se o “homem no homem” para outros ou para si mesmo. (BAKHTIN, 2015, p. 292-293).

Velmezova (2011) argumenta que embora a noção de diálogo seja uma das mais importantes na obra de Bakhtin, não se encontra em seu trabalho uma única definição. O conceito de diálogo pode ser entendido pelo menos de duas maneiras diferentes: no sentido linguístico, enquanto organização particular da fala em oposição ao discurso monológico, e uma outra acepção extremamente abrangente que abraça as diversas áreas do estudo de Bakhtin: o diálogo, no sentido social e psicológico, ligado ao problema do estudo da consciência; no sentido cultural, como uma condição essencial para a existência da cultura e ao mesmo tempo, como um meio de sua renovação permanente; no sentido existencial e ético, como um meio para a realização do homem enquanto pessoa, e por fim no sentido filosófico, enquanto premissa da existência de ideias. Sendo assim, diálogo para Bakhtin seria todo o domínio relacionado ao campo do sentido e transmissão, da intervenção verbal mais íntima à transferência de conhecimento coletivo de uma geração a outra.

Faraco (2009) explica que o termo diálogo deve ter entendido em seu sentido amplo, enquanto espaço de luta entre as diversas vozes sociais, no qual atuam forças centrípetas e forças centrífugas. Assim como Volochínov, Bakhtin também aponta para a existência de jogos de poder entre as vozes que circulam socialmente e que são correlacionadas às condições sócio históricas.

A concepção dialógica parte então da noção da linguagem em sua realidade social, histórica, intersubjetiva e ideológica, conforme Cunha (2012). O dialogismo pertence à instância do discurso e remete à noção de que parte do já-dito não é marcada, mas é evocada e reconhecida, uma vez que se encontra disponível na memória interdiscursiva de uma comunidade social. Desta forma, o dialogismo

⁵ Escritos referente a Volochínov, Medviédev e Bakhtin.

coloca o enunciado não apenas no contexto imediato, mas na sua história, como afirma a autora.

É impossível conceber o ser fora do âmbito relacional, a existência humana está em sua relação com. De acordo com Holquist (2002), partindo da filosofia kantiana, a não identidade entre o espírito e o mundo é, em Bakhtin, a rocha conceitual em que o dialogismo é fundado. A consciência não é a sua relação com objeto, mas sua relação com a palavra do outro, a maneira como a coisa em si se apresenta, as sensações e as percepções são acessíveis pelo contorno da alteridade. A individualidade é criadora, portanto, na medida em que a dialogicidade fecunda as diferenças, as divergências e as contradições individuais.

O dialogismo de Bakhtin ganha contornos do pensamento de Martin Buber⁶ com quem manteve uma interlocução crítica, de acordo com Todorov (1981). De acordo com Sobral (2013), com Buber, Bakhtin pregava uma dimensão irrevogável da responsabilidade ética da existência humana e a valorização do ato de responder. “Viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida” (BAKHTIN, 2010, p. 174).

Partindo da noção de que as identidades emanam em arenas fluidas discursivas e tomando o conceito de dialogismo como natureza constitutiva da linguagem, passaremos para a análise da imagem de Dilma Rousseff, construída pela esfera jornalística na eleição presidencial brasileira em 2010.

Quem fala o quê?

Nesta secção procuramos discutir a forma como as representações da identidade feminina são construídas, procurando observar de que maneira o discurso jornalístico reforça, silencia, legitima ou re(constrói) essas identidades. O corpus é constituído pelas reportagens veiculadas nos dias 31 de outubro e 01 de novembro de 2010, cuja pauta de coberta versa sobre a vitória da candidata Dilma Rousseff,

⁶ Buber (1982) irá propor um dialogismo da palavra, centrada em uma filosofia do diálogo, embora reconheça que as sementes de uma antropologia relacional foram plantadas por Feuerbach, um dos primeiros para Buber a colocar a questão da relação eu e tu.

primeira mulher eleita à presidência do Brasil. No período analisado foram escolhidas um total de 12 reportagens publicadas pelos portais de notícias: G1, Terra, UOL, e pelos jornais online: *O Estado de S.Paulo*, *Folha de S.Paulo* e *Jornal do Brasil*.

O lugar feminino na liderança política

A matéria veiculada pelo portal de notícias G1, em 31 de outubro de 2010, na seção Eleição, sob o título “Dilma comemora vitória com Lula no Palácio da Alvorada”, reforça o discurso da continuidade administrativa, colocando em suspenso a capacidade de inovação da gestão Dilma. O posicionamento ideológico da reportagem é marcado pela sequência de vozes representada pelo Governador do Ceará, Governador de Sergipe e pelo Ministro das Relações Exteriores, conforme trechos 1 e 2.

Trecho 1

“A eleição de Dilma dá sequência aos trabalhos de Lula, que tem feito um governo bom para todos” [...] “Não cabe a um presidente compor os quadros de um governo, mas o Lula vai atuar como um conselheiro político sempre”. (Voz de Cid Gomes)

O governador de Sergipe disse que a vitória de Dilma representa uma mudança de paradigma no país. “Vim dar um abraço no presidente Lula pela grande vitória de hoje. Ele vai entregar a faixa para a primeira mulher presidente. Serão novos paradigmas”, afirmou.
(Voz de Marcelo Deda)

Trecho 2

“Acho que [o novo governo] vai ser de aprofundamento dos projetos. Agora, cada um tem seu estilo. Tem um ditador que diz: O estilo é o homem. Nesse caso, o estilo é a mulher”, brincou.
(Voz de Celso Amorim)

No trecho 1, o Governador do Ceará, Cid Gomes, inicia destacando que a “eleição de Dilma dá sequência aos trabalhos de Lula”. O argumento é ratificado

logo em seguida quando se refere ao ex-presidente. “Não cabe a um presidente compor os quadros de um governo, mas o Lula vai atuar como um conselheiro político sempre, afirmou”. Podemos observar que Lula é reinserido no contexto político ao lado de Dilma como alguém decisivo na concretização das ações do governo, personificado na figura de um eterno conselheiro político. Logo em seguida, a voz do Governador de Sergipe, Marcelo Deda, dá continuidade ao mesmo argumento. Embora remeta a chegada de Dilma à presidência da república a um cenário de mudança, “a vitória de Dilma representa uma mudança de paradigma no país/ Ele vai entregar a faixa para a primeira mulher presidente. Serão novos paradigmas”, a natureza desta mudança de paradigma não é relacionada ao campo político, mas restrita ao fato de Dilma ser mulher. Nas duas vozes, os enunciados podem deixar dúvidas em relação à personalidade política de Dilma, sugerindo a ausência de um estilo próprio de governança.

No trecho 2, da mesma matéria, a voz do Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, corrobora também para colocar em suspenso a possibilidade de uma nova roupagem administrativa de Dilma. Vejamos que o termo “novo governo” é colocado entre colchetes, sugerindo uma ambiguidade de sentidos. Logo em seguida, o ministro contextualiza que o governo Dilma será um aprofundamento do Governo Lula. De maneira irônica, Amorim brinca, nas palavras do jornalista, com a questão de o estilo ser agora mulher, citando a frase de um ditador que não identifica quem é. “Tem um ditador que diz: O estilo é o homem. Nesse caso, o estilo é a mulher”, brincou”. O tom de aparente brincadeira de Amorim ao fazer referência à voz de um ditador para contextualizar o “novo governo”, produz uma construção de sentidos que deixa ambígua a efetividade do protagonismo político de Dilma.

No jogo de vozes reportado, conforme trechos 1 e 2, podemos visualizar a definição proposta por Volochínov (2002) acerca do estatuto da língua enquanto sistema de signos ideológicos e portanto indissociáveis do contexto social. Os sistemas semióticos são formulados, nas palavras do autor russo, para exprimir uma ideologia e são, portanto, moldados por ela. É possível observar que mesmo sendo orquestradas sob o signo de um aparente reconhecimento do lugar do feminino na política, as vozes são marcadas sutilmente pela (re)produção de uma cultura sexista. O “novo paradigma” não é definido pelo espaço de um exercício político,

mas em enunciações que reificam o fato de Dilma ser mulher. Mesmo levando em consideração que pareça ser uma estratégia discursiva de campanha, a ênfase no sujeito universal mulher silencia a condição de um sujeito político singular. Se a palavra exprime um ponto de vista avaliativo sobre o mundo e se esse ponto de vista não representa uma conquista pessoal do sujeito cognoscente, mas é fruto de uma produção social, como coloca Volochínov (2013), podemos pensar que as vozes destacadas nos enunciados revelam uma constituição de sentidos, apontando para a representação da manutenção da hierarquia de gênero.

Na reportagem publicada pelo jornal on-line, Folha de S. Paulo, no dia 31 de outubro de 2010, seção Poder Eleição 2010, sob o título “Dilma é a primeira mulher eleita presidente do Brasil, aponta Datafolha”, a liderança política de Dilma também perde espaço de credibilidade.

Trecho 3

Ex-ministra de Minas e Energia e da Casa Civil, Dilma foi alçada já em 2008 à condição de candidata pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que começou então a dar as primeiras indicações de que gostaria de ver uma mulher ocupando o posto mais importante da República.

(Voz do Jornalista)

Embora o jornalista aborde, no corpo da matéria, a trajetória política de Dilma no governo, a candidatura à presidência é, logo, no início da narrativa, relacionada a um sentimento pessoal de querer do ex-presidente Lula: “começou então a dar as primeiras indicações de que gostaria de ver uma mulher ocupando o posto mais importante da República.”. Em tom valorativo, a voz narrativa do jornalista sugere ao leitor que não é o protagonismo político de Dilma o traço marcante na indicação à candidatura, mas a vontade do ex-presidente Lula de eleger uma mulher à presidência.

O mesmo movimento de sentidos pode ser observado na narrativa da reportagem veiculada pelo jornal on-line, Jornal do Brasil, em 01 de novembro de 2010, sob o título “Dilma a carta na manga de Lula”.

Trecho 4

Ali, Dilma *trabalhou duro* para evitar um novo apagão elétrico, como o que hou-
vera no governo de Fernando Henrique, *desenvolveu o Programa Luz para Todos*,
planejou a construção de novas hidrelétricas e a diversificação da matriz energé-
tica brasileira. Essa dinâmica é que Lula queria na Casa Civil. E Dilma não o
decepcionou. *Passou a coordenar as ações de todo o governo e ganhou fama de durona*.
(Voz do Jornalista)

Trecho 5

A ministra havia *brigado pela redução do superávit fiscal* para que sobrassem mais
recursos para investimentos em obras de infraestrutura, que criam as bases para o
crescimento de longo prazo, aquecem a economia e geram empregos. No final do
primeiro mandato, já havia dinheiro para isso e *ela elaborou o Plano de Aceleração
do Crescimento (PAC)*, pedido por Lula. O programa foi lançado em janeiro de
2007, nos primeiros dias do segundo mandato.
(Voz do Jornalista)

Trecho 6

Em recente entrevista à TV Brasil Internacional, Lula nos contou, no intervalo
da gravação, que naquele dia começou a amadurecer a ideia de que Dilma poderia
ser a candidata que ele *não tinha para a sucessão que se aproximava*. A oposição
tinha dois nomes fortes, Aécio Neves e José Serra, ambos já provados nas urnas.
*Dilma não tinha experiência eleitoral, mas representava uma novidade. Era mulher,
pensava o presidente*. Se conseguisse transferir para ela uma parte de sua imensa
popularidade, poderia elegê-la.
(Voz do Jornalista)

Trecho 7

*Dilma não era mesmo um quadro histórico, mas o partido também não tinha outro
nome*. Quem tinha a força era Lula e sua indicação foi prontamente aceita.
(Voz do Jornalista)

A matéria é marcada por um jogo enunciativo que inicialmente destaca o
exercício político de Dilma, conforme os enunciados destacados nos trechos 4 e 5:
“trabalhou duro / desenvolveu o Programa Luz para Todos/ planejou a constru-
ção de novas hidrelétricas e a diversificação da matriz energética brasileira/ Pas-
sou a coordenar as ações de todo o governo e ganhou fama de durona/ elaborou

o Plano de Aceleração do Crescimento (PAC)”. Entretanto a liderança política perde terreno de relevância quando a escolha da candidatura é apontada não pelo seu desempenho gestor, mas pelo fato de ser mulher exclusivamente, conforme os trechos 6 e 7: “Dilma não tinha experiência eleitoral, mas representava uma novidade. Era mulher, pensava o presidente”. Este contexto é ainda relacionado a falta de escolhas de nomes do partido. “Dilma não era mesmo um quadro histórico, mas o partido também não tinha outro nome”.

O status coadjuvante que assume o papel da liderança política na construção da imagem de Dilma também pode ser percebido de forma sutil na reportagem publicada pelo mesmo jornal, no mesmo dia, sob o título “Dilma terá ministério com muitas mulheres, afirma coordenador de campanha”, conforme trechos 8 e 9.

Trecho 8

“A partir de hoje ninguém pode dizer para uma mulher que ela não pode ocupar o cargo A, B ou C, ou aspirar um cargo na sua carreira. O cargo mais alto do país é ocupado por uma mulher. Dilma vai ter um ministério ocupado por mulheres e vai ajudar nessa simbologia no imaginário brasileiro, de uma mulher ocupar a presidência da República.”

(Voz de Edinho Silva)

Trecho 9

“A Dilma é a primeira mulher eleita presidente da República. Ela está sucedendo um retirante nordestino. Poucos países do mundo tiveram a oportunidade de construir uma simbologia tão forte. Uma mulher que faz parte de uma geração de pessoas que foram perseguidas, mortas, por acreditarem em um país de igualdade e de oportunidades. [...] Com certeza nós teremos mulheres no ministério da Dilma, não tenha dúvida disso”.

(Voz de Edinho Silva)

Dilma é representada, na voz do presidente do diretório do PT em São Paulo e coordenador da campanha no estado, Edinho Silva, pelo único atributo de ser mulher. Embora o enunciado agencie tons de empoderamento, “Dilma vai ter um ministério ocupado por mulheres e vai ajudar nessa simbologia no imaginário brasileiro. Uma mulher que faz parte de uma geração de pessoas que foram

perseguidas, mortas, por acreditarem em um país de igualdade e de oportunidades”, as características de liderança de Dilma não são levadas em consideração. Finamore; Carvalho (2006) consideram que as candidatas femininas enfrentam um peso de serem mulheres, exigindo delas um esforço maior para serem aceitas como ocupantes efetivas de cargos de liderança.

Embora exista no texto jornalístico, sob o signo da imparcialidade, uma discursividade aparente de igualdade de gênero, a desigualdade deixa suas marcas linguísticas reafirmando a cultura sexista historicamente construída. Nas palavras de Volochínov (2013), a realidade é a história permeada por luta de classes, sendo assim, a palavra, ao refletir a história, reflete também suas contradições, seu movimento dialético, sua constituição.

A esfera privada

A reportagem publicada pelo portal de notícias *Terra*, em 31 de outubro de 2010, na seção política, sob o título: “Dilma Rousseff é eleita primeira mulher presidente do País.”, aponta para uma construção de sentidos em que a identidade também é marcada linguisticamente pela diferença de gênero.

Trecho 10

Dilma Rousseff, hoje com 62 anos, ficou conhecida durante a gestão de Lula como “a mãe do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento).

(Voz do Jornalista)

Trecho 11

A partir daí, começou a aparecer sempre ao lado do presidente Lula, que a considera “*uma mulher competente e de fibra*”. Em 2009, a “*mãe do PAC*” foi considerada uma das 100 pessoas mais influentes do País pela revista *Época*.

(Voz do Jornalista)

Trecho 12

Ao ser libertada, Dilma voltou à sua casa da infância para se *recuperar ao lado da família*.

(Voz do Jornalista)

O destaque ao atributo dado à Dilma por Lula, “mãe do PAC” não é somente mencionado em dois momentos da reportagem do Terra, conforme trechos 10 e 11, como também, na maior parte do material empírico analisado, inclusive é título, (“Dilma se destacou no governo Lula como “mãe do PAC,) da matéria veiculada pelo jornal online Folha de São Paulo, publicada no dia 31 de outubro de 2010.

É importante salientar o perfil político de Dilma na campanha eleitoral como uma candidata que transita entre a masculinidade e a feminilidade. Durante a sua atuação no governo, Dilma foi várias vezes nomeada de durona, brava, sisuda, traços como veremos em alguns trechos mais adiante. O atributo de “mãe do PAC” se configura como uma estratégia política discursiva do governo na tentativa de quebrar essa visão masculinizada de Dilma, reinserindo-a em uma singularidade feminina no retorno a simbologia materna. Esta caracterização não deveria ser levada em consideração enquanto ferramenta de conquista do espaço político, mas como coloca Bourdieu (2002), os espaços sociais são constituídos pela dinâmica da dominação vigente, no caso da política, pela dominação masculina. De acordo com autor, a força da ordem masculina se evidencia no fato de que dispensa justificção, a visão androcêntrica se impõe como neutra e não tem a necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la, o que não acontece no caso da enunciação feminina, uma vez que o lugar do feminino está sempre buscando se legitimar, justificar, apropriar, conquistar, delimitar. A nomeação “mãe do PAC” produz um sentido essencialmente sexista, pois rememora historicamente o gênero feminino ligado ao signo materno, reafirmando a identidade de gênero atrelada às relações familiares.

O trecho 11 da reportagem exemplifica bem o antagonismo fronteiriço de valores que permeia o status da mulher na política. Se de um lado, o enunciado “uma mulher competente e de fibra”, ameniza as diferenças de gênero, valorizando positivamente o desempenho político de Dilma, por outro lado, esta valoração do espaço público é destituída pelo enunciado “em 2009, a “mãe do PAC” foi considerada uma das 100 pessoas mais influentes do País pela revista *Época*.” No trecho podemos observar que a mídia reforça os estereótipos de gênero juntamente com a oposição entre a esfera pública e a privada, e opera com a lógica da dicotomia, sem necessariamente desorganizar a sua hierarquia, como afirma Miguel; Biroli (2011).

Na mesma matéria, a esfera privada ganha contornos mais ameno, na voz do jornalista, quando aborda o retorno da prisão de Dilma, conforme trecho 12. As marcas de gênero se encontram atenuadas, o ambiente familiar se configura como um lugar de recuperação, acolhimento, solidariedade, “Dilma voltou à sua casa da infância para se recuperar ao lado da família.”

O mesmo tema é abordado pelo portal de notícias G1, na reportagem publicada em 31 de outubro de 2010, seção Eleição 2010, sob o título Conheça a trajetória da primeira mulher presidente do Brasil.”, mas apresenta uma outra perspectiva avaliativa.

Trecho 13

“Ela começa com um papel em um momento histórico muito importante para o país. Depois, se retira, *passa a se dedicar mais à família* e reaparece no Rio Grande do Sul, para atuar junto ao PDT.”

(Voz de Marcelo Coutinho)

Trecho 14:

Neste domingo (31), *a economista – e avó – de 62 anos* conquistou o direito de exercer seu primeiro cargo eletivo.

(Voz do Jornalista)

Conforme o trecho 13, na narrativa sobre o retorno da prisão de Dilma a imagem do feminino é ligada à domesticidade. “Depois, se retira, *passa a se dedicar mais à família* e reaparece no Rio Grande do Sul, para atuar junto ao PDT”.

Vejam os que o uso do termo “dedicar”, utilizada dentro do universo familiar, sugere uma conotação materna que remete a contexto histórico de cuidado, doação, amor gratuito, embora o enunciado seguinte mencione o retorno à esfera pública. É possível dizer que os sentidos linguístico-discursivos produzidos pelo uso dos termos “se recuperar” e “se dedicar” marcam distintamente as relações de gênero.

A construção discursiva dos enunciados destacados nos leva à afirmação de Faraco (2009) quando se refere ao conceito de dialogicidade, enquanto fenômeno que abrange um espaço de luta entre as diversas vozes sociais, em que atuam forças centrípetas e forças centrífugas, operando com a existência de jogos de poder. De acordo com Bakhtin (1998. p. 82) os processos de centralização e de descentralização, de unificação e de desunificação cruzam-se em cada discurso. “Cada enunciação que participa de uma língua única” (das forças centrípetas e das tendências) pertence também, ao mesmo tempo, ao plurilinguismo social e histórico (às forças centrífugas e estratificadoras).”.

Vejam os que os enunciados, cuja narrativa aborda o mesmo tema, o uso dos termos “se recuperar” e “se dedicar” remete a posições axiológicas distintas. No enunciado 12, “se recuperar” carrega as marcas de uma força centrífuga no sentido de destabilizar as relações de gênero no silenciamento das diferenças, enquanto que no enunciado 13, “se dedicar” carrega as marcas de uma força centrípeta no sentido de reafirmar, normatizar as relações de gênero, preservando os ideais da ordem patriarcal. Alusão à esfera privada também aparece no trecho 14. O fato de Dilma ser avó é contextualizado ao lado da formação acadêmica e da idade da candidata. “Neste domingo (31), a economista – e avó – de 62 anos conquistou o direito de exercer seu primeiro cargo eletivo”.

Os enunciados analisados apontam para aquilo que Bakhtin (2015) menciona sobre os meios de enformação e molduragem do discurso persuasivo que podem ser tão flexíveis e dinâmicos a ponto de estarem literalmente onipresente no contexto, mesclando seus tons específicos. Na medida em que enfatizam à esfera privada de Dilma, as vozes reafirmam a desigualdade de gênero. Os critérios de julgamento utilizados pelo discurso midiático se apresentam diferentes para mulheres, uma vez que a esfera privada não pauta as narrativas sobre a trajetória política de homens.

É importante observar que embora muitas vezes isto possa fazer parte de estratégias discursivas para alcançar identificação com o eleitorado, na condição de mãe, filha, avó ou esposa, o fato dos estereótipos serem utilizados como ganho de visibilidade pode construir as identidades de maneira bastante complexa, uma vez que discursivamente reforçam os papéis tradicionais de gênero e as hierarquias sociais, como afirma Miguel; Biroli (2011).

Identificação e resistência

A reportagem publicada pelo portal de notícias G1, em 31 de outubro de 2010, seção Eleição 2010, sob o título “Conheça a trajetória da primeira mulher presidente do Brasil”, revela uma necessidade de feminização da imagem de Dilma. É possível observar que o movimento de sentidos produzido opera com valores socialmente preexistentes atribuídos à identificação do sujeito mulher, personificando um modelo de qualidades universais e não em termos individuais.

Trecho 15:

Escolhi a Dilma para as duas secretarias porque ela sempre demonstrou muita experiência. Ela é uma mulher determinada”, afirma Collares. “*Dizem que ela é brava. Não é. É determinada*”, afirma.
(Voz de Collares)

O atributo de braveza, característica essencialmente considerada masculina, é amenizada, no trecho 15, na fala de Collares “Dizem que ela é brava. Não é. É determinada”. Existe uma substituição do termo determinada em detrimento do termo brava. O enunciado sugere a construção de uma identidade feminina marcada pela adequação à normas regulatórias, conforme coloca Butler (2013), quando defende que o gênero é performativo não somente porque descreve o mundo, mas também porque age sobre ele, pela força das enunciações prescritas, normatizadas. A imagem de Dilma é construída simbolicamente de acordo com normas relacionadas ao imaginário do que é estabelecido como feminilidade. Finamore;

Carvalho (2006) destacam que no universo político, as mulheres têm que apresentar força e assertividade sem parecerem masculinas.

Entretanto, é possível perceber, em alguns momentos, as marcas de uma resistência caracterizada pela resignificação de papéis socialmente construídos, são os discursos constituído por representações identitárias que parecem desconstruir a lógica dominante das instituições vigentes, apontando para uma tentativa de reposicionamento dos atores sociais nestes lugares e papéis historicamente estigmatizados.

A reportagem publicada portal de notícias UOL, em 31 de outubro de 2010, secção Eleição 2010, sob o título “Dilma é eleita primeira mulher presidente do Brasil” aponta traços linguísticos de um redimensionamento da construção identitária de gênero arraigada nas relações de poder que são sustentáculos da clivagem binária.

Trecho 16:

Neste ano, tentou aliviar a imagem da mulher que passava descomposturas em colegas ministros. *“Sou uma mulher dura cercada de homens meigos”, costuma dizer, em tom de ironia*
(Voz de Dilma)

O enunciado “Sou uma mulher dura cercada de homens meigos”, propõe uma inversão do contexto cultural patriarcal em que os estereótipos de gêneros são produzidos. No enunciado, Dilma ironiza fazendo um trocadilho com os atributos de dureza e meiguice socialmente atribuídos à mulher e ao homem respectivamente, deslocando-as dos seus lugares originários. Embora haja uma masculinização do feminino e uma feminização do masculino, permanecendo na estrutura binária, o enunciado mostra uma produção de sentido veiculada a uma tentativa de destituição da ordem falocrática que impõe a fragilidade e a sensibilidade como atributos da mulher como forma de exclusão da esfera pública. De acordo com Lauretis (1994), o gênero é uma representação e a representação do gênero é sua construção, o que implica dizer que a cultura é um registro da história dessa construção; e essa construção também acontece por meio da desconstrução que rompe ou desestabiliza a representação.

Considerações finais

A partir da articulação entre as teorias da linguagem, sob a perspectiva da teoria dialógica do discurso e as teorias de identidade e gênero, propusemo-nos a discutir, neste artigo, a maneira como as representações da identidade feminina são construídas, procurando observar de que forma o discurso jornalístico reforça, silencia, legitima ou (des)constrói essas identidades.

Verificamos que na construção da imagem de Dilma, o discurso é marcado a todo o momento pelo seu caráter dialógico e ambivalente. Os movimentos de sentidos linguístico-discursivos são constituídos pelo embate de vozes que, se de um lado legitima e reifica as noções de masculino e feminino historicamente naturalizadas, apontando o lugar de uma desigualdade de gênero; de outro lado, é marcado por traços de desconstrução, indicando o lugar de uma ressignificação de papéis dentro da cultura sexista. Mesmo sendo, muitas vezes, uma escolha de estratégia discursiva das candidatas femininas a adequação aos estereótipos de gênero como ganho de visibilidade e identificação com o eleitorado, o discurso pela sua essência dialógica não deixa de apontar suas marcas de resistência.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *O freudismo: um esboço crítico*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. *Mikhail Bakhtin em diálogo – conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. Tradução de Daniela Miotello Mondardo. 2 ed. São Carlos: Pedro & João, 2012.

BAKHTIN, Mikhail /VOLOCHÍNOV, V. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6ed.. São Paulo: Editora MWF. Martin Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. 12 ed. São Paulo. Hucitec, 2002.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética (A teoria do romance)*. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freiras de Andrade. 4 ed. São Paulo: Editora Unesp. 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34. 2016.

BIROLI, Flávia. *Autonomia, opressão e identidades: a resignificação da experiência na teoria política feminista*. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas*. Tradução de Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso de mídia*. Tradução de Angela Correa. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Dóris Arruda Carneiro. *Dialogismos e ponto de vista: um estudo da charge*. Eutomia (Recife), v. 1, p. 244-263, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo*. As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FINAMORE, Cláudia Maria; CARVALHO, João Eduardo Coin de. *Mulheres candidatas: relações entre gênero, mídia e discurso*. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(2): 248, maio-agosto/2006

FIORIN, José Luiz. *A construção da identidade nacional brasileira*. Bakhtiniana, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1º sem, 2009.

GARDINER, Michael. *The dialogics of critique: M.M.Bakhtin and the theory of ideology*. London, 1992.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T.T (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

HOLQUIST, Michael. *Dialogism Bakhtin and his World*. 2nd edition. Routledge: USA and Canada, 2002.

LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do Gênero”. In: Hollanda, Heloísa Buarque de. *Tendências e Impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Caleidoscópio convexo: mulheres, política e mídia*. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

MEDVIÉDEV, Pavel Nikolaievitch. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo, Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

RENAULT, Emmanuel, GÉRARD Duménil, MICHAEL Löwy. *Ler Marx*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SERIoT, Patrick. *Volosínov e a filosofia da linguagem*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SOBRAL, Adail; PIRES, Vera Lúcia. *Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Volochínov*. *Bakhtiniana*, São Paulo, 8 (1), 205:219. Jan/Jun.2013.

TODOROV, Tzvetan. *Mikhail Bakhtine Le Principe Dialogique*. Paris: Éditions Du Sueil. 1981.

VELMEZOVA, Ekaterina. *Le dialogue bakhtinien : entre « nouveauté terminologique » et obstacle épistémologique*. *Cahiers de praxématique*, 57, 2011. Disponível em: <http://praxematique.revues.org/1753>. Acesso em 15 ago. 2015.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. *A construção dos enunciados e outros ensaios*. Tradução de João Wanderly Geraldi. São Carlos: Pedro & Jorge Editores, 2013.

WOODWARD, Kathryn. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

Anexos

Portal de Notícias G1

<http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/dilma-comemora-vitoria-com-lula-no-palacio-da-alvorada.html> – “grifo nosso”

<http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/dilma-rousseff-e-primeira-mulher-eleita-presidente-do-brasil.html> – “grifo nosso”

<http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/conheca-trajetoria-da-primeira-presidente-mulher-do-brasil.html> – “grifo nosso”

Jornal do Brasil

<http://www.jb.com.br/eleicoes-2010/noticias/2010/11/01/dilma-rousseff-a-carta-na-manga-de-lula/> – “grifo nosso”

<http://www.jb.com.br/eleicoes-2010/noticias/2010/11/01/dilma-tera-ministerio-com-muitas-mulheres-afirma-coordenador-de-campanha/> – “grifo nosso”

<http://www.jb.com.br/eleicoes-2010/noticias/2010/10/31/dilma-rousseff-e-eleita-presidente-da-republica-com-5599/> – “grifo nosso”

Portal de Notícias Terra

<https://noticias.terra.com.br/brasil/politica/dilma-rousseff-e-eleita-primeira-mulher-presidente-do-pais,6cca78ad60e2d310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html> – “grifo nosso”

Portal de Notícias Uol

<http://eleicoes.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/10/31/dilma-e-eleita-primeira-presidente-mulher.jhtm> – “grifo nosso”

Jornal on-line O Estado de S. Paulo

<http://politica.estadao.com.br/eleicoes/2010> – “grifo nosso”

Folha de S. Paulo

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2010/10/823437-dilma-e-a-primeira-mulher-eleita-presidente-do-brasil-aponta-datafolha.shtml> – “grifo nosso”

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2010/10/823604-dilma-comemora-vitoria-no-palacio-da-alvorada-com-lula-e-aliados.shtml> – “grifo nosso”

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/817529-dilma-se-destacou-no-governo-lula-como-a-mae-do-pac.shtml> – “grifo nosso”

CADEIA DISCURSIVA DA DIREITA BRASILEIRA SOBRE IMIGRAÇÃO: VÍDEOS E BLOGS

Douglas Rabelo de Sousa

Introdução

Para darmos início a este artigo, faz-se necessário entendermos que a metodologia adotada baseia-se no Método Sociológico proposto por Bakhtin, onde os enunciados escolhidos – a materialidade linguística concreta geradora de formas específicas de interação verbal – é concebida como resultado verbal das interações sociais e submetida a uma análise em que ideologia é constitutiva da linguagem.

Partimos do conceito de cronotopo para dissertarmos sobre os enunciados tratados¹. Para Bakhtin, essa noção remete a tempo e espaço em que se unem o discurso e o enunciado (tempo histórico/espaço social). O primeiro enunciado trata de uma entrevista cedida pelo deputado federal, pelo PP-RJ, Jair Bolsonaro, ao Jornal *Opção de Goiás*, no dia 17 de setembro de 2015, ao repórter Frederico Vitor. Bolsonaro encontrava-se no 1º Workshop da Justiça Criminal realizado na Associação dos Magistrados do Estado de Goiás (Asmego). Ele tinha participado da mesa de abertura e acabado de ministrar a palestra “Sistema Penitenciário Brasileiro”. A entrevista tornou-se nacionalmente conhecida devido à polêmica forma com que o deputado se referiu aos imigrantes, chamando-os de “escória”. Abaixo, está transcrita a parte referida da entrevista de Jair Messias Bolsonaro:

¹ Para melhor compreensão do texto, sugerimos a leitura dos textos analisados, apresentados em anexos.

mas caso venham a reduzir o efetivo é menos gente na rua pra fazer frente aos marginais do MST que são engordados agora por senegaleses... haitianos... iranianos... bolivianos e tudo que é escória do mundo né... e agora tá chegando os sírios também aqui a escória do mundo está chegando aqui no nosso Brasil como se nós já não tivéssemos problemas demais pra resolver [...]. (BOLSONARO, 2015a²)

A polêmica mostra-se relevante devido ao contexto social em que o mundo se encontrava no momento, enfrentando uma crise migratória, causada por refugiados de guerra, principalmente sírios, em direção a países europeus principalmente, em busca de segurança. Tal cenário contrasta com a frieza da declaração do deputado Jair Bolsonaro que, ao não distinguir refugiado de “terrorista”, preconiza um discurso de ódio na mídia em relação aos imigrantes.

O segundo enunciado refere-se a um vídeo resposta de Bolsonaro diante da polêmica causada sobre a “escória” a que se referiu na entrevista anterior. Este vídeo encontra-se *online* no *Youtube*, no perfil de seu filho, Carlos Bolsonaro, publicado em 22 de setembro de 2015, intitulado “Refugiados e Bolsonaro: A verdade”:

[...] logicamente não podemos admitir isso [que o Brasil receba os sírios] junto com algumas pessoas de bem outras com esse tipo de formação de cultura completamente diferente da nossa virão pra cá estamos vendo aqui que o Estado Islâmico está cada vez mais jogando infiltrando gente sua nessas verdadeiras diásporas que está acontecendo naquela região [...] (BOLSONARO, 2015b)

O enunciado número 3 constitui um artigo de opinião publicado em 23 de setembro de 2015, no blog da revista *Veja*, de São Paulo. O artigo de opinião intitula-se “Deixe a escória entrar, Bolsonaro. Pois faremos com ela um grande país”, assinado por Leandro Narloch. Neste artigo, o colunista discorre sobre a visão negativa do deputado em torno dos dos imigrantes, e que sua posição vai ao encontro da defesa do capitalismo que diz defender

² Para distinguirmos os dois discursos de Bolsonaro, trataremos o discurso “Entrevista Bolsonaro Jornal Opção” como (BOLSONARO, 2015a) e o discurso presente no vídeo “Refugiados e Bolsonaro: a verdade” como (BOLSONARO, 2015b).

Se Bolsonaro gosta mesmo do capitalismo, deveria se inspirar no poema “O Novo Colosso”, gravado ao pé da Estátua da Liberdade, e proclamar na Câmara dos Deputados: “Dêem-me os cansados, os pobres, suas massas apinhadas, que anseiam por respirar a liberdade. Faremos com eles um grande país”. (NARLOCH, 2015)

Por último, o enunciado-resposta de Olavo de Carvalho, também no suporte vídeo, intitulado “Leandro Narloch e o Politicamente Correto”, publicado em 16 de setembro de 2015, na conta *Agloqueflugesola* de um de seus seguidores no YouTube. Neste vídeo, Carvalho atacará a analogia que Narloch faz em seu artigo de opinião entre os grupos de imigrantes italianos, alemães e japoneses, que vieram ao Brasil como mão de obra especializada no século XIX com o objetivo de elevar a capacidade técnica do país com os imigrantes que chegam ao Brasil atualmente: haitianos, senegaleses, sírios, etc.

Para Carvalho, o primeiro grupo possuía características divergentes, pois tinha maiores recursos do que o próprio brasileiro daquela época, em contrapartida, sobre os imigrantes que chegam atualmente, o escritor diz: “[...] esse pessoal que veio do Haiti do Senegal eles sabe o quê? É? alguns talvez saibam duas ou três coisas do corão tá certo? e sabe fumar maconha é:: vender craque talvez isso eles sabem então o paralelo é absolutamente falso [...]” (CARVALHO, 2015).

Nesse ponto, vemos a concretização de uma cadeia formada por gêneros diversos, que versam sobre o mesmo tema, a imigração. O dialogismo entre os enunciados anteriores é alto por possuírem um diálogo veemente entre si, tanto no que diz respeito ao tema quanto também aos atores representados e seus autores.

O primeiro enunciado provoca polêmica a nível nacional, sendo necessário um segundo vídeo de Bolsonaro para “explicar” o que entende por refugiados como “escória do mundo”, a seguir, temos Narloch com seu artigo de opinião no qual mostra seu modo de conceber a imigração e, finalmente, Carvalho dialoga com Narloch e Bolsonaro ao publicar um vídeo em que versa sobre a visão do colunista e do deputado em relação à imigração.

O fio condutor que liga esta cadeia de enunciados de diferentes gêneros e suportes é a ideologia mais à direita com a qual seus autores se identificam. Bolsonaro desponta mais à direita conservadora militar, Narloch para a direita mais

liberal e Olavo de Carvalho alinha-se a Bolsonaro, por ser mais conservador em seu discurso sobre imigração.

Outro dado importante a se ressaltar do cronotopo diz respeito à posição do Brasil diante da crise de refugiados vivida internacionalmente neste período. A Presidenta da República, à época, Dilma Rousseff, declarava-se a favor do recebimento dos refugiados no Brasil. Posicionamento reafirmado em seu discurso de abertura da 70ª Assembleia-Geral das Nações Unidas em Nova Iorque:

O Brasil é um país de acolhimento, um país formado por refugiados. Recebemos sírios, haitianos, homens e mulheres de todo o mundo, assim como abrigamos, há mais de um século, milhões de europeus, árabes e asiáticos. Estamos abertos, de braços abertos para receber refugiados. (ROUSSEFF, 2015)³

Após a caracterização dos personagens presentes na polêmica e do posicionamento político do governo brasileiro, vamos discorrer sobre os locais de produção e reprodução desses enunciados e de algumas características destes meios. Primeiro, o Jornal *Opção*, de Goiânia, fundado em 1975, a mais de quarenta anos no mercado, possui uma periodicidade semanal, não tem posicionamento político explícito⁴.

O segundo meio de produção e reprodução é a revista *Veja*, com periodicidade semanal, da Editora Abril. A análise em foco é a versão digital disponível no endereço eletrônico veja.abril.com.br/ Essa revista eletrônica traz um importante número de acessos, chegando a impressionante 120.297.000 visualizações⁵, conforme estudo encomendado pela própria revista.

³ Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Abertura da 70ª Assembleia-Geral das Nações Unidas- Nova Iorque/EUA Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-abertura-da-70a-assembleia-geral-das-nacoes-unidas>. Acesso em 10 Jan. 2017.

⁴ Em nossa análise, focaremos em sua publicação *online* disponível em <http://www.jornalopcao.com.br/>

⁵ *Audiência geral*. Disponível em <http://publiabril.abril.com.br/marcas/veja>. Acesso em 14 Jan. 2017.

Indo ao encontro com o Jornal *Opção*, a *Veja* possui um posicionamento político mais explícito. Para Eleonora de Magalhães Carvalho, *Veja* compõe a “imprensa golpista” juntamente com outros veículos como *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e *TV Globo*, ou seja, a revista faz parte dos veículos midiáticos mais voltados à direita política.⁶

Sobre o artigo de opinião de Narloch, publicado no blog da *Veja*, deve-se dizer que seu argumento principal fica evidente já no título “Deixe a escória entrar, Bolsonaro. Pois faremos com ela um grande país.” e no *lide* “Ao chamar os imigrantes sírios e haitianos de “escória do mundo” e compará-los a “marginais do MST”, Bolsonaro trai o capitalismo que ele próprio diz defender.”

Ao contrário do deputado, o colunista defenderá a entrada dos imigrantes, ainda que os mantenha com o status de escória, usando de argumento um grande país que poderá ser construído com eles. O colunista mostra que ao comparar os imigrantes ao grupo do MST e à escória do mundo o deputado federal não segue uma das ideias basilares dos defensores do capitalismo, a livre circulação de pessoas.

Por fim, situamos os vídeos do *Youtube*, pois eles carregam consigo não a ideologia do *site* em que publicam os conteúdos, uma vez que o *Youtube* é um site de hospedagem de diferentes vídeos, portanto temos que nos atentar apenas ao discurso veiculado. Em relação ao vídeo de Jair Bolsonaro podemos definir seu discurso como um enunciado-resposta elaborado com o intuito de explicar o uso do termo “escória” na entrevista dada ao jornal goiano, como também de reforçar sua crítica à posição do governo brasileiro sobre a recepção de imigrantes sírios.

O vídeo de Olavo de Carvalho também se trata de um enunciado-resposta ao artigo de opinião de Narloch e, por conseguinte, dialoga com o discurso de Bolsonaro. Expondo de forma despojada suas ideias, Olavo as exemplifica, faz críticas a Narloch e à sua visão sobre imigração, deixa claro que a analogia do colunista, de que imigrantes sírios, senegaleses e haitianos prosperarão assim como os alemães, japoneses e italianos que chegaram ao Brasil de outrora, é falsa e baseada em *uma similitude entre palavras*. E acrescenta:

⁶ Conferir Carvalho (2013).

[...] se há imigrante chama de escória não... acontece que os japoneses italianos e alemães nunca foram chamados... como escória ao contrário eles foram chamados sobretudo... seja no começo do século seja depois pelo governo do Getúlio Vargas... porque eles iam aumentar o nível elevar o nível técnico da nossa população [...] (CARVALHO, 2015)

O parágrafo anterior marca claramente o posicionamento de Carvalho em relação à visão de que imigrantes podem ser comparados indiscriminadamente, sem levar-se em conta seu contexto, o filósofo também instaura uma diferença importante entre os dois grupos, marcada pelo fato do primeiro grupo de imigrantes, italianos, alemães e japoneses, ser convidado pelo governo enquanto o segundo grupo de imigrantes não.

Voltando-nos às estruturas dos gêneros presentes no *corpus* analisado que compõem essa cadeia discursiva, o gênero entrevista pertence à esfera jornalística de caráter informativo enquanto o artigo de opinião, pertencente à mesma esfera, corresponde ao gênero opinativo. Para a melhor definição da entrevista, devemos levar em conta que ela descende do gênero relato, portanto, trata-se de um gênero secundário, de acordo com a classificação bakhtiniana. No caso da entrevista de Bolsonaro, há um diálogo controlado por perguntas feitas pelo entrevistador e respostas dadas pelo entrevistado, havendo aprofundamento de certos tópicos. Nela temos o relato fiel das falas do entrevistador e entrevistado, devido a essa reprodução das falas, seu discurso caracteriza-se como direto e também se dá- no âmbito oral e não escrito.

No artigo de opinião, o escritor disserta sobre seu entendimento de algum fato. Rodrigues (2007) nos explica que nesse gênero o importante é a análise e opinião do autor em detrimento dos fatos em si. A autora acrescenta que na criação de um artigo de opinião se faz necessário um tema controverso, como o que temos devido à declaração de Bolsonaro que será motivador do artigo de Narloch. É relevante notar que há um alto grau de dialogismo neste gênero, pois ele tem por objetivo o diálogo com outros enunciados previamente existentes e uma reflexão sobre eles.

Referente às questões linguísticas particulares do gênero, Bräkling (2000) observa o uso de verbo geralmente na terceira pessoa; o emprego de verbos no

presente do indicativo ou do subjuntivo; apresentação dos argumentos e, possivelmente, contra-argumentos para o leitor conseguir interpretar o que lhe é narrado. Bräkling afirma que também se recorre o pretérito em citações, em explicações ou exposição de dados. Em Rodrigues (2000) há um complemento da composição do gênero quando diz que o autor deve considerar os leitores do texto, o contexto que compartilha, a eleição de um tema a tratar, uma posição clara diante do tema e a exposição de suas opiniões sobre ele.

Feitas as ressalvas estruturais dos gêneros e revisitando o corpus, podemos notar que uma das características da retórica de Narloch em seu artigo é o uso exagerado de analogias, o que enfraquece a qualidade e veracidade de seus argumentos por, nem sempre, utilizarem-se de instâncias que possuem similaridades suficientes para serem comparadas, outro aspecto que destoa em seu artigo é a falta de fonte para certas informações citadas, fator decisivo no que diz respeito à credibilidade de seu artigo.

Enfim, a respeito dos vídeos de Bolsonaro “Refugiados e Bolsonaro: a verdade” e o de Olavo de Carvalho “Leandro Narloch e o Politicamente Correto” pode-se dizer que ambos portam discursos estruturalmente similares, os enunciados-resposta. No vídeo de Bolsonaro, destinado a dizer a verdade que a mídia distorce, temos uma resposta direta ao telespectador, um diálogo direto com ele evidente na utilização de expressões como “você acha” que leva ao questionamento do telespectador sobre a “escória do mundo” que o deputado, retificando o que havia dito na entrevista anterior, reenquadra delimitando-a a apenas uma parte dos refugiados. De forma geral, o deputado discorre sobre seu ponto de vista que se resume ao bloqueio dos imigrantes e expõe seus argumentos. Bolsonaro também critica o posicionamento do governo de receber refugiados indiscriminadamente.

O vídeo enunciado-resposta de Olavo de Carvalho possui uma linguagem menos formal, utiliza-se da primeira pessoa do singular, baseia suas opiniões em histórias pessoais, mas faz uma análise esclarecida sobre a analogia de Narloch, pondo em xeque os argumentos do colunista. Carvalho também dialoga com o público com expressões como “eu contei para vocês” em que o escritor retoma histórias já contadas, possivelmente, em vídeos anteriores.

Há dois vídeos muito similares, não só porque tratam de enunciados-resposta, mas, primeiro, porque utilizam-se do *Youtube* para a publicação, evidenciando uma necessidade de alcançar rapidamente um grande número de seguidores que, possivelmente, esperam um posicionamento destas figuras “relevantes” da nova direita brasileira sobre estes assuntos.

Para termos ideias do alcance dos vídeos, é importante saber que o primeiro teve 42,309 visualizações e o segundo 14,855 visualizações⁷ até o momento em que este artigo foi escrito. O segundo ponto em comum refere-se ao estilo da linguagem utilizada por ambos, com um tom dialogal direcionado ao seu interlocutor, os dois autores comentam fatos que os chamam a atenção, Bolsonaro para se justificar e Olavo para contestar.

Se retomarmos uma das perguntas desse artigo, podemos considerar como uma das mais relevantes a relativa a do gênero do discurso a que esses enunciados-resposta pertencem. Para respondermos tal indagação deve-se ter em conta que é relevante citar a correlação dos discursos do vídeo com o artigo de opinião. Esse outro gênero, no entanto, circulando vídeo, difere do artigo de opinião porque traz um diálogo despojado e direto com o seu interlocutor. Se o artigo de opinião é marcado pela linguagem escrita e formal, o vídeo é marcado pela linguagem falada e informal. Que outras diferenças há entre esses gêneros? O público, certamente, pois a figura de Narloch não é tão conhecida quanto a de Bolsonaro e Carvalho; o artigo de opinião não é um gênero tão acessível quanto o gênero vídeo no canal do *Youtube*.

O novo gênero apresenta um alcance maior de interlocutores, maior rapidez na disseminação das ideias, maior visibilidade devido ao suporte e, talvez, maior sentido de efeito de diálogo direto e, por conseguinte, de maior aproximação com o público.

Para finalizarmos a análise dos gêneros, recorreremos aos postulados de Bakhtin, em que os define como tipos relativamente estáveis de enunciados (BAKHTIN, 2003, p. 262). O filósofo acrescenta que dentre as características do gênero estão sua estabilidade e variedade provenientes da diversidade que os gêneros

⁷ O mesmo vídeo postado no canal *Olavo de Carvalho TV* tem 40,653 visualizações. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8hO8Yle4hpE>. Acesso em 14 jan. 2017.

do discurso possuem. Isso fica evidente na cadeia genérica em que graças a esta estabilidade pode-se reconhecer traços semelhantes entre os gêneros e, assim, até mesmo classificar gêneros secundários.

Para uma maior análise do dialogismo presente nesta rede de gêneros do discurso, é fundamental recorrermos ao conceito de enunciado de Bakhtin que o caracteriza de forma lapidar:

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidas pela alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado [...] tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão (BAKHTIN, 2003/1979, p. 275).

Tomando-se o início da definição proposta por Bakhtin, vemos que nosso corpus é composto por quatro enunciados, a entrevista de Bolsonaro, compondo discurso do entrevistado, o vídeo de Bolsonaro (2015a), o artigo de opinião de Narloch e o vídeo de Carvalho. É interessante ver que embora procure-se um diálogo com o leitor, os suportes não o permitem de forma livre, são gêneros que criam sentidos de efeito de proximidade, mas ela, concretamente, é um sentido e não se torna real.

Tendo-se em consideração que a segunda parte do conceito exposto se refere ao dialogismo bakhtiniano, podemos ver que os discursos motivadores da nossa cadeia genérica são primeiramente um discurso do governo brasileiro que se posiciona em prol da recepção de imigrantes sírios motivando um posicionamento forte de Bolsonaro em sua entrevista, chegando a desejar a morte de Dilma Rousseff, por infarto ou câncer, para que termine seu governo logo. Responsivamente e cronologicamente, podemos alocar neste meio a repercussão que a declaração do deputado gerou ao ser noticiado nacionalmente, como podemos ver a seguir:

Bolsonaro vê imigrantes como “ameaça” e chama refugiados de “a escória do mundo” – 18 set. 2015.

Bolsonaro chama refugiados de “escória do mundo” – Exame. 22 set. 2015.

Conhecido por declarações polêmicas, Bolsonaro chama refugiados de “escória do mundo” – Correio 24 horas. 22 set. 2015.

“A escória do mundo está chegando ao Brasil”, diz Bolsonaro sobre refugiados. Fórum. 22 set. 2015.

Em entrevista, Jair Bolsonaro chama refugiados de “escória do mundo” – Catraca Livre. 23 set. 2015.

A posteriori, temos o artigo de opinião de Narloch, expondo seu ponto de vista sobre os imigrantes, dialogando diretamente com a entrevista de Bolsonaro. O último fio da cadeia seria o vídeo de Olavo de Carvalho retomando o discurso de Narloch e Bolsonaro numa sequência de posicionamentos responsivos.

Para entendermos melhor a totalidade desta trama, devemos ter em consideração que para Bakhtin (1988) falamos no cotidiano sempre sobre algo já dito anteriormente, assim, transmitimos palavras, afirmações, informações e ideias do outro, assim como as avaliamos e as analisamos. Segundo a análise dialógica do discurso, esses enunciados são respostas a enunciados que existirão no futuro.

Há uma dinamicidade nas relações dialógicas que possibilitam esse diálogo entre os enunciados. Sobre os enunciados, ainda pode-se afirmar que nos indignamos ou concordamos com eles, discordamos deles ou nos referimos a elas.

Esta definição de enunciado é essencial para entendermos a noção de língua que Bakhtin compartilha, pois se ela é a materialização da linguagem humana verbalizada, assim como realizada por nós, o que lhe atribui caráter ideológico, ela deixa de ser um sistema de referência do mundo e passa a ser um sistema linguístico e ideológico, permitindo a construção de outros mundos que não apenas o mundo imediato a que se refere.

De acordo com Bakhtin, podemos afirmar que a língua é uma atividade humana ideológica e de interação que não pode dispensar o fator social da vida e devido a esta condição torna-se fulcral para o entendimento dos sistemas ideológicos,

pois os perpassa intimamente. Os enunciados, que estão em diálogo na cadeia da comunicação discursiva analisada, nos provam isso. Sem entendermos aspectos referentes à arquitetura e ao cronotopo da cadeia não é possível a concepção de um acabamento deste objeto, pois sua semântica é alterada, criando outros efeitos de sentido.

Ao que diz respeito ao estilo presente nos enunciados, devemos levar em consideração seus autores: Jair Bolsonaro, deputado federal (PP-RJ), é uma figura que aparece frequentemente na mídia, muitas vezes envolvido em polêmicas, como quando disse à deputada federal Maria do Rosário (PT-RS) que não a estupraria porque ela não merecia.⁸ Leandro Narloch, por sua vez, denomina-se como o caçador de mitos e é uma das vozes da nova direita brasileira. Escreveu sua última publicação para seu blog na revista *Veja* em 29 de novembro de 2016, atualmente é colunista da Folha de S.Paulo.⁹ Olavo de Carvalho é escritor, filósofo e jornalista, considerado uma das novas vozes do neoconservadorismo e direita brasileira, oferece seminários sobre filosofia.¹⁰

Se considerarmos o estilo como uma maneira de acabamento de nosso objeto de análise, qual seria a maneira singular presente nestes enunciados? Há uma maneira particular com que os autores, citados acima, fazem uso, seja dos gêneros, seja de recursos linguísticos que fomentam uma certa ideologia. Notemos que a ideologia destes enunciados orbita ao redor do espectro da direita política no Brasil. Quando o estilo nos traz a avaliação do autor e sua vontade de persuasão do leitor/telespectador, vemos que há, dentro da direita brasileira, uma disputa forte referente à concepção de imigrantes e a quem interessa? Possivelmente aos seguidores destas figuras midiáticas que se enxergam representados por esse modo de pensar e ver o mundo.

⁸ Bolsonaro volta a atacar a deputada: *Não te estupro porque você não merece*. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/12/bolsonaro-volta-atacar-deputada-nao-te-estupro-porque-voce-nao-merece.html>. Acesso em 10 jan. 2016.

⁹ Colunistas: Leandro Narloch. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/leandro-narloch/>. Acesso em 10 jan. 2016.

¹⁰ Cruzada anti-idiotas – Entrevista com Olavo de Carvalho. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2013/09/1337614-cruzada-anti-idiotas--entrevista-com-olavo-de-carvalho.shtml>. Acesso em 10 jan. 2016.

A forma desses enunciados define condições de interlocução e demonstram que o acabamento está sujeito sempre às condições sócio-históricas que mudam seu sentido. No nosso caso, a ideologia dos autores modifica nitidamente seu acabamento, por tal, imigração para uma pessoa da direita conservadora é diferente da concepção da direita dita mais liberal.

Considerações finais

Neste trabalho, mostramos que há uma disputa da direita brasileira no tocante à imigração e que nessa disputa recorrem a um gênero *online*, despojado linguisticamente, mas que se aproxima do artigo de opinião por seu tema argumentativo.

Dentre os enunciados analisados no *corpus* de imigração, mostramos que Bolsonaro se situa na contenção e no bloqueio dos imigrantes, enquanto Narloch mostra-se a favor da entrada de imigrantes com o argumento de que eles ajudarão a construir um grande país e que este novo grupo se assemelha aos italianos, japoneses e alemães que vieram ao Brasil no século XIX, não deixando claro se construirão esta nação junto aos brasileiros ou se servirão de instrumento para a construção de um grande país.

Olavo de Carvalho, o terceiro integrante da cadeia genérica, responde a Narloch ao dizer que a similitude dos dois grupos de imigrantes sírios, senegaleses e haitianos com italianos, japoneses e alemães é inverosímil, pois são diferentes devido o primeiro possuir recursos humanos que o segundo não possui, fatos comprovados pelas histórias que relata ao longo do vídeo, como a da família japonesa no interior de São Paulo que estava sempre trabalhando no trator e que lhe serviu um banquete pantagruélico e a história do produtor de laranjas também japonês que tinha uma produção superior a dos brasileiros.

O dialogismo presente nessa cadeia discursiva comprova as ideias referentes às respostas e questionamentos que os discursos impõem a eles mesmos assim como aos demais discursos antes mesmos de serem concebidos conforme postulado pela teoria bakhtiniana, em outras palavras, os enunciados constituem-se em uma cadeia discursiva respondendo e questionando uns aos outros. A teoria também previa questões relativas à ideologia e ao estilo presentes em cada enunciado, levando-se

em consideração que nenhum enunciado pode prescindir desses dois conceitos, pois sua definição de língua corresponde a um sistema sócio-ideológico e os enunciados possuem estilos impostos por seus autores. Podemos também constatar que o corpus escolhido é composto por enunciados concretos, ou seja, tais enunciados constituem unidades reais da comunicação discursiva e do gênero; não são fictícios; possuem acabamento real e são compostos de autor, expressão e destinatário.

Entendemos como a arquitetônica e o cronotopo possuem papel relevante no traçado das características da cadeia genérica e que sem estes conceitos é impossível termos um acabamento de todo o objeto analisado e que a falta de informações ou o desconhecimento de certos fatos podem comprometer a semântica deste objeto.

A partir dos conceitos de gênero do discurso, descrevemos os vídeos de Bolsonaro e Carvalho, nos quais notamos similaridades com o artigo de opinião, sendo que os vídeos se mostraram mais voltados à espontaneidade da fala com menor formalidade, ainda que ambos procurem artifícios que façam seu interlocutor sentir maior proximidade e até mesmo maior interação, quase que simultânea, com seus discursos, por conseguinte, com seus ideários.

Finalmente, a união da teoria bakhtiniana e do corpus específico nos permitiu conceber os estudos da linguagem como estudos que não podem dissociar língua das práticas sociais, da comunidade em que são produzidos e de seus autores. Em nosso estudo mostrou-se que gêneros existentes podem gerar gêneros que diferenciam-se pela velocidade e grau de proximidade que criam para persuadir seu interlocutor.

Outro aspecto essencial da disputa dessa cadeia genérica é a reafirmação de que nos formamos a partir do e pelo olhar do outro e é possível crer que esta cadeia de comunicação discursiva nos prove essa concepção bakhtiniana, devido ao olhar cindido da direita sobre imigração, não sendo possível uma definição una. Esse fato a leva a dividir-se em direitas que alcançam um maior número de adeptos aos seus discursos devido a diversificação em certos temas relevantes para si e para seu público que variam em um espectro que parte de um maior conservadorismo e culmina com liberalismo mais disseminando, de forma diversa, por meio das mídias, em especial as digitais, seus discursos com seus pontos de vista.

Referências

BRÄKLING, K. L. Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re) significação da palavra do outro. In: ROJO, R. (Org.). *A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN*. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000, p. 221-247.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1988.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Trad. do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Original russo, 1979).

CARVALHO, E. M. *Imprensa e poder: Politização ou partidarização dos jornais brasileiros*, Curitiba, 2013. Disponível em: <<http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2013/05/GT08-Jornalismo-politicoEleonoraDeMagalhaesCarvalho.pdf>> Acesso em 18 dez. 2016.

RODRIGUES, R. H. *Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: abordagem de Bakhtin*. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; ROTH, D. M. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 154-183.

Fontes

BOLSONARO, J. M. Entrevista Bolsonaro Jornal *Opção*. Entrevistador: F. Vitor. Goiânia: 1 Workshop da Justiça Criminal, 2015. Entrevista concedida ao Jornal *Opção* de Goiânia. Disponível em: <<https://soundcloud.com/jornal-op-o-1/entrevista-bolsonaro>>. Acesso em 10 jan. 2017.

REFUGIADOS e Bolsonaro: a verdade. Realização de Jair Bolsonaro. Rio de Janeiro, 2015. (192 min.), on-line, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t9AI-yunctsU>>. Acesso em 10 jan. 2017.

NARLOCH, L. Deixe a escória entrar, Bolsonaro. Pois faremos com ela um grande país: *Ao chamar os imigrantes sírios e haitianos de “escória do mundo” e compará-los a “marginais do MST”, Bolsonaro trai o capitalismo que ele próprio diz defender. Veja*, São Paulo, 23 set. 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/deixe-a-escoria-entrar-bolsonaro-pois-faremos-com-ela-um-grande-pais/>>. Acesso em 10 jan. 2017.

LEANDRO Narloch e o Politicamente Correto. Realização de Olavo de Carvalho. Richmond, 2015. (484 min.), on-line, son, color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=30R-NdQygF54>>. Acesso em 10 jan. 2017.

ANEXOS

Anexo 1 – Entrevista: Entrevista Bolsonaro Jornal Opção por Frederico Vitor – Jornal Opção. A publicação desta entrevista encontra-se no site <<https://soundcloud.com/jornal-op-o-1/entrevista-bolsonaro>> em áudio. A transcrição segue as normas do NURC e foi feita por Douglas Rabelo de Sousa.

JB: vai começar com estupro? Que tá na ordem do dia hoje?

FV: ainda Não

JB: hoje eu tou em tudo que é jornal como estuprador do do Brasil ai

FV: então

FV: é:: por exemplo o STF acabou de:: aprovar o fim da:: financiamento é é de campanhas por empresas... o senhor como parlamentar há vários anos na na câmara federal como é que o senhor avalia essa medida?

JB: eu nunca recebi dinheiro de empresário e não acho que todo empresário que doa é bandido .. eu acho que o supremo errou no meu entender porque a esquerda vai continuar com 120 bi em projetos sociais e mais uma grana preta que vem de Cuba pra cá via programas é Mais Médicos e mais em cima de 22 mil cargos de comissão o PT fatura 20%

FV: entendi

JB: eu não posso calcular mas seria ai mais de 10 milhões por mês

FV: aham

JB: que o PT... tem à sua disposição pra campanhas além

JV: uhum

JB: da propaganda oficial do governo vendendo as mentiras de suas realizações ou seja o pleito para 2018 vai tar desigual

FV: e crise atualmente no Brasil é mais ética... política ou econômica?

JB: ela começou com a com a moral com uma presidente que... não sabe falar três palavras sem ter duas mentiras no meio disso e a mentira demorou um pouquinho mas

FV: aham

JB: a verdade apareceu

FV: entendido

JB: agora a crise política ela é potencializada pela crise econômica um governo que priorizou o comércio com países aqui da América do Sul voltado para a esquerda

FV: isso

JB: você queria esperar o que? De acordo com teu círculo de amizade é que o teus filhos vão se relacionar e nós aqui

FV: uhum

JB: estamos aqui do lado mais pobre do mundo pra você fazer um negócio com a Europa ou com a América do Norte tem que pedir benção... ao Mercosul obviamente que nós tamos negociando bananas como no diário oficial da união de 21 de Março do ano passado via instrução normativa... o governo aprovou importação de bananas do Equador diretamente para o CEAGESP em São Paulo assim como os Haitianos via do Acre tá vindo pra cá

FV: sim

JB: então pra cá pra São Paulo agora o governo fez a mesma coisa

FV: certo... em relação a esta questão do do processo lá da deputada Maria do Rosário o senhor vai recorrer?

JB: é lógico que vou recorrer né...

FV: sim

JB: segundo processo que perco por instância por coincidência é juíza

FV: sim

JB: agora.. acabei de dar uma entrevista grande no G1 não botou uma palavra minha LÁ... a briga começou em 2003

FV: sim

JB: quando eu fui convidado pela REDE TV juntamente com a Maria do Rosário discutir o caso Champinha que na semana anterior que havia sido desvendado é:: um casal de namorados foi surpreendido numa área rural de São Paulo no dia seguinte o moleque foi executado com um tiro na cabeça e ela foi estuprada por cinco dias por cinco marginais no último dia ela foi decapitada pelo Champinha

FV: sim

JB: e como ele tinha dezessete anos de idade a Maria do Rosário foi nesta entrevista tá tudo gravado dizendo que o Champinha não poderia ser condenado porque era menor... não sabia o que tava fazendo... obviamente ela pegou ela pegou um cara meio

FV: aham

JB: escroto pra debater o assunto

FV: uhum

JB: tá ok? perdeu os argumentos dai me acusou de estuprador ato contínuo...

FV: entendi

JB: né uma uma uma resposta reflexa e eu respondi aqui pra ela e eu rememorei esse fato em dezembro agora

FV: uhum

JB: tá ok? e além de recorrer eu acho que cabe também uma ação contra ela porque não é fato novo foi um fato rememorado

FV: sim

JB: se um fato rememorado que já havia sido prescrito prescrito né...

FV: sim

JB: vale me processar então vale pra processar ela também

FV: o senhor é oficial do exército forjado na academia militar das Agulhas Negras como é que o senhor ava/avalia hoje a situação das nossas forças armadas?

JB: completamente desaparelhada

FV: aham

JB: tudo canibalizado é:: vivendo aqui... um recruta ganhando à base do salário mínimo

FV: aham

JB: sendo dispensado quatro meses por ano por falta de almoço na maioria das cidades brasileiras

FV: sim

JB: o orçamento cortado paro ano que vem ou nós das forças armadas incorporaremos menos de cento e dez ou seremos obrigados dá dá meio expediente a partir de fevereiro pra todos ou seja o filho do pobre que vai prestar o serviço

militar obrigatório vai pra casa com fome eu acho que.. não sei qual é a adesão dos comandantes

FV: uhum

JB: mas caso venham a reduzir o efetivo é menos gente na rua pra fazer frente aos marginais do MST que são engordados agora por senegaleses... haitianos... iranianos... bolivianos e tudo que é escória do mundo né... e agora tá chegando os sírios também aqui a escória do mundo está chegando aqui no nosso Brasil como se nós já não tivéssemos problemas demais pra resolver este é um grande problema que nós podemos ter assim como a luta armada começou em 66

FV: aham

JB: e eles não tavam tão aparelhados assim e por isso foram derrotados

FV: sim

JB: agora eles tão muito melhores preparados do que nós e o que é o pior

FV: hã

JB: a ministra da defesa Eva Chiavon sabe tudo ao nosso respeito

FV: entendido é o senhor acha que a presidente Dilma termina o mandato dela em 2018?

JB: eu espero que acabe hoje infartada ou com câncer qualquer maneira o Brasil não pode continuar sofrendo por uma incompetente ou incompetente à frente de uma pa/ um país tão grande e maravilhoso como esse aqui

FV: tá certo

Fonte: BOLSONARO, J. M. **Entrevista Bolsonaro Jornal Opção.** Entrevistador: F. Vitor. Goiânia: 1 Workshop da Justiça Criminal, 2015. Entrevista concedida ao Jornal Opção de Goiânia. Disponível em: <<https://soundcloud.com/jornal-op-o-1/entrevista-bolsonaro>>. Acesso em 10 jan. 2017.

Anexo 2 – Vídeo: *Refugiados e Bolsonaro: A verdade* por Jair Messias Bolsonaro. Este vídeo encontra-se publicado no site <<https://www.youtube.com/>

watch?v=t9AIyunctsU> em áudio. A transcrição segue as normas do NURC e foi feita por Douglas Rabelo de Sousa.

JB: No norte da África vive atualmente uma situação político-terrorista o termo é exatamente esse... onde gente de tudo quanto é... origem... e credo está saindo daquela região que transformou-se na sala do inferno... obviamente junto com essas pessoas muitas de bem outras de péssima índole embarcam nessa onda estão... na verdade se (miscluindo) no mundo todo a presidente Dilma Rousseff... a poucos dias declarou no Jornal de São Paulo onde ela claramente se mostrava de braços abertos para sírios adentrar no Brasil logicamente não podemos admitir isso junto com algumas pessoas de bem outras com esse tipo de formação de cultura completamente diferente da nossa virão pra cá estamos vendo aqui que o Estado Islâmico está cada vez mais jogando infiltrando gente sua nessas verdadeiras diásporas que está acontecendo naquela região ce pode ver algum cubano que está nesse programa conhecido como Mais Médicos caso peça asilo no nosso país ele terá? Não terá pessoa de boa índole não é bem-vinda no Brasil e o governo está usando... esta questão terrorista... política do norte da África para importar junto com pessoas de bem a escória do mundo os integrantes do Estado Islâmico que inclusive no tratamento no tocante às mulheres né não se coadunam com a nossa educação aqui com a nossa cultura mulher pra eles é lixo você acha que essas pessoas né a parte dessas pessoas a escória vindo pra cá como mais cedo ou mais tarde começa a tratará tratar a nossa mulher no Brasil até a questão dos homossexuais que tanto me atacam como eles são tratados lá são mortos decapitados jogados de cima de prédio... esse tipo de gente sem qualquer controle cê quer que venha pra cá? Pode inventar mais uma colônia a respeito da minha pessoa se depender de mim não virão pra cá sem um rígido de controle de sua vida pregressa de sua cultura de sua educação de seus costumes que não podemos colocar a nossa sociedade à merce dessa minoria esCÓria que vai se juntar a outra escória que está no Brasil muitos coligados ao PT para impor o terror aqui em nosso meio

Fonte: REFUGIADOS e Bolsonaro: a verdade. Realização de Jair Bolsonaro. Rio de Janeiro, 2015. (192 min.), on-line, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-t9AIyunctsU>>. Acesso em 10 jan. 2017.

Anexo 3 – Artigo de Opinião: *Deixe a escória entrar, Bolsonaro, pois faremos com ela um grande país* de Leandro Narloch – Revista Veja. A publicação deste artigo de opinião encontra-se no site <<http://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/deixe-a-escoria-entrar-bolsonaro-pois-faremos-com-ela-um-grande-pais/>>.



veja.com

Lava Jato Colunistas Acervo VEJA Como desativar o AdBlock

LEANDRO NARLOCH

SIGA

Caçador de Mitos

Uma visão politicamente incorreta da história, ciência e economia

Blogs

Deixe a escória entrar, Bolsonaro. Pois faremos com ela um grande país

Ao chamar os imigrantes sírios e haitianos de "escória do mundo" e compará-los a "marginais do MST", Bolsonaro trai o capitalismo que ele próprio diz defender

Por Leandro Narloch

© 23 set 2015, 15h56 - Atualizado em 15 dez 2016, 09h25

O deputado Jair Bolsonaro está como a economia brasileira. Quando todo mundo acha que não tem como piorar, ele dá um jeito de cometer uma tolice ainda mais terrível que as anteriores. Nesta semana, durante uma entrevista para o *Jornal Opção*, de Goiás, Bolsonaro disse:

Não sei qual é a adesão dos comandantes, mas, caso venham reduzir o efetivo [das Forças Armadas] é menos gente nas ruas para fazer frente aos marginais do MST, dos haitianos, senegaleses, bolivianos e tudo que é escória do mundo que, agora, está chegando os sírios também. A escória do mundo está chegando ao Brasil como se nós não tivéssemos problema demais para resolver.

É isso mesmo: Bolsonaro comparou imigrantes, gente que atravessa mares e percorre países a pé para encontrar um trabalho, com “marginais do MST” interessados em privilégios do governo e em tirar riquezas dos outros. É verdade que haitianos e bolivianos são a escória do Brasil de hoje. Assim como poloneses, japoneses, alemães e italianos (alguns deles de sobrenome “Bolsonaro”) eram a escória da sociedade brasileira há um século. O deputado costuma atacar o governo comunista de Cuba e defender o capitalismo. Pois não há força mais capitalista que a dos imigrantes. Ninguém representa tão bem a vontade de vencer pelo próprio trabalho. Eu, Bolsonaro e quase todos os brasileiros que eu conheço são descendentes de gente miserável que chegou ao Brasil aceitando qualquer subemprego. Em poucas gerações, essa gente enriqueceu mais que os nativos. Em Londres, judeus e sikhs eram os grupos mais pobres no começo do século 20. Hoje são os mais ricos. Nos Estados Unidos, chineses e irlandeses sofriam tanta discriminação quanto os negros. Muitas empresas anunciavam empregos com a sigla NINA (*No Irish Need Apply*, “irlandeses não devem se candidatar”). Hoje chineses e irlandeses são mais ricos que a média dos americanos. No Brasil, imigrantes sírios e libaneses construíram o melhor hospital do país.

Economistas estão cansados de dizer que imigrantes não são um problema, mas a solução. Em maioria adultos jovens, contribuem mais em impostos do que gastam em serviços públicos. Ao ocupar vagas de baixa qualificação, liberam os brasileiros para trabalhos mais produtivos.

Se Bolsonaro gosta mesmo do capitalismo, deveria se inspirar no poema “O Novo Colosso”, gravado ao pé da Estátua da Liberdade, e proclamar na Câmara dos Deputados: “Dêem-me os cansados, os pobres, suas massas apinhadas, que anseiam por respirar a liberdade. Faremos com eles um grande país”.

**Adendo: neste vídeo, Bolsonaro afirma que se expressou mal ao usar o termo “escória”. Defende a entrada de imigrantes mas se diz preocupado com terroristas infiltrados entre eles.*

NARLOCH, L. Deixe a escória entrar, Bolsonaro. Pois faremos com ela um grande país: Ao chamar os imigrantes sírios e haitianos de “escória do mundo” e compará-los a “marginais do MST”, Bolsonaro trai o capitalismo que ele próprio diz defender. Veja, São Paulo, 23 set. 2015. Disponível

em: <<http://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/deixe-a-escoria-entrar-bolsonaro-poss-faremos-com-ela-um-grande-pais/>>. Acesso em 10 jan. 2017.

Anexo 4 – Vídeo: Leandro Narloch e o Politicamente Correto por Olavo de Carvalho. Este vídeo encontra-se publicado no site <<<https://www.youtube.com/watch?v=30RNdQygF54>>. A transcrição segue as normas do NURC e foi feita por Douglas Rabelo de Sousa.

OC: Mas... o chamado deBAte nacional ele vai enfraquecendo empobrecendo empobrecendo empobrecendo... até o poNto onde você vê opiniões assim que é:: eu quase caio de costas quando eu leio isso né... eu tava lendo o tal do Leandro narloch.. né... ele dizia assim não pessoal tava falando mal dos haitianos etc... dizem que eles são a escória mas onde... ainda umas gerações atrás a escória era... os alemães os japoneses e os italianos.. quer dizer o o o o o... dá impressão porque são imigrantes então o preconceito de imigrantes o cara estava raciocinando a partir.. de uma... é:::... de uma similitude entre palavras... mas... imigrante escória imigrante se há imigrante chama de escória não... acontece que os japoneses italianos e alemães nunca foram chamados... como escória ao contrário eles foram chamados sobretudo... seja no começo do século seja depois pelo governo do Getúlio Vargas... porque eles iam aumentar o nível elevar elevar o nível técnico da nossa população Meu Deus do céu e eles traziam toda a tecnologia eu vi isso com meus dois olhos... quando eu participei do do do... do do recenseamento escolar no sul... no sul no sul do estado de São Paulo... a gente só via por toda a parte miséria eu contei para vocês do casal ai é::: era um sujeito branco a mulher preta e tinha lá os filhos o filho não tinha nem nome.. e e perdido no mato tatu bola minhoca não era o cidadão brasileiro com oito ano de idade não tinha nome ainda... quer dizer era esta a miséria humana indescritível não era miséria era::: não era fome fome eles não passavam porque pescavam até comiam bem tavam bem saudável mas era a miséria total... falta de de de recursos para agir no mundo... né e depois vários dias no mato vendo aqueles caixas tudo ferrado... né tudo

de pé no chão cheio de bicho de pé né é::... sem entender nada perdido no mato né perdido no espaço... de repente encontramos um castelo de madeira... onde imigrantes japônês abrigava família de quarenta membros... onde nos ofereceram um jantar pantagruélico... hu... também tem outro episódio que foi contado pelo coronel Gustavo Borges... a aeronáutica achava que os pilotos tinham que tomar muito suco de laranja pa por causa da visão para melhorar a visão então eles tinham lá um terreno e eles dividiram o terreno em oito pedaços... e:: venderam pros plantadores... sete plantadores brasileiros desistiram mas o oitavo plantador que era um japonês... a produção dele supria a produção dos outro sete e ainda sobrava para ele vender... quer dizer ele entregava para a aeronáutica o que a aeronáutica tinha combinado e fazia um comércio paralelo com ele mas você ia no terreno ali a vinte e quatro horas o trator funcionando quando não era ele era a mulher quando não era a mulher era o filho... então você vê um capacidade de ação e técnica profissional desses imigrantes italianos alemães e japoneses era um negócio prodigiosos e isso veio para ajudar o Brasil eles não vieram para traficar tóxico... eles não vieram para entrar em programa assistencial do governo... eles vieram a trabalhar e a ensinar os brasileiros a trabalhar quanta gente né... num não foi civilizado por alemão né... eu assim meu primeiro emprego foi com... alemão seu Karl Heiz Lochman me ensinou um bocado de coisa né... segundo emprego foi com uma família de judeus russos... han.. também me ensinaram um bocado de coisa essa gente russo judeu alemão japonês veio para civilizar o Brasil né... não veio pra ficar se arrastando na rua cheio de cocaína na cabeça se é pra cometer crime... e entrar nos projetos assistenciais do governo então a o paralelo que o sujeito faz é inteiramente verbal... enquanto paralelo verbal parece que tá certo se o sujeito é imigrante você chama de escória então hoje são os haitianos senegaleses ontem era o japonês o italiano... mas como é possível o nego escrever uma coisa que ele ignora tudo tudo tudo tudo? é o narloch imigrante também né... da onde é Narloch? deve ser alemão então olha você veja na num num nas obras de Oswald de Andrade tem uma cena que é do Marco Zero né... que... tava numa escola de interior né... tanto é aqueles... caipira aqueles capião aqueles filho de capião tudo magrinho passando mal e

um dia um deles desmaia né... e daí desmaia de fome e daí tem o coleguinha japonês fala assim japonês trajer ranche (risos) digo olha é isso ai o Brasil era isso ai o japonês era elite e eles foram a imigração foi aberta a eles para isto... ha? Para que eles fizesse o bem e a a a a terra onde tavam e fizeram um bem extraordinário... você vê o que que é o nosso agronegócio hoje que é o que sustenta o país.. são filhos ou netos de imigrantes de alemão e italianos que tavam no sul e tinha essa zona no centro do país que foram inicialmente do MST o MST não conseguiu fazer nada estragou tudo daí decidiu vender e os caras do sul compraram foram pra lá e criaram uma economia próspera... ainda é o Brasil se beneficiando dos imigrantes agora esse pessoal que veio do Haiti do Senegal eles sabe o quê? É? alguns talvez saibam duas ou três coisas do corão tá certo? e sabe fumar maconha é:: vender craque talvez isso eles sabem então o paralelo é absolutamente falso mas... eu duvido das pessoas que leem a coluna do Narloch sabem disso?... né... quando você vê um idiota como um Narloch precisar do Olavo de Carvalho para contestá-lo é porque a coisa tá ruim deve ter caído lá três mil cartas falando cala a boca burro... né... todo... quem sabe um pouco de história do país no século vinte sabe que essa analogia é totalmente falsa é demagógica... e sabe que o Narloch não sabe também quer dizer ele acredita mesmo nisso... porque é um mecanismo histérico quando um sujeito consegue combinar palavras e fazer uma frase o fato dele ter conseguido fazer uma frase o convence de que a frase é verdadeira esse é um dos mecanismos mais típicos da histeria eu acredito naquilo que eu consigo dizer se eu conseguir dizer já é um esforço monumental a conseguiu dizer só pode ser verdade quer dizer é um efeito vamos dizer do persuasivo é da mera estrutura gramatical... né... quer dizer com o pensamento ele é fluído é preverbal na hora que consegue ter expressão verbal é uma vitória tremenda é quase como uma revelação divina né... então é nesse estágio que nós estamos eu asseguro a vocês que pelo menos oitenta por cento das opiniões que eu leio no jornal são feitas assim você combina as palavras e i:: achar que ficou legal deve ser verdade... né...

LEANDRO Narloch e o Politicamente Correto. Realização de Olavo de Carvalho. Richmond, 2015. (484 min.), on-line, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=30RNdQygF54>>. Acesso em 10 jan. 2017.

OS PONTOS DE VISTA CONSTRUÍDOS SOBRE A LOUCURA E A DOENÇA MENTAL NA MÍDIA

Rafaela Queiroz Ferreira Cordeiro

Introdução

Desde a reforma psiquiátrica, proposta por Franco Basaglia, na Itália, existe um debate sobre a forma mais apropriada de se atender ao sujeito dito *doente mental* ou *portador de algum transtorno*. Debate, aliás, que também propõe uma outra forma de chamá-lo, a qual refletiria no ato de nominar a sua inclusão como um cidadão comum com direitos e deveres. Embora a luta contra o paradigma manicomial e o hospital psiquiátrico tenha início por volta do século XIX, prevalecem atualmente discussões sobre as opções mais adequadas de tratamento médico, o uso discriminado ou não de medicamentos, assuntos agendados em alguns veículos de comunicação internacionais, como no *The New York Times*, dos EUA, e no *The Guardian*, do Reino Unido, jornais que figuram entre os de destaque em circulação mundial (OS 100 MAIORES..., 2013; OS 10 MELHORES..., 2010). O tema da saúde mental, portanto, tem sido alvo de movimento e incômodo para diversos grupos sociais e não mais só para aquele que defende a reforma.

Podemos ainda afirmar que, da reforma psiquiátrica à eclosão dos DSMs (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*¹), em especial a partir da publicação do DSM-III², temos observado uma intensa circulação de nomações

¹ *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (tradução oficial).

² Conforme Pereira (2013), o DSM, surgido nos anos 1950 em uma tentativa de padronizar os diagnósticos psiquiátricos, passa a ter uma importância decisiva a partir da sua terceira edição publicada em 1980. Da mesma forma, Bezerra (2012) também aponta o lançamento

de ditas doenças mentais. Ora, a reforma trouxe em seu bojo a falência do paradigma manicomial, demandando “novas” formas de se pensar esse mesmo sujeito nominado *doente*, com *distúrbio* ou *transtorno*.

Contudo, se no percurso da reforma psiquiátrica brasileira existiu não só um conflito social e político, mas, e principalmente, um embate discursivo, simbólico e filosófico com implicações na esfera *prática* das políticas públicas de saúde sobre o tratamento daquele diagnosticado como doente mental – e, não menos, na esfera *discursiva* de como ele é nominado – esse momento do debate nos parece importante para o Brasil. Dessa maneira, a partir dele, as concepções de *loucura*, bem como as formas de tratá-la, apontaram para novas relações entre o sujeito usuário (do sistema de saúde) e a doença mental, com implicações nas formas de representá-lo, classificá-lo, agrupá-lo, dizê-lo.

Essas condições contextuais nos levam, então, a refletir sobre a atualidade dessa temática. Se, como sabemos, as palavras revelam muito daquele que as diz, será que nomes como *transtorno*, *distúrbio* e *portador de sofrimento mental* implicariam necessariamente numa mudança valorativa na forma de conceber o sujeito dito doente? E, desse modo, o uso de tais nomes representariam outras axiologias, reivindicadas há muito pela práxis da escuta psicanalítica desse mesmo sujeito e, portanto, elaborariam discursivamente a *loucura*, a *doença mental* e, em retorno, no movimento dialógico, o *outro*, o *mundo* e a *si mesmo* a partir de um ponto de vista distinto do anterior do da reforma?

É preciso destacar, contudo, uma ressalva: as palavras circulam de um contexto, uma época, um grupo social e um discurso a outro, numa interação que é sempre viva, como dizia Bakhtin (2005 [1929/1963]). Esse é, sobretudo, o funcionamento natural e concreto da atividade linguageira que é constitutivamente dialógica. Lidamos então com uma multiplicidade de sentidos construídos pela circulação das mesmas palavras. O uso de *transtorno*, *distúrbio* e *portador de sofrimento mental* ora pode revelar a adesão ao ponto de vista preconizado pelos ideais da reforma, ora

do DSM-III como um marco histórico e apresenta as razões seguintes: a ampliação do número de diagnósticos, o aumento da medicalização, o apagamento da dimensão experiencial do indivíduo e o efeito de desestigmatização do sujeito.

pode refutá-lo, aderindo à memória cristalizada na história ocidental brasileira sobre a dita doença mental; ou, ainda, os dois movimentos enunciativos, pois o ponto de vista é elaborado dialogicamente, ao longo do tempo e espaço.

Desse modo, este artigo tem como propósito apresentar algumas discussões sobre como se constroem e se defendem diferentes pontos de vista sobre a dita *loucura e doença mental* na mídia, a partir do contexto da reforma psiquiátrica³. É importante a respeito dessa contextualização apontar que a reforma não se caracterizou, na época de sua publicação, como um *momento discursivo* na mídia⁴ (MOIRAND, 2007a), visto que, logo após a sua oficialização, a partir da Lei Paulo Delgado (n. 10.216), em 6 de abril de 2001, não houve uma veiculação em massa sobre o assunto nos meios de comunicação.

Apesar disso, observamos que, oito anos depois, houve um período de grande discussão sobre o tema. Isso se deu na *Folha de S. Paulo* (impressa e *on-line*), a partir da publicação, no dia 12 de abril de 2009, da coluna assinada por Ferreira Gullar, cujo título foi *Uma lei errada*. Mesmo que a publicação tenha se dado em um único jornal, é interessante notar que, daquela data até o dia 2 de agosto do mesmo ano, deu-se início a uma movimentação intensa de discursos sobre a reforma e o tratamento do chamado doente mental a partir de uma heterogeneidade de vozes e de uma variedade de gêneros discursivos – tais como notícias, comentários, cartas à redação e artigos de opinião. É, assim, por meio do debate instaurado pelo texto do poeta que apresentamos algumas análises da construção dos pontos de vista sobre a *reforma*, a *doença* e o *doente mental* a partir das diversas nomações e das vozes sociais.

Neste artigo, nos detemos em comentar alguns movimentos dialógicos da nomação realizados na coluna do poeta e em quatro cartas de leitores que a ele

³ Este artigo corresponde a um recorte da temática e de uma das discussões levantadas na tese de doutorado.

⁴ Segundo Moirand (2007b [2001]), quando a imprensa trata de assuntos de forma constante, retomando-os a partir de diversas questões, permitindo que outros gêneros e vozes — além das notícias e dos jornalistas, por exemplo — passem a comentar sobre o ocorrido, estamos diante de um *momento discursivo*.

se dirigem⁵. Tais movimentos são importantes porque, do nosso ponto de vista, *nominar* considera os contextos de produção e comunicação, os embates dialógicos, as tensões entre os discursos e interdiscursos, as memórias, os usos. A nomenclatura é, portanto, constitutiva da própria língua e/ou do discurso e pressupõe a compreensão como ativa e responsiva. Tal estudo ainda enriquece o campo dos estudos discursivos midiáticos tendo em vista que nominar, como um ato primeiro da linguagem, permite-nos investigar a construção discursiva de assuntos, sujeitos, acontecimentos, objetos de discurso variados tomados pela mídia. Além disso, não é possível investigar a nomenclatura dissociada da memória, das vozes sociais e dos pontos de vista. Como afirmou Siblot (1998, p. 32), quando nos reportamos a um objeto do mundo de uma forma, nominando-o, o construímos e, ao mesmo tempo, revelamos um ponto de vista; pois, ao nominar, escolhemos uma ou mais vozes para inscrever os termos que vamos usar.

Os pontos de vista sobre a reforma, a doença e o doente mental a partir do texto de Gullar

Na coluna⁶ assinada por Ferreira Gullar, o autor ocupa a posição axiológica contra a lei da reforma. Questionando a sua validade, além do seu funcionamento, ele apresenta-se como pai de dois filhos esquizofrênicos, circunstância da sua vida que elabora “no nível de significação social” (VOLOCHÍNOV, 1926, p. 12), da ordem do sociológico; pois, assumindo explicitamente esse papel, o escritor defende seu ponto de vista através de uma argumentação construída em torno de sua experiência e “prática” com a dita doença mental. É essa proximidade com o objeto de discurso que funciona como o organizador dominante – nos termos de François (1998) – do seu texto sobre a reforma, transcrito a seguir:

⁵ Para ler a análise completa dos textos, cf. Cordeiro (2017).

⁶ A *coluna* é um espaço destinado à discussão de um tema — recorrente na sociedade ou que pode estar em alta no debate social ou tido como de “interesse público” ou de caráter “livre” — por alguém que, geralmente, já faz parte do quadro “fixo” de escritores de um veículo de comunicação. Ferreira Gullar era um dos colunistas da *Folha de S. Paulo* e escrevia regularmente aos domingos.

- CRP-01** Uma lei errada
- CRP-02** *Campanha contra a internação de doentes mentais é uma forma de demagogia*
- CRP-03** A CAMPANHA contra a internação de doentes mentais foi inspirada por um médico italiano de Bolonha. Lá resultou num desastre e, mesmo assim, insistiu-se em repeti-la aqui e o resultado foi exatamente o mesmo.
- CRP-04** Isso começou por causa do uso intensivo de drogas a partir dos anos 70. Veio no bojo de uma rebelião contra a ordem social, que era definida como sinônimo de cerceamento da liberdade individual, repressão “burguesa” para defender os valores do capitalismo.
- CRP-05** A classe média, em geral, sempre aberta a ideias “avançadas” ou “libertárias”, quase nunca se detém para examinar as questões, pesar os argumentos, confrontá-los com a realidade. Não, adere sem refletir.
- CRP-06** Havia, naquela época, um deputado petista que aderiu à proposta, passou a defendê-la e apresentou um projeto de lei no Congresso. Certa vez, declarou a um jornal que “as famílias dos doentes mentais os internavam para se livrarem deles”. E eu, que lidava com o problema de dois filhos nesse estado, disse a mim mesmo: “Esse sujeito é um cretino. Não sabe o que é conviver com pessoas esquizofrênicas, que muitas vezes ameaçam se matar ou matar alguém. Não imagina o quanto dói a um pai ter que internar um filho, para salvá-lo e salvar a família. Esse idiota tem a audácia de fingir que ama mais a meus filhos do que eu”.
- CRP-07** Esse tipo de campanha é uma forma de demagogia, como outra qualquer: funda-se em dados falsos ou falsificados e muitas vezes no desconhecimento do problema que dizem tentar resolver. No caso das internações, lançavam mão da palavra “manicômio”, já então fora de uso e que por si só carrega conotações negativas, numa época em que aquele tipo [de] hospital não existia mais. Digo isso porque estive em muitos hospitais psiquiátricos, públicos e particulares, mas em nenhum deles havia cárceres ou “solitárias” para segregar o “doente furioso”. Mas, para o êxito da campanha, era necessário levar a opinião pública a crer que a internação equivalia a jogar o doente num inferno.
- CRP-08** Até descobrirem os remédios psiquiátricos, que controlam a ansiedade e evitam o delírio, médicos e enfermeiros, de fato, não sabiam como lidar

com um doente mental em surto, fora de controle. Por isso o metiam em camisas de força ou o punham numa cela com grades até que se acalmasse. Outro procedimento era o choque elétrico, que surtia o efeito imediato de interromper o surto esquizofrênico, mas com consequências imprevisíveis para sua integridade mental.

CRP-09 Com o tempo, porém, descobriu-se um modo de limitar a intensidade do choque elétrico e apenas usá-lo em casos extremos. Já os remédios neuroléticos não apresentam qualquer inconveniente e, aplicados na dosagem certa, possibilitam ao doente manter-se em estado normal. Graças a essa medicação, as clínicas psiquiátricas perderam o caráter carcerário para se tornarem semelhantes a clínicas de repouso. A maioria das clínicas psiquiátricas particulares de hoje tem salas de jogos, de cinema, teatro, piscina e campo de esportes. Já os hospitais públicos, até bem pouco, se não dispunham do mesmo conforto, também ofereciam ao internado divertimento e lazer, além de ateliês para pintar, desenhar ou ocupar-se com trabalhos manuais.

CRP-10 Com os remédios à base de ampicilil, como Haldol, o paciente não necessita de internações prolongadas. Em geral, a internação se torna necessária porque, em casa, por diversos motivos, o doente às vezes se nega a medicar-se, entra em surto e se torna uma ameaça ou um tormento para a família. Levado para a clínica e medicado, vai aos poucos recuperando o equilíbrio até estar em condições que lhe permitem voltar para o convívio familiar. No caso das famílias mais pobres, isso não é tão simples, já que saem todos para trabalhar e o doente fica sozinho em casa. Em alguns casos, deixa de tomar o remédio e volta ao estado delirante. Não há alternativa senão interná-lo.

CRP-11 Pois bem, aquela campanha, que visava salvar os doentes de “repressão burguesa”, resultou numa lei que praticamente acabou com os hospitais psiquiátricos, mantidos pelo governo. Em seu lugar, instituiu-se o tratamento ambulatorial (hospital-dia), que só resulta para os casos menos graves, enquanto os mais graves, que necessitam de internação, não têm quem os atenda. As famílias de posses continuam a por seus doentes em clínicas particulares, enquanto as pobres não têm onde interná-los. Os doentes terminam nas ruas como mendigos, dormindo sob viadutos.

CRP-12 É hora de revogar essa lei idiota que provocou tamanho desastre. (GULLAR, F. Uma lei errada. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Ilustrada, Coluna, 12 abr. 2009)

Há, pelo menos, dois “grandes” temas que o escritor coloca: (i) a *reforma psiquiátrica* e (ii) a *doença mental*. Destacamos, inicialmente, que a escolha das palavras é feita em tom agressivo, combatente, conforme a orientação e o ponto de vista (dominante) do autor do texto. Faz-se necessário apontar que o gênero do discurso⁷ artigo de opinião é um espaço editorial que permite variações livres de palavras, ou seja, não há “regras” de uso que determinam o emprego de expressões que construam efeitos “necessários” de objetividade⁸, ainda critério comum para as notícias e alguns tipos de reportagens. Isso se dá porque aquele gênero configura-se como de *enunciação subjetivizada*⁹, conforme aponta Moirand (2007b [2001], 1999), cujo dialogismo

⁷ De acordo com Bakhtin (2003 [1952-1953], p. 261-262), os gêneros do discurso se caracterizam como tipos relativamente estáveis de enunciados que constituem as numerosas esferas da atividade humana, as quais estão sempre relacionadas ao uso da linguagem. Cada gênero apresenta um conjunto de enunciados com um *conteúdo temático*, um *estilo* e uma *construção composicional*, elementos que se fundem no todo do enunciado e marcam cada tipo de esfera da comunicação.

⁸ Segundo Traquina (2005, p. 135-139), a objetividade na prática jornalística não se caracteriza como o oposto ou a negação da subjetividade. Embora esse valor tenha surgido no século XX, foi com base num cenário do jornalismo em crise, marcado pela experiência da propaganda na Primeira Guerra Mundial e do nascimento das relações públicas, que a objetividade tornou-se um valor profissional articulado. Diante de um mundo novo no qual não havia confiança nos “fatos”, nem mesmo pela comunidade jornalística — a subjetividade parecia ser inevitável —, o ideal da objetividade passa a fazer parte da linguagem da profissão: “os jornalistas chegaram a acreditar na objetividade porque queriam, porque precisavam, porque eram obrigados pela simples aspiração humana de procurar uma fuga das suas próprias convicções profundas de dúvida e incerteza. Com a ideologia da objetividade, os jornalistas substituíram uma fé simples nos fatos [sic] por uma fidelidade às regras e aos procedimentos criados para um mundo no qual até os fatos eram postos em causa”. Então, a partir do que expõe o autor, o valor da objetividade se refere aos procedimentos que a comunidade de jornalistas faz uso, seja para assegurar uma credibilidade, seja para se protegerem contra críticas que venham a surgir ao seu trabalho.

⁹ A partir da noção de *dialogismo* proposta por Bakhtin (2015 [1934-1935]), Moirand (2007b [2001]) categoriza os gêneros da imprensa em dois tipos: há os de *enunciação subjetivizada*, tais como os editoriais, as crônicas, os artigos de opinião, as cartas e os comentários; e há os de *enunciação objetivizada*, caracterizados como textos de informação geral ou especializada, como as notícias, as cronologias, as tabelas, os infográficos e os quadros explicativos. Essa distinção que ela trata como “sumária” considera o papel que o dialogismo assume nos diferentes modos de construção discursiva e a heterogeneidade enunciativa e textual manifestada em cada gênero. De maneira geral, notamos que essa classificação não é dicotômica, pois a autora afirma posteriormente que existem *gêneros de tendência subjetivizada* e *gêneros de*

se “mascara” a partir da inserção mais “diluída” de outros discursos no corpo do texto. No entanto, isso não significa que o texto não apresente uma heterogeneidade mostrada, pois nele encontramos algumas formas de representação do discurso outro (RDA), como *aspas* e *alusões*. Assim, uma notícia contra a reforma, por exemplo, teria exigido outro acabamento e, talvez, uma orientação social que se apresentasse menos “à mostra”, com o emprego de outras palavras.

Ao longo do texto, Gullar posiciona-se contra a reforma e a favor da internação do louco. Isso é feito a partir do fundo aperceptivo da voz (genérica) representada pela medicina. É por meio desse lugar que o escritor constrói seu texto e traz a voz da medicina como a única responsável pelo controle e pela cura do doente. O hospital psiquiátrico, axiologicamente positivado com a nomeação *clínicas de repouso* (CRP-09), é construído como um espaço de inclusão e não da exclusão social. Embora estejamos lidando com um texto de tipo opinativo, para construir o seu ponto de vista, Gullar faz uso de enunciados pouco embreados¹⁰ (MAINGUENEAU, 2004), os quais qualificam o seu posicionamento como a representação de um discurso geral, *reminiscente* (CUNHA, 2011), que se mantém na memória, sobre a reforma: “*Havia, naquela época, um deputado petista que aderiu à proposta, passou a defendê-la e apresentou um projeto de lei no Congresso*” (CRP-06, grifo nosso); “*Certa vez, declarou a um jornal que ‘as famílias dos doentes mentais os*

tendência objetivizada. Assim, os textos do primeiro tipo apresentam pontos de heterogeneidade mostrada menos explícitos que os do segundo tipo, ou seja, são construídos discursivamente mais por meio de alusões, por exemplo, e menos por formas de heterogeneidade mostrada, como citações diretas e indiretas.

¹⁰ Segundo Maingueneau (2004), os *embreados* ou *dêiticos* constituem um conjunto de operações (de *pessoa*, de *tempo* e de *espaço*) que situam a enunciação. São elementos que constituem a embreagem enunciativa (i) os pronomes (pessoais, demonstrativos, possessivos etc.), (ii) as marcas verbais de passado, presente e futuro ou as palavras com valor temporal, (iii) os pontos de referência constituídos pelo lugar, entre outros. Porém nem todos os enunciados possuem elementos que trazem uma marca de embreagem e se organizam em torno da situação enunciativa. Os enunciados *não embreados*, de acordo com Maingueneau (ibidem, p. 114-115), “não são interpretados em relação à situação de enunciação; eles procuram construir universos autônomos. Evidentemente, eles têm um enunciador e um coenunciador, e são produzidos em um momento e lugar particulares, mas *apresentam-se* como se estivessem desligados de sua situação de enunciação, sem relação com ela”. Desse modo, esse tipo de enunciado “aparenta” constituir um universo independente e não particular.

internavam para se livrarem deles” (CRP-06, grifo nosso); “*Com o tempo, porém, descobriu-se um modo de limitar a intensidade do choque elétrico e apenas usá-lo em casos extremos*” (CRP-09, grifo nosso). Apesar de logo no início da coluna o autor afirmar “Isso começou por causa do uso intensivo de drogas *a partir dos anos 70*” (CRP-04, grifo nosso), essa expressão temporal determinada é diluída pelo tom genérico e impreciso dos enunciados pouco embreados trazidos na narrativa dos eventos. Desse modo, é interessante notar que esse conjunto de enunciados constroem uma narrativa na terceira pessoa como se alguém estivesse contando o desenrolar de uma história. Segundo Brait (2009, p. 151),

a passagem do oral para o escrito, na verdade da língua portuguesa oral para a escrita, procurou manter traços dos relatos imemoriáveis, com narrativa em terceira pessoa, iniciada e desenvolvida de forma a não situar os acontecimentos num tempo histórico e nem ter seu narrador identificado.

Assim, pela forma como se deu a construção da narrativa na terceira pessoa, poderíamos nos defrontar na coluna com a diluição da presença do autor e da temporalidade geral dos eventos que reporta. Todavia isso não ocorre e a presença de Gullar permanece forte. Então, apesar daqueles enunciados (dos trechos CRP-06 e CRP-09 citados) construírem um texto como se dotado de uma voz genérica que estivesse apenas retomando um relato guardado no já-dito e que não pretende ser uma exposição particular do autor, as nomações que emprega não “dissolvem” a marca da autoria. É por meio delas que o autor alterna entre o plano das *relações mais gerais*, das narrativas, com aquele das *mais pessoais*. E essa alternância, que o auxilia na defesa do seu ponto de vista, já é notada no início do texto.

Apesar de no título *Uma lei errada* (CRP-01) o autor expor direta e explicitamente seu ponto de vista, este é construído e defendido ao longo do texto. Sua defesa é construída a partir do confronto que estabelece com as vozes (i) de Franco Basaglia, por meio da nomação *um médico italiano de Bolonha* (CRP-03), (ii) do grupo social da *classe média* (CRP-05), (iii) de Paulo Delgado, através da nomação *um deputado petista* (CRP-06), e (iv) da psiquiatria tradicional – mostrada por meio da adesão positiva que faz ao uso dos *remédios neuroléticos* (CRP-09). Logo

no início da coluna, o escritor retoma a memória partilhada que se atribui à figura de Basaglia – tomada sócio-historicamente como referência e inovação para as políticas públicas de saúde mental na Itália e em outros países, cujo trabalho é conhecido por influenciar a reforma psiquiátrica brasileira – para desconstruí-la. No entanto, isso se dá não só a partir das nomeações que traz para desfavorecer o movimento da reforma – tais como *uma lei errada* (CRP-01), *uma forma de demagogia* (CRP-02), *lei idiota* (CRP-12), *desastre* (CRP-03), *tamanho desastre* (CRP-12), fundada *em dados falsos ou falsificados* (CRP-07), entre outras –, mas também pela alusão a Franco Basaglia por meio da nomeação *um médico italiano de Bolonha* (CRP-03) na abertura do texto, o que já nos dá pistas da orientação axiológica do autor. Nessa alusão – uma vez que o nome *Franco Basaglia* não aparece no texto e é preciso que o leitor saiba que ele foi um médico de Bolonha –, Ferreira Gullar tece críticas também à *ciência* e a *Itália*. Poderíamos ainda dizer que esses termos funcionam como um “*mote*” de abertura, sublinhando que o discurso é constantemente orientado para um grupo de leitores específicos, a saber, para aqueles que conhecem o debate da reforma, sejam eles a favor¹¹ ou contra ela (indiretamente citados).

Ademais, observe como o autor formula os enunciados e especialmente as nomeações, tais como *campanha contra a internação de doentes mentais* (no subtítulo CRP-02 e no lide CRP-03) e *aquela campanha* (no fim do texto, em CRP-11) nos enunciados respectivos: “*Campanha contra a internação de doentes mentais* é uma forma de demagogia” (CRP-02, grifo nosso), “*A CAMPANHA contra a internação de doentes mentais* foi inspirada por um médico italiano de Bolonha” (CRP-03, grifo nosso) e “Pois bem, *aquela campanha*, que visava salvar os doentes de ‘repressão burguesa’, resultou numa lei que praticamente acabou com os hospitais psiquiátricos, mantidos pelo governo” (CRP-11, grifo nosso). Tanto esses nomes que Ferreira Gullar atribui à reforma, como o que usa para retomar Franco Basaglia (*um médico italiano de Bolonha* (CRP-03) e *repressão burguesa* (CRP-04 e CRP-11), constroem

¹¹ Afirmamos isso porque dentre aqueles que são a favor da reforma, há diferentes “grupos” e pontos de vista. Assim, alguns manifestam-se absolutamente contra a internação, enquanto outros pensam que a internação dos ditos doentes mentais pode acontecer quando necessário (PAOLA; ARAÚJO FILHO, 2011).

seu ponto de vista sobre tal movimento, posicionamento, por sua vez, ratificado por meio das alusões que faz a Basaglia (em CRP-03, CRP-04 e CRP-11).

Ao construir a figura de Franco Basaglia também como uma voz genérica ou coletiva que representa o discurso da reforma psiquiátrica, ao qual Gullar se opõe – observe-se que a nomenclatura é formada pelo artigo indefinido *um* (*um médico italiano de Bolonha* em CRP-02) –, a alusão funciona, conforme Authier-Revuez (2007), como uma forma de *heterogeneidade não-marcada*, como um já-dito ou um dito já conhecido, supondo-se que o discurso faz parte do conhecimento partilhado pela comunidade de leitores. Em outras palavras, a nomenclatura *um médico italiano de Bolonha* reflete (i) o que Ferreira Gullar pensa sobre *aquele sujeito*, a *reforma* e, ainda mais importante para nós, a dita *doença mental*; e (ii) refrata a memória do já-dito, socialmente partilhada pela *classe média* e pelos *que aderiram à reforma*, sobre Franco Basaglia¹². É nesse embate discursivo, entre os movimentos de *reflexão* e *refração* operados na linguagem, que o escritor representa o problema, se representa e realiza a nomenclatura na cena enunciativa.

É interessante apontar, a respeito dessa discussão, como o autor constrói a tal *repressão “burguesa”* (CRP-04 e CRP-11) a qual se refere. O que chama de *uma rebelião contra a ordem social* e *repressão “burguesa” para defender os valores do capitalismo* é identificado por meio de dois agentes que desenvolve nas sequências enunciativas CRP-05 e CRP-06. No enunciado CRP-05, Gullar tece críticas à imagem da *classe média* ao apontá-la como um grupo social que *adere, sem refletir* (CRP-05), isto é, sem “consistência” no posicionamento crítico diante dos acontecimentos.

No excerto CRP-06, o autor faz referência a *Paulo Delgado* a partir da nomenclatura de tom político *um deputado petista* (CRP-06) e de outras mais comumente empregadas com um tom agressivo, tais como *cretino* (CRP-06), *idiota* (CRP-06) e *audacioso* (CRP-06), atribuindo a ele a proposta de uma campanha que mascara ideais socialistas e defende a não internação dos doentes. Essa forma de nominar nos faz refletir sobre a responsabilidade e a ética do sujeito no ato da nomenclatura.

¹² Também é possível de lermos a nomenclatura *um médico italiano de Bolonha* como um já-dito que não é partilhado pelos leitores, pois o uso do indefinido e a explicação de sua origem poderiam também apontar para a ideia de que o leitor não conhece Franco Basaglia e precisa de informações.

Quando o escritor nomina Paulo Delgado como *um deputado petista* (CRP-06), por exemplo, essa nomeação funciona como um argumento em uma tentativa de conduzir o leitor do jornal – cuja maioria parece se opor à coligação de esquerda¹³ – a aderir ao seu ponto de vista, como se dizendo que é uma campanha desde já falha porque foi criada por um deputado do PT.

As nomeações *um deputado petista*, *cretino* e *idiota* (CRP-06) são acentuadas no texto a partir da orientação social do autor. Usadas em um mesmo parágrafo, elas fortalecem o ponto de vista (dominante) do colunista que, aliás, tende a deslizar em direção a uma *explicação política* para elaborar o motivo pelo qual a reforma não deu certo e *a lei ter sido errada*. E ele só pôde assim o fazer porque teve, de alguma maneira, “o apoio coral das pessoas circundantes” (VOLOCHÍNOV, 1926, p. 8), ou seja, dos leitores da *Folha de S. Paulo*, ou ainda porque se encontra “numa atmosfera de simpatia” (idem) onde só nesta “um gesto livre e seguro é possível” (idem). Aliás, a voz do deputado petista mencionado é trazida por meio das aspas, em uma tentativa de demarcar, se afastar e mostrar “integralmente” o dizer do deputado, ao qual se opõe: “Certa vez, [Paulo delgado] declarou a um jornal que ‘*as famílias dos doentes mentais os internavam para se livrarem deles*’” (CRP-06, grifo nosso).

Há, entretanto, em um enunciado do parágrafo subsequente um “complemento” ao conteúdo do discurso reportado de Paulo Delgado: “Mas, para o êxito da campanha, *era necessário levar a opinião pública a crer que a internação equivalia a jogar o doente num inferno*” (CRP-07, grifo nosso). Nesse enunciado, compreende-se que Gullar faz alusão ao ponto de vista de Paulo Delgado sobre a internação e, por conseguinte, refere-se ao do grupo que adere à voz do deputado e ao da reforma. Embora essa referência pareça genérica, em virtude do uso da terceira pessoa do singular, essa interpretação é pertinente quando se leva em consideração o enunciado CRP-06 trazido anteriormente.

Do nosso ponto de vista, é por meio das condições contextuais e enunciativas dadas antes que o leitor pode interpretar o excerto CRP-07 como uma

¹³ Segundo Cunha (2012), a comunidade de leitores está mais alinhada ao ponto de vista construído pelos escritores do texto. Assim, embora não seja mencionado explicitamente no periódico qual a posição assumida pelo colunista, a partir das leituras e das análises feitas no material publicado pela *Folha de S. Paulo*, esse ponto de vista parece ser o da maioria dos leitores.

representação da *internação dos doentes mentais* que inclui a voz do deputado na do próprio colunista, discurso o qual Gullar se distancia. Então, a cena enunciativa construída por Delgado, cujo acento está no *propósito* das internações (*para se livrarem deles*), é complementada pela de Gullar, cujo acento se encontra na *qualificação* da internação (*jogar o doente num inferno*). Logo, a voz do deputado inserida no texto a partir do contexto axiológico e enunciativo em que Gullar se posiciona é evocada para o próprio autor entrar em *dissonância* com ela, fortalecendo seu ponto de vista.

Ora, é através das nomeações *um médico italiano de Bolonha* (CRP-03), *um deputado petista* (CRP-06), *cretino* (CRP-06) e *idiota* (CRP-06) e dos enunciados citados (CRP-06 e CRP-07) atribuídos à voz de Paulo Delgado evocado em seu texto que o escritor contrapõe-se aos discursos a favor da reforma psiquiátrica; porque, como diz Siblot (1998), ao nominarmos os objetos, não só estamos dizendo as coisas: nesse processo definimos os lugares que ocupam os sujeitos nas relações. É assim que o escritor maranhense define os lugares que (i) a Reforma – e metonimicamente (i.i) Basaglia e (i.ii) Paulo Delgado –, (ii) o doente mental, (iii) ele próprio e (iv) os que votaram a favor daquela ocupam. Defende como direito do paciente a internação e a medicalização, pois é sob o efeito dos *remédios neuroléticos* (CRP-09) que se mantém a condição da normalidade – que, por sua vez, ele nomina de *integridade mental* (CRP-08) – do *doente furioso* (CRP-07) ou *fora de controle* (CRP-08). Desse modo, é a medicalização que salvaguarda o doente e a família.

É interessante notar que os espaços asilares são representados discursivamente pelo autor não só como ambientes seguros que apresentam a solução para manter a “ordem” da “loucura”: são espaços divertidos que dão ao sujeito internado a possibilidade de viverem na condição do ócio, o que não seria possível fora desse espaço. Os hospitais psiquiátricos são um refúgio que possibilitam a dita *integridade mental* (CRP-08), principalmente para os pobres, que, “doentes” e sem os cuidados da família, se tornam, diz o escritor, *mendigos* (CRP-11) das nossas cidades. Ora, há certos nomes (alguns mais que outros) que convocam determinados discursos e redes de sentidos que circularam, num passado mais distante, os quais parecem não cessar de se inscrever nos usos atuais desses mesmos nomes – por exemplo, a retomada da *exclusão* a partir do uso de *doente mental*. Isso posto, observamos que

algumas representações se “petrificam” e permanecem nos falares cotidianos, como na retomada que ocorre na cena discursiva da coluna das estruturas discursivas de (i) *segregação e exclusão*, em especial através do uso e da associação dos nomes *doentes mentais* (CRP-03 e CRP-06) e *mendigos* (CRP-11), e de (ii) *periculosidade* com o emprego de “*doente furioso*” (CRP-07).

Para Foucault (2010 [1961]), a estrutura da *segregação social* e da *exclusão* são encontradas de forma recorrente quando ele passa a questionar sobre as “origens” da “loucura”. Observa, ainda, que a *estrutura exclusiva* é encontrada com modificações em níveis diversos ao longo do tempo: “na Idade Média, a exclusão atinge o leproso, o herético. A cultura clássica exclui mediante o hospital geral, a *Zuchthaus*, a *work-house*, todas as instituições derivadas do leprosário” (ibidem, p. 163, grifo do autor). Observamos, contudo, que no texto de Gullar essa estrutura é trazida por meio da inversão do discurso do *status quo*. Ou seja, embora o escritor trate da condição do tratamento mental através da representação dos discursos da *psiquiatria*, das *neurociências*, do *isolamento*, da *higienização* e da *eugenia*, Gullar acentua a exclusão social a partir de quem a reforma está deixando de colocar nos asilos: o que está *fora da ordem* (CRP-07) e o *pobre doente que se tornará mendigo* (CRP-11) ficarão nas ruas e poderão ser uma *ameaça* para nós. Assim, notamos que há uma modificação do ponto de vista sobre o que comumente se representa sobre a *segregação e/ou exclusão* quanto à doença mental. Para Gullar (2009), o dito doente não é excluído pela internação, mas ao contrário, pela ausência desta.

Interessante notar que é a subversão do ponto de vista comumente tradicional sobre a *segregação e exclusão* da loucura que leva os leitores a se posicionarem sobre o texto do autor, principalmente em forma de cartas e artigos veiculados nas formas impressa e *on-line*. Ademais, se cada discurso retoma, responde e antecipa outros enunciados e pontos de vista, também notamos, no discurso de Gullar, principalmente no trecho CRP-07, a alusão às *redes de memória* da estrutura de *periculosidade e/ou medo* que se relacionam à construção sócio-histórica e discursiva sobre a doença mental – “Digo isso porque estive em muitos hospitais psiquiátricos, públicos e particulares, *mas em nenhum deles havia cárceres ou ‘solitárias’ para*

segregar o ‘doente furioso’” (CRP-07, grifo nosso). Ou ainda, essas redes¹⁴ foram evocadas uma vez que tocam nos enunciados de Gullar citados.

Dos ecos dialógicos do texto de Gullar às cartas dos leitores: *a reforma, a doença e o doente mental*

Vamos nos deter, inicialmente, no que afirma Gullar (2009) no excerto CRP-06: “*E eu, que lidava com o problema de dois filhos nesse estado, disse a mim mesmo: ‘Esse sujeito é um cretino. Não sabe o que é conviver com pessoas esquizofrênicas, que muitas vezes ameaçam se matar ou matar alguém [...]’*” (GULLAR, 2009, s/p, grifo nosso). Observe que o poeta, logo após tecer críticas ao movimento antimanicomial, a Franco Basaglia, a Paulo Delgado e à classe média, no início da sua coluna (cf. do excerto CRP-01 ao CRP-05), revela que é *pai de filhos esquizofrênicos* (CRP-06). Ou seja, o poeta para comentar a tal loucura e legitimar a sua contraposição à reforma e ao que ela representa, fala *desse lugar* da experiência concreta – como se tal espaço axiológico *contribuísse para legitimar a fala do autor*.

No entanto, talvez, ocupar essa posição na existência concreta não baste, não seja suficiente e não leve o leitor a aderir ao dito. E isso é observado em algumas cartas de leitores¹⁵ durante o período discursivo da publicação do texto. Logo na primeira carta (*carta 1*), esse espaço da experiência concreta é aderido de forma solidária e enfaticamente confirmado por meio do pronome relativo *quem* (CRP-15), cujo uso é o do argumento do conhecimento do problema ou do desconhecimento dos que não têm alguém da família com tal problema. Também o emprego desse pronome como sujeito da oração é de tom apelativo e generalizante, o que permite a quaisquer um se personificar no enunciado CRP-15, como alguém que já vivenciou semelhante experiência do autor:

¹⁴ A associação do signo de periculosidade ao sujeito diagnosticado como doente mental é muito antiga e foi acentuada por Lombroso (1835-1909). Para mais informações, cf. Albrecht (1910).

¹⁵ Seleccionamos as cartas não de forma aleatória, mas considerando as relações dialógicas entre elas, as estabelecidas com o texto do colunista e as com os objetos do discurso tomados pelos autores — tais como a lei 10.216 de 6 de abril de 2001, a reforma psiquiátrica, a doença mental, o sujeito usuário, a internação, a medicalização etc. — na defesa do seu ponto de vista.

Carta 1**CRP-13 Hospital psiquiátrico**

CRP-14 Parabéns a Ferreira Gullar por propor a revogação da lei que acabou com os hospitais psiquiátricos (“Uma lei errada”, **Ilustrada**, ontem).

CRP-15 Quem não conhece o problema de ter em casa uma pessoa com problemas mentais não faz ideia de como essa pessoa, sem querer, transtorna a vida de uma família inteira e causa um sofrimento indescritível.

CRP-16 O desequilíbrio mental atinge, indiscriminadamente, todas as camadas sociais.

CRP-17 Há que manter casas de acolhimento para pessoas portadoras dos diversos tipos de transtorno mental e ainda escolas especiais para crianças que apresentem problemas já na infância. É difícil criar um filho problemático entre os demais irmãos, pois estes acabam relegados por falta de tempo. (Z., P. S. São Paulo, SP) (HOSPITAL psiquiátrico. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Opinião, Painel do Leitor, Cartas, 13 abr. 2009)

Nesse dia, duas outras cartas são ainda publicadas em sequência:

Carta 2

CRP-18 Lamentável o artigo de Ferreira Gullar de ontem, que reúne uma série de informações equivocadas a respeito dos avanços nas políticas de atenção às pessoas com sofrimento psíquico intenso.

CRP-19 Destaco apenas dois pontos-chave do texto: a lei mencionada pelo autor (10.216, de 6 de abril de 2001) não propôs o fim das internações psiquiátricas, mas a sua indicação apenas quando esgotados todos os recursos de tratamento em meio aberto (ambulatorios, hospitais-dia, centros de atenção psicossocial etc.); e o que é mencionado no artigo como uma ‘campanha’ se refere a um conjunto amplo de pesquisas científicas, práticas interprofissionais e discussões consistentes no âmbito das políticas de saúde e de inclusão social. (G., T. C. Psicanalista. São Paulo, SP) (HOSPITAL psiquiátrico. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Opinião, Painel do Leitor, Cartas, 13 abr. 2009)

Carta 3

- CRP-20** O colunista Ferreira Gullar erra ao igualar a clorpromazina ao Hal-dol, que, embora tenham a mesma função, são substâncias diferentes. Tal detalhe, porém, não diminui em nada a relevância do tema por ele abordado.
- CRP-21** Há anos as políticas de saúde mental têm se pautado mais em questões ideológicas do que técnicas. O resultado disso é uma desassistência progressiva ao doente mental em várias cidades do país.
- CRP-22** Nesse processo, a psiquiatria e os psiquiatras foram excluídos, demonizados e acusados de serem meros instrumentos de controle social. É urgente que isso seja revisto.
- CRP-23** Não é possível nenhuma discussão séria sobre a assistência ao doente mental que não conte com a participação dos representantes da psiquiatria brasileira. (R., M. A. M. Médico psiquiatra, doutor em saúde mental pela FMRP-USP, professor-adjunto da Faculdade de Medicina da Universidade de Ribeirão Preto-Unaerp. Ribeirão Preto, SP) (HOSPITAL psiquiátrico. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Opinião, Painel do Leitor, Cartas, 13 abr. 2009)

Inicialmente, observemos o título atribuído pelo jornal à seção que disponibiliza o espaço para a réplica dos leitores sobre a coluna, o qual é nominado de *Hospital psiquiátrico* (CRP-13). O grande tema *Hospital psiquiátrico* pode dar margem a pontos de vista contra e a favor da existência deles e da internação. Ao mesmo tempo, a expressão pode ser interpretada de outra forma, como uma restrição sobre o que se entende pela *reforma*, representando o grupo que não é a favor do fechamento dos hospitais e da proibição da internação. Inclusive um dos argumentos de Gullar contra a reforma é quanto ao encerramento dos hospitais e à evasão dos ditos doentes para as ruas.

De qualquer maneira, o título reaviva o debate em torno da necessidade e utilidade desses hospitais. Nesse dia, a primeira e a terceira cartas, isto é, a que introduz e a que finaliza a réplica dada ao texto e ao tema abordado se posicionam favoravelmente a Gullar, apesar desse posicionamento favorável ocorrer de forma diversa. Na primeira, o autor concorda com o ponto de vista de Gullar ao

retomar a experiência exposta pelo poeta de quem lida diariamente com a doença. Na terceira, a adesão é feita após uma retificação do leitor quanto à caracterização dos medicamentos apontados pelo escritor maranhense. É interessante notar que os gêneros *comentários* ou *cartas de leitores*, em termos de condições situacionais e finalidade, podem ratificar a permanência do movimento discursivo operado pelo escritor na coluna, em suas retomadas, e/ou produzir uma heterogeneidade de pontos de vista no interior dos seus discursos.

Observe-se, além disso, que as formas de nominar o sujeito dito doente são diferentes da primeira e terceira cartas (favoráveis ao ponto de vista dominante da coluna) para a segunda (que mostra-se contrária a Gullar) no esquema a seguir:

Esquema 1: Nomações empregadas nas cartas 1, 2 e 3

Carta 1	Carta 2	Carta 3
CRP-15 <i>uma pessoa com problemas mentais</i>	CRP-18 <i>pessoas com sofrimento psíquico intenso</i>	CRP-21 <i>doente mental</i>
CRP-16 <i>o desequilíbrio mental</i>		CRP-23 <i>doente mental</i>
CRP-17 <i>pessoas portadoras dos diversos tipos de transtorno mental</i>		
CRP-17 <i>um filho problemático</i>		

A categorização do sujeito a partir desses dois tipos de nomação (*carta 1 e 3 x carta 2*) oferece pistas dos pontos de vista dos leitores sobre a doença e o doente mental. Para Volochínov (1926, p. 4), “todas essas avaliações e outras similares, qualquer que seja o critério que as rege (ético, cognitivo, político ou outro) levam em consideração muito mais do que aquilo que está *incluído* dentro dos fatores estritamente verbais (linguísticos) do enunciado” (grifo do autor). Em outras palavras, usar um termo ao invés de outro é pensar também em um tipo de modelo, em um determinado conjunto de ideias que remetem a maneiras específicas de como se deve cuidar do dito doente; e, acima de tudo, é uma tomada de posição ética e política.

Na segunda carta, observe como ocorre o dialogismo da nomação: quando o leitor dos excertos CRP-18 e CRP-19 nomina a lei da reforma a partir do

enunciado “[...] o que é mencionado no artigo como uma ‘campanha’ se refere a *um conjunto amplo de pesquisas científicas, práticas interprofissionais e discussões consistentes no âmbito das políticas de saúde e de inclusão social*” (CRP-19, grifo nosso), em contraposição ao uso do nome ‘*campanha*’ com aspas, notamos (i) o seu posicionamento sobre o texto e a reforma. Ou seja, o emprego desse termo aspaçado em CRP-19 funciona como um distanciamento acerca do que expõe Gullar, indicando *desacordo*, apontando e expondo que o uso daquela palavra pertence ao discurso do escritor e não ao dele. E isso já é antecipado pelo mesmo leitor a partir do ato de fala *lamentar* marcado enunciativamente pelo adjetivo que abre a carta: “*Lamentável o artigo de Ferreira Gullar de ontem*” (CRP-18, grifo nosso). Além disso, o uso de *peçoas com sofrimento psíquico intenso* (CRP-18) também aponta para (ii) o ponto de vista do leitor sobre o sujeito doente e, conseqüentemente, marca discursivamente duas vezes o seu posicionamento sobre a reforma e Gullar. A esse respeito, é interessante notar a forma que Gullar nomina o sujeito usuário, isto é, preponderantemente como *doente mental* (CRP-02, CRP-03, CRP-06 e CRP-08) e *doente* (CRP-09, CRP-10 e CRP-11), o que já nos aponta para o direcionamento adotado em acordo com o seu ponto de vista defendido na coluna.

Já na terceira, notamos que, embora haja um *movimento de correção* do discurso do escritor maranhense, o leitor adere ao ponto de vista deste último: “O colunista Ferreira Gullar *erra* ao igualar a clorpromazina ao Haldol, que, embora tenham a mesma função, são substâncias diferentes. *Tal detalhe, porém, não diminui em nada a relevância do tema por ele abordado*” (CRP-20, grifos nossos). Ora, o leitor evidencia uma certa crítica ao autor do texto, para, depois, concordar com o ponto de vista dele. Nessa ressalva, o leitor apresenta-se como o detentor do saber da prática psiquiátrica e se coloca acima da experiência prática reivindicada por Gullar em seu discurso. Desse modo, a adesão ao ponto de vista do escritor se faz na defesa de um retorno ao dispositivo da psiquiatria no atendimento ao doente mental (CRP-23). Retorno esse que ele mesmo se inclui como parte fundamental: “*Não é possível nenhuma discussão séria sobre a assistência ao doente mental que não conte com a participação dos representantes da psiquiatria brasileira*” (CRP-23, grifos nossos). Então, a ausência de intervenção da psiquiatria no tratamento do usuário, já que não é mais a predominante nas políticas públicas de saúde mental, resulta num fracasso em virtude dessa

mesma exclusão: “O resultado disso é *uma desassistência progressiva ao doente mental* em várias cidades do país” (CRP-21, grifo nosso).

Na carta a seguir (carta 7), observamos que o ponto de vista do leitor é construído a partir de outro movimento, isto é, por meio da tentativa de demarcar e regular *os usos* do “vocabulário” psiquiátrico:

Carta 7

CRP-29 “Curiosamente, o termo cretino – usado por Ferreira Gullar para classificar o proponente da Lei da Reforma Psiquiátrica – é um antigo diagnóstico psiquiátrico que nomeia os portadores de cretinismo, retardo mental causado pelo hipotireoidismo congênito.

CRP-30 Os periódicos nos indicam que também o diagnóstico que Gullar informa ser o de seus filhos – a esquizofrenia – tem sido usado com frequência como xingamento. Esse contrassenso oculto evidencia a natureza obscura do estigma e revela como pode ser escorregadio redigir sobre o campo polêmico que é o dos cuidados públicos nessa área.

CRP-31 Penso que o articulista poderia conhecer um pouco mais sobre os familiares satisfeitos com os espaços de excelência que existem dentro da reforma da saúde mental – sim, eles existem, e tendem a não estar nos serviços particulares.

CRP-32 Sua energia direcionada para a revogação da lei poderia ser mais produtiva se ele viesse a reivindicar a expansão necessária dessa excelência para o maior número de cidadãos brasileiros.” (T., L. F. Doutor em psiquiatria pela Universidade de São Paulo. Fortaleza, CE) (HOSPITAIS psiquiátricos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Opinião, Painel do Leitor, Cartas, 14 abr. 2009)

Na coluna de Gullar (no excerto CRP-06) e na carta 7, os termos *cretino*, *esquizofrenia* e *idiota* colocam em cena os diferentes usos que os sujeitos têm feito dessas expressões. Constituindo inicialmente o jargão da psiquiatria – elaboradas por uma clínica especializada em estabelecer diagnósticos para ditas doenças mentais –, essas palavras passaram a circular frequentemente na esfera do cotidiano, sendo muitas delas proferidas como críticas e enunciados negativos dirigidos ao outro.

Na análise que fazemos, o emprego dessas palavras pelo psiquiatra é feito para manter um distanciamento valorativo quanto ao uso que Ferreira Gullar (CRP-06) faz delas e, desse modo, o médico posiciona-se em relação ao *texto* do escritor, à *linguagem*, à *reforma* e a chamada *doença mental*, identificando-se como pertencente a um ponto de vista diferente do de Gullar. Para tal, o médico inicia seu texto fazendo a análise de algumas dessas expressões. Ele aponta que o termo *cretino*, o qual designa o diagnóstico de *cretinismo*, é usado pelo escritor maranhense como xingamento. Ao mesmo tempo, cita que Gullar faz uso de *esquizofrenia* como a doença dos seus filhos, porém o psiquiatra afirma que esse termo é também usado por outros indivíduos com o mesmo propósito do escritor quanto ao uso de *cretino*. E, embora não seja feita referência ao emprego de *idiota*, usado pelo colunista como um xingamento, essa expressão também retoma uma outra doença, a saber, a *idiotia* – por isso o realce que damos a essas três palavras e aos seus usos pelos sujeitos no dia a dia.

De maneira geral, a resposta que o médico escreve ao colunista – e, por conseguinte, ao jornal – coloca em discussão o seguinte: os termos *cretino* e *esquizofrenia*, apesar de comumente ligados a um sentido específico, histórico, destacado da sua rede de memória como reiterável, “essencial” e “porta-voz” que definiria o seu uso, a saber, a indicação de uma “doença mental” na esfera da psiquiatria, esse sentido por si só ou essa tal “literalidade” dada pelo significado da palavra inexistente. As palavras são enunciados concretos, atos intersubjetivos, constitutivos da interação verbal e sócio-ideológica. Atravessadas por discursos, retomadas por variadas vozes, as palavras constroem um *sentido possível* relacionado ao acento apreciativo, ao contexto e ao horizonte social da comunicação entre os sujeitos. Ora, como já era dito por Volochínov (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929], p. 137), “aqueles que [...] procurando definir o sentido de uma palavra atingem o seu valor inferior, sempre estável e idêntico a si mesmo, é como se quisessem acender uma lâmpada depois de terem cortado a corrente. Só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação” (grifo nosso).

Logo, o leitor na sua carta elabora o seu ponto de vista a partir das representações sociais que, para ele, legitimam o uso daqueles nomes, contrapondo-se ao ponto de vista do escritor. E, para refutar o que expõe Gullar, o médico aponta as

falhas no uso que Ferreira Gullar – e alguns periódicos – fazem de determinadas expressões: “esse *contrassenso oculto evidencia a natureza obscura do estigma e revela como pode ser escorregadio* redigir sobre o campo polêmico que é o dos cuidados públicos nessa área” (CRP-30, grifo nosso). O nosso grifo leva-nos a refletir também sobre critérios como *objetividade* e *parcialidade*, ainda considerados *máximas* para determinadas epistemologias, as quais, muitas vezes, apontam que reivindicar determinados sentidos para com os quais as palavras remeteriam fosse fazer “justiça”. Perguntamos, contudo, o seguinte: fazer justiça a quem? Àqueles que são nominados? Ao campo do saber-fazer que constrói nomeações para dizer esse outro? Às políticas públicas da reforma que solicitam uma mudança axiológica e discursiva no tratamento dos ditos doentes? Pois bem, Nietzsche (2003 [1874], p. 52) há muito tempo dizia que “objetividade e justiça não têm nada a ver uma com a outra”.

Contudo, nos parece aqui que o realce é dado a uma adequabilidade teórica no emprego daqueles termos, cuja significação vinculada ao discurso científico privilegiaria uma dita objetividade e faria justiça ao seu uso. E é desse ponto de partida que o psiquiatra defende o seu ponto de vista se contrapondo a Gullar: aquele fala do lugar de poder da ciência, enquanto o escritor maranhense usa tais nomeações como xingamentos – usos que remetem ao espaço das práticas discursivas cotidianas do “homem comum” (FREUD, 1974 [1930], p. 30).

Isso aponta para a discussão que fazemos entre os *usos* dessas nomeações, “originárias” da *esfera psiquiátrica*, e os *usos* delas em *práticas discursivas cotidianas* as mais diversas, debate que faz parte da psicopatologia e que diz muito sobre como o sujeito pensa a respeito da doença.

Considerações finais

Na vida, enunciamos uma palavra não em um vazio axiológico, mas tendo em vista o outro e sempre a partir de um ponto de vista. O uso das mesmas palavras para qualificar os objetos do mundo não faz parte apenas de uma construção simbólica, social e discursiva da comunidade ou da sociedade em geral e da memória que tais palavras constituem, mas também de cada um em particular. Assim, o ponto de vista de cada um é construído dialogicamente, ao longo do tempo e

espaço sobre o dizer do escritor (Ferreira Gullar), a sua coluna (*Uma lei errada*) e os objetos do discurso (a reforma psiquiátrica, a doença mental e o *doente*).

Além de contingencial e *relacional*, como afirmara François (1998), o ponto de vista também se constrói a partir da evocação de experiências particulares. E se o sujeito e as verdades produzidas não são imutáveis, um ponto de vista permite atos como o reconhecimento de equívocos, falhas e desacertos (p. ex. a carta 3).

Ademais, do nosso ponto de vista, não há como separar o estudo do dialogismo da nomenclatura das *vozes sociais*; pois as palavras são trazidas e retomadas por meio de numerosas *vozes*. Algumas delas, inclusive, tentam “aprimorar” os sentidos em que certas palavras são usadas. Contudo as palavras não tratam de um *objeto que é mudo*, mas circulam na vida e são empregadas pelos sujeitos em planos axiológicos distintos e por meio de pontos de vista, desejos e afetos que também podem ser diversos.

Referências

ALBRECHT, A. Cesare Lombroso. *Journal of Criminal Law & Criminology*. Northwestern University School of Law Scholarly Commons, v. 1., n. 2, p. 71-83, 1910. Disponível em: <<http://scholarlycommons.law.northwestern.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1023&context=-jclc>>. Acesso em 22 maio 2015.

ARAÚJO FILHO, G. Choque moderado. Revista *Cult*, Dossiê Foucault, n. 159, ano 14, p. 28-31, jul. 2011. Entrevista concedida a Fernanda Paola.

AUTHIER-REVUZ, J. Nos riscos da alusão. Trad. Ana Elizabeth M. Vaz e Dóris de Arruda C. da Cunha. *Investigações – Linguística e Teoria Literária*, Recife, v. 20, n. 2, p. 9-46, 2007.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso [1952-1953] In: Do mesmo autor. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo por Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

_____. *Teoria do Romance I. A estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2015 [1934-1935].

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005 [1929/1963].

_____; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

BEZERRA, B. A história da psicopatologia no Brasil. *Café filosófico*. São Paulo: CPFL Cultura, Vídeo, 48min16s, gravado em 28 set. 2012 e postado no site em 25 out. 2012. Disponível em: <<http://www.cpfcultura.com.br/2012/10/25/a-historia-da-psicopatologia-no-brasil-benilton-bezerra/>>. Acesso em 11 abr. 2013.

BRAIT, B. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142-160, 1. sem. 2009.

CORDEIRO, R. Q. F. 2017. 477f. *Nominações, vozes e pontos de vista sobre a loucura na e pela mídia: da reforma psiquiátrica ao boom das doenças mentais*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

CUNHA, D. de A. C. da. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. *Investigações (Online)*, Recife, v. 25, n. 2, p. 21-41, jul. 2012.

_____. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. *BAKHTINIANA*, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 116-132, 1. sem. 2011.

FOUCAULT, M. A loucura só existe em uma sociedade [1961] In: Do mesmo autor. *Ditos & Escritos*. Problematização do Sujeito, Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. v. I. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 162-164.

FRANÇOIS, F. *Le discours et ses entours*. Essai sur l'interprétation. Paris: L'Harmattan, 1998.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Pequena coleção das obras de Freud. Livro 8. Rio de Janeiro: Imago, 1974 [1930].

GULLAR, F. Uma lei errada. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Ilustrada, Coluna, 12 abr. 2009.

HOSPITAL psiquiátrico. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Painel do Leitor, Opinião, Cartas, 13 abr. 2009.

HOSPITAIS psiquiátricos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Painel do Leitor, Opinião, Cartas, 14 abr. 2009.

MAINGUENAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MOIRAND, S. Comprendre la construction discursive des événements sociaux dans la presse imprimée et la presse en ligne. *Colloque Formación y Investigación en lenguas extranjeras y traducción*, Buenos Aires, Argentine, 23-28 mai 2007 [2007a], 20p.

_____. Du traitement différent de l'intertexte selon les genres convoqués dans les événements scientifiques à caractère politique. *SEMEN 13* [En ligne], 2001 [2007b]. Disponível em: <<http://semen.revues.org/document2646.html>>. Acesso em 16 out. 2014.

_____. Les indices dialogiques de contextualisation dans la presse ordinaire. *Cahiers de praxématique* [En ligne], n. 33, 1999, p. 145-184.

NIETZSCHE, F. *Segunda consideração intempestiva*: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003 [1874].

OS 100 MAIORES jornais do mundo por Posição – Título – País – Circulação. *Associação Nacional de Jornais (ANJ)*, História do Jornal no Mundo. Informação disponibilizadas pelos World Press Trends e World Association of Newspaper, 2013. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/os-100-maiores-jornais-do-mundo>>. Acesso em 4 abr. 2015.

OS 10 MELHORES jornais do mundo 2010. *Lista10*, Informações disponibilizadas pelo 4 International Media & Newspapers, 9 fev. Disponível em: <<http://lista10.org/diversos/os-10-melhores-jornais-do-mundo-2010/>>. Acesso em 4 abr. 2015.

PEREIRA, M. E. C. O DSM e a crise da psiquiatria. O uso maciço do manual tem como efeito colateral o esvaziamento da importância atribuída à relação psiquiatria-paciente. *Revista Cult*, Dossiê, n. 184, ano 16, out. 2013, p. 38-345.

SIBLOT, P. De l'un à l'autre. Dialectique et dialogisme de la *nomination identitaire*. In: BRES, J.; DELAMOTTE-LEGRAND, R.; MADRAY-LESIGNE, F.; SIBLOT, P. (Ed.). *L'Autre en discours*. Publications de l'Université Paul Valéry – Montpellier 3, 1998, p. 27-43.

TRAQUINA, N. O pólo ideológico do campo jornalístico. In: Do mesmo autor. *Teorias do jornalismo*. Porque as notícias são como são. v. 1. Florianópolis: Editora Insular. 2 ed., 2005, p. 125-143.

VOLOCHÍNOV, V. N. *Discurso na vida e discurso na arte*: sobre poética sociológica. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1926. Mimeografado.

OS FIOS DIALÓGICOS EM MAFALDA

Fanaina de Holanda Costa Calazans

Introdução

Neste artigo, apresentamos as discussões sobre o conceito de dialogismo, a partir da abordagem dos autores Mikhail Bakhtin e Valentin Volóshinov. A perspectiva do enunciado e da voz do Outro é analisada a partir do diálogo exterior e pelo diálogo interior, tendo as tirinhas da personagem Mafalda, escritas pelo autor argentino Quino, como objeto de análise. A observação do objeto mostrou a presença do diálogo exterior, evidenciado pela interação entre as personagens e do diálogo interior presente nas reflexões da personagem principal, que emerge de questões filosóficas (últimas questões) propostas por Mafalda.

Bakhtin e o dialogismo

A linguagem é um fenômeno social que acontece por meio da interação verbal em que o Outro¹ possui função decisiva na produção de sentido. Sendo assim, o é inerente à linguagem, já que a palavra não é exclusividade de um determinado enunciatador, pois este faz parte de um processo que envolve outras pessoas e outros discursos (VOLÓCHINOV, 2017).

¹ O Outro com o maiúsculo foi definido por Lacan como forma de representar as relações do homem com aquilo que determina, em grande parte, o que ele é e assim diferenciá-lo do outro, com o minúsculo, que são aqueles com os quais nos relacionamos.

Com essa definição de linguagem, Volóchinov deixa clara sua posição de que os discursos se constroem a partir das relações sociais, das interações entre indivíduos e seus discursos, sendo, portanto, o diálogo, condição fundamental para o funcionamento da língua. Para o autor, no entanto, o conceito de dialogismo não se prende ao diálogo face a face, mas ao diálogo entre discursos.

Assim, as relações dialógicas acabam por definir a própria condição humana, já que o sujeito só se constitui a partir do Outro. Para Bakhtin (2006), a alteridade é a condição da identidade. Nos romances de caráter dialógico, o dialogismo se revela pelo embate de vozes, que se manifestam a partir do objeto em questão e sempre inseridas em um contexto que acaba por orientá-las.

O que Bakhtin usou chamar de dialogismo pode ser entendido como aquele discurso atravessado por relações interdiscursivas, que aparecem no discurso por meio da heterogeneidade. Essas marcas, no entanto, nem sempre são tão claras, muitas vezes encontram-se implícita no discurso do Eu. Para Authier-Revuz (1990), temos duas formas de diálogo entre os diversos enunciados as quais ela denomina de heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada.

Na heterogeneidade constitutiva, observam-se “os processos reais de constituição dum discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32), na heterogeneidade mostrada há “os processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32). Segundo a autora, não se pode negar nenhum dos dois planos, nem sobrepor um ao outro, é preciso que ambos convivam. “Acredito ser indispensável reconhecer que essas duas ordens de realidade são irreduzíveis, mas articuláveis e até mesmo, necessariamente, solidários” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 33).

De acordo com Bakhtin, o discurso não se constrói sobre o mesmo, mas se elabora em vista do outro. Com isso, ele quer dizer que o outro influencia, condiciona, atravessa o discurso do eu.

O dialogismo é então o momento de interação no texto entre o eu e o tu ou entre o eu e o outro. É sob essa perspectiva que Bakhtin entende que o Outro está sempre presente na constituição dos sentidos e que nenhuma palavra é nossa, retomando o ponto de vista de uma outra voz e, a partir dele ratificar ou revelar um novo. Dessa forma, o dialogismo é entendido como um “tecido de muitas vozes” (BAKHTIN,

1992), que, de alguma forma, geram interação entre si das mais diversas formas, seja respondendo uns aos outros, gerando polêmicas ou se complementando.

Esses “fios dialógicos vivos” são os “outros discursos” ou o discurso do Outro que, colocados como constitutivos do tecido de todo discurso, têm lugar não ao lado, mas no interior do discurso.

Para Authier-Revuz (1990), o discurso encontra-se atravessado pelo inconsciente, onde, sob as palavras, “outras palavras” são ditas. Pode-se, então, a partir da linearidade de uma cadeia, perceber-se a plurivocalidade, as várias vozes, de todo discurso, através da qual, pode-se recuperar os indícios da “pontuação do inconsciente”. Maingueneau (1997, p. 81-93) diz que todo discurso define sua identidade em relação ao outro.

No entanto, para entender a condição dialógica do discurso é interessante que oponhamos a esta, a condição monológica do discurso. Os romances monológicos limitam as personagens, aprisionam o seu dizer dentro do autor, restando pouco para que elas possam ir em frente, constituir-se para além do autor.

Ao autor deve ser permitida o processo que Bakhtin denominou de exotopia, que garante o movimento das trocas entre o sujeito e o Outro, que o faz deslocar-se do seu lugar e penetrar na consciência deste Outro e assim situar-se no mundo. A exotopia é, portanto, a relação de superioridade e exterioridade do autor sobre a personagem.

A criação estética é, pois, um exemplo particularmente bem-sucedido de um tipo de relação humana: aquela em que uma das duas pessoas engloba inteiramente a outra e por isso mesmo a completa e a dota de sentido. Relação assimétrica de exterioridade e de superioridade, que é uma condição indispensável à criação artística: esta exige a presença de elementos “transgredientes”, como diz Bakhtin, isto é, exteriores à consciência tal como ela se pensa do interior, mas necessários à sua constituição como um todo (ESTETIKA apud BAKHTIN, 1997, p. 8).

Esse exercício do autor de colocar-se no lugar o Outro e posicionar-se a partir dele, leva a uma reflexão que remete às últimas questões, permitindo que o indivíduo perceba além dele através do Outro e questione a sua própria existência e suas atitudes.

Em *Mafalda*, Quino promove o exercício da exotopia com frequência, numa relação direta com a alteridade, promovendo o distanciamento capaz de suscitar a dúvida e estimular uma visão de mundo por outra perspectiva. Assim, temos movimentos constantes de aproximação e distanciamento em um processo de relação dialógica entre as concepções do locutor e do ouvinte. Tal interação permite perceber o quanto do Outro existe no sujeito e quanto do sujeito existe no Outro.

Nas tirinhas, o autor imprime à personagem seu ponto de vista, orientado pelas condições axiológicas. Ao mesmo tempo, Quino se coloca no lugar de Mafalda, uma criança de 7 anos, que questiona o comportamento da humanidade e a sua própria existência. A personagem parece refletir muitas vezes as dúvidas do próprio autor, que se posiciona através da menina, numa relação onde Mafalda, por vezes, parece englobar o autor e não o contrário. Tal movimento se assemelha ao de Dostoiévski, que, constantemente em suas obras renuncia à superioridade reservada ao autor e se equipara à personagem ou, de outro modo, equipara a personagem ao autor, ficando, pois, ambos em um mesmo plano, o que provoca uma crise na percepção da verdade absoluta do autor e da singularidade da personagem. Assim, não há lugar para o absoluto e tudo passa a ser singular.

Essa nova condição do autor, que se coloca no mesmo plano da personagem, antes considerada uma violência às leis estéticas e definida por Volóchinov, num primeiro momento, como deplorável, passa a ser consagrada por Bakhtin após a leitura de Dostoiévski, dividindo os discursos em dialógicos e monológicos. “Em suas obras [as de Dostoiévski] aparece um herói cuja voz é construída da mesma maneira que se constrói a voz do autor num romance de tipo habitual” (ESTETIKA apud BAKHTIN, 1997, p. 9). “Agora é o herói que realiza o que o autor realizava” (ESTETIKA apud BAKHTIN, 1997, p. 9).

Essa perda de supremacia do autor acaba por colocar em xeque também as respostas definitivas para as últimas questões. Dessa forma, podemos dizer que o romance polifônico inaugurado por Dostoiévski rompe com a dicotomia estabelecida pelo romance monológico, onde verdadeiro e falso se opõem, sem espaço para qualquer relativismo. Com o dialogismo, essa polarização perde espaço observando-se uma diversidade de posicionamentos, em que cada um parte de um lugar

próprio, de vozes próprias que exercem seus pontos de vista ao mesmo tempo que refletem os do autor.

Na obra de Dostoiévski, o diálogo imprime ao discurso uma característica inacabada, subjetiva, capaz de despertar um sem número de sensações. O homem deixa de ser coisa e passa a ser objeto de compreensão, necessária para o processo de significação e entendimento de uma consciência que reflete algo.

A partir do texto, esse movimento de projeção acontece. O homem fala por diversos meios, mas registra seu discurso no texto. O exercício de compreendê-lo imprime um diálogo natural entre o texto e o ouvinte, que se interroga sobre o que lê e tenta responder seus questionamentos a partir das suas experiências.

A experiência da compreensão nos faz ir em busca do signo e de suas possibilidades. Nos discursos dialógicos, o sentido está pulverizado, dividido entre as vozes que o compõem daí a necessidade de reconhecer a metalinguística como o processo pelo qual o pesquisador pode descortinar os textos, levando em consideração tudo aquilo que é extralinguístico e produz sentido, já que a linguística se ocupa apenas dos recursos da comunicação e não da comunicação verbal em si, onde está inserida a comunicação dialógica entre enunciados e os gêneros do discurso. Dessa forma, tudo aquilo que existe entre o enunciado e a realidade fica de fora da análise.

O processo de significação

O processo dialógico se dá quando dois enunciados se confrontam e estabelecem entre eles uma relação específica de sentido. No entanto, pela análise puramente linguística isso não é possível, mas por meio de abordagens que transformem os enunciados em visões de mundo, em posicionamentos, pois “a relação com a coisa (em sua pura materialidade) não pode ser dialógica (ou seja, não pode assumir a forma da conversação, da discussão, da concordância, etc.). A relação com o sentido é sempre dialógica. O ato de compreensão já é dialógico” (BAKHTIN, 1997, p. 351).

O dialogismo deve, então, ser entendido como algo que vai além de suas formas mais superficiais, mais perceptíveis, como é o caso das citações, discussões

e da polêmica. Mas são nas articulações mais profundas, que o dialogismo revela suas sutilezas, com vozes que se relacionam entre os enunciados. No entanto, a análise do enunciado por tal perspectiva ainda era pouco explorada² e, portanto, muitas vezes, incompreendida (BAKHTIN, 1997, p. 352). Daí a insistência na definição de enunciado como “um elo na cadeia da comunicação verbal”, presente em vários dos seus escritos. O enunciado é inseparável dos elos que o determinam interna e externamente e que nele provocam reações-respostas imediatas, numa “ressonância dialógica”.

O processo de compreensão dos sentidos deve ser entendido sempre como um processo dialógico, no qual o ouvinte torna-se parte integrante do texto (BAKHTIN, 1997, p. 353), promovendo um diálogo entre consciências. Essa interação pressupõe uma abordagem que vai para além da percepção linguística, extrapolando a língua e buscando os sentidos no que envolve a produção dos enunciados – a situação, o contexto, o tipo de interação a relação entre os participantes, os atos de fala – aproximando-se mais da realidade, do sujeito e dos enunciados do que da língua pura e simples.

Dessa forma, os enunciados estão sempre conectados, interligados pela semelhança ou pelo confronto dentro de uma mesma esfera temática. Ou seja, deve-se perceber o diálogo não somente a partir da réplica, sua forma mais simples, mas também a partir da concordância, quando dois enunciados, vindos de vozes diferentes convergem numa relação dialógica. Assim, todo enunciado é produzido não só em função da resposta, “mas também em função do seu acordo ou seu desacordo, ou, em outras palavras, da percepção avaliativa do ouvinte; enfim, em função do “auditório do enunciado” (VOLOSHINOV, s/d, p. 4)³.

Em Mafalda, a relação dialógica é identificada, quase sempre, pelo confronto, já que a menina se coloca numa posição de oposição às normas vigentes. Os demais

² Esta perspectiva de análise do enunciado era pouco explorada na época da escrita em *Problemas da Poética de Dostoiévski*.

³ VOLOSHINOV, V. N. *A estrutura do enunciado*. (1930). (trad. de Ana Vaz, para fins didáticos). N.T. com base na tradução francesa de Tzevan Todorov (“La structure de l’énoncé”), publicada em Tzevan Todorov, *Mikail Bakhtin – Le principe dialogique*, Paris, Seuil, 1976.

personagens representam a obediência e a subordinação. Enquanto Mafalda luta pela emancipação feminina, sua mãe dedica-se às tarefas domésticas.

Em uma das tirinhas em que a personagem interpela a mãe sobre sua condição na família e na sociedade, temos no primeiro quadrinho Mafalda observando uma pilha de roupas engomadas, no quadrinho seguinte ela olha a casa arrumada, depois a louça lavada e no último quadrinho, Mafalda enfim pergunta: “Mamãe, o que você gostaria de ser se você vivesse?”⁴

Enquanto Mafalda luta pela justiça social, Susanita insiste em separar a sociedade em castas. O narrador original, vez por outra, perde seu lugar se diluindo em diversas vozes. O narrador fala através dos seus personagens. São eles os responsáveis por expor o que pensa o autor, seja com um discurso político representativo de uma ideologia que confronta o sistema vigente ou ratifica a ideologia das classes dominantes.

Em outra tirinha, Susanita inicia um diálogo com Mafalda.⁵

Susanita: “Ora! Você não entende que são pobres porque querem? Use a cabeça, sua tonta, use a cabeça!”

Mafalda, parecendo perplexa com a fala da amiga, vira-lhe as costas, retirando-se e pensa (diálogo interior): “Meus Deus!”

Susanita então continua, mesmo não tendo mais a presença física de Mafalda diante de si: “Pense nos barracos onde eles moram, naquelas porcarias de móveis, nas roupas que eles usam!”

E insiste: “Você não percebe que além de ganharem pouco ainda têm a mania de investir em coisas de má qualidade, que eles sempre vão ser pobres?!”

Ela se cala por um instante e no último quadrinho dialoga consigo mesma: “Não tem jeito, com gente que não raciocina, não adianta.

Nessa tirinha, embora o enunciado pareça monológico, a relação dialógica está presente não só por meio da presença ausente de Mafalda como contraponto

⁴ Os direitos de uso das tirinhas não foram cedidos gratuitamente pelos proprietários. A tirinha pode ser visualizada em <http://1.bp.blogspot.com/-NHMFZ7Jszio/Tpxel6ZabWI/AAAAAAAAAI0/WAg7gs7UrIY/s1600/ScannedImage-9.jpg>. Acesso em 4 de jun. de 2018..

⁵ A tirinha pode ser visualizada em <http://i84.servimg.com/u/f84/13/54/27/90/mafald11.png>. Acesso em 4 de jun. de 2018.

do pensamento de Susanita, como por meio da compreensão responsiva do ouvinte que significa o enunciado por meio de suas memórias particulares e coletivas, por meio do contexto amplo e do contexto restrito nos quais está inserido.

Esses enunciados que dialogam produzem um sentido que está relacionado com algo maior, uma crença, o que resulta numa compreensão que revela um juízo de valor (BAKHTIN, 1977, p. 355). O próprio pesquisador quando se dispõe a entender o modo como os enunciados se comportam, passa a ser o terceiro na dinâmica do diálogo, que compreende também um segundo, o destinatário-ouvinte, aquele a quem o autor-locutor destina o enunciado.

Assim, o terceiro é aquele a quem o autor do enunciado, de modo relativamente consciente, pressupõe, é “um superdestinatário superior (o terceiro), “um superdestinatário superior (o terceiro), cuja compreensão responsiva absolutamente exata é pressuposta seja num espaço metafísico, seja num tempo histórico afastado” (BAKHTIN, 1997, p. 356).

Esse terceiro pode variar para além de uma identidade concreta (BAKHTIN, 1997, p. 356), assumindo o papel de uma consciência responsiva das últimas questões. A reflexão, o questionamento em relação às grandes dúvidas do indivíduo leva a esse superdestinatário (BAKHTIN, 1997, p. 356), que pode assumir o papel de Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, a ciência etc. (BAKHTIN, 1997, p. 356). Esse terceiro, embora invisível, está sempre presente, acima de todos os destinatários.

O terceiro em questão não tem nada de místico ou de metafísico (ainda que possa assumir tal expressão em certas percepções do mundo). Ele é momento constitutivo do todo do enunciado e, numa análise mais profunda, pode ser descoberto. (BAKHTIN, 1997, p. 356)

O caminho que a palavra⁶ toma é ilimitado, cíclico, quer resposta e quer responder. Não há como conter seus sentidos, pode ser superficial ou profunda, mentirosa ou verdadeira.

⁶ Sériot e Tylkovski usam palavra com P maiúsculo de modo a dar conta da tradução do termo russo *slovo*, que, de acordo com os autores podem ter muitos significados além de “palavra”,

Os enunciados só passam a significar de maneira apropriada quando inseridos dentro dos contextos nos quais foram produzidos. Mafalda, por exemplo, apresenta um discurso, onde dialoga com seus amigos e com si mesma sobre as últimas questões. As inquietações de Mafalda só fazem sentido no contexto de uma época, na qual uma criança de 7 anos começa a perceber o mundo a sua volta e significá-lo a partir de algumas constatações.

Na tirinha em que Mafalda e Felipe conversam sentados na calçada, por exemplo, ela pergunta⁷: “Mas você disse que ia ao jardim da infância...por que não está lá agora?”

Felipe responde: “Porque acabaram com as classes⁸!”

Ao ouvir a resposta do amigo, Mafalda puxa-lhe pela camisa e grita: “Sociais?”

Ao que o menino responde: “Da escola!...”

Ela, então, cai deitada na calçada com a mão no peito: “Achei que tinha chegado o comunismo!”

Nesse caso, a compreensão só se torna possível se inserida no contexto em que foi produzida. Era a década de 60, quando o então presidente da Argentina foi exilado na Espanha, vítima de um golpe militar. O país natal da personagem encontrava-se em total desordem e Mafalda buscava respostas para as suas dúvidas de modo retificar as suas crenças e os seus valores. Acima, Mafalda questiona Felipe – um menino que odeia a escola e que vive um confronto entre seu senso de responsabilidade e sua consciência – sobre sua ida ao jardim da infância. Aqui, percebe-se que embora Mafalda faça uma pergunta pertinente à sua faixa etária, a resposta de Felipe desperta nela um discurso carregado de um posicionamento político de um adulto e, até mesmo, representar a voz do autor, incomum para uma criança.

como “fala”, “discurso” e “linguagem”, a depender do contexto. (FRANÇOIS, 2014.)

⁷ A tirinha pode ser visualizada em http://3.bp.blogspot.com/--maNfNOGZPQ/Tw2z7XPR-4xl/AAAAAAAAAFw/L88iPI2lk08/s1600/393596_183524155074759_100002515286759_352557_1043965314_n.jpg. Acesso em 4 de jun. de 2018.

⁸ A palavra classes em espanhol, língua original em que as tirinhas foram escritas, significa aulas.

Nesse discurso, vemos refletida outras vozes – a voz do autor, da sociedade argentina. O que vemos aqui é a diferença entre o que é pessoal e o que é do outro, ou seja, a heterogeneidade dentro de um enunciado aparentemente homogêneo.

Todo discurso é, portanto, dialógico destinado a um Outro preparado para interagir com ele (VOLOSHINOV, s/d, p. 8). Assim, se a produção do enunciado sempre se dá em função de um Outro, é inevitável que as relações sociais e os lugares de fala dos interlocutores não sejam levados em consideração. A partir dessa observação, Voloshinov (s/d, p. 8) propôs chamar de “orientação social” do enunciado, “esta dependência do enunciado face ao peso hierárquico e social do auditório (isto é, tendo em vista a(s) classe(s) social(is) a qual pertence(m) os interlocutores, sua situação financeira, sua profissão, sua função”.

Para Voloshinov (s/d), essa orientação social é uma das forças vivas e constitutivas do enunciado, responsável por organizar o contexto do enunciado e determinar sua forma estilística e sua estrutura gramatical. “É justamente na orientação social que se encontra refletido o auditório do enunciado, seja ele realmente presente ou simplesmente pressuposto, fora do qual nenhum ato de comunicação verbal se desenvolve nem pode se desenvolver” (VOLOSHINOV, s/d, p. 8)⁹.

Por ser de natureza social – e, portanto, ideológica – a análise do enunciado não pode se restringir, segundo Voloshinov, aos procedimentos de análise linguística (fonéticos, morfológicos e sintáticos). “A filosofia marxista da linguagem deve colocar como base de sua doutrina a enunciação, como realidade da língua e como estrutura sócio-ideológica.” “O signo e a situação social estão indissolivelmente ligados” (VOLOSHINOV, 2017, p. 17).

Essa orientação está presente em todos os discursos, inclusive naqueles que se apresentam como monológicos, como os discursos interiores. Nesses diálogos com a consciência, a determinação social (VOLOSHINOV, s/d, p. 5) se manifesta a partir da própria experiência do indivíduo e da forma como se vê através do outro.

Essa forma de externar o entendimento do mundo interior Outro pelo sujeito é denominada por Bakhtin (1992, p. 118) de “compreensão simpática”. Tal

⁹ VOLOSHINOV, V. N. *A estrutura do enunciado*. (1930).

forma de refletir o outro não é exata ou passiva, segundo o autor, mas se dá a partir de uma categoria nova do juízo e da forma.

A compreensão simpática não é um reflexo, mas um juízo de valor novo, um aproveitamento da situação que, na arquitetônica da existência, coloca-me *fora* da vida interior do outro. A compreensão simpática reconstrói o homem interior por inteiro, em categorias estéticas compassivas, para uma nova existência, numa nova dimensão do mundo (BAKHTIN, 1992, p. 118).

A consciência das vozes

A relação dialógica tem início no momento em que o sujeito entende que não está só, que a formação da sua consciência passa pela consciência do Outro. É importante observar que essa relação acontece mesmo sendo o autor conhecedor das consciências das personagens. Essa condição não constitui uma vantagem sobre as personagens, já que na maioria das relações dialógicas não coloca o autor numa situação de superioridade, mas sim no mesmo plano das demais vozes, mesmo que de alguma forma elas representem os posicionamentos do autor. Tanto as personagens de Quino como as de Dostoiévski são empoderadas e têm posições ideológicas muito marcadas que, muitas vezes, entram em conflito com o posicionamento dos próprios autores.

A relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal. Dois enunciados quaisquer, se justapostos no plano do sentido (não como objeto ou exemplo lingüístico), entabularão uma relação dialógica. (BAKHTIN, 1997, p. 346).

Embora Bakhtin resistisse a que sua teoria fosse tomada como relativista, é difícil escapar dessa categorização, que por sua vez é uma característica do sujeito pós-moderno, que assume uma postura reflexiva diante das grandes questões, o que o faz entender que o movimento do mundo se dá em função da forma como cada sujeito se coloca nele e não por meio de uma lei absoluta que rege a existência humana. Para se contrapor a esse relativismo que contaminava a pós-modernidade,

surge o conceito de modernidade líquida, empregado por Bauman (2001). A nova terminologia revela a perda da Utopia e em consequência a perda do caráter reflexivo, já que não há mais nada fixo na sociedade, nada mais a ser partilhado e o indivíduo se esgota em si mesmo.

Discurso interior

O discurso interior se apresenta em momentos de hesitação, que exigem uma ação do sujeito diante de uma dada situação ou a tentativa de compreensão de um contexto no qual se está inserido. Nesse instante, o indivíduo se volta para o seu interior, na tentativa de ouvir suas vozes internas. “Nossa consciência parece, desta forma, nos falar por meio de duas vozes independentes uma da outra, e cujas propostas são contrárias” (VOLOSHINOV, s/d, p. 6). O discurso interior seria, portanto, constituído por enunciações completas (VOLOSHINOV, 2017, p. 63) que se assemelham-se às réplicas de um diálogo.

Essas unidades do discurso interior, que poderiam ser chamadas impressões globais de enunciações, estão ligadas uma à outra, e sucedem-se uma à outra, não segundo as regras da lógica ou da gramática, mas segundo leis de convergência apreciativa (emocional), de concatenação de diálogos, etc... e numa estreita dependência das condições históricas da situação social e de todo o curso pragmático da existência. Somente a explicitação das formas que as enunciações completas tomam e, em particular, as formas do discurso dialogado, pode esclarecer as formas do discurso interior e a lógica particular do itinerário que elas seguem na vida interior. (BAKHTIN, 2006, p. 64)

Analisamos uma tirinha com uma sequência de 12 quadrinhos. Nos três primeiros quadrinhos, Mafalda observa um caranguejo andando para trás e no quarto quadrinho ela diz ao crustáceo¹⁰: “O futuro é pra frente!”

E continua no quadrinho seguinte: “Você não ouviu?”

¹⁰ A tirinha pode ser visualizada em <https://data.whicdn.com/images/14194397/large.gif>. Acesso em 4 de jun. de 2018.

“O futuro é pra frente!”

Olhando o caranguejo mais um pouco, grita: “Reacionário!”

Ela vai até o crustáceo e diz: “Que mania de andar para trás! Que bicho mais sem futuro!”

Encara o bicho e fala: “Você é um bicho estúpido, sem futuro!”

A menina olha para o horizonte, como se lá estivesse o futuro.

No último quadrinho, diz: “Ou será que o futuro é tão ruim que ele está voltando?” (TODA MAFALDA, 2010, p. 62)

Nessa tirinha, nota-se o embate das vozes internas onde uma tenta repetir o discurso político desenvolvimentista da época da publicação da tirinha e a outra, a voz do povo, que não vê esperança nas promessas dos governantes. O discurso, portanto, apresenta-se atravessado pelo Outro a todo momento.

[...] independentemente de nossa vontade e de nossa consciência, uma dessas vozes se confunde com a que exprime o ponto de vista da classe à qual nós pertencemos, suas opiniões, suas avaliações. Ela se torna sempre a voz que seria a representante mais típica do ideal de sua classe. (VOLOSHINOV, s/d, p. 6)

As respostas para as últimas questões feitas à consciência do sujeito pelo próprio sujeito, vêm de um Outro que dialoga com o indivíduo através da sua consciência. Esse Outro é um conjunto de valores e crenças oriundos do grupo social ao qual o sujeito pertence. Quando surge a hesitação, a dúvida, a consciência passa a dialogar com um outro conjunto de valores, pertencente a outro grupo social.

Esses diálogos interiores revelam pontos de vista que se mostram em voz alta ou somente em forma de ideologia simpatizantes de uma causa, nem necessariamente militar acerca delas. Dessas contradições nascem novos enunciados que procuram simpatizantes ou juízes para as suas ideias (VOLOSHINOV, s/d).

Esse embate discursivo pode ser percebido no diálogo entre Mafalda e Susanita. Para entendermos as diferenças presentes no conteúdo dos dois enunciados, é preciso recorrer a uma breve descrição das personalidades das personagens. Mafalda demonstra preocupações sociais e políticas que refletem o contexto da Argentina dos anos 1960, dialogando com o inconformismo da humanidade e dizeres

sobre injustiça, guerra e racismo. Susanita, por sua vez, dialoga em concordância com os dizeres de um casamento perfeito, de uma vida economicamente estável e de repúdio às pessoas de classes sociais menos favorecidas. Mafalda representa os valores e a ideologia da esquerda, progressista, humanistas e Susanita os valores e a ideologia da direita liberal conservadora e reacionária.

Na tirinha, Susanita e Mafalda discutem acaloradamente¹¹.

Mafalda: “É a pergunta mais estúpida que eu ouvi em toda minha vida, Susanita!”

No quadrinho seguinte, Susanita responde: “Ah é? E quando você fica perguntando por que o mundo não sei o que e por que a guerra não sei o que lá? Hein?”

Diante da expressão estupefata de Mafalda, Susanita continua: “Só você pode fazer perguntas? Você pensa que é melhor? Hein? Por acaso eu não posso ter as minhas perguntas?”

Felipe, então, interrompe: “O que você quer perguntar, Susanita?”

Nesse momento, Susanita dá as costas a Mafalda, que mantém a mesma expressão descrente dos quadrinhos anteriores, e diz: “Por que neste país os operários são tão pobres e não são como os dos EUA, que são loiros, lindos e têm carro?” (TODA MAFALDA, 2010, p. 82)

Vemos aqui dois pontos de vistas confrontados. Mafalda é vista por Susanita como uma filósofa do seu tempo, que aos oito anos se inquiri sobre as grandes questões, buscando respostas no seu sistema de crenças, na sua ideologia. Susanita, por sua vez, dialoga com um Outro invisível para formular seus enunciados, um Outro que é antagônico àquele que dialoga com a consciência de Mafalda, mas que se apresenta como uma nova possibilidade, gerando confronto ou concordância. Dessa forma, observa-se que o sujeito vive em constante relação de dualidade, em busca de respostas para as suas grandes questões.

Sendo assim, a palavra, por sua vez, não pode ser vista como propriedade do locutor, mas de todas as outras vozes que ecoam nela.

¹¹ A tirinha pode ser visualizada em https://2.bp.blogspot.com/_Dfnq2DpolTA/TSDA9jrXvDI/AAAAAAAAAPc/El4TJyyc9WU/s640/mafalda380.jpg. Acesso em 4 de jun. de 2018.

O gênero menipeia nos traz um discurso dialógico bastante característico, o discurso interior, reflexivo, o discurso das últimas questões. Esse discurso íntimo está ancorado numa avaliação que está para além de um auditório vivo, concreto, mas que passa por ele para ser concebido. (VOLOSHINOV, s/d). As respostas às grandes questões, às questões mais íntimas e complexas são orientadas ou, ao menos influenciadas, pelas verdades constituídas como absolutas. Esse diálogo interno se apresenta em todas as suas camadas, com perguntas, respostas e contradições. Como um diálogo que pode a qualquer momento emergir das profundezas da consciência e ser pronunciado em voz alta.

Na menipeia, o homem pode encontrar a verdade em qualquer lugar, sem escolher o ambiente, desde os bordéis até as feiras, desde o céu até o inferno, desde os rituais até a vulgaridade. “A combinação orgânica do diálogo filosófico, do elevado simbolismo, do fantástico da aventura e do naturalismo de submundo constitui uma extraordinária particularidade da menipeia”.(BAKHTIN, 1981, p. 99).

Nesse gênero, a ousadia da invenção e do fantástico combinam-se com o universalismo filosófico e uma extrema capacidade de ver o mundo, onde se experimenta as últimas posições filosóficas. “Procura apresentar, parece, as palavras derradeiras, decisivas e os atos do homem, apresentando em cada um deles o homem em sua totalidade e toda a vida humana em sua totalidade” (BAKHTIN, 1981, p. 99).

A abordagem das grandes questões parece ter se apresentado desde as primeiras menipeias, conservando-se em todas as suas variedades como um traço característico desse gênero. Em relação ao Diálogo Socrático, a menipeia deixa de lado a discussão da problemática filosófica relacionada aos problemas acadêmicos e põe-se a olhar para as questões ético-práticas, reveladas a partir da síncrese dessas “últimas atitudes do mundo” (BAKHTIN, 1981, p. 99), tendo-se como exemplo:

[...] a representação satírico-carnavalesca da *Venda de Vidas*, ou seja, dos últimos posicionamentos vitais de Luciano, as navegações fantásticas pelos mares ideológicos de Varron (*Sesculixes*), a incursão em todas as escolas filosóficas (pelo visto, já em Bion), etc. Aqui se verificam, em toda parte, os *pro et contra* evidenciados nas últimas questões da vida.

Esse universalismo filosófico próprio da menipeia se apresenta em três planos percorridos pela ação e pela síncrese, a Terra, o Olimpo e o inferno. Ao passar de um plano a outro, o homem trava os “diálogos no limiar”, sempre representados à porta do céu ou do paraíso, numa tentativa de atingir a verdade e assim ser considerado digno de adentrar lhes. O “diálogo dos mortos” também tem sua origem neste gênero, onde a representação do inferno ganhou imenso destaque.

A experimentação da verdade ganha uma aliada com o surgimento do fantástico experimental. Nunca antes utilizado nem pela epopeia e nem pela tragédia, essa modalidade traz um ângulo de visão diferenciado para a narrativa. Tratamos aqui ângulo como posição física, ou seja, a narrativa vista de cima, por exemplo, capaz de alterar a dimensão da vida “lá em baixo” (BAKHTIN, 1981, p. 100), influenciando na importância dada aos acontecimentos.

O homem, por sua vez, passa a ser observado mais de perto por meio da experimentação moral e psicológica. A confrontação do sujeito com comportamentos inusitados, inesperados, com estados psicológico-morais anormais permitem uma nova visão do homem, que tem sua integridade destruída, revelando suas várias possibilidades, seu duplo. “As fantasias, os sonhos e a loucura destroem a integridade épica e trágica do homem e do seu destino: nele se revelam as possibilidades de um outro homem e de outra vida, ele perde a sua perfeição e a sua univalência, deixando de coincidir consigo mesmo” (BAKHTIN, 1981, p. 100).

As cenas de escândalo também servem de subsídio para a discussão das últimas questões, representando a carnavalização do comportamento humano, onde aparecem os discursos e declarações inoportunas, a violação das normas de etiqueta e de discurso. Junto a isso, estão os contrastes agudos, que abordam as mudanças bruscas – o alto e o baixo, ascensões e decadências, casamentos desiguais.

Os escândalos e as excentricidades destroem a integridade épica e trágica do mundo, abrem uma brecha na ordem inabalável, normal (“agradável”) das coisas e acontecimentos humanos e livram o comportamento humanos das normas e motivações que o predeterminam. (BAKHTIN, 1981, p. 100)

A menipeia ainda incorpora elementos de utopia social que se unem a uma característica própria do gênero, uma crítica mordaz à atualidade ideológica. Dessa

forma, o gênero se assemelha ao jornalismo, impregnando a narrativa de polêmica sobre s acontecimentos do cotidiano.

Formalmente, a menipeia se constitui a partir de gêneros intercalados, que funcionam como acessórios que acabam reforçar a multiplicidade de estilos, mostrando as palavras enquanto matéria literária. Assim, demonstra imensa flexibilidade, capaz de absorver gêneros menores e de se tornar integrante de outros maiores.

Assim, a menipeia incorpora gêneros cognatos como a diatribe, o solilóquio e o simpósio. O parentesco entre estes gêneros é determinado pelo seu caráter dialógico interno e externo no enfoque da vida do pensamento humanos. (BAKHTIN, 1981, p. 103)

Importante destacar que esses gêneros cognatos integrados à menipeia são formas de diálogos interiores, ou seja, são processos filosóficos de descortinamento da verdade, onde o homem já ensaia observar aquilo que lhe habita por um outro ângulo. Assim, temos na diatribe¹², um diálogo com um interlocutor ausente; o solilóquio¹³, onde o homem dialoga com ele mesmo, é a descoberta do homem interior¹⁴; e o simpósio¹⁵, o diálogo dos festins, onde toda sorte de contrastes eram permitidos, combinando o sério e o cômico, ou seja, um diálogo essencialmente carnavalesco.

Considerações finais

A presença do dialogismo nas tirinhas de Mafalda pode ser reconhecida pelo diálogo na sua forma mais externa, tal qual por meio do diálogo interior, com a

¹² “Os antigos atribuíam a criação da diatribe ao mesmo Bion de Boristen, que era considerado também criador da menipeia” (BAKHTIN, 1981, p. 103)

¹³ Epicteto, Marco Aurélio e Santo Agostinho foram expoentes nesse gênero. (BAKHTIN, 1981, p. 103)

¹⁴ “Anthisteno (discípulo de Sócrates e talvez um autor de menipeias) já considerava conquista máxima de sua filosofia a “capacidade de comunicar-se dialogicamente consigo mesmo”” (BAKHTIN, 1981, p. 103)

¹⁵ Gênero já existente na época do Diálogo Socrático, presente em Platão e Xenofontes.

consciência do sujeito que se questiona e com a consciência do Outro ausente fisicamente, mas presente nas fronteiras das vozes inconscientes.

A primeira forma de diálogo constitui-se a partir das falas evidenciadas por marcas que indicam a presença de uma outra voz, que pode ser percebida com a observação da própria presença do Outro. Esse Outro, que neste caso são as personagens que interagem em um diálogo claro, é perceptível, evidente.

A segunda forma de diálogo percebida revela-se por meio das grandes questões, as últimas questões características do gênero menipeia, que emergem com os diálogos internos, travados levando em consideração os valores da personagem, Mafalda, mas também o seu ponto de vista em relação aos valores do Outro.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. *Cad. Est. Ling. Campinas* (19): 25-42, jul/dez. 1990.

BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 1 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. (Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12 ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001.

FRANCOIS, Frédéric. Bakhtin completamente nu. *Bakhtiniana*, Rev. Estudos. Do Discurso. São Paulo, v. 9, n. spe, p. 47-172, July 2014. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S21765732014000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 5 jun. 2017.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo: Pontes, 1997.

QUINO. *Toda Mafalda: da primeira à última tira*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo; Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOSHINOV, Valentin. *A estrutura do enunciado*. (1930) Tradução de Ana Vaz, para fins didáticos. [S.l.: s.n., s/d]. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/81664106/BA-KHTIN-Estrutura-Do-Enunciado>>. Acesso em 03 jun. 2018.

SOBRE OS AUTORES

Agildo Santos Silva de Oliveira

Doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (FFLCH–DLCV–USP). Orientado pela professora doutora Maria Inês Batista Campos. Mestre em Letras, Estudos da Linguagem, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Graduado em Letras: Português/Espanhol. Desde 2009, desenvolve estudos com livros didáticos de língua portuguesa para o ensino médio, aprovados pelo PNLD e, atualmente, pesquisa antologias escolares dos séculos XIX e XX, tendo como referência teórica a filosofia da linguagem dos estudos bakhtinianos e do Círculo. Atua principalmente com os temas gêneros discursivos, enunciado concreto, relações dialógicas.

Contato: agildo.oliveira@usp.br

Cristiano Rodrigues de Mattos

Possui graduação em Licenciatura em Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987), mestrado em Ensino de Ciências (Modalidade Física) pela Universidade de São Paulo (1991) e doutorado em Física pela Universidade de São Paulo (1997). É professor doutor da Universidade de São Paulo. Coordena o Grupo de Pesquisa em Educação em Ciências e Complexidade (ECCo). Realiza pesquisa na área de ensino de ciências, com ênfase em Ensino de Física, tendo como base a Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural, abordando principalmente temas relacionados com a cognição situada e incorporada, aprendizagem de conceitos, modelos de interação dialógica, relações entre contexto e perfil conceitual, interdisciplinaridade e complexidade.

Contato: cristiano.r.mattos@gmail.com

Daniel Carvalho de Almeida

Professor na Rede Municipal de Ensino de São Paulo e poeta, músico, fotógrafo. cursou Letras na Universidade São Marcos, possui especialização em Língua Portuguesa pela PUC-SP, Mestre em Letras na FFLCH/USP pelo programa Proletras. Entre 2013 e 2016, desenvolveu o projeto *Arte e Intervenção Social*. Organizou livros em parceria com seus alunos-poetas: *Entre versos controversos* (vol. I) e *Entre versos controversos: o canto de Itaquera* (vol. II). Recebeu três premiações no Prêmio Paulo Freire de Qualidade de Ensino Municipal: o 3º lugar em 2014, o 1º lugar em 2015 e, o 1º lugar em 2016. Autor do livro *Manual para ler as estrelas*, Foi ganhador das grandes finais do Slam da Guilhermina em 2016 e do Slam da Roça em 2017. Atua com temas como a criação artística, possibilidade de construir resistências à exclusão social e ao caos interior.

Contato: dangtr@hotmail.com

Denise Lima Gomes da Silva

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração, Linguagens e Cultura. Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal da Paraíba. Desenvolve pesquisa sobre o Estruturalismo e a Teoria do Discurso, procurando relacioná-los à constituição do sujeito pós-moderno, dando ênfase à construção das identidades de gênero em narrativas midiáticas e literárias. Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado, financiada pela CAPES, no programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco.

Contato: dslima@gmail.com

Dóris de Arruda Carneiro da Cunha

Professora titular da Universidade Federal de Pernambuco, da Universidade Católica de Pernambuco e Pesquisadora do CNPq. Fez doutorado em Ciências da

Linguagem na Université Paris Descartes (1990), pós-doutorado na Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3 e na PUC-SP (2009-2010), e estágio de pesquisa com Frédéric François (2014) da Université Paris Descarte. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase na Teoria Dialógica do Discurso, pesquisa e orienta teses e dissertações nos seguintes temas: teoria dialógica, discurso da mídia, ponto de vista, discurso reportado e tradução, gênero discursivo, questões relacionadas ao ensino de língua portuguesa. Autora do livro *Discours rapporté et circulation de la parole*, (Peeters et Louvain la Neuve, 1992) e de artigos e capítulos de livro em publicações internacionais e nacionais.

Contato: dorisarrudadacunha@gmail.com

Douglas Rabelo de Sousa

Professor do Ensino Fundamental II na Escola MóBILE. Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa na área de Teorias do Texto e do Discurso da FFLCH/USP (2016-2018). Graduado em Letras pela USP (2016), com habilitação em Linguística, e licenciado em Língua Portuguesa pela mesma instituição e pela Universidade de Coimbra, Portugal, como bolsista do Programa de Licenciaturas Internacionais (CAPES), (2011-2013). Foi monitor-bolsista, na graduação, da disciplina “Introdução aos Estudos de Língua Portuguesa II”, (2015) e, na pós-graduação, das disciplinas da Licenciatura, “Língua, Discurso e Ensino” e “Estágio em Língua Portuguesa”, (2016). Atua no Núcleo de Estudos em Análise Crítica do Discurso (NEAC) e no projeto “Gramática, Cognição e Discurso” da Universidade de São Paulo.

Contato: douglasescreva@gmail.com

Elaine Hernandez de Souza

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP-SP), onde integrou o grupo de pesquisa GEDUSP (Grupo de estudos do discurso da USP) e atuou como revisora da *Linha d'Água*, revista do PPG Filologia e Língua Portuguesa; mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP/CAPES), integrando o grupo de pesquisa Linguagem, Identidade e Memória (CNPq/PUCSP); especializada em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade São Marcos (USM) e licenciada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santo André, Fundação Santo André-SP. Área de atuação voltada aos estudos do discurso, narrativas da tradição oral, tiras de humor, linguagem de texto-verbo visual, sob a perspectiva dialógica da teoria bakhtiniana.

Contato: lainehs@gmail.com

Janaina de Holanda Costa Calazans

Professora titular do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Pernambuco; professora titular do curso de Comunicação Social da Faculdade Boa Viagem; Professora titular do Mestrado Profissional em Gestão Empresarial do UniFBV. Coordenadora da Agência Experimental de Publicidade e Propaganda do UniFBV; Coordenadora da Agência Experimental de Publicidade e Propaganda da UNICAP. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco. Autora dos livros Publicidade Ilimitada e Interferências Contemporâneas e do livro infantil A cabra cega ou a Incrível História da cabra doadora de órgãos.

Contato: janaina.calazans@gmail.com

José Luís Nami Adum Ortega

Graduado em Licenciatura em Física (2008), mestrado em ensino de física (2012) pelo IFUSP - Universidade de São Paulo. Bacharel em sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na mesma instituição. Professor de física no ensino fundamental e médio há 18 anos, atua em diversos espaços educacionais. Participa do Grupo de Pesquisa em Educação em Ciências e Complexidade (ECCo). Atualmente cursa o doutorado em ensino de física, buscando cruzamentos teóricos entre a teoria enunciativa bakhtiniana, vigotskyana de aprendizagem e a teoria da atividade de Leontiev. Atua também como mágico profissional

produzindo espetáculos teatrais, oficinas de arte mágica e ciência, entre os quais se destacam: *Isso não é uma ilusão*, *Impossível*, *Celebrações mágicas*, *Uma noite mágica*, *Magicosciência* entre outros. Temas relacionados à sua pesquisa: cruzamentos teóricos entre ciência, filosofia, neurociência e arte mágica.

Contato: fisica_ortega@yahoo.com.br

Miriam Bauab Puzzo

Formada em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Preto, mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP), Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP) e com Pós-Doutorado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Professora aposentada no ensino público do Estado de São Paulo. Professora aposentada de Língua Portuguesa da Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Taubaté (UNITAU), Professora Visitante do Programa de Mestrado em Linguística Aplicada (UNITAU), integrante do GT Estudos Bakhtinianos da ANPOLL. Participa do Grupo de Pesquisa (CNPq), liderado pela pesquisadora Eliana V. Brito Kozma: Linguística Aplicada e Comunicação Social: Estudos Interdisciplinares. Atua em projetos que tratam da Teoria Análise Dialógica do Discurso, de Bakhtin e do Círculo e da linguagem verbo-visual de textos midiáticos e literários.

Contato: puzzo@uol.com.br

Rafaela Queiroz Ferreira Cordeiro

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Fez Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e Letras na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em 2011, concluiu o Mestrado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. Em 2011, recebeu prêmio com sua dissertação *A construção discursiva dos eventos pela mídia: o processo de nomeação e a representação do discurso*. Atualmente participa

do Grupo de Estudo Estudos Sigmund Freud/Lacan da Intersecção Psicanalítica do Brasil (IPB), secção Recife (PE).

Contato: limarafaelb@gmail.com

Tatiana Simões e Luna

Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Possui graduação em Letras, Licenciatura e Bacharelado em Língua Portuguesa (2003), e Mestrado em Linguística (2006) pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras pela mesma instituição, realizou estágio doutoral na Université de Nanterre (2016-2017), com bolsa CAPES-COFECUB. Tem experiência na área de Língua Portuguesa e Linguística, com ênfase em Análise Dialógica do Discurso e em Linguística Aplicada. Atua principalmente nos seguintes temas: representação do discurso de outrem, argumentação, gêneros discursivos, metodologia do ensino da língua portuguesa e suas respectivas literaturas. É uma das organizadoras do livro *Avaliação de Língua Portuguesa no Novo ENEM* (Unianchieta, 2017).

Contato: simoes.luna@gmail.com

SOBRE OS ORGANIZADORES

Geraldo Tadeu Souza

Professor Associado do Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba. Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo, subsidiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Mestre em Linguística pela Universidade de São Paulo, subsidiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Integrante dos Grupos de Pesquisa “Linguagem, identidade e memória” (PUC-SP/CNPq) e Núcleo de Estudos e Pesquisa em Tecnologia, Cultura e Sociedade (UFSCAr/campus Sorocaba). Autor de *Introdução à Teoria do Enunciado Concreto do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev* (Humanitas/FFLCH/USP). Pesquisador da obra do Círculo de Bakhtin, ensino de língua portuguesa e materiais didáticos.

Contato: geraldo-souza@ufscar.br

Maria Inês Batista Campos

Professora doutora, pesquisadora, orientadora de tese de doutorado e dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação de Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. Atualmente, coordenadora do Mestrado Profissional em Letras / Profletras-USP. Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem/LAEL. Desenvolveu estudos de pós-doutorado com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) na Universidade de Paris 8, França; com bolsa Procad/Capes na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS) e no LAEL/ PUC-SP. Líder do subgrupo “Redes bakhtinianas” que integra o Grupo de Pesquisa GEDUSP (Grupo de estudos do discurso da USP) e integrante do Grupo de Pesquisa “Linguagem, identidade e memória” (PUC-SP/CNPq). Assessora da FAPESP. Editora

responsável do periódico *Linha d'Água*, Revista de Língua Portuguesa, Discurso e Ensino do PPG Filologia e Língua Portuguesa (QUALIS B1/apoio SIBi-USP). Vice-coordenadora do GT da ANPOLL *Estudos bakhtinianos* (2010-2014). Algumas obras: *Gêneros em rede: leitura e produção de texto*; *Esferas das linguagens* (coleção didática em 3 volumes, aprovada no PNLD 2918), *Ensinar o prazer de ler*; *A construção da identidade nacional nas crônicas da Revista do Brasil*. Suas pesquisas dedicam-se aos seguintes temas: teoria e análise do texto e do discurso, análise dialógica do discurso, estudos bakhtinianos, ensino de língua portuguesa, materiais didáticos de língua portuguesa.

Contato: maricamp@usp.br